

latindex

RENOVARE

REVISTA DE SAÚDE E MEIO AMBIENTE

ISSN: 2359-3326



ugv
Centro Universitário

RENOVARE, 2025, ANO 12, VOLUME 2

Revista de Saúde e Meio Ambiente

URL: <https://book.ugv.edu.br/index.php/renovare/index>

EXPEDIENTE

UGV -CENTRO UNIVERSITÁRIO
Rua Padre Saporiti, 717–Bairro Nossa Senhora do Rocio
União da Vitória–Paraná
CEP. 84.600-904
Tel.: (42) 3522 6192

CATALOGAÇÃO

ISSN: 2359-3326

LATINDEX

Folio:25163
Folio Único:22168

CAPA

Equipe Marketing (UGV)

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA REVISTA

Editora-chefe:Prof. Larissa Jagnez (UGV)
Coeditora:Prof. Iara Cibelle Moreira (UGV)

Conselho Editorial:

Prof. Dr. João Vitor Passuello Smaniotto (UGV)
Prof. Dr. Andrey Portela (UGV)
Prof. Dra. Julia Caroline Flissak (UGV)
Prof. Me Remei Haura Junior (UGV)
Prof. Dra. Patrícia Manente Melhem Rosas (Campo Real)
Prof. Dra. Bruna Rayet Ayub (UCP)

SUMÁRIO

A INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO A SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR	5
ABORDAGEM FISIOTERAPÊUTICA NO TRATAMENTO PRÉ-OPERATÓRIO DE LESÃO DO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR E MENISCO MEDIAL: ESTUDO DE CASO	16
APLICAÇÃO DA LIBERAÇÃO MIOFASCIAL EM PACIENTE COM ENXAQUECA CRÔNICA: ESTUDO DE CASO	27
ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA NO MANEJO DA REAÇÃO EXTRAPIRAMIDAL INDUZIDA PELO ANTIEMÉTICO METOCLOPRAMIDA.....	36
AVALIAÇÃO DA SIMETRIA POSTURAL E TRANSFERÊNCIA DE PESO EM IDOSA PÓS-AVC: ESTUDO DE CASO	47
CISTO PERIAPICAL INFECTADO EM REGIÃO DE PALATO: RELATO DE CASO.	58
CORREÇÃO DO SORRISO GENGIVAL ATRAVÉS DA GENGIVOPLASTIA: RELATO DE CASO CLÍNICO	71
CUIDADO CENTRADO NO IDOSO: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PARA PROMOVER O BEM-ESTAR EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS (ILPIS)	86
DESENVOLVIMENTO DE UM IOGURTE GREGO A PARTIR DO FILTRADO DE KEFIR ADICIONADO DE WHEY PROTEIN SABOR COOKIES E CREAM	96
DO COLETIVO AO INDIVIDUAL NA ERA DIGITAL: INTERVENÇÕES EM SAÚDE MENTAL SOBRE TRABALHO EM EQUIPE, EMOÇÕES E TECNOLOGIA COM UMA TURMA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UM COLÉGIO NO SUL DO PARANÁ.	111
ELETROTHERAPIA NA DESSENSIBILIZAÇÃO DA DOR FANTASMA EM AMPUTADO TRANSFEMORAL	124
ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA: AS REAÇÕES PSICOLÓGICAS DE MÃES DE NEONATOS – UM ESTUDO DE CASO.....	132
ESTUDO DA AUTOMEDICAÇÃO DE DESCONGESTIONANTES NASAIS	147

ESTUDO SOBRE O USO DA RISPERIDONA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM CRIANÇAS DO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA-PARANÁ.....	162
FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE EQUILÍBRIO EM PACIENTE COM DOENÇA DE PARKINSON: ESTUDO DE CASO.....	177
INTERVENÇÕES PSICOEDUCATIVAS BASEADAS NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL (TCC) COM COLABORADORES DE UMA CLÍNICA DE REABILITAÇÃO E PILATES: RELATO DE ESTÁGIO.....	188
O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA CCIH: A RESISTÊNCIA BACTERIANA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS.....	203
POLIMORFISMOS DOS GENES BRCA1 E BRCA2 EM MULHERES PORTADORAS DE ALTERAÇÕES EM CÉLULAS MAMÁRIAS	213
PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DE SAÚDE COM CRIANÇAS: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO BRINCAR.....	222
PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E O DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL SISTÊMICO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO	231
SAÚDE MENTAL DOCENTE: IMPACTOS, CAUSAS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO	246

A INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO A SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR

Eduarda Alexandar Raczkoviak¹

Ketlin Pamela de Lima²

Amanda Ariel Amazonas³

Resumo: A importância de buscar meios que proponham a Promoção e Prevenção da saúde, principalmente no período da adolescência, é de grande relevância, tendo em vista que são sujeitos que estão em fase de desenvolvimento. O presente artigo refere-se ao estágio supervisionado de caráter obrigatório, a prática aconteceu em uma instituição de ensino público no interior de um município do Paraná – PR. Tendo como objetivo analisar a relação entre a promoção e prevenção da saúde no ambiente escolar e o impacto que essas práticas têm no desenvolvimento dos estudantes. Foram elaboradas e executadas intervenções com os alunos, entre os objetivos da intervenção pode-se citar promoção e prevenção da saúde, em especial da saúde mental, incorporando práticas de comunicação assertiva conforme demandas específicas da classe. Através da análise teórica e comparando com as observações e a devolutiva trazidas pelos estudantes, pode ser destacado que embora não tenha sido possível intervir com os alunos todas as atividades, ainda proporcionou a prática, ressaltou a importância da observação, investigação, encontros, estabelecimentos de vínculos, assim como responsabilidade da prática através ética e no manejo de forma cuidadosa e respeitosa.

Palavras - Chave: Psicologia; Escola; Pré-adolescência; Promoção; Prevenção.

Abstract: The importance of seeking means that propose health promotion and prevention, especially during adolescence, is of great relevance, considering that these are subjects who are in the development phase. This article refers to the mandatory supervised internship, the practice took place in a public educational institution within a municipality in Paraná – PR. Aiming to analyze the relationship between health promotion and prevention in the school environment and the impact that these practices have on student development. Interventions were developed and carried out with the students, among the objectives of the intervention we can mention health promotion and prevention, especially mental health, incorporating assertive communication practices according to the specific demands of the class. Through theoretical analysis and comparing with the observations and feedback brought by the students, it can be highlighted that although it was not possible to intervene with the students in all activities, it still provided practice, highlighted the importance of observation, investigation, meetings, establishments of bonds, as well as responsibility for practice through ethics and careful and respectful management.

Key Words: Psychology; School; Pre-adolescence; Promotion; Prevention.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia é o estudo científico do comportamento e dos processos mentais, englobando diferentes aspectos do ser humano. Ela se faz de grande importância para a realidade fragilizada, existindo ainda múltiplos campos em que a mesma pode ser

¹ Acadêmica de Psicologia do 6º período, psi-eduardaraczkoviak@ugv.edu.br, Ugv - Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil.

² Acadêmica de Psicologia do 6º período, psi-ketlinlima@ugv.edu.br, Ugv - Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil.

³ Psicóloga (CRP - 08/3658): Professora do curso de Psicologia e Supervisora do Estágio Ênfase I, prof-amandaamazonas@ugv.edu.br, Ugv - Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil.

aplicada, bem como, na dificuldade de reconhecer ela como ciência, uma vez que seu objeto de estudo se baseia nos humanos, que são seres complexos e subjetivos. Ela também possui um caráter plural, uma vez que possui grande diversidade no que a tange e no que a mesma aborda, atingindo, portanto, distintos aspectos em nossa sociedade (Bock; Furtado; Teixeira, 2008).

A promoção e prevenção da saúde no âmbito escolar desempenham um papel importante no desenvolvimento saudável tanto dos estudantes, quanto dos profissionais que atuam na instituição e das famílias. Essas práticas não apenas lidam com problemas já existentes, mas também se estendem à promoção de hábitos saudáveis com o objetivo de prevenção. A promoção implica na criação de ambientes que estimulem práticas saudáveis, abrangendo não apenas atividades físicas, mas também o tratamento de questões relacionadas à saúde mental. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades sociais e a conscientização sobre patologias mentais (Fumagalli; Vargas; Santos; Ilha, 2020).

O presente artigo refere-se ao estágio supervisionado de caráter obrigatório no curso de Psicologia do Centro Universitário UGV, cujo objetivo é integrar e exercitar disciplinas estudadas até o presente momento. A prática de estágio aconteceu em uma instituição de ensino no interior de um município do Paraná – PR. O presente estudo se propõe a analisar a relação entre a promoção e prevenção da saúde no ambiente escolar e o impacto que essas práticas têm no desenvolvimento dos estudantes. Dando ênfase ao papel específico da Psicologia nesse processo, bem como a forma como as estratégias de promoção e prevenção podem ser efetivas para garantir que crianças e adolescentes alcancem o desenvolvimento saudável.

2. DESENVOLVIMENTO

É de grande importância reconhecer o impacto que fenômenos sociais podem ter na saúde mental de crianças, jovens e adultos, especialmente em um ambiente como a escola, que desempenha um papel fundamental na vida dos sujeitos que a frequentam. A aprendizagem socioemocional envolve o desenvolvimento de competências sociais e afetivas, que são fundamentais para enfrentar desafios emocionais, estabelecer relacionamentos saudáveis e tomar decisões responsáveis. Além disso, promovem a saúde mental e o bem-estar, ao capacitar os indivíduos a lidarem com o estresse, a ansiedade e as pressões sociais de maneira melhor e saudável (Carvalho; Álvaro; Amann; Almeida; Tavares, 2019).

2.1 FASE DO DESENVOLVIMENTO: PRÉ ADOLESCÊNCIA

O desenvolvimento do ser humano ocorre através do envolvimento da infância, pré-adolescência, adolescência, adulto e idoso abrangendo por toda parte de sua vida. O padrão de apego estabelecido na infância é considerado vital na vida adulta pois é através dele que os vínculos se tornaram mais duradouros, gerando na criança competência sociais, emocionais e cognitivas, ou seja, as ações realizadas pela criança vão ter resultados no decorrer do seu desenvolvimento (Papalia; Martorell; 2021).

Dessa forma, existem algumas fases do desenvolvimento infantil, sendo elas, o desenvolvimento motor, desenvolvimento mental, desenvolvimento emocional e desenvolvimento psicossocial, que fazem parte de todos os indivíduos e quando mal trabalhadas podem apresentar um adulto defasado naquela área de desenvolvimento (Feldmann, 2017).

O desenvolvimento motor, é uma forma gradativa pelas quais o infante utiliza a sua potencialidade corporal, realizando tarefas que necessitam de ações coordenadas e continuadas do corpo, realizando algumas tarefas em decorrência do amadurecimento neurológico. O desenvolvimento mental se refere às aquisições psicomotoras em que a criança desenvolve suas possibilidades de aprender coisas mais complexas e abrangentes dando continuidade no processo de amadurecimento mergulhando no mundo da percepção, da comunicação, da forma, da abstração da inteligência e do pensamento (Sabini, 2010).

O desenvolvimento emocional se refere a mente e as emoções, que ocorrem em um movimento de completação e integração, os infantes dependem da qualidade de interação com as figuras parentais, proporcionando um alicerce firme para o desenvolvimento sadio, pelos anos da adolescência e da idade adulta. A medida que a criança no seu desenvolvimento mantém boa capacidade de expressar suas emoções ao lado da manifestação do pensamento, estará indicando amadurecimento emocional (Castorina; Baquero, 2011).

O desenvolvimento psicossocial tem seu início no ambiente escolar, onde a criança tende a ter uma vida social mais intensa, visto que agora está inserida em um grupo social, além da família, ou seja, começa a interagir com outras crianças, aprende a lidar com suas emoções, sentimentos, tem-se um pensamento voltado para

o coletivo e não para si ou para os indivíduos que pertenciam ao seu convívio familiar, é nesse período que se percebe o crescimento intelectual (Sabini, 2010).

A adolescência é uma transição de desenvolvimento entre a infância e a idade adulta e durante o processo ocorrem grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Envolve ainda, diferentes contextos, sendo eles sociais, culturais e econômicos, bem como, é considerada uma construção social, uma vez que decorre da puberdade, que é o processo pelo qual o adolescente atinge a maturidade sexual e a capacidade de se reproduzir, existindo ainda a parte biológica, uma vez que esse período também é resultado de uma cadeia de respostas hormonais (Feldmann, 2017).

2.2 ESCOLA COMO ESPAÇO GRUPAL

A escola é um ambiente fundamental para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, e, nesse contexto, pode ser considerada como um espaço grupal. Isso significa que a escola é um local onde os estudantes interagem entre si, formando grupos e coletividades, o que desempenha um papel importante em seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo (Pereira; Mazzarella, 2009).

O que constitui a existência do grupo é as relações que nele se constitui, dessa forma, no momento em que se estabelece qualquer relação entre pessoas, se inicia então um grupo, ainda pode ser estabelecido como um conjunto de indivíduos que encontram algo em comum, dessa forma, cada integrante do grupo assume um papel enquanto participantes, mas não deixando de considerar suas subjetividades, ainda que possuam algo coletivo em comum (Campos, 2015).

Lidar com o ambiente grupal favorece o desenvolvimento de habilidades, a aprendizagem de habilidades sociais é um elemento muito presente nesse tipo de processo terapêutico, essas habilidades são importantes tanto para o processo no grupo, quanto para interações sociais particulares de cada um. Os membros podem se beneficiar observando e imitando os outros a lidarem com seus problemas (Yalom, 2006).

Se torna um contexto enriquecido, uma vez que pode proporcionar condições de prevenção e promoção da saúde, sensibiliza os participantes em relação a vivências, possibilitando a expressão das tensões e sentimentos, ampliando a percepção e estimulando a criatividade. A técnica grupal se mostra uma forma de intervenção para cuidado com o sofrimento psíquico e pode também auxiliar para

melhorar as relações humanas. Objetivando proporcionar ferramentas para que o indivíduo seja agente de sua própria mudança e contribua para o crescimento dos demais integrantes do grupo (Campos, 2015).

O indivíduo, portanto, recebe orientações, e visões de pontos de vistas diferentes, permitindo o sentimento de acolhimento e pertencimento, promovendo, portanto, a vivência de estar inserido em um grupo, contendo diversos benefícios como auxiliar outros participantes, analisar seus próprios sentimentos e comportamentos, ouvir e ser ouvido, interação com o foco no crescimento pessoal e a realização de mudança para uma melhor qualidade de vida (Campos, 2015).

A coesão grupal é considerada um fator terapêutico, a qual não ocorre de forma passiva, todos os indivíduos participantes do grupo, não somente são influenciados pela coesão como também a produzem. A participação, a aceitação e a aprovação em vários grupos são de fundamental importância na sequência evolutiva do indivíduo. A relevância de pertencer a algum grupo social no decorrer da vida, se faz de grande importância e pode auxiliar em uma autoestima saudável (Yalom, 2006).

2.3 PROMOÇÃO E PREVENÇÃO A SAÚDE

A prevenção da saúde, é um conjunto de atividades e medidas feitas com antecipação, buscando evitar um dano ou mal. A promoção é um termo que faz menção à ação e ao efeito de promover, significa iniciar ou impulsionar um processo. Sendo importante salientar que a terminologia de saúde, é complexa, uma vez que envolve fatores determinantes, como, habitação, fatores biológicos, cidade em que o indivíduo reside e fatores socioeconômicos, não sendo reduzida apenas a ausência de doenças (Pelicioni, 2019).

A doença está relacionada com o mal, com o sofrimento, mas não lhe corresponde integralmente, ou seja, não pode ser entendida somente por medições fisiopatológicas, uma vez que quem estabelece o estado de doença é um corpo subjetivo. Os conceitos utilizados de saúde não se limitam apenas a terminologias científicas se fazendo necessário a ligação do sujeito a sua história pessoal (Oliveira, 2017).

Dessa forma, a promoção e a prevenção da saúde são importante não somente para adultos, mas também para aqueles que ainda estão em desenvolvimento, para que suas fases de desenvolvimento sejam contempladas em suas totalidades bem

como, para que haja o crescimento saudável e se torne um adulto contemplado com sua maturidade cognitiva, psicológica e sociológica (Oliveira, 2017).

2.4 PROMOÇÃO E PREVENÇÃO A SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR

A promoção e prevenção da saúde no contexto escolar desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento saudável dos estudantes e profissionais que trabalham na instituição. As práticas visam abordar problemas já existentes, mas não se limitam a isso, uma vez que pode ser realizada a promoção de hábitos saudáveis com a finalidade de prevenção (Fumagalli; Vargas; Santos; Ilha, 2020).

A promoção da saúde envolve a criação de ambientes que incentivam práticas saudáveis. Abordando não apenas práticas físicas, mas se implicando para trabalhar questões de saúde mental, como o desenvolvimento de habilidades sociais e conscientização de patologias mentais. A prevenção no ambiente escolar tem como objetivo evitar o surgimento de problemas de saúde, sendo estas físicas ou mentais (Oliveira, 2017).

A escola desempenha uma função fundamental na educação e conscientização sobre questões de saúde, uma vez que estão em constante contato com indivíduos ainda em desenvolvimento, dessa forma, através da conscientização e capacitação torna os estudantes capazes de tomar decisões em que os mesmos estejam informados e cientes (Pelicioni, 2019).

Sendo de grande importância para a efetividade das práticas de promoção e prevenção a saúde o envolvimento dos responsáveis e das comunidades, tendo em vista que crianças e adolescentes que estudantes ainda são dependentes, bem como quando inseridos em um ambiente familiar, dessa forma, assim como o estudante influencia sua família, a mesma faz com ele (Fumagalli; Vargas; Santos; Ilha, 2020).

3. MÉTODO

A pesquisa foi conduzida em uma instituição de ensino localizada no município de União da Vitória, no interior do Paraná. O Colégio trabalha com turmas que vão do ensino fundamental até o ensino médio, bem como comporta turmas do ensino de jovens e adultos. As turmas funcionam nos períodos matutino, vespertino e noturno. A pesquisa em questão ocorreu com a turma do 7º ano vespertino, a qual comporta alunos com idade de 12 a 13 anos. Além dos alunos, professores e equipe pedagógica também participaram do estudo.

Inicialmente foi usado como metodologia observações na turma que posteriormente, a partir das demandas da classe, foram elaboradas e executadas intervenções com os alunos, entre os objetivos da intervenção pode-se citar promoção e prevenção da saúde, em especial da saúde mental, incorporando práticas de comunicação assertiva conforme demandas específicas da classe.

Uma entrevista foi conduzida com a pedagoga da instituição de ensino com o propósito de compreender e conhecer a turma do ponto de vista dos profissionais que a acompanham, tinha como objetivo aperfeiçoar as intervenções de acordo com as necessidades da sala de aula. Além disso, foi enviado um formulário para os docentes responsáveis pelos estudantes, sendo que, apenas um docente respondeu.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das observações e da entrevista realizada com a equipe pedagógica emergiram demandas relacionadas à comunicação não assertiva, comportamentos agressivos e questões associadas ao início da vida sexual dos alunos. No que se refere às demandas que precisam ser promovidas, foi possível verificar cabelos coloridos como meio de expressão individual, assim como a interação de forma auxiliadora entre os alunos. Dessa forma, foi desenvolvido intervenções psicológicas para promover uma interação mais saudável entre os estudantes.

Insta salientar ainda, que foi realizado uma proposta de intervenção como supracitado com base nas demandas levantadas com os profissionais da instituição, bem como através de observações, sendo composta por 7 intervenções, todavia devido a um desastre natural, que afetou diretamente a instituição escolar, bem como os alunos e os núcleos familiares, não foi possível concluir o cronograma, sendo assim, foi possível desenvolver apenas 3 intervenções com a turma.

Foi realizado um formulário contendo questionamentos, tendo como objetivo compreender e conhecer a turma na perspectiva dos profissionais que acompanham a mesmo, para que assim, fosse realizado intervenções mais fidedignas com a demanda da sala, tendo apenas a resposta de um professor. Sendo realizada este formato digital, para que assim os docentes pudessem desenvolvê-la com um maior espaço de tempo, bem como dessa forma não os prejudicam em sala de aula, todavia teve baixa aderência dos docentes.

Na primeira observação foi possível verificar a dificuldade que os alunos possuem na comunicação quando a aula está se desenvolvendo, principalmente

quando se está realizando a explicação da matéria, bem como foi identificado duas meninas com cabelos coloridos, e outra que possui o cabelo do lado direito e embaixo raspado. Como já destacado, a adolescência é uma fase de desenvolvimento caracterizado por mudanças físicas, emocionais, sociais e cognitivas. As autores Daiane Papalia e Gabriela Mortell abordam que durante esse período os adolescentes buscam formas de expressão para explorar sua identidade, entendê-la e lidar com suas emoções, e esta forma é vivenciada de forma singular e individual, sendo assim, ter um ambiente que proporcione apoio, compreensão e acolhimento é de grande importância para que ocorra este desenvolvimento de uma forma saudável.

Na segunda observação, constatou-se uma aluna que estava com dificuldades e solicitou ajuda para outra colega, está sentou ao lado de sua mesa e elaborou os cálculos em conjunto encorajando a mesma para que posteriormente desenvolvesse no quadro. No desenvolvimento da aula, alguns alunos se juntaram em grupos para conversar, nesta oportunidade os mesmos expuseram questões envolvendo suas sexualidades. Para a autora Augusta Gastar a empatia desempenha um papel fundamental nas relações interpessoais, bem como promover relacionamentos saudáveis. Está ligada a outras habilidades sociais, como comunicação assertiva, resolução de conflitos e cooperação, dessa forma os adolescentes que desenvolvem empatia são mais propensos a lidar com situações sociais de maneira construtiva. A escola, pais e os responsáveis pelo sujeito desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da empatia, podendo, dessa forma, de forma direta ou indireta auxiliá-los no processo de aprendizagem empática.

A primeira intervenção psicológica aplicada teve o objetivo de apresentar para os estudantes o que é a Psicologia, qual a atuação do profissional desta área, as contribuições desta área para a sociedade e uma breve explicação sobre os Estágios Básicos, bem como o Estágio Ênfase Promoção e Prevenção à Saúde. Destaca-se ainda a dinâmica interativa e participativa, uma vez que, era questionado primeiramente os alunos o que eles sabiam sobre o tema.

Posteriormente a aplicação da dinâmica, foi realizada uma roda de conversa para que os estudantes pudessem dar a devolutiva da intervenção, com suas considerações pessoais, dúvidas e sugestões de temas que poderiam ser abordados nas próximas vezes, desde que esteja em campo de atuação da Psicologia e compartilhassem somente estando confortáveis com isso. Para a autora Regina Helena Campos a devolutiva dos estudantes desempenham um papel de grande

importância para a efetividade das intervenções, uma vez que através dela pode ser identificado demandas necessárias trazidas por eles, contribuindo para um direcionamento mais assertivo e fidedigno e fortalecendo a aliança terapêutica através do engajamento. Promovendo o empoderamento do estudante e contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia.

Na aplicação da segunda e terceira intervenção, tendo em vista que foram desenvolvidas em conjunto, inicialmente foi realizada uma apresentação, com o objetivo de construir em conjunto com os estudantes uma troca de conhecimento acerca da temática, para que assim os alunos pudessem compartilhar suas experiências e aprender sobre a Campanha do Setembro Amarelo. Posteriormente foi proposto uma dinâmica de mitos e verdades sobre o suicídio. Sendo realizado ainda uma dinâmica, em que os alunos passassem a devolutiva do que foi trabalhado no presente dia, para que assim fosse realizado uma arte digital, bem como um folder, para que na outra semana fosse impresso e colocado pela escola, com a temática “Para além do Setembro Amarelo”, nesta oportunidade um aluno escreveu uma poesia.

As ações que envolvem a promoção da saúde não diretamente estão ligadas com doenças e englobam não somente o indivíduo como singular, mas também como ser humano que está inserido em uma cultura, uma comunidade. As intervenções de promoção provocam mudanças nas condutas do indivíduo, no seu estilo de vida, nas suas condições sociais, econômicas e ambientais, na melhoria na prestação de serviços, sendo portanto um movimento amplo e complexo, ela faz de grande importância tendo em vista que interfere não só no sujeito que está elaborando e participando, mas indiretamente a família, a comunidade, contextos sociais que este indivíduo está inserido sendo assim fazer uso das práticas de promoção e prevenção beneficia não somente um caso isolado, mas toda a sociedade (PELICIONI, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise teórica e comparando com as observações e a devolutiva trazidas pelos estudantes, pode ser destacado que embora não tenha sido possível intervir junto com os alunos todas as atividades, ainda proporcionou a prática, o entendimento de observação, investigação, encontros, estabelecimentos de vínculos, a importância da ética e no manejo de forma cuidadosa e respeitosa, implicando em

todas as conjunturas que envolvem os pré-adolescentes. Contribuindo dessa forma para que o ambiente escolar seja um lugar de abertura.

Salientando ainda que as demandas que foram trazidas pelas profissionais da instituição, bem como as observadas não foram específicas, dessa forma, se fez necessário a realização de intervenções que buscam a promoção e a prevenção da saúde com pré-adolescentes. Observou-se que houve a criação de vínculo com os estudantes, bem como os mesmos se mostraram participativos e engajados no que estava sendo trabalhado.

No que se refere à dinâmica da instituição escolar à prática das referidas acadêmicas de Psicologia, foi possível verificar desafios relacionados à comunicação e participação. Essas dificuldades, podem ser atribuídas à abrangente demanda que os profissionais enfrentam no ambiente escolar, lidando com questões complexas que envolvem alunos, professores e a comunidade em geral, assim como a sobrecarga de trabalho e as particularidades pessoais são fatores importantes que também devem ser considerados.

Produzir estudos acadêmicos, faz com que assuntos de grande importância que estão em nossa sociedade, tenha visibilidade, e ainda quando realizado de forma científica, proporciona a transformação dos saberes do senso comum, para o senso científico, e este busca a conscientização dos indivíduos, podendo proporcionar a inclusão social. Em relação a indivíduos que estão em desenvolvimento existe uma importância ainda maior de conscientizarmos pois eles necessitam de bem-estar físico e emocional. As práticas de conscientização aumentam as chances de que as crianças cresçam saudáveis.

6. REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia. 14a edição, São Paulo: Saraiva, 2008.

CAMARGOS, Gustavo, L. et al. Crescimento, desenvolvimento e envelhecimento humano. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo A, 2018.

CAMPOS. Regina Helena de Freitas. Ora.. Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia. 14 ed. Petrópolis: Vozes. 2015

CARVALHO, Álvaro; AMANN, Gregória Von; ALMEIDA, Conceição Tavares. Saúde mental em saúde escolar: Manual para a promoção de competências socioemocionais em meio escolar. Editora Dgs: Lisboa, 2019.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Ática, 2010.

CASTORINA, José A.;BAQUERO, Ricardo J. Dialética e Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FELDMAN, Robert S. Introdução à Psicologia. 10 ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

GASPAR, Augusta. Neurobiologia e psicologia da empatia pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia. Editora ueditora: Lisboa, 2014.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAPALIA, Diane; MARTORELL, Gabriela. Desenvolvimento Humano (14th edição). Grupo A, 2021.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação e promoção da saúde: teoria e prática/Maria Cecília Focesi Pelicioni, Fábio Luiz Mialhe. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Santos, 2019.

PEREIRA, Maria Liliana Inês Emparan Martins; MAZZARELLA, Tatiana Inglez. A escola como espaço grupal. São Paulo, 2009.

ROLLEMBERG, Márcia. Sus a saúde do Brasil. Disponível em:
<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_saude_brasil_3ed.pdf> Acesso em: 03/09/2023

WALLON, Henry (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea).

YALOW, Irvin D. Psicoterapia de Grupo: Teoria e prática. Ed 5. Porto alegre: Artmed, 2006.

ABORDAGEM FISIOTERAPÊUTICA NO TRATAMENTO PRÉ-OPERATÓRIO DE LESÃO DO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR E MENISCO MEDIAL: ESTUDO DE CASO

Isabely Skodoski Ferraz Chule¹
Iago Vinícios Geller²

RESUMO: Lesões no Ligamento Cruzado Anterior (LCA) e no menisco são comuns em atletas e podem comprometer a funcionalidade do joelho. A fisioterapia pré-operatória tem se mostrado eficaz na preparação do paciente para a cirurgia, visando melhorar a mobilidade, o fortalecimento muscular e reduzir sintomas como dor e rigidez. Objetivo: Avaliar os efeitos da fisioterapia pré-operatória em uma paciente com lesões combinadas de LCA e menisco medial, monitorando sintomas como, rigidez, dor, funcionalidade e qualidade de vida. Metodologia: Estudo de caso quantitativo e descritivo realizado com uma paciente, submetida a um protocolo de fisioterapia durante um período de 8 semanas. A evolução da paciente foi acompanhada por meio das respostas ao questionário KOOS, aplicado antes e após o tratamento fisioterapêutico. Resultados: Após a fisioterapia, a paciente apresentou melhora na dor, rigidez, inchaço e na funcionalidade de atividades cotidianas, como subir escadas e caminhar. A qualidade de vida também foi impactada positivamente. No entanto, atividades de alto impacto, como correr e saltar, ainda causaram dificuldades. A fisioterapia pré-operatória demonstrou benefícios na recuperação funcional, mas a recuperação completa depende do acompanhamento pós-operatório.

Palavras chaves: Intervenção terapêutica; Preparação cirúrgica; Disfunção do joelho.

ABSTRACT: Anterior Cruciate Ligament (ACL) and meniscus injuries are common in athletes and can compromise knee functionality. Preoperative physical therapy has been shown to be effective in preparing patients for surgery, aiming to improve mobility, muscle strengthening, and reduce symptoms such as pain and stiffness. Objective: To evaluate the effects of preoperative physical therapy in a patient with combined ACL and medial meniscus injuries, monitoring symptoms such as stiffness, pain, functionality, and quality of life. Methodology: Quantitative and descriptive case study conducted with a single patient, submitted to a physical therapy protocol for a period of 8 weeks. The patient's progress was monitored through responses to the KOOS questionnaire, applied before and after physical therapy treatment. Results: After physical therapy, the patient showed improvement in pain, stiffness, swelling, and functionality of daily activities, such as climbing stairs and walking. Quality of life was also positively impacted. However, high-impact activities, such as running and jumping, still caused difficulties. Preoperative physiotherapy has shown benefits in functional recovery, but complete recovery depends on postoperative follow-up.

Keywords: Therapeutic intervention; Surgical preparation; Knee dysfunction.

1 INTRODUÇÃO

O joelho é uma articulação composta pelos ossos fêmur, tíbia e patela, revestidos por cartilagem articular que facilita o movimento suave e protege as superfícies ósseas contra danos. Sua estabilidade é assegurada por ligamentos, que são estruturas resistentes responsáveis pela conexão entre os ossos (Quiroga, 2024). Entre os ligamentos, destacam-se o ligamento colateral medial (LCM) e o ligamento

¹ Acadêmica do curso de Fisioterapia - Ugv Centro Universitário. fis-isabelyerraz@ugv.edu.br

² Supervisor do estágio de Ortopedia e Traumatologia da UGV - Centro Universitário. prof_iagogeller@ugv.edu.br

colateral lateral (LCL), que evitam deslocamentos laterais do joelho, e os ligamentos cruzados, o anterior (LCA) e o posterior (LCP), que impedem o deslocamento anteroposterior da articulação (Sousa *et al.*, 2024).

A ruptura do Ligamento Cruzado Anterior (LCA) é uma das lesões mais prevalentes, especialmente entre atletas e indivíduos jovens. Essa lesão compromete a estabilidade do joelho, tornando-o vulnerável a movimentos anormais, como rotação excessiva e deslizamento da tíbia em relação ao fêmur (Santos, 2024). Comumente associada a atividades esportivas que envolvem mudanças rápidas de direção, desaceleração ou impactos diretos, a ruptura do LCA aumenta o risco de lesões secundárias, como danos aos meniscos, que pode ser afetado pela torção e compressão excessiva (Macedo, 2024).

As lesões de menisco frequentemente ocorrem em conjunto com a ruptura do LCA, uma vez que a instabilidade provocada pela lesão do ligamento anterior aumenta a pressão sobre as estruturas cartilaginosas do joelho (Melo, 2024). O menisco, responsável por amortecer os impactos e distribuir o peso nas articulações, pode ser danificado por movimentos de torção ou compressão, com lesões variando de pequenas fissuras a rupturas completas, comprometendo a função do joelho a longo prazo (Santos, 2024). Embora as lesões meniscais sejam mais comuns em pacientes de meia-idade e idosos devido à degeneração ao longo do tempo, em pacientes jovens, cerca de um terço das lesões ocorre por atividades esportivas que envolvem movimentos de corte, torção, hiperextensão ou grande impacto. Em mais de 80% dos casos, as lesões meniscais estão associadas a danos no LCA (Paz; Peixoto, 2024).

O manejo fisioterapêutico no período pré-operatório das lesões de LCA e menisco é de grande relevância para a recuperação pós-cirúrgica e para o sucesso do procedimento. Durante essa fase, a abordagem principal envolve controle da dor, redução da inflamação e fortalecimento dos músculos ao redor da articulação para melhorar a estabilidade (Costa, 2024). A fisioterapia pré-operatória pode ser determinante para otimizar a função do joelho. Em casos de lesões combinadas, como a ruptura do LCA e danos no menisco, seu objetivo é garantir que o paciente recupere a mobilidade e a força muscular antes da intervenção cirúrgica (Mendes *et al.*, 2024).

Após a cirurgia, a fisioterapia foca no restabelecimento da amplitude de movimento, no fortalecimento muscular e na melhora da propriocepção. O acompanhamento contínuo também tem como objetivo restaurar a funcionalidade do joelho de forma gradual, permitindo a reintrodução segura e controlada das atividades

esportivas. Por meio do uso de técnicas específicas, a fisioterapia auxilia o paciente a recuperar a confiança nos movimentos, prevenindo futuras lesões e promovendo uma melhor qualidade de vida a longo prazo (Arraes, 2023).

O objetivo deste artigo é avaliar a eficácia da fisioterapia pré-operatória na redução de sintomas, como dor, inchaço e limitação de movimento, em pacientes com lesão do LCA e menisco medial, investigando o impacto desse tratamento na melhoria da funcionalidade articular e na preparação do paciente para a cirurgia.

2 MÉTODO

Este estudo de caso caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, de natureza quantitativa e descritiva, com o objetivo de investigar questões práticas e coletar dados numéricos relacionados às alterações provocadas pela ruptura do Ligamento Cruzado Anterior (LCA) e pela lesão meniscal. A coleta de dados foi realizada por meio da ficha de avaliação ortopédica, que envolveu uma paciente do sexo feminino, identificada pelas iniciais T.F.B.E., com 26 anos, residente em Porto Vitória, no estado do Paraná (PR). Ela foi diagnosticada com ruptura do LCA, fratura impactada no platô tibial e ruptura oblíqua no corno posterior do menisco medial. A lesão ocorreu durante uma partida de futebol, na qual a paciente atuava como goleira. Os sintomas relatados incluíram dor intensa no joelho, dificuldades para estender e flexionar a articulação, instabilidade e dificuldades para suportar o peso sobre o membro afetado.

O tratamento foi realizado na Clínica Escola de Fisioterapia da Universidade de União da Vitória (UGV), localizada na Rua Padre Saporiti, número 717, no Bairro Nossa Senhora do Rocio, em União da Vitória. As sessões de fisioterapia tiveram início em 18 de fevereiro de 2025 e foram concluídas em 10 de abril de 2025, com duas sessões semanais durante este período.

Para mensurar a evolução da paciente, foi aplicada a escala Knee Injury and Osteoarthritis Outcome Score (KOOS), que permite avaliar aspectos como dor, sintomas, função física, capacidade em atividades diárias e qualidade de vida relacionada ao joelho. A paciente preencheu o questionário de forma autorreferida, sendo orientada a relatar suas experiências recentes, considerando as limitações causadas pela lesão. Composto por 42 perguntas divididas em cinco subescalas, o KOOS utiliza uma escala de 0 a 4 pontos, onde pontuações mais altas indicam melhor condição funcional do joelho.

O tratamento fisioterapêutico foi planejado para controlar a dor, restaurar a amplitude de movimento (ADM), promover a mobilização articular e recuperar a função do joelho. Abaixo (Tabela 01) está a descrição detalhada das intervenções fisioterapêuticas realizadas durante o período de tratamento, conforme o protocolo adotado:

Tabela 01: Protocolo pré-operatório

Objetivo	Intervenção	Descrição da Técnica/Exercício
Controle de dor e edema	Elevação e compressão	Elevação do membro inferior e uso de bandagem compressiva para redução do edema.
	Eletroterapia (TENS)	Aplicação de estimulação elétrica para alívio da dor.
	Hidroterapia	Uso da água para reduzir o impacto nas articulações e aliviar a dor, proporcionando alívio imediato e conforto.
Ganho de amplitude de movimento	Mobilizações articulares (passivas ou ativas assistidas)	Técnicas para melhorar a flexibilidade e a amplitude de movimento do joelho (flexão e extensão).
	Alongamento dos isquiotibiais e quadríceps	Alongamentos passivos e ativos para ganho de flexibilidade dos músculos ao redor do joelho
	Hidroterapia	Auxiliar na mobilização articular e ganho de amplitude de movimento com menor risco de dor.
Fortalecimento muscular	Exercícios isométricos (quadríceps, isquiotibiais)	Contrações musculares sem movimento das articulações.
	Exercícios isotônicos	Exercícios com resistência para fortalecimento do quadríceps e isquiotibiais.
	Exercícios de cadeia cinética fechada e aberta	Focar em exercícios que envolvem o uso do peso corporal
Propriocepção e estabilidade	Exercícios de equilíbrio	Treinar a estabilidade do joelho em superfícies instáveis para melhorar a propriocepção.
	Exercícios funcionais	Reforçar movimentos que simulam atividades diárias, focando na estabilização do joelho
	Hidroterapia	Exercícios de equilíbrio e estabilidade na água, reduzindo o impacto e aumentando a resistência.
Finalização e revisão	Reavaliação da funcionalidade (KOOS)	Realização da reavaliação com a escala KOOS para medir a evolução da paciente.

Fonte: A autora, 2025

3 RESULTADOS

Os resultados obtidos por meio do questionário Knee Injury and Osteoarthritis Outcome Score (KOOS) foram organizados em uma tabela (Tabela 02), comparando as respostas antes e após o tratamento fisioterapêutico. A tabela destaca as mudanças nas percepções de dor, rigidez, funcionalidade e qualidade de vida, evidenciando a evolução da paciente durante o processo de reabilitação.

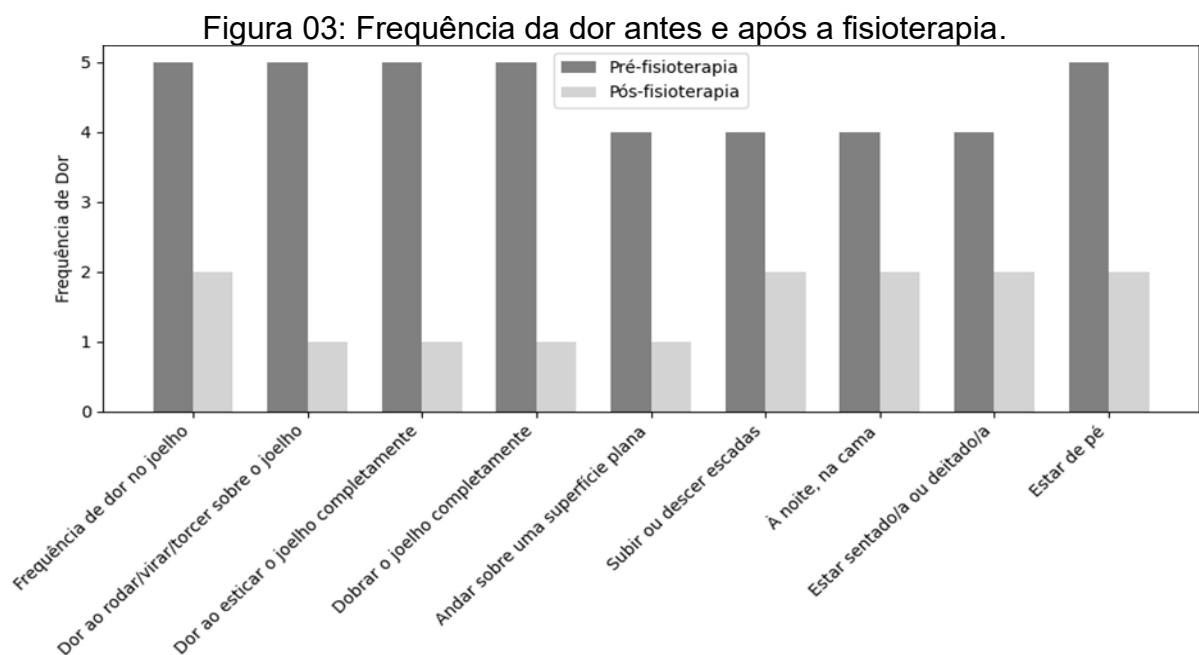
Tabela 02: Resultados do Questionário KOOS (Antes e Após a Fisioterapia)

Perguntas	Pré-fisioterapia	Pós-fisioterapia
Sintomas:		
Inchaço no joelho	Sempre	Raramente
Ranger/estalos ao mover o joelho	Sempre	As vezes
Joelho preso ou bloqueado	Frequentemente	Raramente
Capacidade de esticar o joelho completamente	Nunca	Sempre
Capacidade de dobrar o joelho completamente	Raramente	Sempre
Rigidez		
Perguntas	Pré-fisioterapia	Pós-fisioterapia
Rigidez ao acordar pela manhã	Moderadamente	Nada
Rigidez após ficar sentado ou deitado	Muito	Pouco
Dor		
Perguntas	Pré-fisioterapia	Pós-fisioterapia
Frequência de dor no joelho	Sempre	1x por semana
Dor ao rodar/virar/torcer sobre o joelho	Muitíssima	Pouca
Dor ao esticar o joelho completamente	Muitíssima	Nenhuma
Dobrar o joelho completamente	Muitíssima	Nenhuma
Andar sobre uma superfície plana	Muita	Nenhuma
Subir ou descer escadas	Muita	Pouca
À noite, na cama	Muita	Pouca
Estar sentado/a ou deitado/a	Muita	Pouca
Estar de pé	Muitíssima	Pouca
Atividades da Vida Diária		
Perguntas	Pré-fisioterapia	Pós-fisioterapia
Descer escadas	Muita	Pouca
Subir escadas	Muita	Pouca
Levantar-se a partir da posição de sentado/a	Muita	Pouca
Manter-se de pé	Moderada	Nenhuma
Dobrar-se para baixo/apanhar um objeto	Muitíssima	Moderada
Andar numa superfície plana	Moderada	Nenhuma
Entrar ou sair do carro	Muitíssima	Nenhuma
Ir às compras	Muita	Nenhuma
Calçar meias/collants	Muita	Pouca
Levantar-se da cama	Muita	Nenhuma
Descalçar meias/collants	Muita	Nenhuma
Estar deitado/a na cama (virar-se, manter a posição do joelho)	Muitíssima	Nenhuma

Entrar/sair da banheira	S/resposta	S/resposta
Estar sentado/a	Muitíssima	Nenhuma
Sentar-se ou levantar-se da sanita	Muitíssima	Nenhuma
Tarefas domésticas pesadas	Muitíssima	Pouca
Tarefas domésticas leves	Muita	Nenhuma
Atividades Esportivas e de Lazer		
Perguntas	Pré-fisioterapia	Pós-fisioterapia
Pôr-se de cócoras	Muitíssima	Muitíssima
Correr	Muitíssima	Moderada
Saltar	Muitíssima	Muitíssima
Rodar/virar-se/torcer sobre o joelho afetado	Muitíssima	Moderada
Ajoelhar	Muitíssima	Moderada
Qualidade de Vida		
Perguntas	Pré-fisioterapia	Pós-fisioterapia
Com que frequência é que tem consciência do problema que tem no joelho?	Constantemente	Todos os dias
Modificou o seu estilo de vida para evitar atividades que poderiam afetar o joelho?	Completamente	Moderadamente
Até que ponto é que a falta de confiança no joelho o/a incomoda?	Muitíssimo	Moderadamente
Em geral, o joelho causa-lhe muitos problemas?	Muitíssimos	Alguns

Fonte: A autora, 2025

O gráfico a seguir (Figura 03) apresenta a distribuição das respostas relacionadas à frequência da dor, antes e após as sessões de fisioterapia. A análise visual permite observar a redução na intensidade e na frequência da dor após o tratamento, refletindo os efeitos positivos da fisioterapia na melhora do quadro clínico do paciente.



Fonte: A autora, 2025

4 DISCUSSÃO

O protocolo fisioterapêutico demonstrou melhoras notáveis nos sintomas como, inchaço e estalo do joelho. Antes do tratamento, a paciente relatava inchaço constante e estalos frequentes, que foram reduzidos para "raramente" após o protocolo de fisioterapia. Esses achados são consistentes com os resultados de Tookuni *et al.* (2005), que observaram que o fortalecimento muscular e o trabalho de propriocepção ajudam a diminuir o edema e melhorar a estabilidade do joelho em pacientes com lesões do LCA e menisco. A fisioterapia pode ajudar a melhorar a circulação e promover a absorção de fluidos nas articulações, o que contribui para a diminuição do inchaço e dos estalos (Bonetti, 2017).

Quanto à rigidez, a paciente relatou uma diminuição significativa nos sintomas logo pela manhã e após períodos de descanso, o que é compatível com os resultados de Ramos *et al.* (2019), que encontraram redução da rigidez em pacientes com lesões de LCA após a fisioterapia. Esse efeito pode ser atribuído à melhora na amplitude de movimento (ADM) do joelho e ao fortalecimento muscular, que são comuns em protocolos de reabilitação.

A dor foi outro aspecto que melhorou após o tratamento fisioterapêutico. Antes da fisioterapia, a paciente descrevia dores constantes e limitantes, que foram reduzidas para níveis mínimos. O estudo de Mota, Cabral e Costa (2024) aponta que a fisioterapia ajuda a controlar a dor, especialmente em lesões ligamentares, através de técnicas de fortalecimento e estabilização. O fortalecimento do quadríceps, por exemplo, é importante para aliviar a dor, pois ajuda a distribuir a carga nas articulações e melhora a estabilização do joelho (Oliveira *et al.*, 2021). Além disso, os exercícios de propriocepção ajudam a melhorar o controle motor do joelho, o que reduz o estresse sobre as articulações e contribui para a diminuição da dor. O controle da dor pré-operatório é importante, pois a dor persistente pode afetar a qualidade de vida e dificultar a reabilitação pós-cirúrgica (Junior; Lopes, 2024).

A paciente também demonstrou melhoras em atividades diárias, como subir e descer escadas, levantar-se da posição sentada e caminhar em superfícies planas. Antes da fisioterapia, essas atividades eram limitadas, mas a paciente conseguiu realizá-las com mais facilidade e menor dor após o tratamento. Esse achado é similar ao que foi observado por Oliveira (2024), que indica que a fisioterapia contribui para a melhoria da funcionalidade em pacientes com lesões de LCA. O fortalecimento

muscular e a recuperação da amplitude de movimento são essenciais para melhorar a capacidade funcional e permitir que o paciente realize essas atividades sem dor ou limitações.

Embora tenha ocorrido uma melhora nas atividades diárias, a recuperação para atividades mais complexas, como correr e saltar, ainda é limitada. A paciente relatou que, embora a fisioterapia tenha ajudado a melhorar sua funcionalidade, ele ainda encontra dificuldades para realizar essas atividades. Isso está de acordo com o estudo de Barbosa (2022), que observou que, embora a fisioterapia pré-operatória ajude a melhorar a funcionalidade geral, a recuperação completa para atividades de alto impacto pode levar mais tempo e exigir um protocolo pós-operatório mais intenso.

A qualidade de vida da paciente também foi impactada pela fisioterapia, com uma redução nas limitações nas atividades diárias e uma diminuição da percepção de dor. Antes do tratamento, a paciente havia mudado seu estilo de vida para evitar atividades que afetassem o joelho, mas após a fisioterapia, essa modificação foi reduzida. De acordo com Cattelan, Borba e Petrochi (2009), a fisioterapia ajuda não apenas na recuperação funcional do joelho, mas também permite que o paciente retome atividades cotidianas que antes eram difíceis devido à dor e ao desconforto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fisioterapia pré-operatória tem grande relevância na preparação de pacientes para cirurgias de reconstrução do Ligamento Cruzado Anterior (LCA) e reparação meniscal. O estudo mostrou que a intervenção fisioterapêutica pode melhorar aspectos como dor, rigidez e inchaço, além de promover um aumento na funcionalidade do joelho. Esses avanços contribuem para uma recuperação mais eficiente após a cirurgia, pois preparam tanto os músculos quanto as articulações para o procedimento.

Portanto, a fisioterapia pré-operatória oferece benefícios claros na recuperação do paciente, facilitando o retorno às atividades cotidianas e esportivas. No entanto, para que o processo de reabilitação seja completo, é essencial que o acompanhamento pós-cirúrgico seja igualmente seguido. A combinação de fisioterapia antes e após a cirurgia é importante para garantir uma recuperação plena e reduzir o risco de complicações a longo prazo.

REFERÊNCIAS

ARRAES, André Lucas Brandão et al. O papel da fisioterapia na recuperação de pacientes com lesão no ligamento cruzado anterior: Uma revisão da literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 4, p. 1574-1588, 2023. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9365>> Acesso em: 09 de abr de 2024

BARBOSA, LUAN RODRIGUES; ROSA, CARLOS GUSTAVO SAKUNO. Atuação da fisioterapia no pós-operatório de reconstrução do ligamento cruzado anterior (LCA). **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fisioterapia)**, 2022. Disponível em: <<https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/uploads/document6313b6038590d.pdf>> Acesso em: 07 de abr de 2025

BONETTI OLIVEIRA, GUSTAVO. INTERVENÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM LESÃO DO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR EM ATLETAS DE VOLEIBOL: Revisão da Literatura. 2017. Disponível em: <<https://dspace.uniube.br/handle/123456789/563>> Acesso em: 07 de abr de 2025

CATTELAN, Anderson Vesz; BORBA, Alida Kellermann; PETROCHI, Alberto Dipp. Fisioterapia aquática na reconstrução do ligamento cruzado anterior: relato de caso. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 131, p. 124-124, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7941902>> Acesso em: 07 de abr de 2025

COSTA, Jhon Wanderson De Sousa. A ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DA LESÃO DE LCA. **UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA**, p. 164. Disponível em: <<https://editorapascal.com.br/wp-content/uploads/2024/03/FISIOTERAPIA-VOL.-05.pdf#page=164>> Acesso em: 13 de mar de 2025

DE ASSIS JUNIOR, Wellington Rui Andrade; DE JESUS LOPES, Victor Enrico. Fisioterapia e lesões de LCA em futebolistas: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 9, p. e76193-e76193, 2024. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/76193>> Acesso em: 07 de abr de 2025

DE OLIVEIRA, Gabriela Rufino Regis; DE SOUZA RAIMUNDO, Ronney Jorge; OLIVEIRA DE LIMA, Keite. Abordagens fisioterapêuticas no tratamento de lesões do ligamento cruzado anterior. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, p. e151547-e151547, 2024. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1547>> Acesso em: 07 de abr de 2025

DE SOUSA, Julianna Lyssa de Azevedo et al. FISIOTERAPIA NA RUPTURA DO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. *Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, v. 16, n. 1, p. 6-6, 2024. Disponível em: <<https://revista.cpaqv.org/index.php/CPAQV/article/view/1554>> Acesso em: 13 de mar de 2025

MACEDO, Luis Claudio Hidalgo. Utilizando o "Notch Sign" para diagnóstico das lesões do ligamento cruzado anterior. 2024. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10362>> Acesso em: 13 de mar de 2025

MELO, Leidna Oliveira et al. O impacto da intervenção fisioterapêutica pré-operatória em pacientes com lesão de LCA: evolução funcional pós-operatória. 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/74820>> Acesso em: 13 de mar de 2025

MOTA, David Rodrigues; CABRAL, Hélio Sales; COSTA, Cíntia Campos. PERFIL DE PACIENTES COM LESÕES NO LIGAMENTO CRUZADO ANTERIOR (LCA) E A ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA. **Reunião Científica**, n. XV, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/reuniao/article/download/2586/1839>> Acesso em: 07 de abr de 2025

OLIVEIRA, Sofia Silva et al. Exercícios de fortalecimento para a reabilitação de lesão em ligamento cruzado anterior. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e533101422354-e533101422354, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22354>> Acesso em: 07 de abr de 2025

PAZ, Leandro Lima; PEIXOTO, Wayner Borges. ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA NO PÓS OPERATÓRIO DE SUTURA MENISCAL: REVISÃO DE LITERATURA. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/240316111.pdf>> Acesso em: 13 de mar de 2025

QUIROGA, Alejo. Diferencias anatómicas como factor de riesgo en la ruptura del ligamento cruzado anterior en mujeres deportistas: revisión sistemática. 2024. Disponível em: <<https://repositorio.uai.edu.ar/handle/123456789/2927>> Acesso em: 13 de mar de 2025

RAMOS, Diogo Caldeira et al. Protocolos para prevenção e recuperação pós cirúrgico em pacientes com rompimento de lca. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, v. 1, n. 1, p. 35-46, 2019. Disponível em: <<https://www.revistamultisertao.com.br/index.php/revista/article/view/12>> Acesso em: 07 de abr de 2025

SANTOS, Amanda Progenio dos. Estudo anatômico do ligamento meniscotibial medial do joelho: análise histológica da estrutura de colágeno e vascularização. 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77196>> Acesso em: 13 de mar de 2025

SANTOS, Danilo Zorzam et al. O efeito do tratamento cirúrgico comparado com tratamento conservador na função após lesão de LCA: uma revisão narrativa de estudos controlados randomizados. 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/76601>> Acesso em: 13 de mar de 2025

TOOKUNI, Karla Sayuri et al. Análise comparativa do controle postural de indivíduos com e sem lesão do ligamento cruzado anterior do joelho. **Acta Ortopédica Brasileira**, v. 13, p. 115-119, 2005. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/aob/a/bjM4JWpsbfxLJjGrCMYMFhz/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 07 de abr de 2025.

APLICAÇÃO DA LIBERAÇÃO MIOFASCIAL EM PACIENTE COM ENXAQUECA CRÔNICA: ESTUDO DE CASO

Lauane Aparecida Iachitzki Niespodzinski¹
Iago Vinícios Geller²

RESUMO: A enxaqueca é um tipo de cefaleia recorrente que dura entre 4 e 72 horas, geralmente unilateral, pulsátil, e de intensidade moderada a severa, afetando em média de 15% a 25% da população. Alguns distúrbios no sistema osteomuscular estão diretamente relacionados com a dor de cabeça, como é o caso dos pontos-gatilho miofasciais que podem causar dor referida e até desencadear sintomas motores quando estimulados. Neste contexto, diversas abordagens terapêuticas têm sido sugeridas para o tratamento das cefaleias, incluindo as terapias manuais onde encontra-se a liberação miofascial. O presente estudo tem como objetivo analisar a eficácia da técnica citada no quadro algico de uma paciente com enxaqueca crônica utilizando a escala EMADOR para avaliação. Após a intervenção e análise, observou-se que a liberação miofascial é capaz de proporcionar diversos benefícios para pacientes com enxaqueca, como o alívio da dor, aumento da amplitude de movimento e diminuição tanto da intensidade quanto da frequência das crises. Entretanto, é fundamental que mais estudos e pesquisas sejam realizados sobre o tema, uma vez que a literatura específica sobre essa intervenção ainda é limitada.

PALAVRAS-CHAVE: Enxaqueca, Cefaleia, Liberação Miofascial, Fisioterapia.

ABSTRACT: Migraine is a type of recurrent headache that lasts between 4 and 72 hours, typically unilateral, pulsating, and of moderate to severe intensity, affecting an average of 15% to 25% of the population. Some disorders in the musculoskeletal system are directly related to headaches, such as myofascial trigger points that can cause referred pain and even trigger motor symptoms when stimulated. In this context, various therapeutic approaches have been suggested for the treatment of headaches, including manual therapies such as myofascial release. This study aims to analyze the effectiveness of the mentioned technique on the pain experienced by a patient with chronic migraine, using the EMADOR scale for evaluation. After the intervention and analysis, it was observed that myofascial release can provide several benefits for patients with migraines, including low cost, pain relief, increased range of motion, and a reduction in both the intensity and frequency of attacks. However, it is essential that more studies and research are conducted on this topic, as the specific literature on this intervention remains limited.

KEYWORDS: Migraine, Headache, Myofascial Release, Physiotherapy.

1 INTRODUÇÃO

A enxaqueca é um tipo de cefaleia recorrente que dura entre 4 e 72 horas, geralmente unilateral, pulsátil e de intensidade moderada a severa. Ela é agravada pela atividade física rotineira e costuma ser acompanhada de náuseas, fotofobia e fonofobia. Ela afeta principalmente mulheres devido às flutuações hormonais e geralmente começa na segunda década de vida, onde os episódios são recorrentes e com frequência variada (Chebani; Cervaens, 2021). Em média, 15 a 25% da

¹ Acadêmica do curso de Fisioterapia do Ugv Centro Universitário. fis-lauaneniespodzinski@ugv.edu.br

² Licenciado e mestre em ciências biológicas, bacharel em fisioterapia, especialista em didática e docência. Docente do colegiado de Fisioterapia e Biomedicina e supervisor de estágio em Ortopedia da Clínica de Fisioterapia da Ugv – União da Vitória – Paraná – Brasil. prof_iagogeller@ugv.edu.br

população é acometida e índices de hereditariedade são notáveis, o que significa que fatores genéticos podem também contribuir para o desenvolvimento da doença. É classificada como o segundo tipo mais comum de cefaleia, ficando atrás apenas da cefaleia de tensão (Santos, 2021; Ples *et al.* 2023).

Às vezes, a cefaleia surge sem sinais premonitórios e desaparece com o sono. Outras vezes, é precedida por uma fase prodrômica com sintomas como rigidez cervical, fadiga, euforia, constipação, irritabilidade, alterações no apetite e/ou sensibilidade exagerada à luz, som e cheiro. A fase de aura, que pode ocorrer antes ou durante a dor de cabeça, é marcada por sintomas neurológicos focais que se desenvolvem gradualmente, passando por fases excitatórias e inibitórias, podendo desaparecer completamente (Figueiredo *et al.*, 2023; Ribeiro *et al.*, 2024).

Alguns distúrbios no sistema osteomuscular estão diretamente relacionados com a dor de cabeça, como é o caso dos pontos-gatilho miofasciais (PG), nódulos hipersensíveis localizados nas faixas tensas dos músculos esqueléticos, que podem causar dor referida e até desencadear sintomas motores quando estimulados. Pesquisas mostraram que a dor referida pelos PG ativos nos músculos da cabeça, pescoço e ombros pode imitar o padrão de dor observado em indivíduos com cefaleia. Além disso, pacientes que apresentam esses pontos no pescoço e na cabeça relatam maior intensidade e frequência de dor em comparação com indivíduos acometidos que não os possuem. Diversas abordagens terapêuticas têm sido sugeridas para o tratamento das cefaleias, incluindo as terapias manuais (Donnelly, 2020; Silva; Bento; Castillo, 2021).

A terapia manual atua sobre os tecidos musculares, ósseos, conjuntivos e nervosos para induzir respostas fisiológicas e aliviar pontos-gatilho, promovendo o relaxamento da musculatura. A liberação miofascial, uma técnica utilizada na fisioterapia, é uma abordagem que se concentra na liberação de restrições de movimentos que se originam nos tecidos moles do corpo, especificamente na fáscia, caracterizada por uma rede contínua de tecido conjuntivo que envolve e sustenta músculos, vísceras e outros órgãos. Através de movimentos como deslizamento tracional, fricção e amassamento, essa técnica busca liberar e reequilibrar a fáscia, o que alivia a tensão muscular, restaura a mobilidade e melhora a função tecidual do corpo (Bruch, 2020; Dos Santos; Gonçalves, 2021).

Neste contexto, o objetivo deste estudo é avaliar a eficácia da liberação miofascial no alívio da dor em uma paciente com enxaqueca. A pesquisa pretende

investigar se essa técnica pode contribuir para a redução da intensidade e da frequência das dores de cabeça, aumento da amplitude de movimento e na melhoria do bem-estar do indivíduo. Através dessa avaliação, o estudo busca fornecer informações sobre a viabilidade da liberação miofascial como uma abordagem terapêutica no tratamento da enxaqueca.

2 MÉTODO

O referido trabalho trata-se de um estudo de caso caráter intervencional, aplicado. As intervenções foram realizadas durante o estágio supervisionado de fisioterapia em ortopedia e traumatologia no segundo semestre de 2024, na cidade de União da Vitória-PR. Os atendimentos foram realizados durante o período vespertino na Clínica de Fisioterapia da UGV - Centro Universitário, com duração de 45 minutos cada, 1 vez por semana num total de 07 sessões. O presente estudo avaliou a sexta semana de atendimento fisioterapêutico.

A amostra da pesquisa foi um indivíduo do sexo feminino, com as iniciais J. A. S. de 50 anos de idade, apresentando o diagnóstico de enxaqueca crônica com crises álgicas desde a adolescência. Na primeira sessão de fisioterapia foi verificada a amplitude de movimento cervical da paciente através de um goniômetro da marca Carci e avaliação da intensidade da dor utilizando a Escala Visual Analógica (EVA), disponível na ficha de avaliação de Ortopedia e Traumatologia.

Em todos os atendimentos houve intervenção com liberação miofascial manual e instrumental com “garfo” na região dos músculos trapézio, occipitais, temporal e masseter bilateral, salvo o segundo, o terceiro e quarto atendimentos, que além da técnica citada, foram realizados ultrassom contínuo e aplicação de bandagem elástica na região superior do músculo trapézio (fibras descendentes) com objetivo de proporcionar maior relaxamento muscular.

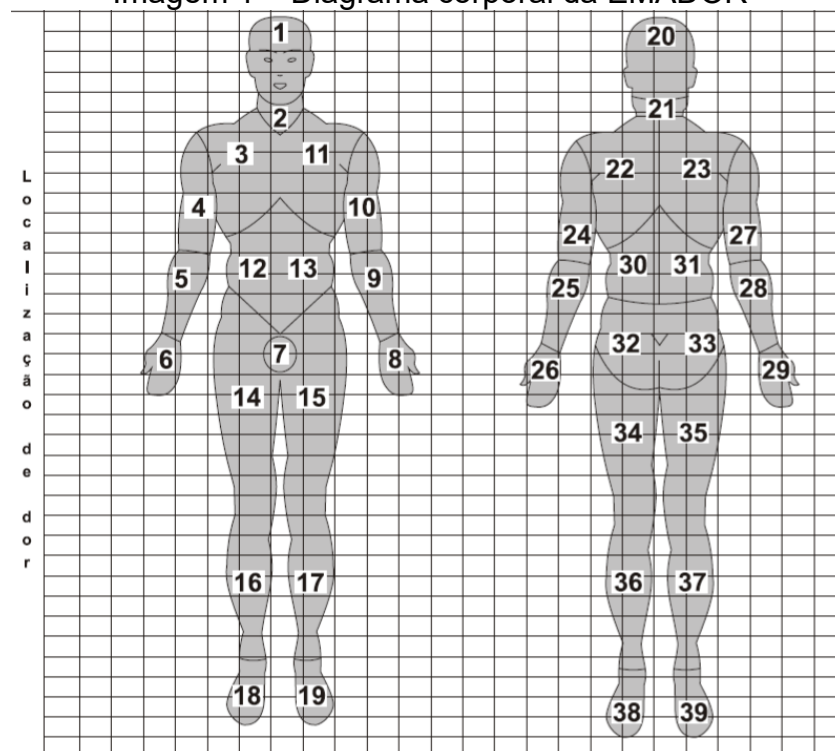
Na quinta semana de atendimento, a paciente foi instruída sobre a pesquisa do presente estudo e recebeu orientações de como preencher a Escala Multidimensional da Dor (EMADOR). Foi solicitado que a mesma realizasse o preenchimento das informações na escala nos dias 06, 09, 11 e 13 de setembro, em dois horários distintos, sendo um às 10h e outro às 20h.

A EMADOR, validada em 2010, é uma escala composta por uma régua que descreve a intensidade da dor entre 0 à 10; analisa a percepção do tipo de dor em aguda ou crônica; permite localização da dor através de um diagrama corporal e

possui 20 descritores para caracterização da dor percebida, onde 10 são para dor do tipo aguda e 10 para dor do tipo crônica. Os descritores para dor aguda são: 1 - terrível; 2 - insuportável; 3 - enlouquecedora; 4 - profunda; 5 - tremenda; 6 - desesperadora; 7 - intensa; 8 - fulminante; 9 - aniquiladora; 10 - monstruosa e para a dor crônica os descritores são: 1 - deprimente; 2 - persistente; 3 - angustiante; 4 - desastrosa; 5 - prejudicial; 6 - dolorosa; 7 - insuportável; 8 - assustadora; 9 - cruel; 10 - desconfortável (Sousa et al., 2010).

O diagrama corporal da EMADOR é a última parte da escala, sendo numerada de 1 a 39 (conforme imagem 1), o que permite o paciente indicar com maior precisão a localização da área dolorosa, facilitando o entendimento do profissional em relação à queixa do indivíduo (Sousa et al., 2010; Sousa-Munõz et al., 2015).

Imagem 1 – Diagrama corporal da EMADOR



Fonte: Sousa et al., 2010.

3 RESULTADO

No primeiro atendimento fisioterapêutico, a paciente relatou intensidade do quadro algico diário correspondente ao valor 8 da escala EVA e a amplitude de movimento cervical registrada foi flexão em 35° (normal: 0° - 65°), extensão em 40° (normal: 0° - 50°), látero-flexão direita e esquerda em 35° (normal: 0° - 40°) e rotação em 35° (normal: 0° - 55°).

Após o último dia correspondente à pesquisa e o final do preenchimento das informações na escala EMADOR, os dados coletados foram transcritos na tabela a seguir:

Tabela 1 - Coleta de dados

Data	Horário	Intensidade da dor	Classificação da dor: Crônica/Aguda	Descritores da dor	Localização da dor (diagrama corporal)
06/09/2024	10h	9	Crônica	2- Persistente	01 - 20 - 21 -22 -23
	20h	6	Crônica	2- Persistente	01 - 20- 21 -22 -23
09/09/2024	10h	2	Crônica	1- Deprimente	01 - 20 - 21
	20h	2	Crônica	1- Deprimente	01 - 20 - 21
11/09/2024	10h	1	Crônica	1- Deprimente	01 - 20 - 21
	20h	1	Crônica	1- Deprimente	01 - 20 - 21
13/09/2024	10h	1	Crônica	1- Deprimente	01 - 21
	20h	0	-	-	-

Fonte: A autora, 2024.

4 DISCUSSÃO

Segundo o estudo de Chebani (2021), a terapia manual nos pontos-gatilho miofasciais dos músculos cervicais refletem na redução da frequência, da intensidade e da duração da cefaleia, pois cria uma dessensibilização específica do eixo cervico-trigemino-vascular, diretamente ligado com os sintomas da enxaqueca. No mesmo estudo, os trabalhos analisados utilizaram parâmetros de avaliação onde a técnica foi aplicada nos músculos trapézio superior, esternocleidomastóideo, frontal, suboccipital, temporal e masséter, músculos esses que possuem localização e inervação de possível contribuição e transmissão de dor nas crises de enxaqueca dos indivíduos acometidos (Donnelly, 2020).

Na data 06/09 a paciente compareceu à sessão de fisioterapia relatando quadro álgico na cabeça e na região das fibras descendentes do músculo trapézio bilateral, embora com maior intensidade no lado esquerdo. De acordo com as informações da tabela é possível verificar que a paciente apresentou diminuição da intensidade da dor no mesmo dia após a intervenção fisioterapêutica, onde foi realizado liberação miofascial manual e instrumental nos pontos gatilhos dos músculos trapézio, occipitais

e masseter bilateral. Referente a esse efeito, um resultado semelhante foi observado no estudo de Costa *et al.* (2012), que aplicou a técnica de liberação miofascial em docentes com pontos gatilhos nos músculos paravertebrais, piriforme, isquiotibiais e quadrado lombar. O tratamento resultou na redução instantânea da dor em todos os participantes, com a intensidade algica diminuindo para menos de 50% da escala na comparação entre pré e pós intervenção.

Nos dias 09/09 e 11/09, foi possível observar uma melhora significativa tanto na intensidade quanto na localização da dor na paciente. Além da redução na intensidade, a área afetada também foi menor, indicando uma diminuição da sua extensão. No dia 06/06, a dor era descrita como “2 - persistente”, enquanto que nos dias 09/09 e 11/09, a descrição passou a ser “1 - deprimente”. Isso reflete uma mudança notável na caracterização algica, passando a ser percebida como menos intensa e mais “leve”, evidenciando uma melhora geral no quadro doloroso. Essa condição é explicada por Freitas (2021), Rodrigues (2022) e Júnior (2023) em seus estudos, onde a utilização da liberação miofascial pode resultar em alívio gradual da dor, tendo sua intensidade diminuída à medida que a musculatura se adapta após aplicação da técnica.

No último dia de preenchimento dos dados na escala, a paciente relatou que às 10h apresentou dor, porém, numa intensidade mínima. No período vespertino houve atendimento fisioterapêutico com intervenção da liberação miofascial manual e instrumental nos músculos trapézio (região do lado esquerdo), occipitais e masseter bilateral. Após a liberação dos pontos gatilhos e consequente relaxamento da musculatura citada, os resquícios de irradiação dolorosa cessaram instantaneamente. Posteriormente à aplicação da técnica, foi realizada nova goniometria na coluna cervical o que constatou amplitude máxima em todos os movimentos, sendo justificada pelo aumento da mobilidade articular da paciente pós intervenção. Em outros dois estudos foi possível verificar resultados semelhantes, onde indivíduos com cefaleia crônica e enxaqueca que foram submetidos à terapia manual de liberação miofascial também apresentaram diminuição da intensidade e frequência da dor concomitantemente ao aumento da amplitude de movimento da coluna cervical após aplicação da técnica (Sousa *et al.* 2015; Silva; Bento; Castillo, 2021).

5 CONCLUSÃO

A partir dos resultados encontrados neste trabalho, é possível concluir que a técnica de liberação miofascial pode oferecer diversos benefícios para pacientes com enxaqueca crônica. Entre os principais pontos positivos estão o baixo custo da intervenção, o alívio significativo da dor e a redução tanto da intensidade quanto da frequência das crises. Além disso, quando aplicada na musculatura adequada, a técnica pode melhorar a amplitude de movimento, contribuindo para uma melhora geral no quadro clínico e qualidade de vida do paciente.

Entretanto, é fundamental que mais estudos e pesquisas sejam realizados sobre o tema, uma vez que a literatura específica sobre essa intervenção ainda é limitada. Dada a grande quantidade de pessoas que sofrem de enxaqueca crônica, é essencial aprofundar o conhecimento para otimizar as abordagens terapêuticas e fornecer evidências mais consistentes sobre a eficácia da liberação miofascial nesses pacientes.

REFERÊNCIAS

BRUCH, Cristiane Gisele. **Eventos fisiológicos decorrentes da terapia de liberação miofascial**. 2020. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Anhanguera, São José, 2020. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/48931/1/CRISTIANE_BRUCH.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

CHEBANI, Anfane. **O efeito da fisioterapia em pacientes com cefaleia do tipo enxaqueca: uma revisão bibliográfica**. 2021. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Escola Superior de Saúde Fernando Pessoa, Porto, 2021. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10182/1/PG_37056.pdf. Acesso em: 09 set. 2024.

COSTA, Raíssa Caroline Brito et al. O efeito agudo da liberação miofascial e do alongamento por facilitação neuromuscular proprioceptiva em docentes com lombalgia idiopática. **Revista Digital Efdeportes**, v. 17, p. 171, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/JansenEstrazulas/publication/340234298_O_efeito_agudo_da_liberacao_miofascial_e_do_alongamento_por_facilitacao_neuromuscular_proprioceptiva_em_docentes_com_lombalgia_idiopatica/links/5eac395445851592d6aec8e0/O-efeito-agudo-da-liberacao-miofascial-e-do-alongamento-por-facilitacao-neuromuscular-proprioceptiva-em-docentes-com-lombalgia-idiopatica.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

DONNELLY, Joseph M. **Dor e disfunção miofascial de Travell, Simons & Simons: manual de pontos-gatilho**. Porto Alegre: Grupo A, 2020. *E-book*. ISBN 9788582716014. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582716014/>. Acesso em: 06 set. 2024.

DOS SANTOS, Janderson Ramos; GONÇALVES, Natália. Benefícios da liberação miofascial na cervicalgia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. e334101522724-e334101522724, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22724/20360>. Acesso em: 10 set. 2024.

FIGUEIREDO, Naiara Oliveira et al. Cefaleias: Diagnóstico Diferencial e Abordagens Terapêuticas: Um estudo dos diferentes tipos de cefaleias, incluindo enxaqueca e cefaleia tensional, e suas opções de tratamento. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 262-277, 2023. Disponível em: <https://bjhs.emnuvens.com.br/bjhs/article/view/585/749>. Acesso em: 09 set. 2024.

FREITAS, Yulle Sthefane de. **Os benefícios da liberação miofascial aplicados a praticantes de musculação: relato de experiência**. 2021. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Faculdade Cidade de João Pinheiro, João Pinheiro, 2021. Disponível em: <http://tcc.fcjp.edu.br:8080/pdf/009196.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

JÚNIOR, Quiudini. **Efeito das técnicas dry needling e liberação miofascial instrumental nos músculos mastigatórios, faciais e cervicais de indivíduos com disfunção temporomandibular muscular**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/58/58138/tde-23102023-164619/publico/DO_Paulo_Roberto_Quiudini_Junior_Original.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

PLEŞ, Horia et al. Migraine: advances in the Pathogenesis and treatment. **Neurology International**, v. 15, n. 3, p. 1052-1105, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2035-8377/15/3/67>. Acesso em: 10 set. 2024.

RIBEIRO, Nayara Fernanda Amorim Madeiros et al. Perspectivas atuais da enxaqueca: bases fisiopatológicas e terapêuticas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 1989-1999, 2024. Disponível em: <https://bjhs.emnuvens.com.br/bjhs/article/view/1966/2188>. Acesso em: 09 set. 2024.

RODRIGUES, João Paulo Fernandes. **A liberação miofascial na fascite plantar: uma revisão de literatura**. 2022. 18 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Centro Universitário de Viçosa, Viçosa, 2022. Disponível em: https://academicopos.univicoso.com.br/sisbiblioteca/uploads/A_liberacao_miofasci_2022_4074.pdf. Acesso em: 15 set. 2024.

SANTOS, Jaylla Lorena dos. **Morbidade hospitalar devido a enxaqueca e outras algias cefálicas no Nordeste**. 2021. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Fisioterapia, Centro Universitário Unip, Patos, 2021. Disponível em: <https://coopex.unifip.edu.br/index.php/repositoriounifip/article/download/2019/2158>. Acesso em: 09 jul. 2024.

SILVA, Marcela Galdina; BENTO, Victor Augusto Alves; CASTILLO, Daisilene Baena. Eficácia da liberação miofascial em pacientes com cefaleias do tipo tensional: revisão integrativa. **BrJP**, v. 4, p. 374-378, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brjp/a/6xj9BhCvKx3q6J4Vxr7zSdF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2024.

SOUSA, Fátima Faleiros et al. Escala Multidimensional de Avaliação de Dor (EMADOR) Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol. 18, núm. 1, febrero, 2010, pp. 1-9 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 1-9, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421931002>. Acesso em: 10 set. 2024.

SOUSA-MUÑOZ, Rilva Lopes de et al. Prevalência de dor e adequação da terapêutica analgésica em pacientes internados em um hospital universitário. **Medicina (Ribeirão Preto)**, p. 539-548, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/114913/112625>. Acesso em: 10 set. 2024.

ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA NO MANEJO DA REAÇÃO EXTRAPIRAMIDAL INDUZIDA PELO ANTIEMÉTICO METOCLOPRAMIDA

Maria Eduarda de Camargo Hilário¹

Elaine Ferreira - UGV²

Rafael Candido Ferreira - UGV³

RESUMO: A metoclopramida, amplamente utilizada como antiemético por sua ação como antagonista dos receptores de dopamina, aumenta a motilidade gastrointestinal, mas está associada a importantes reações adversas, como reações extrapiramidais, sedação, distúrbios motores, alterações cognitivas, efeitos endócrinos e síndrome neuroléptica maligna. Esses eventos ressaltam a necessidade de um manejo farmacêutico adequado, que envolva o reconhecimento precoce das reações, a avaliação de riscos individuais e a orientação dos pacientes para minimizar complicações. A pesquisa tem como objetivo estudar a relação entre o uso da metoclopramida e suas reações adversas, além de avaliar o papel do farmacêutico na assistência clínica em casos de reações extrapiramidais induzidas pelo fármaco, por meio de um levantamento de dados nos municípios de União da Vitória – PR e Porto União – SC. A pesquisa é qualitativa, quantitativa e exploratória, com coleta de dados entre outubro e novembro de 2024, envolvendo 10 farmacêuticos. Os resultados mostraram que 50% dos farmacêuticos tinham atuação inferior a um ano, e a maioria atuava em áreas hospitalares, de farmácia clínica e dispensação. Os sintomas mais reconhecidos foram movimentos involuntários (100%), seguidos por movimentos lentos (30%) e dificuldades de concentração (20%). Fatores agravantes mencionados incluíram o uso excessivo do medicamento e interações medicamentosas. O estudo reforça a importância de protocolos claros para identificar reações adversas e realizar o manejo adequado.

Palavras-chave: Metoclopramida. Reação extrapiramidal. Assistência farmacêutica.

ABSTRACT: Metoclopramide, widely used as an antiemetic due to its action as a dopamine receptor antagonist, increases gastrointestinal motility, but is associated with important adverse reactions, such as extrapyramidal reactions, sedation, motor disturbances, cognitive alterations, endocrine effects and neuroleptic malignant syndrome. These events highlight the need for proper pharmaceutical management, which involves early recognition of reactions, individual risk assessment and patient guidance to minimize complications. The aim of this research is to study the relationship between the use of metoclopramide and its adverse reactions, as well as to assess the role of pharmacists in clinical care in cases of extrapyramidal reactions induced by the drug, through a survey of data in the municipalities of União da Vitória - PR and Porto União - SC. The research is qualitative, quantitative and exploratory, with data collected between October and November 2024, involving 10 pharmacists. The results showed that 50% of the pharmacists had been working for less than a year, and the majority worked in hospitals, clinical pharmacy and dispensing. The most recognized symptoms were involuntary movements (100%), followed by slow movements (30%) and concentration difficulties (20%). Aggravating factors mentioned included overuse of the drug and drug interactions. The study reinforces the importance of clear protocols for identifying adverse reactions.

Keywords: Metoclopramide. Extrapyrimal reaction. Pharmaceutical assistance.

¹ E-mail: far-mariahilario@ugv.edu.br. Bacharel em Farmácia pela Ugv – Centro Universitário, União da Vitória – Paraná.

² E-mail: prof_elaineferreira@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – Ugv. Farmacêutica. Mestra em Ciências Farmacêuticas UEPG-PR.

³ E-mail: prof_rafaelcandido@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – Ugv. Químico. Mestre em Química pela FURB – SC.

1 INTRODUÇÃO

A êmese ocorre basicamente pelo ato do organismo se livrar de substâncias que agredem as células enterocromafins presentes no revestimento do trato gastrointestinal. O ato de vomitar é administrado pela central de vômito (emético), localizada na medula, onde existe um entrelaçado de vias neurais, as quais conectam sinais oriundos de outros locais, como por exemplo, a zona de gatilho quimiorreceptora (ZGQ), localizada no bulbo, e recebe estímulos vindos do trato gastrointestinal. Substâncias químicas tóxicas na corrente sanguínea também podem ser diretamente detectadas pela ZGQ, como os quimioterápicos, uma vez que, a barreira hematoencefálica é relativamente permeável nessa área. Logo, a ZGQ é o principal local de ação de diversos fármacos antieméticos (Ritter *et al.*, 2020).

A neurobiologia das náuseas é bem menos compreendida. As náuseas e a êmese podem ocorrer juntas ou separadamente e podem servir para diferentes funções fisiológicas (Andrews e Horn, 2006).

Conforme Ritter *et al.* (2020), entre as classes dos antieméticos, subdividem-se em antagonistas de receptores de histamina H1, receptores muscarínicos, receptores de serotonina 5HT3, receptores de dopamina e neurocinina NK1, que são clinicamente úteis. Sendo a metoclopramida, um antagonista de dopamina, que aumenta a motilidade do esôfago, do estômago e do intestino.

De acordo com Katzung e Vanderah (2023), a metoclopramida, por bloquear os receptores de dopamina, interfere em outras regiões do sistema nervoso central, causando alguns efeitos como a reação extrapiramidal, que consiste em distúrbios do movimento.

Além desses distúrbios, o bloqueio da dopamina pode levar a uma série de outros efeitos adversos como acatisia, distonia, parkinsonismo, sedação que afeta a vigilância e capacidade cognitiva, efeitos endócrinos como o aumento dos níveis de prolactina. Em casos raros, a síndrome neuroléptica maligna, caracterizada por rigidez muscular extrema, febre, instabilidade autonômica e alteração do estado mental. E apesar de ser usada para tratar problemas gastrointestinais (como náuseas e vômitos), a metoclopramida pode, em alguns casos, causar efeitos colaterais como cólicas, diarreia ou constipação (Martins, 2017).

O conceito de sistema extrapiramidal foi desenvolvido por Johann Prus em 1898, logo, o termo passou a ser frequentemente utilizado para distinguir os efeitos

clínicos (Lee e Muzio, 2023). O diagnóstico diferencial da síndrome extrapiramidal é complexo e muitas vezes não realizado ou realizado de maneira equivocada pelos próprios profissionais de saúde (Redondo *et al.*, 2015).

O estudo das reações adversas e intoxicações associadas ao uso de medicamentos é crucial para identificar grupos de pessoas com maior risco de apresentar esses eventos. Além disso, permite compreender as interações medicamentosas e as condições mais propensas a desencadeá-las. Com base nessas informações, é possível adotar medidas preventivas para evitar o surgimento de manifestações clínicas indesejadas causadas por medicamentos.

Portanto, a presente pesquisa objetiva o estudo dos efeitos adversos provenientes do uso da metoclopramida, com ênfase na reação extrapiramidal, para fins de condução adequada dos profissionais farmacêuticos, enfatizando o auxílio efetivo de seus pacientes.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é de cunho qualitativo, quantitativo e exploratório. A população amostral foi composta por farmacêuticos atuantes em diferentes áreas nos municípios de Porto União – SC e União da Vitória – PR. Como critério de inclusão, foram selecionados farmacêuticos que dispensam o medicamento metoclopramida, seja comercial ou manipulado, e aqueles que atuam diretamente com pacientes, considerando a identificação de sintomas extrapiramidais.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas, abordando as reações extrapiramidais associadas ao uso da metoclopramida e possíveis orientações solicitadas pelos pacientes. O questionário foi disponibilizado on-line via Google Forms®. A pesquisa foi aprovada pelo Núcleo de Ética e Bioética da UGV – Centro Universitário, sob protocolo nº 2024/130. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo baseou-se na realização de uma pesquisa com farmacêuticos de diferentes áreas de atuação. A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2024, após a aprovação de todos os documentos de autorização. Com isso, deu-se início à aplicação do questionário, cujas questões foram direcionadas à assistência farmacêutica.

Durante o período de coleta, participaram da pesquisa 10 farmacêuticos (N=10), residentes nos municípios de União da Vitória - PR e Porto União - SC. Os participantes foram questionados sobre sua faixa etária, e os resultados demonstraram que a maior parte (60%) estava na faixa de 20 a 29 anos, representando 6 indivíduos e constituindo o público-alvo de menor idade. Na faixa de 30 a 39 anos, houve 3 participantes (30%), enquanto apenas 1 participante (10%) estava na faixa de 40 a 49 anos. Não houve participantes acima de 50 anos.

Os entrevistados também foram questionados sobre seu tempo de atuação como farmacêuticos. Observou-se que a predominância foi de profissionais com menor tempo de experiência, com 5 participantes (50%) atuando há menos de 1 ano. Já 3 participantes (30%) relataram tempo de atuação superior a 8 anos, enquanto 2 (20%) tinham entre 1 ano e 2 anos e 11 meses de experiência.

Esse dado sugere que a amostra foi composta, em grande parte, por farmacêuticos em início de carreira. Esse fenômeno pode ser explicado por diferentes fatores, como a crescente inserção de recém-formados no mercado de trabalho, o aumento da demanda por profissionais nas diversas áreas da farmácia e a expansão das oportunidades de atuação tanto no setor público quanto no privado.

Por outro lado, 30% dos entrevistados atuam há mais de 8 anos, um percentual que, embora menor, reflete uma experiência consolidada e uma atuação de longo prazo no campo da farmácia. Conforme Pereira (2008), esse grupo de farmacêuticos provavelmente possui uma visão mais aprofundada sobre os desafios e avanços da profissão, contribuindo para uma perspectiva histórica sobre a evolução das práticas farmacêuticas, incluindo a integração da farmácia clínica, a ampliação da assistência farmacêutica e a melhoria dos processos de gestão nas farmácias hospitalares e comunitárias.

Essa diversidade de tempos de atuação na amostra sugere uma ampla gama de perspectivas, desde a visão de farmacêuticos iniciantes até a de profissionais mais experientes. Essa coexistência enriquece as conclusões sobre o tema abordado e pode evidenciar as diferentes necessidades de capacitação dentro da profissão farmacêutica. Nesse contexto, programas de treinamento contínuo e de integração entre farmacêuticos recém-formados e veteranos podem ser fundamentais para otimizar e melhorar a qualidade da assistência farmacêutica.

Quanto às áreas de atuação dos entrevistados, as mais representativas são Hospitalares, Assistência Farmacêutica/Farmácia Clínica (AF/Clínica) e Dispensação,

que juntas somam 70% da amostra. Há também representações nas áreas de Saúde Pública, Estética e Farmácia Magistral, com 10% de participação em cada uma. Embora essas áreas apresentem menor participação, elas refletem a diversidade de campos de atuação do farmacêutico, como a manipulação de medicamentos personalizados e a contribuição para políticas de saúde pública, campanhas preventivas e cuidados estéticos.

Ao questionar os farmacêuticos participantes sobre seu conhecimento a respeito das reações extrapiramidais (REPs), todos afirmaram ter consciência do que se trata. Esse resultado é relevante, pois indica que, mesmo diante das dificuldades do exercício diário da profissão, os farmacêuticos demonstram familiaridade com efeitos adversos graves, como as reações extrapiramidais, frequentemente associadas ao uso da metoclopramida.

Quando questionados sobre os principais sintomas das REPs, os participantes puderam selecionar mais de uma opção. A análise das respostas revelou que a maioria identificou, como sintomas principais, movimentos involuntários, como tremores, espasmos musculares e inquietude, totalizando 10 menções (100%). Esse achado está em consonância com a literatura, que indica tais manifestações como as mais frequentemente associadas ao uso de metoclopramida.

Movimentos lentos foram relatados em 3 respostas (30%), indicando que os farmacêuticos reconhecem manifestações como bradicinesia nas reações extrapiramidais, sugerindo condições mais graves. Alterações no sono foram mencionadas por 1 farmacêutico (10%) como possível manifestação. A dificuldade de concentração foi apontada em 2 respostas (20%), embora não seja classicamente associada às REPs, refletindo a percepção dos profissionais sobre sintomas relacionados ou o impacto funcional das REPs na qualidade de vida do paciente.

Com base nesses dados, os farmacêuticos devem estar cientes das reações extrapiramidais e ser capazes de orientar os pacientes e colaborar com a equipe de saúde para minimizar os danos. Isso inclui ajustar dosagens, monitorar sintomas e, quando necessário, substituir medicamentos por alternativas com menor risco. A intervenção precoce pode evitar o agravamento dos sintomas e a hospitalização (Nunes *et al.*, 2020).

Quando questionados sobre a experiência com pacientes que relataram sintomas extrapiramidais, 60% dos farmacêuticos afirmaram ter tido contato com esses casos, enquanto 40% não vivenciaram essa situação. Esses dados indicam que

as reações extrapiramidais associadas à metoclopramida são relativamente comuns, visto que mais da metade dos profissionais já lidaram com tais relatos. O elevado reconhecimento destaca a importância do papel do farmacêutico na identificação precoce e manejo das reações adversas. Como enfatizado por Alves *et al.* (2010), os farmacêuticos têm um papel essencial na orientação sobre o uso seguro de medicamentos, avaliando riscos, benefícios e comunicando efeitos colaterais aos pacientes e prescritores.

A análise das respostas dos farmacêuticos que já ampararam pacientes com sintomas de reações extrapiramidais associadas ao uso de metoclopramida (Plasil®) revelou fatores agravantes relevantes. Dos 10 participantes, 5 responderam à questão, com distribuição homogênea entre os seguintes fatores: idosos (10%), uso excessivo ou prolongado do medicamento (10%), interações medicamentosas (10%), adultos (10%) e modo de uso inadequado (10%). Nenhum farmacêutico relatou casos envolvendo crianças ou gestantes.

Os dados reforçam que, apesar de as reações extrapiramidais serem frequentemente associadas a idosos, esses efeitos também afetam adultos, destacando a importância da orientação farmacêutica para prevenir riscos. A ausência de relatos envolvendo crianças ou gestantes pode ser explicada pela prescrição mais cautelosa nesses grupos, uma vez que a metoclopramida é contraindicada ou usada com restrição. Esse comportamento preventivo evidencia a eficácia das diretrizes clínicas e do trabalho dos profissionais de saúde na minimização de riscos.

Quanto à origem do uso da metoclopramida, 50% dos casos foram a partir de prescrição médica, 10% por automedicação, 30% não souberam informar, e 10% indicaram que nunca haviam observado seu uso. Não houve casos em que o medicamento foi recomendado diretamente por farmacêuticos.

A automedicação, relatada por 10% dos casos, é um dado preocupante, pois reflete o uso inadequado e irresponsável da metoclopramida, aumentando o risco de reações adversas, especialmente em populações mais suscetíveis. Enquanto, a ausência de recomendações feitas por farmacêuticos destaca a responsabilidade desses profissionais em respeitar as limitações legais, mas também reforça a necessidade de ampliar sua atuação na educação da população para prevenir a automedicação e promover o uso seguro do medicamento.

Em relação à frequência das reações extrapiramidais e a identificação de um público específico, houve uma percepção mista entre os participantes. Um

farmacêutico (10%) relatou já ter presenciado tais reações, embora com dificuldade em quantificá-las, e mencionou ter experimentado sintomas ao usar o medicamento EV. Quanto ao público mais suscetível, 20% dos farmacêuticos apontaram que crianças e idosos são os grupos mais vulneráveis, o que está alinhado com a literatura.

Além disso, 10% acreditam que as reações ocorrem com mais frequência em pacientes que utilizam outras classes de medicamentos que influenciam esses efeitos, e 10% mencionaram que a metoclopramida não é mais amplamente utilizada nas farmácias, devido à prescrição crescente de alternativas com menos efeitos adversos.

A falta de prescrição generalizada pode reduzir a incidência de reações adversas, mas não elimina o risco, especialmente em pacientes que ainda utilizam o fármaco. Além disso, 10% dos farmacêuticos afirmaram que a situação afeta todos os públicos, enquanto 40% relataram nunca ter presenciado ou não souberam dizer.

Foi questionado sobre a substituição da metoclopramida por outras opções terapêuticas, uma prática comum em farmácias comerciais, geralmente alinhada com o prescritor. Os farmacêuticos indicaram a ondansetrona como a alternativa mais frequente, destacando sua segurança e eficácia clínica. A preferência por ondansetrona é justificável, pois, sendo um antagonista 5-HT₃, tem uma ação eficaz no controle de náuseas e vômitos, com menor risco de reações extrapiramidais quando comparado à metoclopramida. Essa escolha reflete a busca por alternativas com menores efeitos adversos (Cadete, 2018).

Além da ondansetrona, alternativas terapêuticas mencionadas incluem bromoprida e dimenidrinato (Dramin®), que são antieméticos com perfis de segurança mais favoráveis, especialmente em relação a efeitos extrapiramidais. A bromoprida, por exemplo, é amplamente utilizada devido ao seu efeito procinético e antiemético com menor incidência de reações adversas graves. O dimenidrinato também é uma opção conhecida, particularmente eficaz no controle de náuseas e vômitos, com menor risco de efeitos extrapiramidais, especialmente quando usado em doses controladas (Ribeiro e Santos, 2019).

Os farmacêuticos destacaram fatores importantes para avaliar em pacientes que utilizam metoclopramida. A idade (20%) foi um aspecto citado, com atenção especial a crianças e idosos. Comorbidades (30%), como doenças neurológicas e condições de saúde mental, também foram mencionadas. Além disso, 20% das respostas indicaram preocupação com as interações medicamentosas.

Adicionalmente, foi ressaltada a importância de avaliar contraindicações gerais e o histórico de uso do medicamento (20%), assim como condições específicas, como ansiedade e sintomas extrapiramidais já manifestados (10%). Esses fatores reforçam a necessidade de uma abordagem clínica detalhada e multidisciplinar para minimizar riscos e promover a segurança no uso da metoclopramida.

As recomendações dos farmacêuticos para o uso seguro da metoclopramida destacam a importância de ajustar a dose conforme idade e peso do paciente (20%) e respeitar a dose máxima diária de 30 mg e os intervalos entre administrações (20%). Também enfatizam a orientação sobre os riscos de efeitos colaterais, especialmente em crianças e idosos, e a monitoração de sintomas adversos (30%). Além disso, 30% dos farmacêuticos recomendaram que pacientes relatem imediatamente qualquer sinal de reação extrapiramidal, destacando a importância do acompanhamento contínuo. A identificação de alergias e a adesão à posologia correta também foram ressaltadas como essenciais para a segurança do tratamento.

Os farmacêuticos foram questionados sobre sua familiaridade com protocolos de emergência para crises extrapiramidais. Os dados revelam que 80% não estão habituados a esses protocolos, 20% responderam "talvez", e nenhum afirmou estar plenamente familiarizado. Essa lacuna de conhecimento destaca a necessidade de fortalecer a formação e capacitação dos profissionais para intervenções rápidas e eficazes.

As reações extrapiramidais (REPs) são emergências clínicas que exigem manejo imediato, geralmente com anticolinérgicos (ex.: biperideno) ou benzodiazepínicos, conforme indicado por estudos recentes. A falta de preparo adequado pode comprometer a segurança do paciente, agravando os sintomas (Van Der Padt; Van Schaik; Sonneveld, 2006). A implementação de protocolos de emergência é crucial para garantir que os profissionais saibam identificar e tratar precocemente essas reações, sendo a falta de familiaridade atribuída à baixa incidência ou à falta de treinamento específico.

A notificação espontânea (NE) é um dos principais métodos de farmacovigilância (FV), sendo realizada por profissionais de saúde envolvidos na prescrição, dispensação e administração de medicamentos. Esse sistema é crucial para identificar reações adversas a medicamentos (RAM) raras e inesperadas, alertando os órgãos reguladores. No entanto, um grande desafio é a dificuldade dos profissionais em reconhecer as RAM e a falta de hábito em incluir a NE em sua rotina.

Estima-se que apenas 6% das RAM sejam notificadas (Modesto, 2016). As razões para a subnotificação incluem falta de conhecimento sobre o que constitui uma RAM, ausência de conscientização sobre sua importância e o receio de punições.

Estudos mostram que muitos profissionais não participam dos programas de farmacovigilância (FV) porque acreditam que os medicamentos, após amplos testes clínicos e pré-clínicos, são totalmente seguros. Além disso, muitos desconhecem os sistemas de notificação de reações adversas (Khalili, 2012).

Embora a farmacovigilância seja consolidada em países desenvolvidos, na América Latina, incluindo o Brasil, ainda é incipiente. No Brasil, a notificação de reações adversas a medicamentos (RAM) e eventos adversos (EA) tornou-se obrigatória após a publicação da portaria que instituiu o Programa Nacional de Segurança do Paciente - PNSP (Brasil, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação continuada e programas de capacitação, com ênfase no manejo de reações adversas graves, devem ser incorporados aos currículos acadêmicos as práticas institucionais e acesso a informações clínicas atualizadas. Além disso, promover iniciativas interdisciplinares pode melhorar a integração entre farmacêuticos, médicos e outros profissionais de saúde, garantindo uma abordagem mais eficaz no manejo dessas situações críticas. Esses dados ressaltam a necessidade de maior preparo dos farmacêuticos com treinamentos e cursos específicos sobre farmacovigilância para lidar com crises extrapiramidais, assegurando uma resposta rápida, segura e conforme as boas práticas de cuidado ao paciente.

Embora os farmacêuticos possuam um bom entendimento dos principais sintomas motores das reações extrapiramidais, a inclusão de uma abordagem educacional contínua é crucial para garantir maior precisão no reconhecimento e manejo dessas reações, especialmente em intervenções medicamentosas.

A Portaria nº 529, de 2013, que instituiu o Programa Nacional de Segurança do Paciente (PNSP), reforça a necessidade de incentivar a notificação de reações adversas como parte da formação de profissionais comprometidos com a segurança do paciente.

Para garantir que os farmacêuticos lidem de forma eficaz com reações extrapiramidais, é essencial estabelecer protocolos claros que envolvam a

identificação precoce dos sintomas, a notificação de eventos adversos no sistema de farmacovigilância (como o Notivisa), e o manejo adequado, incluindo ajuste de dose, substituição do medicamento ou introdução de antiparkinsonianos.

Além disso, o desenvolvimento de Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) para padronizar as práticas, a disponibilização de protocolos *online* acessíveis e o uso de ferramentas de comunicação interprofissional, como prontuários eletrônicos, são essenciais para melhorar a resposta a esses eventos. A implementação dessas ações visa não só a identificação e tratamento adequado das reações extrapiramidais, mas também a criação de uma cultura de segurança no ambiente de saúde, garantindo uma abordagem mais eficaz e integrada no cuidado ao paciente.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos; CRAVEIRO, Nuno; MARQUES, Francisco Batel. **O papel do farmacêutico na farmacovigilância**. Boletim do CIM. Lisboa (set/dez, 2010). Ordem dos Farmacêuticos, n. ROF, v. 95, p. 12, 2010.

ANDREWS, Paul LR; HORN, Charles C. **Signals for nausea and emesis: Implications for models of upper gastrointestinal diseases**. Autonomic Neuroscience, v. 125, n. 1-2, p. 100-115, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 529, de 1 de abril de 2013. **Institui o programa nacional de segurança do paciente**. Diário Oficial da União. Brasília, 2 abr. 2013; Seção 1, p. 43.

CADETE, Alexandra. **A importância da partilha da informação clínica: o relato de caso de uma reação adversa**. Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, v. 34, n. 4, p. 247-9, 2018.

KATZUNG, Bertram G.; VANDERAH, Todd W. **Farmacologia básica e clínica**. Porto Alegre: Grupo A, 2023. E-book. ISBN 9786558040194. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040194/>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

KHALILI, Hossein et al. **Improvement of knowledge, attitude, and perception of healthcare workers about ADR, a pre-and post-clinical pharmacists' interventional study**. BMJ open, v. 2, n. 1, p. e000367, 2012.

LEE, Jane; MUZIO, Maria Rosaria. **Neuroanatomy, extrapyramidal system**. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32119429/>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

MARTINS, Milton de Arruda. **Manual de Residência de Clínica Médica**. 2º ed. Manole, 2017. E-book. Disponível em: <<https://www.meulivro.biz/medicina/clinica-medica/1272/manual-do-residente-de-clinica-medica-martins-2-ed-pdf/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2024.

MODESTO, Ana Carolina Figueiredo et al. **Reações adversas a medicamentos e farmacovigilância: conhecimentos e condutas de profissionais de saúde de um hospital da rede sentinela.** Revista Brasileira de Educação Médica, v. 40, p. 401-410, 2016.

NUNES, R. R.; PEREIRA, A. M.; OLIVEIRA, D. B. **A contribuição do farmacêutico na redução dos efeitos adversos em pacientes polimedicados.** Revista de Saúde Pública, v. 54, p. 68-74, 2020.

PEREIRA, Leonardo Régis Leira; FREITAS, Osvaldo de. **A evolução da Atenção Farmacêutica e a perspectiva para o Brasil.** Revista brasileira de ciências farmacêuticas, v. 44, p. 601-612, 2008.

REDONDO, Iván Caverro et al. **Risk of extrapyramidal side effects comparing continuous vs. bolus intravenous metoclopramide administration: a systematic review and meta-analysis of randomised controlled trials.** Journal of Clinical Nursing, v. 24, n. 23-24, p. 3638-3646, 2015.

RIBEIRO, M. A.; SANTOS, L. R. **Reações extrapiramidais induzidas por medicamentos em populações vulneráveis.** Arquivos de Neuropsiquiatria, v. 77, n. 2, p. 123-129, 2019.

RITTER, James M. Rang & Dale **Farmacologia.** Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2020. E-book. ISBN 9788595157255. Disponível em:
<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595157255/>>. Acesso em: 18 mai. 2023.

VAN DER PADT, A.; VAN SCHAIK, Ron; SONNEVELD, Pieter. **Acute dystonic reaction to metoclopramide in patients carrying homozygous cytochrome P450 2D6 genetic polymorphisms.** The Netherlands journal of medicine, 2006.

AVALIAÇÃO DA SIMETRIA POSTURAL E TRANSFERÊNCIA DE PESO EM IDOSA PÓS-AVC: ESTUDO DE CASO

Isabely Skodoski Ferraz Chule¹
Laura Biella²

RESUMO: O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é caracterizado pela interrupção do fluxo sanguíneo em uma região do cérebro, podendo ser decorrente de um bloqueio (AVC isquêmico) ou da ruptura de um vaso sanguíneo (AVC hemorrágico). Esse comprometimento no fornecimento de oxigênio e nutrientes às células cerebrais ocasiona danos nas funções motoras, sensoriais ou cognitivas, variando conforme a área afetada. Objetivos: Avaliar a eficácia da fisioterapia na reabilitação postural de uma paciente pós-AVC, com ênfase na Síndrome de Pusher e nas alterações posturais. A pesquisa visa, por meio da aplicação da Escala de Avaliação da Simetria e Transferência de Peso (ASTP), aprimorar o controle na transferência de peso e o equilíbrio postural. Metodologia: Estudo de caso de natureza quantitativa e descritiva, realizado com uma paciente de 83 anos, submetida a sessões de fisioterapia durante um período de dois meses. Resultados: Observou-se uma melhora no controle da transferência de peso e no equilíbrio postural, destacando-se o aumento da simetria na transferência lateral de peso e na coordenação da marcha. No entanto, a paciente ainda necessita de auxílio para a execução de atividades cotidianas.

Palavras-chave: Acidente Vascular Cerebral; Fisioterapia; Síndrome de Pusher; Reabilitação.

ABSTRACT: Stroke is characterized by the interruption of blood flow in a region of the brain, which may be due to a blockage (ischemic stroke) or rupture of a blood vessel (hemorrhagic stroke). This impairment in the supply of oxygen and nutrients to brain cells causes damage to motor, sensory or cognitive functions, varying according to the affected area. Objectives: To evaluate the effectiveness of physical therapy in the postural rehabilitation of a post-stroke patient, with emphasis on Pusher Syndrome and postural changes. The research aims, through the application of the Symmetry Assessment and Weight Transfer Scale (ASTP), to improve control in weight transfer and postural balance. Methodology: Quantitative and descriptive case study, carried out with an 83-year-old patient, submitted to physical therapy sessions for a period of two months. Results: An improvement in weight transfer control and postural balance was observed, with emphasis on increased symmetry in lateral weight transfer and gait coordination. However, the patient still requires assistance to perform daily activities.

Keywords: Stroke; Physiotherapy; Pusher Syndrome; Rehabilitation.

1 INTRODUÇÃO

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é uma interrupção súbita do fluxo sanguíneo no cérebro, podendo ser causado por bloqueios, estreitamentos ou rupturas nos vasos que irrigam essa área. Essa condição se divide em dois tipos: o isquêmico, que resulta de um bloqueio, e o hemorrágico, que decorre da ruptura de um vaso sanguíneo (Oliveira; Andrade, 2001). A gravidade dessa patologia é evidenciada por estimativas que apontam cerca de 795.000 novos casos anualmente,

¹ Acadêmica do curso de Fisioterapia - Ugv Centro Universitário. fis-isabelyerraz@ugv.edu.br

² Supervisora do estágio de Gerontologia- Ugv Centro Universitário. prof_laurabiella@ugv.edu.br

com 87% das ocorrências na forma isquêmica, 10% apresentando hemorragia intracerebral e 3% com hemorragia subaracnóidea (Pedreira, 2024).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa condição se manifesta de maneira abrupta, levando a distúrbios focais da função cerebral, cujos sintomas podem persistir por 24 horas ou mais e têm origem vascular. As alterações podem afetar os domínios sensoriais, motores e cognitivos, variando conforme a extensão da lesão (Pompermaier *et al.*, 2020). Entre os sinais comuns, destacam-se fraqueza ou formigamento em um lado do corpo, confusão mental, alterações na fala e na compreensão, distúrbios visuais e dificuldades de locomoção, além de tontura e cefaleia intensa sem causa aparente (Moita *et al.*, 2021).

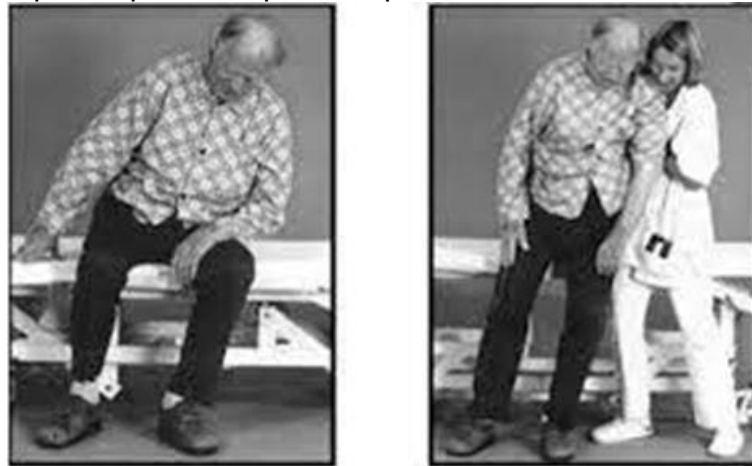
Após a ocorrência de um AVC, muitos sobreviventes conseguem recuperar parte de sua função motora e funcional, mas frequentemente enfrentam sequelas crônicas que apresentam complexidade e heterogeneidade. Essas sequelas incluem alterações físicas, especialmente relacionadas à postura e assimetrias corporais (Almeida, 2012). O comprometimento de um hemicorpo, manifestando-se como hemiparesia ou hemiplegia, é a situação mais comum observada em pacientes que passaram por esse evento (Magalhães, 2024). Esse comprometimento é frequentemente associado a alterações no tônus muscular, como a espasticidade, que limita significativamente a execução de movimentos (Pontes *et al.*, 2000).

Além disso, são observadas disfunções que afetam a coordenação motora, o equilíbrio e a sinergia de movimentos, bem como distúrbios do campo visual e déficits perceptivos, cognitivos, comportamentais e de linguagem (Reis *et al.*, 2022). Os déficits perceptuais, resultantes de lesões no lobo parietal do hemisfério não dominante, podem se manifestar como distorções visuoespaciais, problemas na imagem corporal e negligência unilateral (Salmela *et al.*, 2000). Em indivíduos que se recuperaram de um AVC, os comprometimentos sensoriais e motores, junto a perdas visuais, contribuem para uma disfunção perceptiva global, aumentando o risco de autolesões e acidentes, devido à dificuldade em perceber e responder a estímulos ambientais. A propriocepção também pode ser afetada, resultando em uma percepção distorcida da posição do corpo e dos membros, impactando negativamente a execução de movimentos coordenados (Pinto *et al.*, 2013).

Uma condição que pode se manifestar após um AVC é a Síndrome de Pusher, caracterizada por uma alteração na percepção postural. Nessa situação, os pacientes tendem a inclinar-se em direção ao lado afetado, desafiando a gravidade e resistindo

ao alinhamento vertical (figura 01) (Góis *et al.*, 2011). Essa síndrome está relacionada à disfunção do sistema vestibular e à percepção corporal, exacerbando as dificuldades motoras e posturais já presentes em indivíduos com hemiparesia ou hemiplegia (Pontelli *et al.*, 2005). Consequentemente, a condição pode interferir na capacidade do paciente de reconhecer seu próprio centro de gravidade, resultando em desequilíbrio e dificultando atividades cotidianas (Furtado *et al.*, 2024).

Figura 01: Exemplo de postura típica em paciente com Síndrome de Pusher



Fonte: nuerofunção.com.br, 2024

A atuação da fisioterapia é importante na reabilitação de pacientes que sofreram um AVC, com o objetivo de restaurar a função motora e melhorar a qualidade de vida. Os fisioterapeutas adotam uma abordagem individualizada, incluindo exercícios de fortalecimento, mobilidade, treino de marcha e técnicas para melhorar a coordenação e o equilíbrio (Ferla; Grave; Perico, 2015). Além disso, o tratamento pode englobar abordagens específicas para manejar a Síndrome de Pusher e as alterações posturais, utilizando descarga de peso, dissociação de cinturas e estímulos visuais, táteis e somatossensoriais, além de exercícios voltados para a propriocepção (Bernardes, 2017).

A Avaliação da Simetria e Transferência de Peso (ASTP) é uma ferramenta utilizada na análise postural e motora de pacientes pós-AVC, permitindo o monitoramento da recuperação, a identificação de áreas críticas e o ajuste do tratamento. Em casos de sequelas como hemiparesia e Síndrome de Pusher, a ASTP oferece uma abordagem individualizada, focada na melhora da postura e na correção de padrões de movimento disfuncionais (Trindade *et al.*, 2010).

Este estudo visa analisar as implicações do AVC e suas sequelas em uma paciente, com foco na avaliação e no manejo das condições associadas, como a Síndrome de Pusher e as alterações posturais. Através da aplicação da ASTP, busca-se aprimorar as estratégias de reabilitação, promovendo uma recuperação mais eficiente e, conseqüentemente, melhorando a qualidade de vida da paciente.

2 MÉTODO

Este estudo de caso classifica-se como uma pesquisa aplicada, de natureza quantitativa e descritiva, visando abordar questões práticas e coletar dados numéricos relacionados às alterações resultantes do acidente vascular cerebral.

A coleta de dados foi realizada em um estudo minucioso, envolvendo uma paciente do sexo feminino, identificada pelas iniciais T.K.D., de 83 anos, residente na cidade de União da Vitória, no estado do Paraná (PR). A paciente apresenta um quadro de acidente vascular cerebral no hemicorpo direito, resultando em hemiparesia no lado contralateral à lesão. Os sintomas observados incluem fraqueza e paralisia do lado afetado, problemas na coordenação motora e equilíbrio, déficits sensoriais, além de episódios de ansiedade e depressão. A história clínica da paciente também inclui bronquite asmática, hipertensão e dislipidemia. Os atendimentos foram conduzidos na Associação Beneficente Lar de Nazaré, localizada na BR 476, Rua São João Batista Piamarta, Bairro Ouro Verde, em União da Vitória, PR, sob a supervisão da professora Laura Biella, que monitorou o progresso e a eficácia das intervenções terapêuticas.

A coleta de dados inicial foi realizada em 24 de setembro de 2024, empregando uma ficha de avaliação fisioterapêutica gerontológica e a aplicação de testes específicos. As sessões de fisioterapia tiveram início na mesma data e foram concluídas em 22 de novembro de 2024. As informações pertinentes foram obtidas por meio de uma avaliação da paciente, acompanhada por um conjunto de perguntas direcionadas que visavam compreender o impacto do tratamento. Durante o período de reabilitação, foram realizadas duas sessões semanais de fisioterapia, com a possibilidade de atendimento adicional em casos de ausência de outros pacientes, assegurando assim um acompanhamento contínuo para avaliar o progresso e os efeitos das intervenções implementadas.

Em cada sessão, os sinais vitais da paciente eram aferidos inicialmente, garantindo uma avaliação precisa de seu estado clínico. A seguir, foram implementados exercícios específicos voltados para as sequelas do acidente vascular

cerebral. As intervenções começaram com alongamentos para aumentar a flexibilidade e a mobilidade do tronco, seguidos por atividades de fortalecimento dos membros superiores e inferiores, utilizando equipamentos como bolas, elásticos e faixas de resistência. Para melhorar o alinhamento corporal, foram realizados exercícios em posições sentada e em pé, além de atividades que envolviam transferências de peso e movimentos direcionados.

O equilíbrio foi aprimorado por meio de circuitos funcionais em superfícies irregulares e treinamento de marcha com obstáculos, o que elevou a complexidade das tarefas. Os exercícios de resistência foram direcionados à estabilidade do tronco e foram complementados por atividades aeróbicas no cicloergômetro, com o objetivo de melhorar a capacidade cardiovascular. Também foram incorporados exercícios de reorientação postural para promover a percepção do ambiente e do próprio corpo, bem como atividades funcionais que simulavam tarefas cotidianas.

A Escala de Avaliação da Simetria e Transferência de Peso (ASTP) foi utilizada como um instrumento central na avaliação funcional da paciente participante deste estudo. AASTP permite a análise da simetria corporal e a transferência de peso ativa do tronco e da pelve em diferentes situações, incluindo a transição de sentado para em pé e a marcha. A avaliação foi conduzida por meio da inspeção visual, seguindo critérios padronizados para determinar a capacidade da paciente em manter o equilíbrio e realizar movimentos de forma eficiente.

Complementando essa abordagem, também foi utilizada a Escala de Katz, um instrumento desenvolvido para avaliar a capacidade funcional e a independência nas atividades da vida diária. Esta escala mensura o nível de autonomia da paciente em seis áreas principais: banho, vestuário, higiene pessoal, controle de esfíncteres, mobilidade e alimentação. Cada atividade é classificada como independente ou dependente, e o escore total varia de 0 a 6, sendo que valores mais altos indicam um maior grau de autonomia.

3 RESULTADOS

Os dados obtidos por meio da aplicação da Escala de Avaliação da Simetria e Transferência de Peso (ASTP) pré-intervenção fisioterapêutica estão dispostos na figura 02, enquanto os resultados pós-intervenção são apresentados na figura 03.

Figura 02: Avaliação postural e funcional antes da intervenção

SENTADA:		
Aspecto Avaliado	Pontuação	Observações
Como permanece sentado	2	Fica sem apoio, mas somente por um tempo limitado, após esse período começa a cair para um dos lados e necessita de apoio para ficar na posição.
Postura do tronco	1	Permanece muito assimétrica, com desvio grave para o lado não afetado.
Transfere peso do tronco e pelve	2	Transfere pouco peso para os lados.
Transferência de peso lateral de tronco	2	Transfere peso, mas não o faz com a pelve, somente com o deslocamento da parte superior do tronco
Levantar-se da posição sentada para em pé	1	Levanta-se somente com ajuda, transferindo o peso exageradamente para o terapeuta.
EM PÉ:		
Aspecto Avaliado	Pontuação	Observações
Como permanece em pé	2	Fica somente com ajuda.
Postura de tronco	2	Permanece moderadamente assimétrico, com desvio menor que o exagerado para o lado não afetado.
Marcha	2	A cabeça e o tronco não atravessam a linha média. Não transfere o peso para o lado, com rápido apoio.

Fonte: A autora, 2024.

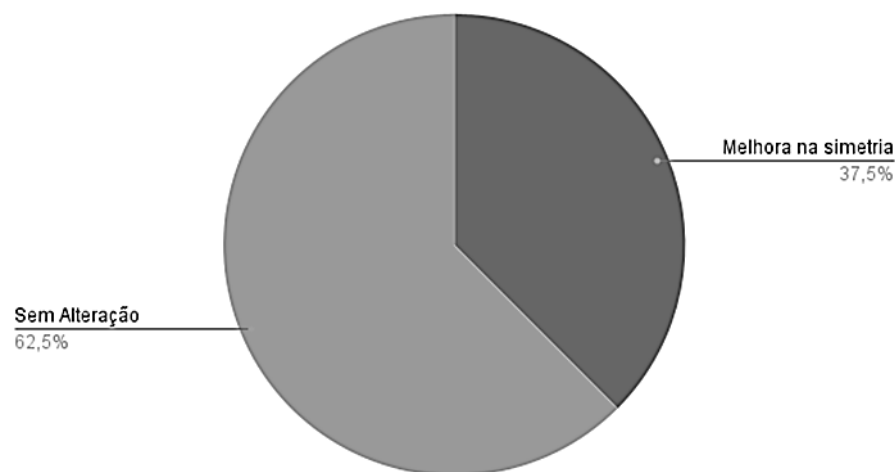
Figura 03: Avaliação postural e funcional após a intervenção

Item Avaliado	Pontuação Inicial	Pós-Tratamento	Melhora Observada
Sentado			
Como permanece sentado	2	2	Não houve alteração
Postura do tronco	1	1	Não houve alteração
Transferência de peso do tronco e pelve	2	3	Melhora do controle da transferência de peso para ambos os lados.
Transferência de peso lateral de tronco	2	3	Aumento da simetria na transferência lateral de peso
Levantar-se da posição sentada para em pé	1	1	Não houve alteração
Em Pé			
Como permanece em pé	2	2	Não houve alteração
Postura do tronco	2	2	Não houve alteração
Marcha	2	3	Melhora na coordenação e equilíbrio

Fonte: A autora, 2024

O gráfico a seguir (Figura 04) ilustra a distribuição dos resultados pós-intervenção, destacando as mudanças nas categorias avaliadas. A partir da comparação das pontuações iniciais e pós-tratamento, observa-se que 37,5% dos itens apresentaram melhora, enquanto 62,5% não sofreram alterações. A melhora foi observada em três aspectos específicos: transferência de peso do tronco e pelve, transferência de peso lateral de tronco, e marcha, com aumento de 2 para 3 nas respectivas pontuações. As demais categorias, como postura do tronco, como permanece sentado, e levantar-se da posição sentada para em pé, não demonstraram alteração no desempenho.

Figura 4: Resultado total pós-intervenção das categorias avaliadas:



Fonte: A autora, 2024

A Escala de Katz foi utilizada para avaliar a capacidade funcional da paciente nas atividades de vida diária (AVDs). Os resultados indicaram que a paciente apresenta incapacidade em três AVDs específicas: banho, uso do banheiro e transferência. Além disso, a paciente necessita de ajuda parcial nas atividades de vestir e continência. Por outro lado, a paciente demonstrou independência na atividade de alimentação.

4 DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo indicam avanço na recuperação funcional da paciente após a intervenção fisioterapêutica, evidenciado pelo aumento da pontuação na Escala de Avaliação da Simetria e Transferência de Peso (ASTP), além de melhorias no controle postural, equilíbrio e coordenação motora, particularmente durante a marcha. A pontuação da paciente subiu de 14 para 17 pontos na ASTP, o

que reflete progressos notáveis nas áreas de transferência de peso do tronco e da pelve, assim como uma maior simetria postural. Esses resultados corroboram os achados de Arrais, Lima e Silva (2016), que ressaltam a eficácia das abordagens fisioterapêuticas voltadas à reabilitação postural em pacientes pós-AVC. De acordo com Alves et al. (2023), o treinamento motor focado na reabilitação postural é fundamental para corrigir desequilíbrios posturais e fortalecer as habilidades motoras, fatores que impactam diretamente a qualidade de vida dos pacientes.

Embora os resultados indiquem uma recuperação positiva, é importante ressaltar que a paciente ainda requer assistência parcial em atividades diárias, como banho e transferências. Isso demonstra que, apesar dos avanços, a conquista da independência plena nas atividades de vida diária (AVDs) ainda está distante. Esses achados são consistentes com os resultados do estudo de Guerra *et al.* (2017), que frequentemente observam que a recuperação completa da função motora é um processo lento e gradual, especialmente em pacientes pós-AVC com hemiparesia ou hemiplegia. A idade avançada da paciente, com 83 anos, também pode ter influenciado sua capacidade de recuperação, já que estudos como o de Vasconcelos et al., (2021) indicam que a reabilitação em pacientes mais velhos pode ser mais desafiadora devido à diminuição da plasticidade neural e à presença de comorbidades associadas.

Outro ponto relevante é a eficácia da abordagem utilizada, que, ao focar na simetria postural e no controle da transferência de peso, apresentou resultados encorajadores. A literatura aponta que exercícios direcionados à correção postural podem ser eficazes para melhorar o equilíbrio e reduzir o risco de quedas em pacientes com AVC, como sugerido por Corradini et al., (2021). O aumento da simetria na transferência de peso lateral e o progresso na coordenação da marcha observados neste estudo corroboram esses achados. Isso sugere que intervenções fisioterapêuticas com ênfase na ativação dos músculos posturais podem ser importantes para o tratamento de sequelas motoras em pacientes pós-AVC, melhorando não apenas a postura, mas também a mobilidade funcional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso demonstrou os benefícios da intervenção fisioterapêutica na recuperação funcional de uma paciente pós-AVC, com melhorias no controle postural, transferência de peso e coordenação motora. Os avanços observados na

aplicação da Escala de Avaliação da Simetria e Transferência de Peso (ASTP) indicam ganhos no equilíbrio e na mobilidade, refletindo a eficácia da reabilitação postural, como evidenciado em outros estudos sobre a reabilitação de pacientes pós-AVC.

Embora os resultados sejam promissores, o estudo apresenta limitações, como o tamanho reduzido da amostra e a ausência de um grupo controle, o que impede a generalização dos achados. Futuros estudos com amostras maiores e grupos de controle são essenciais para validar os resultados e avaliar a eficácia das intervenções fisioterapêuticas em diferentes contextos e perfis de pacientes. A inclusão de seguimento a longo prazo também pode fornecer informações sobre a durabilidade dos efeitos da intervenção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sara Regina Meira. Análise epidemiológica do acidente vascular cerebral no Brasil. **Revista Neurociências**, v. 20, n. 4, p. 481-482, 2012. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/231c/78b0a3b53b318929e4722d3de4a62fad039b.pdf> Acesso em: 29 de out de 2024.

ARRAIS, Salomão Lustosa; LIMA, Aniclécio Mendes; SILVA, Thiago Gomes. Atuação dos profissionais fisioterapeutas na reabilitação do paciente vítima de acidente vascular encefálico. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 3, p. 179-184, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6772018> Acesso em: 06 de nov de 2024

BERNARDES, Paloma Araujo. A Intervenção Da Fisioterapia Na Síndrome De Pusher Em Pacientes Pós Acidente Vascular Encefálico. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/26598/1/PALOMA%20ARAUJO%20BERNARDES>. Acesso em: 29 de out de 2024

CORRADINI, Sandra et al. Controle postural e risco de quedas em pacientes com AVC agudo trombolisado. **Revista Neurociências**, v. 29, p. 1-34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/12143>. Acesso em: 06 de nov de 2024

DA SILVA ALVES, Sara Rebeca et al. EFEITOS DO TREINAMENTO COGNITIVOMOTOR DE DUPLA TAREFA NO TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO EM PACIENTES PÓS ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL–REVISÃO INTEGRATIVA. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 3081-3094, 2023. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/882>. Acesso em: 06 de nov de 2024

DA SILVA PONTES, Lucieny et al. Toxina botulínica tipo A em pacientes com hemiplegia e/ou hemiparesia espástica: uma abordagem fisioterapêutica. **Revista Neurociências**, v. 8, n. 3, p. 99-102, 2000. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8937> Acesso em: 29 de out de 2024

DE OLIVEIRA, Roberto de Magalhães Carneiro; DE ANDRADE, Luiz Augusto Franco. Acidente vascular cerebral. **Rev Bras Hipertens**, v. 8, p. 280-290, 2001. Disponível em: <http://departamentos.cardiol.br/dha/revista/8-3/acidente.pdf> Acesso em: 29 de out de 2024

DOS SANTOS REIS, Emanuel Roger et al. Terapia espelho baseada em realidade virtual após acidente vascular cerebral: revisão sistemática de ensaios randomizados. **Fisioterapia Brasil**, v. 23, n. 4, p. 603-617, 2022. Disponível em: <https://www.convergenceseditorial.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/5115> . Acesso em: 29 de out de 2024

FERLA, Fabíola Lindemann; GRAV, Magali; PERICO, Eduardo. Fisioterapia no tratamento do controle de tronco e equilíbrio de pacientes pós AVC. **Revista Neurociências**, v. 23, n. 2, p. 211-217, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Eduardo_Perico/publication/281255258. Acesso em: 29 de out de 2024

FURTADO, Matheus Batista et al. RECUPERAÇÃO PÓS-AVC: IMPACTO DA FISIOTERAPIA NA DVC COM SUSPEITA DE SÍNDROME DE PUSH. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 7, p. 815-830, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14816> Acesso em: 29 de out de 2024.

GÓIS, Caroline Micaela Santos et al. Avaliação do conhecimento dos fisioterapeutas neurofuncionais acerca da Síndrome de Pusher. **Revista Neurociências**, v. 19, n. 4, p. 595-601, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8325> Acesso em: 29 de out de 2024

GUERRA, Zaqueline Fernandes et al. Avaliação da capacidade funcional pós acidente vascular cerebral (AVC). **Rev Bras Ciênc Med Saúde**, v. 5, n. 5, p. 1-5, 2017. Disponível em: <http://rbcms.com.br/exportar-pdf/36/v5n5a01.pdf>. Acesso em: 06 de nov de 2024

MAGALHÃES, Diana Filipa Barbosa. **Impacto da reabilitação em indivíduos com hemiparesia/hemiplegia pós AVC**. 2024. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/30333> Acesso em: 29 de out de 2024

MOITA, Sued Magalhães et al. Reconhecimento dos sinais e sintomas e dos fatores de risco do acidente vascular cerebral por leigos: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, p. e587101019340-e587101019340, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19340> Acesso em: 29 de out de 2024

NEUROFUNÇÃO. **Síndrome de Pusher: Definição e Atuação Fisioterapêutica**. 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.neurofuncao.com.br/post/s%C3%ADndrome-de-pusher>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PEDREIRA, Yasmin Mendonça. Acidente vascular cerebral isquêmico e febre: uma revisão sistemática. 2024. Disponível em:
<https://repositorio.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/8269> Acesso em: 29 de out de 2024

PINTO, Aline Rodrigues et al. Processos comunicativos dos indivíduos com lesão do hemisfério direito. **Acta Fisiatr**, v. 20, n. 1, p. 8-13, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatr/article/download/103736/102211/0>. Acesso em: 29 de out de 2024.

POMPERMAIER, Charlene et al. Fatores de risco para o acidente vascular cerebral (AVC). **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê**, v. 5, p. e24365-e24365, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.unoesc.edu.br/apeux/article/view/24365/14300> Acesso em: 29 de out de 2024

PONTELLI, Taiza Elaine Grespan dos Santos et al. Controle postural na síndrome de Pusher: influência dos canais semicirculares laterais. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, v. 71, p. 448-452, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rboto/a/4sMpPsRTsXGDGD8jDrQQk4z/?lang=pt> Acesso em: 29 de out de 2024

TEIXEIRA-SALMELA, Luci Fuscaldi et al. Fortalecimento muscular e condicionamento físico em hemiplégicos. **Acta Fisiátrica**, v. 7, n. 3, p. 108-118, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/actafisiatr/article/view/102266> Acesso em: 29 de out de 2024.

TRINDADE, Ana Paula Nassif Tondato et al. Influência da simetria e transferência de peso nos aspectos motores após acidente vascular cerebral. *Revista Neurociências*, v. 19, n. 1, p. 61-67, 2011. Disponível em:
<https://www.academia.edu/download/96488014/5936.pdf>. Acesso em: 05 de nov de 2024

VASCONCELOS, Anna Carolina de Sena et al. Prevalência de fragilidade e fatores associados em idosos pós-acidente vascular cerebral. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, p. e200322, 2021. Disponível em:
https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Lb6yYnzOPWsJ:scholar.google.com/+reabilitacao+p%C3%B3s+avc+de+idosos+&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso em: 06 de nov de 2024.

CISTO PERIAPICAL INFECTADO EM REGIÃO DE PALATO: RELATO DE CASO.

Aline Martins Deringer Lourenço de Souza Gomes¹
Camila Machado Costa²

RESUMO: Os cistos inflamatórios são lesões usualmente indolores, revestidas por epitélio e preenchidas com conteúdo semifluido ou fluido. A literatura relata que 84% dos cistos que afetam a região de maxila são periapicais inflamatórios, onde o cuidado dessas lesões envolve tanto o tratamento endodôntico dos dentes envolvidos, quanto a biópsia da lesão e sua enucleação cirúrgica em casos de lesões de maior dimensão. O tratamento de um cisto periapical infectado na área do palato requer uma estratégia atenta e personalizada, levando em conta as características específicas da localização e a complexidade do caso. Isso pode incluir abordagens cirúrgicas, endodônticas, e farmacológicas, visando o manejo dessas condições raras e desafiadoras. Foi apresentado um caso sobre um cisto inflamatório infectado em região de pré-maxila no qual foi realizada enucleação cirúrgica com concomitante tratamento endodôntico dos dentes envolvidos. O presente estudo buscou enriquecer a compreensão sobre as condições dentárias relacionadas aos cistos inflamatórios. Concluiu-se que a descrição detalhada do caso é vital para estabelecer e aprimorar os métodos de tratamento dessas condições, assegurando que as intervenções terapêuticas sejam apropriadas e eficientes para casos semelhantes.

Palavras-chave: Enucleação; Cirurgia bucal; Cisto infectado.

Abstract: Inflammatory cysts are usually painless lesions, lined by epithelium and filled with semi-fluid or fluid contents. The literature reports that 84% of cysts that affect the maxillary region are inflammatory periapical, where care for these lesions involves both endodontic treatment of the teeth involved, as well as biopsy of the lesion and its surgical enucleation in cases of larger lesions. The treatment of an infected periapical cyst in the palate area requires an attentive and personalized strategy, taking into account the specific characteristics of the location and the complexity of the case. This may include surgical, endodontic, and pharmacological approaches to managing these rare and challenging conditions. A case was presented about an infected inflammatory cyst in the premaxilla region in which surgical enucleation was performed with concomitant endodontic treatment of the involved teeth. The present study sought to enrich the understanding of dental conditions related to inflammatory cysts. It was concluded that a detailed case description is vital to establish and improve treatment methods for these conditions, ensuring that therapeutic interventions are appropriate and efficient for similar cases.

Keywords: Enucleation; Oral surgery; Infected cyst.

1 INTRODUÇÃO

O cisto periapical pode ocorrer em qualquer idade, entretanto, tem predileção por adultos entre a terceira e a sexta década de vida, apresentando crescimento gradual e ausência de sintomatologia. Normalmente é descoberto através de uma radiografia de rotina (Pereira *et al.*, 2021).

¹ Acadêmica do Curso de graduação em Odontologia da Ugv - Centro Universitário.

² Cirurgiã-Dentista, especialização em Odontologia Legal, especialista em Implantodontia, residência em Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial e mestrado em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná. Professora no curso de Odontologia da Ugv - Centro Universitário.

Como supracitado, os indivíduos portadores de cistos periapicais não costumam apresentar sintomas, exceto nos casos de agudização infecciosa, exacerbação, ou seja, quando a dimensão da lesão aumenta em proporções extremas. Nestes casos é possível notar aumento de volume e leve sensibilidade, podendo influenciar movimentações e mobilidade em dentes proximais (Neville *et al.*, 2016).

Diversas pesquisas apontam que o cisto inflamatório é o mais frequente do sistema estomatognático, afetando até 84,5% dos cistos odontogênicos. Apresentando-se com frequência em homens durante a terceira década de vida (Camaragibe *et al.*, 2013).

Neville *et al* (2016), acreditam fazer-se necessária a remoção cirúrgica de todos os cistos periapicais, uma vez que diversos tipos de cistos e tumores odontogênicos e não odontogênicos podem se apresentar de maneira semelhante a um cisto periapical residual.

E é, ainda, fortemente aconselhável efetuar um monitoramento periódico durante um período de um a dois anos (Neville *et al.*, 2016).

Este trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico no qual foi realizada a enucleação cirúrgica de um cisto periapical infectado. A situação relatada pela paciente confirma o supracitado, uma vez que, apesar da evolução lenta, a lesão não causava dor, sendo um dos primeiros sinais, a tumefação local.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A polpa dental é protegida por uma camada de tecido duro e por um periodonto saudável. No entanto, a saúde da polpa pode ser ameaçada em algumas situações clínicas. Alguns fatores têm pouca importância e causam apenas pequenos danos e desconforto, enquanto outros representam um risco maior para a polpa dental, podendo levar a complicações infecciosas locais e sistêmicas (Lang *et al.*, 2018).

Localmente, a presença de microorganismos provoca tanto a resposta imune específica quanto a não específica no tecido periapical, o que resulta na diminuição dos mecanismos de defesa do organismo para combater a infecção crônica. Dessa forma, as lesões periapicais são criadas para conter a invasão bacteriana (Colic *et al.*, 2009).

Diferentes grupos de células desempenham um papel fundamental nesse procedimento, como neutrófilos, macrófagos e linfócitos T e B. Vários estudos têm se

dedicado a decifrar as características das células inflamatórias envolvidas nessas lesões, visando a uma compreensão mais aprofundada de sua origem e desenvolvimento (Peixoto *et al.*, 2015).

Os cistos periapicais possuem uma cápsula de tecido conjuntivo fibroso epitelial, e em seu lúmen há líquido e detritos celulares. Em teoria, quando as células epiteliais se espalham pelo lúmen, o conteúdo proteico é maior, e com a finalidade de equalizar a pressão osmótica, mais líquido tende a penetrar na lesão, o que resulta em uma dilatação lenta da lesão. (Neville *et al.*, 2016).

É raro que todo dano apical evolua para um cisto, embora haja uma variação na frequência de surgimento de cistos nessas lesões, que varia de 6% a 55%. Análises histopatológicas sugerem que a taxa real de cistos é inferior a 20% (Nair *et al.*, 2008).

Contudo, grande parte dos cistos periapicais se forma gradualmente e, frequentemente, não alcançam tamanhos consideráveis (Neville *et al.*, 2016).

Os pacientes que apresentam cistos periapicais não apresentam sintomas, a não ser em casos de exacerbação inflamatória ou presença de infecção (Almeida *et al.*, 2021).

Caso a lesão de natureza cística esteja localizada longe do ápice e apresente seu revestimento epitelial íntegro (sendo considerada um verdadeiro cisto apical), é possível que tenha se transformado em uma entidade autoperpetuadora que não responde à cicatrização em tratamentos não cirúrgicos (Maity *et al.*, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (2017) divide os cistos que ocorrem na boca em cistos não odontogênicos e odontogênicos, estes últimos divididos em cistos de desenvolvimento e cistos inflamatórios. O cisto periapical é um tipo de cisto odontogênico inflamatório que surge de um granuloma apical localizado na região apical de um dente com polpa necrótica. A resposta inflamatória presente neste microambiente produz citocinas pró-inflamatórias, como o fator de crescimento epidérmico (EGF), o que leva à proliferação de detritos epiteliais e, consequentemente, à formação de cistos radicais (Silva *et al.*, 2018).

O exame histopatológico é o método mais adequado para diferenciar essas lesões. Um granuloma apical é um tecido fibroso inflamado, enquanto um cisto apical é uma cavidade revestida por um epitélio com uma cápsula de tecido conjuntivo fibrovascular inflamada (Neville *et al.*, 2016).

No exame radiográfico, o cisto periapical se mostra como uma lesão escura com densidade uniforme, em formato único e bem definido, ligado à região da raiz de

um dente que perdeu a vitalidade, com tamanho médio de 1,5 cm. Em casos de cistos que foram infectados posteriormente, essa imagem pode não estar presente ou ser pouco clara (Brave *et al.*, 2011).

Destaca-se a importância de uma amostra adequada para a realização do exame histopatológico e para o diagnóstico preciso das lesões. Fragmentos pequenos podem não ser representativos da lesão completa, excluindo assim a região epitelial prejudicada (Simon *et al.*, 2006).

Em alguns casos, a terapia endodôntica pode não ser eficaz em eliminar completamente a infecção ou em promover a cicatrização do cisto periapical. Nessas situações, a intervenção cirúrgica pode ser requerida para remover o tecido cístico (Amorim *et al.*, 2021).

A necessidade de realizar uma cirurgia periapical surge quando as lesões possuem mais de 2 cm de tamanho e o tratamento endodôntico tradicional não foi eficaz (Marchionatti *et al.*, 2017).

Quando não é possível acompanhar a regressão da lesão de maneira convencional, a recomendação é a apicectomia, um procedimento cirúrgico paraendodôntico, ou a enucleação da lesão (Girardi *et al.*, 2012).

A probabilidade de reincidência é baixa, podendo surgir caso a lesão não seja removida totalmente, destacando a importância do acompanhamento clínico e de exames com radiografias panorâmicas e tomografias computadorizadas (Pinto *et al.*, 2015).

3 RELATO DE CASO

Paciente do gênero feminino, com 46 anos de idade, procurou atendimento, após 6 meses do aparecimento de protuberância na região do palato, no qual ela relatou estar com abaulamento em região anterior de palato duro, sem sintomatologia dolorosa.

Este projeto foi encaminhado no ano de 2024, ao núcleo de Ética e Bioética (NEB) da UGV-Centro Universitário, com aprovação para sua efetivação sob o número 20241013750.

Na radiografia periapical inicial dos incisivos (Figura 1) foi possível analisar uma lesão em região apical dos dentes 21 e 22 com características císticas. Foi realizada abertura endodôntica do elemento 22, o qual drenou secreção purulenta, portanto

iniciamos a antibioticoterapia com Amoxicilina 500mg a ser mantida por 7 dias com intervalos de 8 horas.

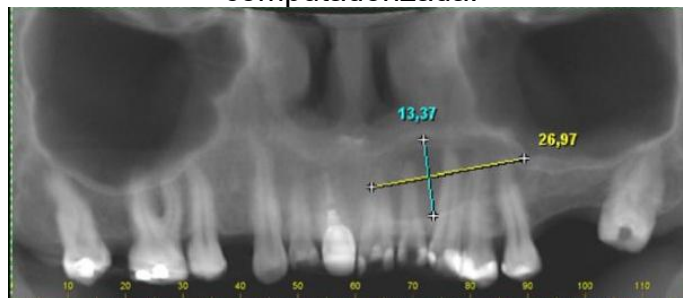
Durante o início do tratamento a paciente relatou dor no elemento 21, que respondeu negativamente aos testes vitais, portanto foi realizado acesso endodôntico nesse elemento dentário também.

Com a tomografia computadorizada (Figura 2 e 3), foi possível analisar que a lesão era extensa e envolvia os dentes 21, 22 e 23. Paciente já havia sido submetida a testes pulpares com resultados negativos para os incisivos, e a abertura dos condutos 21 e 22 já havia sido realizada. O dente 23, ainda se encontra com vitalidade pulpar.

Figura 1 – Raio X periapical.

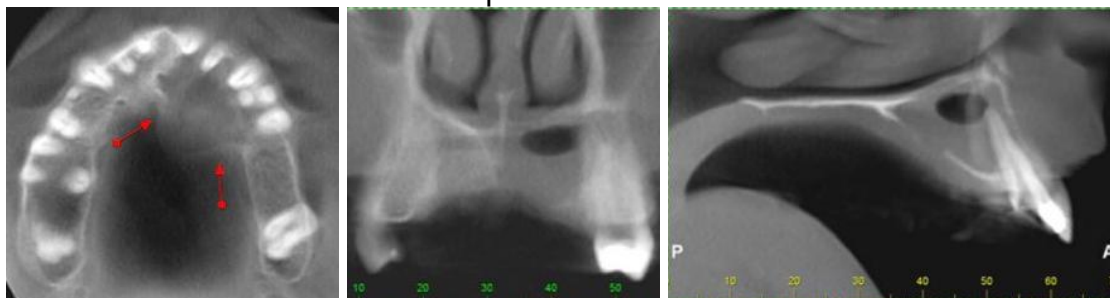


Figura 2 – Vista panorâmica de tomografia computadorizada.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 3 – Cortes axial, coronal e sagital de tomografia computadorizada, respectivamente.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 4 – Reconstrução em 3D da área estudada.



Fonte: Autora, 2024.

Na figura 5 é possível observar a ausência de expansão do volume em vista frontal, enquanto na figura 6 ficam evidenciadas as aberturas endodônticas dos dentes 21 e 22, acompanhadas do aumento de volume na área do palato duro em pré-maxila. Os condutos 21 e 22 foram mantidos sem curativo para permitir a drenagem da lesão.

Figura 5 – Paciente lábios fechados



Fonte: Autora, 2024.

Figura 6 – Aumento de volume região do palato



Fonte: Autora, 2024.

O procedimento iniciou com a anestesia local, bloqueando dos nervos alveolar superior posterior, médio e anterior, além do nervo palatino maior e do nervo nasopalatino, utilizando ARTICAIN 4%, 1:100.000 com vasoconstritor epinefrina, como anestésico, foi utilizado 5 tubetes de anestésico.

A paciente passou por uma punção aspirativa inicial, com objetivo de identificar o conteúdo da lesão, como previsto o conteúdo era purulento. E seguimos para a biópsia incisional da lesão em ambiente ambulatorial, realizando todos os cuidados de biossegurança necessários.

Iniciamos com uma incisão cirúrgica em envelope com profundidade mucoperiostal, prosseguimos com o descolamento do tecido mole da região de palato, de onde foi coletado um fragmento de 10mm da cápsula cística e encaminhado ao laboratório para análise em frasco com formol 4%. Após a biópsia a incisão foi suturada com fio de nylon 5-0, com pontos interdentaes.

Figura 7 – Líquido adquirido após punção aspirativa.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 8 - início da incisão



Fonte: Autora, 2024.

Figura 9 – Descolamento do palato.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 10 – Biópsia incisional.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 11 – Sutura.



Fonte: Autora, 2024.

Após a biópsia, a paciente foi monitorada de forma remota e diária para avaliar dor e sangramento durante uma semana. Após esse intervalo, ela retornou para a retirada dos pontos e para receber orientações até que o resultado do exame histopatológico estivesse disponível.

Figura 12 – Cicatrização após 7 dias.



Fonte: Autora, 2024.

Com 20 dias obtivemos o laudo da análise histopatológica, que se demonstrou compatível com cisto periapical infectado. Sendo assim a paciente foi submetida a enucleação cirúrgica do cisto sem necessidade de margem de segurança.

O procedimento de enucleação seguiu os mesmos parâmetros de anestesia e incisão da biópsia, e foram utilizadas as curetas de Lucas e de Molt para enuclear o cisto, o qual manteve integridade da cápsula durante esse processo.

Foi realizada irrigação abundante com soro fisiológico durante todo o procedimento, e ao seu fim foi possível evidenciar a fenestração óssea que comunicou a lesão com cavidade nasal.

Figura 13 – Aspecto inicial



Fonte: Autora, 2024.

Figura 14 – Descolamento do palato.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 16 – Enucleação da lesão.



Fonte: Autora, 2024.

Figura. 17- Lesão cística.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 18 – Cavidade após a retirada de lesão.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 19 – Aspecto final imediato.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 20 – Após 7 dias remoção de sutura.



Fonte: Autora, 2024.

Após a remoção de sutura a paciente foi encaminhada para finalizar o tratamento endodôntico dos elementos 21 e 22, que a especialista em Endodontia optou por concluir após a enucleação da lesão.

4 DISCUSSÃO

Em cistos menores, a enucleação é uma técnica eficaz e amplamente utilizada, pois permite a remoção completa da lesão com baixo risco de complicações. O espaço restante criado pela enucleação é naturalmente preenchido por tecido ósseo ao longo do tempo. O prognóstico neste caso é geralmente muito bom, com baixa taxa de recidiva (Martorelli *et al.*, 2021).

É importante considerar o tamanho da lesão quando na confecção do plano de tratamento. Pequenas lesões podem ser removidas com rapidez e submetidas a exames histopatológicos após a biópsia excisional, preservando a área afetada ou o dente envolvido (Paz *et al.*, 2022).

Quando no estudo de cistos periapicais, é fundamental ressaltar que existem duas abordagens para o tratamento: o endodôntico e o cirúrgico. O tratamento endodôntico é considerado mais conservador, enquanto o cirúrgico, que apresenta uma abordagem mais invasiva, pode ser subdividido em três procedimentos: a marsupialização, enucleação e a descompressão.

Para determinar qual das opções adotar, é essencial levar em conta diversos aspectos, como a extensão da lesão, sua evolução, a origem, além das condições de saúde geral do paciente (Ribeiro Junior *et al.*, 2004).

Cistos odontogênicos de grandes proporções, em determinadas situações, são tratados inicialmente através da marsupialização, que envolve a inserção de um tubo de drenagem. Esse método pode facilitar a diminuição da lesão e o fortalecimento

fibroso das paredes do cisto, preparando o terreno para uma possível remoção total posteriormente. A maior vantagem desse procedimento é sua simplicidade, que permite a preservação das estruturas vitais adjacentes (Neville *et al.*, 2021).

A enucleação é um procedimento que envolve a remoção completa da lesão cística, incluindo as células epiteliais que possam estar presentes na borda da parede cística ou na cavidade óssea. Para reduzir as possibilidades de recidiva do cisto, foi aplicada essa técnica de enucleação com curetagem, pois consiste em retirar uma camada ao redor de toda a parede cística (Neto *et al.*, 2004).

Ainda temos a abordagem que possibilita a descompressão do cisto, resultando na diminuição do tamanho da lesão óssea. A remoção do cisto pode ser feita em um momento posterior, utilizando um procedimento cirúrgico menos invasivo (Hupp *et al.*, 2021).

Foi realizada uma análise histopatológica com o intuito de investigar as características do cisto periapical infectado, essa avaliação é precedida pela remoção cirúrgica da lesão, seguida do envio para o laboratório onde será realizada a análise microscópica com a aplicação de métodos de coloração específicos. Essa abordagem demonstrou ser eficaz na confirmação do diagnóstico das lesões (Ricucci *et al.*, 2006).

Após a remoção da lesão, é imprescindível submetê-la a um exame histopatológico, pois somente este permite diferenciar cistos odontogênicos inflamatórios de outras condições de desenvolvimento, como cistos dentígeros, ameloblastomas e ceratocistos (Silva *et al.*, 2018).

Contudo, cada cisto é avaliado de forma única, uma vez que possui suas próprias características, o que permitirá a escolha do tratamento mais adequado (Hupp *et al.*, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo do cisto periapical infectado na área do palato geralmente demanda uma estratégia multidisciplinar, visto que esse cisto se forma como uma resposta inflamatória a uma infecção crônica, tipicamente associada a um dente com lesão endodôntica. No entanto, sua localização na região do palato pode complicar o reconhecimento e o manejo da lesão.

A decisão sobre qual tratamento realizar deve levar em conta a gravidade da infecção, a condição de saúde geral do paciente e a posição do cisto. E baseado nessas informações, as alternativas de tratamento devem ser avaliadas.

A notoriedade de que cistos periapicais possuem características radiográficas semelhantes a muitas outras lesões potencialmente mais agressivas, é o que impõe que essas lesões sejam tratadas com seriedade e a definição de conduta seja rápida e apropriada.

A análise dos cistos periapicais infectadas na região palatina revela a complexidade e os desafios associados ao diagnóstico e tratamento dessas lesões, visto o seu posicionamento em relação às outras estruturas anatômicas adjacentes. Este estudo destaca a importância de uma avaliação clínica em conjunto com exames complementares, na obtenção de uma análise detalhada para identificação precisa, e a seleção do tratamento mais eficaz.

Os cistos inflamatórios, muito embora, sejam lesões que não trazem preocupações quanto a sua malignidade, podem trazer muitos desafios quanto ao seu tratamento. Visto que dependem de completa harmonia entre os procedimentos endodônticos e cirúrgicos.

Dito isso, faz-se necessário o estudo aprofundado sobre o caso de maneira multidisciplinar, para que a resolução do caso ocorra da maneira mais célere e indolor possível.

REFERÊNCIAS

AMORIN, MA de; DAMASCENO, EL.; BORGES, GGP; SOUZA, DFM de.; Dias, KSPA. Remoção cirúrgica de cisto periapical em região anterior de maxila: relato de caso. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 15, p. 35, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22905>. Acesso em: 18/05/2024.

ALMEIDA, H. C. R. de *et al.* Cisto periapical em região anterior da maxila: relato de caso. **Archives Of Health Investigation**, [S. l.], v. 10, n. 9, p. 1450–1453, 2021. DOI: 10.21270/archi.v10i9.5392. Disponível em: <https://archhealthinvestigation.com.br/ArcHI/article/view/5392>. Acesso em: 16/05/2024.

BRAVE D., Astekar M., Ramesh, DR GAYATHRI & B., V R *et al.*, Radicular Cyst of anterior maxilla. **International Journal of Dental Clinics**.. v. 3 p.16-17, 2011 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/216302129_Radicular_Cyst_of_anterior_maxilla. Acesso em 17/05/2024.

CAMARAGIBE, Fábio A. da C. A.¹; Fabrício S. L.; Nelson S. da R.; Antônio de F. Caubi H. Henrique A. de M. *et al.*, **Revista de Cirurgia e Traumatologia Buco-maxilo-facial versão On-line** ISSN 1808-5210 Rev. cir. traumatol. buco-maxilo-fac. vol.13 no.2 Camaragibe Abr./Jun. 2013. Disponível em: http://revodontobvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-52102013000200013. Acesso em: 01/08/2024.

COLÍC M., GAZIVODA, D., VUCEVIC D., VASILIJIC, S., RUDOLF, R., & LUKIC, A *et al.*, Proinflammatory and immunoregulatory mechanisms in periapical lesions. **Mol Immunol Molecular immunology**, v. 47, n. 1, p:101–113, 2009Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19232436/> Acesso em 18/05/2024.

HUPP, James R.; III, Eduardo E.; TUCKER, Myron R. **Cirurgia Oral e Maxilofacial Contemporânea**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9788595157910. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595157910/>. Acesso em: 27/09/2024 e 21/10/2024.

GIRARDI, G. V., HARTMANN M. S. M., VANNI J. R., FORNARI V. J. *et al.*, Influência do ângulo de corte radicular na microinfiltração apical, comparando duas técnicas de apicetomia na cirurgia paraendodôntica. **Rev. Odonto Bras**, v. 17, n. 1, p. 60-66, 2012. Disponível em:<http://revodonto.bvsalud.org/pdf/rfo/v17n1/a12v17n1.pdf> Acesso em: 18/05/2024.

LANG, Niklaus P.; LINDHE, *et al.*, Jan. **Tratado de Periodontia Clínica e Implantologia Oral**, 6ª edição- Rio de Janeiro- RJ, Grupo GEN, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527733052/>. Acesso em: 18/05/2024.

MAITY I. M. K., RANITHA., *et al.*, Terapia endodôntica não cirúrgica em consulta única para cistos periapicais: Um estudo clínico. **Odontologia Clínica Contemporânea**. v.5, n. 2, p. 195-202, abril-junho de 2014. Disponível em : https://journals.lww.com/cocd/fulltext/2014/05020/single_visit_nonsurgical_endodontic_therapy_for.12.aspx. Acesso em 18/05/2024.

MARCHIONATTI A., WANDSCHER VF, TOMÉ SB, BURMANN PFP, WOLLE CFB *et al.*, Tratamento cirúrgico de cisto periapical de ampla extensão: relato de caso clínico. **Rev. Saúde Integrada**. p. 86-89, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229766114.pdf>. Acesso em 17/05/2024.

MARTORELLI Sergio Bartolomeu D Farias, Fernando de Oliveira Martorelli, Felipe Machado de Andrade., *et al.*, Openly accessible at, **Cisto radicular de mandíbula tratado por enucleação total e preenchimento da loja cirúrgica com esponja de fibrina: Relato de caso** Vol.34, n.2, pp.10-13. 2021 Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20210408_090348.pdf Acesso 22/10/2024

NAIR, P. N. R. *et al.* Experimental evidence supports the abscess theory of development of radicular cysts. **Oral Surg. Oral Med. Oral Pathol. Oral Radiol. Endod.** St. Louis, v.106, n.2, p.294-303, 2008. Disponível em: <https://toaz.info/doc-view-3> Acesso em 18/05/2024.

NETO, M. M.; DANESI, C. C.; UNFER, D. T. *et al.*, **CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO CISTO RADICULAR REVISÃO DA LITERATURA**. Saúde (Santa Maria), [S. l.], v. 30, n. 1-2, p. 90–99, 2004. DOI: 10.5902/223658346399. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/6399>. Acesso em: 22/10/2024.

NEVILLE, Brad W.; DAMM, Douglas D.; ALLEN, Carl M.; AL, *et al.*, **Patologia Oral e Maxilofacial**. 4th ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2016. E-book. p.635. ISBN 9788595151390. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595151390/>. Acesso em: 21/10/2024.

NEVILLE, Brad W. *et al.*, **Atlas de Patologia Oral e Maxilofacial**. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2021. E-book. pág.414. ISBN 9788595157835. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595157835/>. Acesso em: 21/10/2024.

PAZ. G.P., PEREIRA, I.S., SOUZA J.M.O.A., JONAS L.O. *et al.*, Cistos e tumores odontogênicos: relevância clínica e radiográfica **Rev. Cient. do Tocantins ITPAC** Porto Nacional v. 2 n. 2 p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://itpacporto.emnuvens.com.br/revista/article/download/58/53> Acesso em 16/05/2024.

PEIXOTO, RANIEL FERNANDES *et al.*, Aspectos Imunológicos e Etiopatogênicos das Lesões Periapicais Inflamatórias Crônicas. **Journal of Health Sciences**, v. 14, n. 3, 2015.. Disponível em: <https://journalhealthscience.pgsscogna.com.br/JHealthSci/article/view/938>. Acesso em: 18/05/2024.

PEREIRA, J.S. ; MILAGRES R.M.; ANDRADE B.A; REIS M. Cisto Periapical de grande de extensão: Relato de caso. **Rev. Traumatol. BucoMaxilo-Fac.** v.12, n.2, p. 32-42, 2012. Disponível em: <https://www.revistacirurgiabmf.com/2012/v12.n2/Artigo%2006.pdf> Acesso 09/12/2024

PINTO, GUSTAVO NASCIMENTO DE SOUZA *et al.*, Marsupialização como tratamento definitivo de cistos odontogênicos: relato de dois casos. **Rev. Odonto Bras RFO UPF**. v.20, n.3, p. 361-366, 2015. Disponível em: <http://revodontobvsalud.org/pdf/rfo/v20n3/a15v20n3.pdf>. Acesso em 17/05/202.

Ribeiro Júnior, Paulo Domingos; Gonçalves, Eduardo Sanches; Simioli Neto, Eduardo; Pacenko, Murilo Rizental *et al.*, **Rev. Salusvita (Impr.)** ; 23(2): 303-316, 2004. *Ilus.* Article em Pt | LILACS | ID: lil-403195 Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-403195> Acesso em: 27/09/2024.

SILVA RN *et al.*, Tratamento de cisto radicular de grande extensão: relato de caso clínico. **Rev Odontol Bras**. p.52-56, 2018; Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20210108_092350.pdf Acesso em: 17/05/2024.

SIMON, J. H. S. *et al.*, Differential diagnosis of large periapical lesions using Cone-Beam computed tomography measurements and biopsy. **J. Endod.** New York, v. 32, n.9, p. 833-837. Sept. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/8820/6185> Acesso em:18/05/2024.

CORREÇÃO DO SORRISO GENGIVAL ATRAVÉS DA GENGIVOPLASTIA: RELATO DE CASO CLÍNICO

Amanda Thaise Fiduniv Pauluk¹
Camila Machado Costa Grein Cavalcanti²
Thabata Louise Schossler³

RESUMO: Através do ato de sorrir, demonstramos emoções e sentimentos. Portanto o sorriso não diz respeito apenas à estética. O excesso de gengiva aparente ao sorrir pode se tornar um problema social para o indivíduo, a ponto de causar baixa autoestima. Para essa adversidade, a gengivoplastia se torna o tratamento de escolha, visto que é considerado um procedimento simples e funcional. Este artigo teve como principal objetivo avaliar a cirurgia periodontal de gengivoplastia no tratamento do sorriso gengival. O presente artigo tem o propósito de elucidar o sorriso gengival, evidenciando que a causa é multifatorial e não apenas resultado de um fato isolado. Além disso, o trabalho tem como finalidade expor o quanto essa enfermidade afeta o cotidiano das pessoas, tanto esteticamente, quanto funcionalmente. Ademais, este estudo tem como intuito esclarecer a cirurgia de gengivoplastia, explicando os métodos e técnicas cirúrgicas, como, por exemplo, o uso do guia cirúrgico, que ajuda no posicionamento do corte da gengiva e consequentemente, diminui o tempo em consultório do paciente, trazendo mais conforto. No caso apresentado, foi possível concluir que a gengivoplastia proporcionou ao paciente uma melhora no quadro estético e funcional.

Palavras-chave: Estética, sorriso gengival, gengivoplastia, guia cirúrgico.

ABSTRACT: Through the act of smiling, we express emotions and feelings. Therefore, the smile is not just about aesthetics. The excessive visibility of gums when smiling can become a social problem for the individual, to the point of causing low self-esteem. For this issue, gingivoplasty becomes the treatment of choice, as it is considered a simple and functional procedure. The main objective of this article was to evaluate the periodontal surgery of gingivoplasty in the treatment of a gummy smile. This article aims to clarify the gummy smile, highlighting that the cause is multifactorial and not merely the result of an isolated factor. Furthermore, the purpose of this work is to expose how this condition affects people's daily lives, both aesthetically and functionally. Additionally, this study intends to explain the gingivoplasty surgery, describing the surgical methods and techniques, such as the use of a surgical guide, which aids in the positioning of the gum cut and consequently reduces the patient's time in the office, providing more comfort. In the presented case, it was concluded that gingivoplasty provided the patient with improvements in both aesthetic and functional aspects.

Keywords: Aesthetics, gummy smile, gingivoplasty, surgical guide.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da modernização da sociedade, o sorriso torna-se um elemento enaltecedor da aparência, sendo o comportamento que mais expressa a satisfação e a felicidade. Já foi comprovado cientificamente, que o sorriso é o principal elemento

¹ Acadêmica do curso de graduação em Odontologia da Ugv - Centro Universitário.

² Cirurgiã-Dentista, graduada em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná, especialista em Cirurgia e traumatologia bucomaxilo faciais pelo Hospital Evangélico de Curitiba, especialista em Odontologia Legal e Forense pela Universidade Positivo e professora no curso de Odontologia da Ugv Centro Universitário – União da Vitória PR.

³ Cirurgiã-Dentista, graduada em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná, Especialista em Prótese Dentária pela Universidade Estadual de São Paulo, professora no curso de Odontologia da Ugv Centro Universitário – União da Vitória PR.

estético na condição dento facial para um sorriso esteticamente apropriado, não dependendo somente do adequado posicionamento dentário, mas também da quantidade de gengiva exposta durante o ato de sorrir (Cristóvan *et al.*, 2019).

Os sorrisos gengivais são aqueles que expõem mais de 3 mm de gengiva. A prevalência estimada dessa patologia na população varia entre 10,5% e 29%, esses valores mostram que, é necessária uma maior atenção dos profissionais de odontologia para a identificação do problema, diagnóstico preciso e definição eficaz do tratamento (Campagnolo *et al.*, 2020).

De acordo com Nunes *et al.*, (2020) é possível entender que o sorriso gengival tem um impacto negativo na qualidade de vida do indivíduo, logo esse paciente pode ser reabilitado com uma estética satisfatória através dos procedimentos cirúrgicos periodontais. A arquitetura gengival pode tornar um sorriso desarmonioso quando apresenta exposição maior que 2 mm, por conseguinte as intervenções cirúrgicas periodontais podem restaurar a harmonia do sorriso.

Desse modo, evidencia-se que a exposição gengival excessiva tem um efeito negativo em um sorriso agradável. Por consequência, as técnicas de aumento de coroa clínica, como por exemplo, a gengivoplastia, pode melhorar de forma efetiva a exposição gengival aumentada. A cirurgia periodontal de gengivoplastia é um procedimento recomendado para restabelecer a forma anatômica e contorno gengivais apropriados, objetivando favorecer os procedimentos de higiene bucal e a obtenção de uma melhor estética (Pontes *et al.*, 2016).

Esse procedimento cirúrgico, pode ser realizado com a elaboração de um guia cirúrgico periodontal, com ele é possível adquirir uma melhor comunicação entre o paciente e o cirurgião dentista, alcançando assim, um aprimoramento da previsibilidade do resultado esperado. Visto que a cirurgia para correção da estética do sorriso possui certa complexidade, e compreende fatores como a posição e tamanho, tanto da estética branca (dente), como da rosa (tecido gengival). Diante disso, é necessário um planejamento integrado para melhorar a previsibilidade e segurança durante a cirurgia (Nunes *et al.*, 2020).

Em suma, o sorriso gengival tem um impacto significativo na percepção de autoestima de muitos pacientes, tornando a sua correção essencial em casos clínicos que visam não apenas a reabilitação estética, mas também a funcional. Este estudo propõe demonstrar como a gengivoplastia pode ser uma abordagem eficaz para

restaurar a harmonia facial e contribuir para a melhoria do bem-estar psicológico dos pacientes.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Um sorriso harmonioso prevê um objetivo para a maioria das pessoas na sociedade cotidiana, sorrir é a expressão facial mais emocional da raça humana e ajuda as pessoas a integrarem-se na sociedade (Oliveira; Ribeiro; Dias, 2022).

Quando consideramos o significado do sorriso na vida das pessoas nos deparamos com uma grande responsabilidade. Resgatar, restaurar ou apenas destacar um sorriso torna-se muito complicado, uma vez que, nele se encontra além da função fonética e mastigatória, implica no emocional e se correlaciona com o bem-estar das pessoas (Santos, 2015).

A obtenção de um sorriso belo tem relação com a harmonia entre as proporções, o posicionamento, a forma e as cores das unidades dentais, assim como uma adequada interação entre dentes, gengiva e lábios. Para reproduzir uma simetria adequada, é necessário que seja realizada uma análise eficaz e minuciosa das características da face. O equilíbrio entre a estética branca dental e a estética rosa gengival é a chave do sucesso para a obtenção de excelentes prognósticos nos tratamentos reabilitadores (Vieira *et al.*, 2018).

Assim, o sorriso, sendo uma das mais importantes expressões faciais, reflete emoção, prazer, humor e agradecimentos. A quantidade de exposição vertical dentária e gengival no sorriso, é uma característica que influencia a estética do sorriso. O sorriso gengival pode ser acarretado por diversos fatores, como excesso vertical da maxila, habilidade muscular maior para elevar os lábios superiores ao sorriso, o aumento do espaço interlabial no descanso e sobressaliência aumentada. As alterações como lábios superiores curtos e coroa clínica curta, podem favorecer a exposição gengival (Dutra *et al.*, 2011).

O sorriso gengival é um problema estético muito frequente, que envolve a exposição gengival excessiva do tecido durante o sorriso, proporcionando grande incômodo ao paciente (Oliveira; Ribeiro; Dias, 2022). Essa condição é normalmente tratada como um sorriso gengival e pode ser corrigida cirurgicamente com o aumento de coroa clínica. A correção desses defeitos anatômicos, tornou-se um aspecto significativo da cirurgia plástica periodontal (Newman *et al.*, 2020).

De acordo com Rocha *et al.* (2020), os procedimentos cirúrgicos periodontais destacam-se por sua variedade de técnicas, possibilitando a boa função dos tecidos periodontais e uma melhora na estética do sorriso. Existem duas técnicas principais, gengivectomia e gengivoplastia, o primeiro método gengivectomia, compreende a remoção da bolsa periodontal. De outro modo, a gengivoplastia, a qual corrige deformidades gengivais traumáticas ou de desenvolvimento, consistindo em uma remodelação cirúrgica do tecido gengival e papilas, tornando-se conceituado como o procedimento cirúrgico periodontal que possibilita o contorno gengival.

Portanto, a gengivoplastia convencional, consiste em um procedimento cirúrgico periodontal, no qual a gengiva marginal é removida através do uso de instrumentos cortantes, que possuem a finalidade de expor a coroa clínica, respeitando a largura biológica, para garantir saúde periodontal. O objetivo é proporcionar um sorriso com dentes mais expostos, que sejam mais agradáveis esteticamente. Neste método, a gengiva a ser removida é medida com sonda periodontal milimetrada, garantindo que a profundidade de sondagem e o nível de inserção estejam adequados para ser removido o excesso (Nunez; Garcez; Ribeiro, 2020).

Essa cirurgia periodontal é de acordo com Santos, (2015, p. 128):

“[...] o recontorno da gengiva para criar contornos gengivais fisiológicos na ausência de bolsas periodontais. Pode ser feita com um bisturi e consiste no afilamento da margem gengival, criando um contorno marginal escalopado, diminuindo a gengiva inserida, criando sulcos interdentais verticais, modelando as papilas interdentais para criar trajetos para a passagem do alimento.”

Assim, a gengivoplastia é um procedimento cirúrgico periodontal de remodelação plástica da gengiva, com o propósito de restaurar uma forma anatômica e contorno fisiológico adequado, possibilitando melhoria estética e facilitando a higiene bucal. Para a realização dessa técnica cirúrgica, devem ser considerados fatores como localização da margem gengival em relação especificamente ao cimento-esmalte, a crista óssea e a relação coroa-raiz-osso alveolar (Melo; Silva, 2018).

Ainda, a gengivoplastia é uma técnica que aborda integralmente o âmbito estético. É um procedimento cirúrgico que corrige ou elimina deformidades gengivais, traumáticas ou de desenvolvimento, possibilitando um adequado contorno gengival em espessura, sendo selecionada em casos de inexistência de doença periodontal e

para correção estética, com a intenção de devolver um contorno gengival harmônico, sulcos interdentais e papilas interproximais (Domingues *et al.*, 2021).

Para a realização da gengivoplastia, é possível implementar a confecção de um guia cirúrgico. Esse recurso é elaborado com base em medidas específicas, como à faixa de gengiva exposta ao sorrir, à altura e largura de cada coroa clínica, obtidas por meio de um compasso de ponta seca e régua milimétrica de endodontia (Andrade *et al.* 2022). O uso do perioguide¹⁶, tem como vantagens a diminuição do trauma, redução do tempo operatório, aceleração da cicatrização inicial, além de aumentar o conforto do paciente e proporcionar estabilidade e previsibilidade a longo prazo com resultados estéticos favoráveis (Nahmias *et al.*, 2022).

A respeito da redução do tempo operatório, o guia facilita no equilíbrio das proporções dos dentes, auxilia no corte gengival com maior precisão e promove menor tempo de reabilitação. Quanto à segurança, além de melhorar a precisão e o posicionamento correto, o guia protege e previne a ocorrência de cortes fora do ajuste adequado e do planejamento. Também o guia auxilia na comunicação, como quando é usado para discutir o caso com o paciente. Portanto, o guia cirúrgico é um método que aumenta a previsibilidade, diminui o tempo cirúrgico e, consequentemente transmite mais conforto ao paciente (Andrade *et al.*, 2022).

Dessa maneira, as novas tecnologias na área da odontologia estão criando espaço para a variação de técnicas, com o intuito de alcançar resultados mais previsíveis e técnicas menos traumáticas. As orientações solicitadas são originárias da especialidade de implantodontia e possuem grande influência por possibilitarem segurança no procedimento, agilidade e conforto para o paciente integralmente durante o processo de tratamento. Conclui-se, portanto, que a utilização do guia cirúrgico periodontal, faz o procedimento ser mais previsível e compatível com as expectativas do paciente (Deliberador *et al.*, 2020).

3 RELATO DE CASO

O presente estudo relata o caso de um paciente do gênero masculino, de 21 anos, leucoderma, solteiro e profissional do setor de serviços, o qual procurou a clínica odontológica da UGV – Centro Universitário para atendimento. A principal queixa

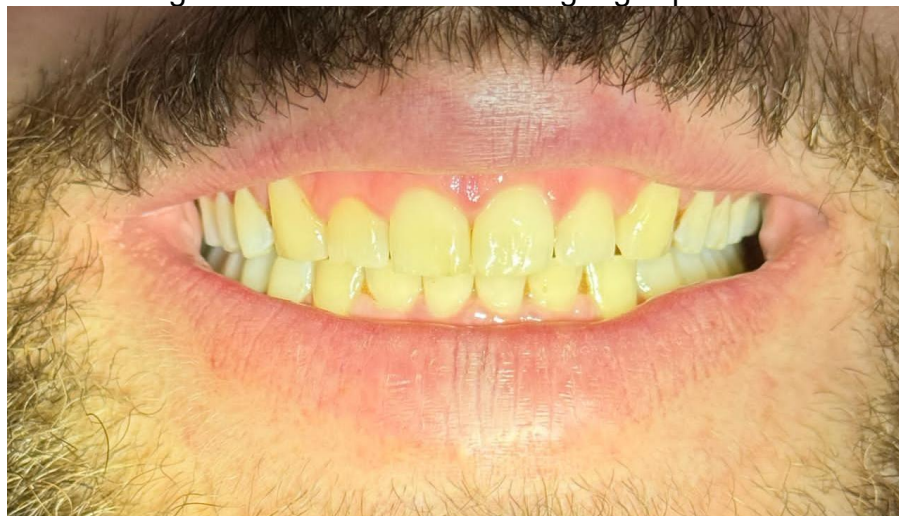
¹⁶ Guia que se relaciona com a especialidade odontológica periodontia que tem como finalidade o estudo dos tecidos de suporte e circundantes dos dentes e seus substitutos.

relatada foi a exposição excessiva de gengiva ao sorrir. Após uma avaliação clínica minuciosa e a realização de exames complementares, foi indicado o tratamento cirúrgico por meio de gengivoplastia, em arcada superior e inferior.

O processo de diagnóstico incluiu a realização de uma anamnese detalhada, exame clínico, sondagem periodontal, radiografias periapicais e moldagem de estudo. A avaliação da sondagem gengival da arcada superior e inferior apresentou resultados positivos para elaboração do planejamento cirúrgico, o paciente expõe cerca de mais de 3 mm de gengiva aparente no ato de sorrir. Ainda, se observou a forma dos dentes do paciente em relação a sua estatura, o paciente possui em torno de 1,80 m de altura, portanto o tamanho à mostra dos dentes não coincidia com seu porte físico.

Também foi avaliada a higiene bucal, que se encontrava adequada, descartando hiperplasia reacional por excesso de biofilme. Foi definido junto aos professores responsáveis pelo estágio supervisionado, que o paciente avaliado apresentava indicação para realizar a cirurgia periodontal de gengivoplastia, iniciando o processo de planejamento.

Figura 1 – Paciente antes da gengivoplastia.



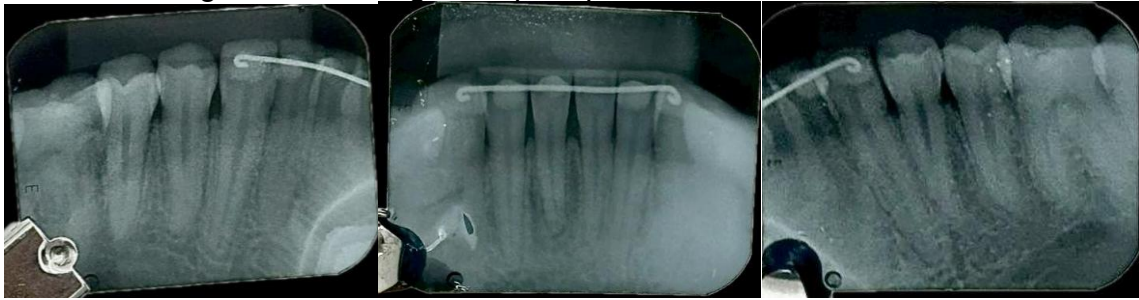
Fonte: Os autores (2024)

Figura 2 – Radiografias periapicais dos dentes 14 ao 24.



Fonte: Os autores (2024)

Figura 3 – Radiografias periapicais dos dentes 35 ao 45.



Fonte: Os autores (2024)

A moldagem de estudo foi realizada em alginato, com posterior vazamento de gesso pedra tipo III. Após a solidificação completa do gesso, foram realizadas marcações com lápis cópia, buscando evidenciar as delimitações das sondagens previamente realizadas com sonda milimetrada Carolina do Norte.

Figura 4 – Modelo com marcações para guia cirúrgico.



Fonte: Os autores (2024)

Em seguida, foi desgastado no modelo com uma broca esférica 1014, onde seriam realizados os cortes da gengiva para a cirurgia periodontal, respeitando os limites das marcações e posteriormente foi encaminhado ao laboratório protético para a confecção do guia cirúrgico.

Figura 5 – Moldagem desgastada.



Fonte: Os autores (2024)

Realizou-se a raspagem subgengival e supragengival, profilaxia com pedra pomes e pasta profilática, também foi feita aplicação de flúor tópico antes do paciente ser submetido a cirurgia. Foi prescrito ao paciente no pré-operatório, amoxicilina 500mg a cada 08 horas por 07 dias e dois comprimidos de decadron 4mg, ambos com a indicação de ingerir 01 hora antes do procedimento. No pós-operatório, foi indicado a continuação do amoxicilina 500mg, com acréscimo de ibuprofeno 600mg a cada 08 horas por 05 dias e paracetamol 750mg a cada 08 horas por 05 dias.

A cirurgia periodontal, teve início com a anestesia dos nervos alveolar superior médio e alveolar superior anterior, seguido da prova do guia cirúrgico e as marcações com a sonda milimetrada para uma confiável incisão. O periograma esteve presente durante toda cirurgia, para garantia de posicionamento correto e um bom prognóstico.

A altura a ser retirada na arcada superior, considerando o sítio vestibular foi de 3 mm no dente 11, 2 mm no 12, 2 mm no 13, 2 mm no 14, 2,5 mm no 21, 2,5mm no 22, 3 mm no 23, 3 mm no 24, com ênfase no reestabelecimento do espaço biológico e visando a saúde periodontal.

A cirurgia foi iniciada com a incisão no incisivo central superior 11, com foco na simetria e harmonização com os dentes adjacentes. Foi utilizado para o corte a lâmina 15C, com auxílio do bisturi de Orban e o gengivótomo de Kirkland. Para remoção do excesso de tecido gengival, foram empregadas as curetas periodontais, enquanto a irrigação constante foi realizada com soro fisiológico, que garantiu limpeza e visibilidade durante o procedimento.

Figura 6 – Paciente antecedente a cirurgia.



Fonte: Os autores (2024)

Figura 7 – Processo de corte de gengiva.



Fonte: Os autores (2024)

Figura 8 – Pós imediato gengivoplastia arcada superior.



Fonte: Os autores (2024)

Na arcada inferior, a gengivoplastia teve os mesmos passos da superior, porém, sem o recurso do guia cirúrgico e foi realizada a cirurgia dos dentes 43 ao 33, seguindo as informações fornecidas pelo periograma previamente realizado, o qual obteve a altura da gengiva a ser retirada, considerando o sítio vestibular, 4 mm no dente 41, 4 mm no 42, 1 mm no 43, 4 mm no 31, 4 mm no 32, 1 mm no 33.

Figura 9 – Pós imediato gengivoplastia arcada inferior.



Fonte: Os autores (2024)

Para avaliar os impactos emocionais e funcionais do tratamento, foi elaborado um questionário, abordando questões relacionadas à autoestima e confiança após a cirurgia. Além de conversas sobre satisfação com o procedimento realizado.

Logo abaixo a tabela 1, a qual demonstra o questionário que foi desenvolvido para o paciente, o qual busca compreender suas emoções, referente ao tratamento disposto.

Tabela 1 – Questionário do impacto na qualidade de vida

Antes da gengivoplastia gostava de tirar fotos sorrindo?	Sim	Não
Como você se sentia com seu sorriso antes da gengivoplastia?	Satisfeito	Insatisfeito
Sua autoestima melhorou após gengivoplastia?	Sim	Não
Se sente mais confiante em sorrir após gengivoplastia?	Sim	Não
Agora, após a gengivoplastia gosta mais de tirar fotos sorrindo?	Sim	Não
Como você se sente com seu sorriso depois da gengivoplastia?	Satisfeito	Insatisfeito

Fonte: Os autores (2024)

O paciente está seguindo acompanhamentos periódicos, com o objetivo de manutenção de referências estéticas e investigação de possíveis recidivas ou exposições radiculares. Abaixo os registros dos acompanhamentos de 60 dias e 07 meses pós-operatório, demonstrando resultados satisfatórios.

Figura 10 – Após 60 dias de gengivoplastia.



Fonte: Os autores (2024)

Figura 11 – Após 7 meses de gengivoplastia.



Fonte: Os autores (2024)

O paciente inserido nesse estudo é do sexo masculino, possuía 21 anos de idade na época da cirurgia e não apresentava comorbidades. O mesmo assinou os Termos de Compromisso e de Consentimento Livre e Esclarecido. Também, este projeto foi encaminhado ao Núcleo de Ética e Bioética da UGV, tendo sido protocolado sob nº.2024103751.

4 DISCUSSÃO

Um sorriso estético, é fundamental na construção da aparência geral do indivíduo e não diz respeito apenas ao tamanho, forma, cor e posição dos dentes, mas também às características do tecido gengival e conformação dos lábios, que precisam ser tão harmoniosos quanto aos dentes. O equilíbrio da relação dento gengival, é um fator relevante na constituição de um sorriso agradável. Quando ocorre um desequilíbrio em relação ao tecido gengival, como excesso de gengiva ao redor dos dentes ou desnivelamento do arco gengival, é possível proceder com um aumento do comprimento da coroa clínica, esse ocorre por meio de um procedimento cirúrgico periodontal, que consiste no remodelamento da gengiva e/ou do tecido ósseo para determinar a forma anatômica e o contorno fisiológico, tratamento chamado de gengivoplastia ou plástica gengival (Nunez; Garcez; Ribeiro, 2020).

Além de corrigir esteticamente o excesso gengival, a gengivoplastia restabelece o espaço biológico e fisiológico. É recomendada para restauração da arquitetura gengival, aumento clínico da coroa e a reparação da hiperplasia gengival. Suas principais vantagens, são técnicas cirúrgicas de favorável realização e recuperação da harmonia do sorriso (Santos *et al.*, 2016).

Para realizar o estudo, inicialmente, dialogamos com o paciente inserido neste estudo, buscando entender suas pretensões com o tratamento, e o mesmo relatou que seu objetivo era um sorriso mais harmonioso. O sujeito apresentava um propósito de dentes mais contornados e menos exposição gengival durante o sorriso. Essa é a pretensão da grande maioria dos pacientes com o sorriso gengival, a autoaceitação estética.

Em relação a estética, Nunes *et al.*, (2020), Pontes *et al.*, (2016) e Rocha *et al.*, (2020) entram em conformidade sobre a gengivoplastia ser uma reabilitação estética satisfatória, para obtenção de um sorriso mais harmonioso. Consequentemente eleva a autoestima do paciente.

Com a finalidade de alcançar uma maior previsibilidade e um tempo operatório menor, foi utilizado o guia cirúrgico no presente caso, o qual foi feito com material de acetado e seguindo as marcações prévias confeccionadas a partir do periograma. Com o uso do guia, foi possível oferecer mais conforto com um menor tempo trans operatório, bem como, uma maior previsão que vai de encontro às expectativas do paciente.

Em conformidade com Monteiro *et al.* (2020), o guia cirúrgico periodontal, proporcionou que seus resultados fossem conforme o planejado e que após aferição das alturas das coroas, em 100% delas, o aumento foi igual ao planejado no pré-operatório. Dessa maneira, uma confecção correta do guia cirúrgico possibilita a realização da cirurgia com mais previsibilidade, evitando riscos e permitindo a remoção na quantidade adequada para harmonizar o sorriso do paciente.

Diante dos fatos, o paciente demonstrou evolução significativa em sua qualidade de vida. Primeiramente, houve um notável aprimoramento na saúde periodontal e, também através de um questionário aplicado, foi possível perceber que a autoestima do paciente foi enriquecida, além de uma autoconfiança em sorrir, evidenciando o impacto positivo do tratamento.

5 CONCLUSÃO

Para o profissional de odontologia, a estética envolve a busca da beleza física, através de tratamentos para correção de problemas específicos. Nesse contexto, a beleza reflete harmonia de proporções, perfeição de formas e desperta admiração ou sensações agradáveis (Gimenez, 2016).

Diante do exposto, é necessário além de uma anamnese detalhada, exame clínico e exames complementares, também o cirurgião-dentista deve se atentar ao relato do paciente, seu desejo e objetivo, ajudar o paciente a se sentir melhor consigo mesmo e melhorar sua qualidade de vida. Compreender o equilíbrio entre os dentes e a gengiva visa alcançar prognósticos mais previsíveis e seguros.

A vista disso, após análise clínica e dos dados obtidos durante a pesquisa de impacto da qualidade de vida do paciente, tornou-se evidente os benefícios proporcionados por meio da cirurgia periodontal de gengivoplastia. Ressaltando a importância do guia cirúrgico na previsibilidade dos resultados, menor tempo trans operatório e maior conforto ao paciente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreza Alves *et al.* Utilização de guia cirúrgico para correção de sorriso gengival: Relato de caso. **Mestre Editora**. Goiás, v. 40, n.3, p. 28-32, Set-Nov 2022 Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20221105_094001.pdf Acesso em: 14/05/2024.

CAMPAGNOLO Valeria et al. Uso da toxina botulínica para a correção do sorriso gengival - relato de caso. **Simmetria Orofacial Harmonization in Science**. 2020; p. 72-79. Disponível em: <https://editoraplena.com.br/wp-content/uploads/2020/01/02174-7.pdf>. Acesso em: 13/05/2024.

CRISTÓVAN, Aristony Vinícius Sores *et al.* (2019). Correção de contorno gengival pelas técnicas de gengivectomia convencional e minimamente invasiva, **Arch Health Investigation**; v.8 n.10, p. 606-612. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/ArchHI/article/view/3800> Acesso em: 15/05/2024.

DELIBERADOR, Tatiana Miranda *et al.* Guided Periodontal Surgery: Association of Digital Workflow and Piezosurgery for the Correction of a Gummy Smile. **PubMed**, abr. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32328313/>. Acesso em: 23 maio 2024.

DOMINGUES, Leticia de Oliveira *et al.* Cirurgia plástica periodontal: gengivectomia e gengivoplastia: Relato de caso clínico. **EAcadêmica**, v.2, n.2, 2021. Disponível em: <https://eacademica.org/eacademica/article/view/24> Acesso em: 10/05/ 2024.

DUTRA, Milene Brum *et al.* Influência da exposição gengival na estética do sorriso. **SciELO**, p. 111-118, 16 out. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dpjo/a/pf4Q6hbxJqC9Wf8fYZFP3Vx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 09/05/2024.

GIMENEZ, Fernanda Nardi. A estética do sorriso. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Odontologia) - **Universidade Estadual de Londrina**, Londrina, 2016. P: 1-64. Disponível em: <http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/TCC2016/FERNANDA%20NARDI%20GIMENEZ.pdf> Acesso em: 07/05/2024.

MELO, Stefhanía Fernanda de Santana; SILVA, Maria Katharina Peixoto; Gengivoplastia associada ou não com osteotomia: relato de caso clínico. **Archives of Health Investigation**, v.7, p. 107, 2018. Disponível em: <https://archhealthinvestigation.com.br/ArchHI/article/view/3487>. Acesso em: 16/05/2024.

MONTEIRO, Maria Monaliza Gomes; *et al.* Impacto da correção do sorriso gengival na qualidade de vida: relato de um caso clínico com gengivectomia suficientemente invasiva e guiada. **Brazilian Journal of Periodontology**. Mar/Jun 2020; p. 76-86 Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1129387> Acesso em: 14/05/2024.

NAHMIAS, Hugo Leonardo Matias *et al.* Uso do perioguide na cirurgia para correção do sorriso gengival. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. 1-9, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25856>. Acesso em: 23 maio 2024.

NEWMAN, Michael *et al.* **Newman e Carranza - Periodontia Clínica**. 13. ed. GEN Guanabara Koogan, 2020. P. 704-707.

NUNES, Itamar da Silva; *et al.* Desenvolvimento de diretrizes cirúrgicas para técnica auxiliar de gengivectomia em bisel interno com osteotomia: relato de caso.

Research, Society and Development, v. 9, p. 1-35 28/04/2020; Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3923/2871> Acesso em: 14/05/2024.

NUNEZ, Silvia Cristina; GARCEZ, Aguinaldo Silva; RIBEIRO, Martha Simões. **Aplicações clínicas do laser na odontologia**. 1. ed. Manole, 2020. P. 79-97.

OLIVEIRA, Letícia Formigli Martins; RIBEIRO, Nicolas Moraes; DIAS, Karina Sarno Paes Alves. Diagnóstico e Terapêutica do Sorriso Gengival: Revisão da Literatura. **Revista de Psicologia**, v. 16, n. 60, p. 662-671, maio 2022. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3450>. Acesso em: 16/05/2024.

PONTES, Stéfany Antonialice *et al.* Aumento de coroa clínica estético minimamente invasivo: relato de caso de 12 meses. **Revista Saúde UNG Ser**, Guarulhos, v. 10, n. 3/4, p. 55-64, 2016. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/2414> Acesso em: 13/05/2024.

ROCHA, Layla Louise de Amorim *et al.* Gengivoplastia sem elevação de retalho mucoperiosteal (flapless) assistida por piezocirurgia: relato de caso. **Arch health investigation**, v.9, n. 3, p. 253-256, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.archhealthinvestigation.com.br/ArchHI/article/view/5059>. Acesso em: 10/05/2024.

SANTOS, Amara Eulalia Chagas. **Odontologia Integrada no Adulto**, Rio de Janeiro, 1. ed Santos Grupo GEN, 2015. p. 99-128.

SANTOS, Felipe Rychuv *et al.* Correção de sorriso gengival antes de procedimentos restauradores: relato de caso **RSBO Revista Sul-Brasileira de Odontologia**, v. 13, n. 2, p. 124-130, 2016. Disponível em: http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-56852016000200008 Acesso em: 10/05/2024.

VIEIRA, Alex Correia *et al.* Abordagem interdisciplinar na reabilitação estética do sorriso. **Revista Odontológica de Araçatuba**. v. 39, n. 2, p. 54-59, ago. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-913529>. Acesso em: 09/05/2024.

CUIDADO CENTRADO NO IDOSO: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PARA PROMOVER O BEM-ESTAR EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS (ILPIS)

Adriana Caroline Batista e Silva¹

Brenda Alicia Beier da Silva²

Caroline Czadotz de Augustinho³

João Matheus de Souza⁴

Valéria Krieguer Zarichen⁵

RESUMO: O artigo aborda a importância de compreender o envelhecimento e a realidade das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPis), com o objetivo de desenvolver estratégias de intervenção que promovam o bem-estar físico e emocional dos residentes. A pesquisa visa identificar as necessidades individuais dos idosos, analisar os programas institucionais, criar intervenções específicas e avaliar sua viabilidade. Utilizando observações semanais feitas por estudantes de Psicologia em União da Vitória, Paraná, o estudo coletou dados através de registros cursivos. Entre os principais resultados, destaca-se a necessidade de criar um ambiente acolhedor que respeite a singularidade de cada morador e promova o autocuidado, a autonomia e a inclusão social. As intervenções propostas incluem oficinas de habilidades manuais, atividades culturais e recreativas, apoio psicológico e grupos de socialização, com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos idosos. A investigação revela também a importância de práticas como a arteterapia e a estimulação cognitiva, que ajudam na expressão da subjetividade e no desenvolvimento de habilidades mentais essenciais, sendo crucial compreender as limitações e necessidades dos idosos, garantindo um cuidado integral que abrange aspectos físicos, emocionais e sociais.

Palavras-chaves: Instituições de Longa Permanência, idosos, psicologia.

ABSTRACT: The article addresses the importance of understanding aging and the reality of Long-Term Care Institutions for the Elderly (LTCIs), with the aim of developing intervention strategies that promote the physical and emotional well-being of residents. The research aims to identify the individual needs of the elderly, analyze institutional programs, create specific interventions, and assess their feasibility. Using weekly observations conducted by Psychology students in União da Vitória, Paraná, the study collected data through cursive records. Among the main results, the need to create a welcoming environment that respects the uniqueness of each resident and promotes self-care, autonomy, and social inclusion stands out. The proposed interventions include manual skills workshops, cultural and recreational activities, psychological support, and socialization groups, with the aim of improving the quality of life for the elderly. The investigation also highlights the importance of practices such as art therapy and cognitive stimulation, which help in the expression of subjectivity and the development of essential mental skills. Understanding the limitations and needs of the elderly is crucial to ensuring comprehensive care that encompasses physical, emotional, and social aspects.

¹ Acadêmica do 5º período de psicologia da UGV Centro Universitário. Email: psi-adrianasilva@ugv.edu.br

² Acadêmica do 5º período de psicologia da UGV Centro Univesitário. Email: psi-brendasilva@ugv.edu.br

³ Acadêmica do 5º período de psicologia da UGV Centro Universitário. Email: psi-carolineaugustinho@ugv.edu.br

⁴ Psicólogo CRP 08/38529, Graduado pela Ugv Centro Universitário. Especialista em Psicologia do Esporte - Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI. Professor do curso de Psicologia da Ugv Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil. Email: psijsaousouza@gmail.com

⁵ Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário Vale do Iguaçu - UNIGUAÇU. Pós-graduada em Psicologia Clínica Cognitivo Comportamental e Psicologia Escolar/Educacional. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário UGV (União da Vitória - PR) e-mail: prof_valeriazarichen@ugv.edu.br

Keywords: Long-Term Care Institutions, Elderly, Psychology.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um fenômeno que atinge todos os seres humanos, independentemente, e é de forma exponencial que essa parte populacional vem crescendo no Brasil. Sendo caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligados intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais, o envelhecimento precisa de mais atenção (Brito; Litvoc, 2004). O presente artigo tem como seu objetivo compartilhar uma experiência vivida em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

Segundo Lima (2005), a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) é quem empregou a expressão “Instituição de Longa Permanência para Idosos” (ILPI) para denominar o tipo de instituição anteriormente chamada de Asilo. A SBGG determina como estabelecimento para acompanhamento integral institucional, para um grupo de indivíduos com 60 anos ou mais, que podem ser independentes ou dependentes, e que não têm a capacidade de viver com suas famílias ou em residências isoladas.

A atuação das acadêmicas teve como objetivo investigar e criar uma estratégia de intervenção, explorando as diferentes experiências dos idosos nas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), a qual honre a singularidade de cada morador, e promova um ambiente acolhedor que vise o bem-estar físico e mental dos pertencentes dessa instituição.

O estudo visa aprofundar-se na compreensão das práticas de cuidados diários com idosos que residem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), buscando não apenas entender suas histórias, desejos e necessidades individuais, mas também identificar de forma precisa e sensível às demandas específicas desses idosos em termos de bem-estar físico e emocional. A investigação se estende à análise do corpo científico disponível sobre os programas institucionais voltados para idosos, concentrando-se especialmente nas ILPIs. A partir dessa base de conhecimento, será desenvolvida uma estratégia de intervenção que atenda às necessidades identificadas durante as observações, com o intuito de promover um ambiente mais acolhedor e adaptado às particularidades dos residentes. Por fim, as intervenções propostas nesse contexto institucional, visam garantir as melhorias factíveis e eficazes para a promoção do bem-estar dos idosos nas ILPIs.

2 MÉTODO

O método empregado para o desenvolvimento deste trabalho é uma Pesquisa Aplicada, de acordo com Gil (2015), este método inclui investigações com o objetivo de resolver problemas específicos no contexto das comunidades onde os pesquisadores estão inseridos. A abordagem adotada para obter os dados da pesquisa é a qualitativa que, segundo Minayo (2012), foca em aspectos da realidade que não podem ser medidos numericamente, para lidar com um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes.

A ênfase se deu na Pesquisa Descritiva, que visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, esse estudo foi conduzido em campo, com o objetivo de coletar informações sobre as demandas existentes. A pesquisa em Campo busca entender a fundo uma realidade específica, isso é feito através da observação direta das atividades do grupo que está sendo estudado (Gil, 2015).

O instrumento de coleta de dados foi a observação não-participante conduzida em equipe por três observadoras, estudantes do curso de Psicologia no interior do Paraná. As observações ocorreram semanalmente, com duração de 1 hora cada, durante cinco semanas consecutivas, em uma Associação Beneficente, onde as observadoras utilizaram a técnica de registro cursivo para registrar suas observações.

Foram observadas 14 idosas residentes em uma ILPI com idades entre 70 e 98 anos, todas do gênero feminino. Em sua maioria, apresentavam grau de dependência II, isto é, precisavam de ajuda para realizar atividades diárias como comer, se mover, cuidar da higiene e grau de dependência III, ou seja, demonstravam dependência completa para realizar atividades cotidianas (Anvisa, 2005).

A partir do que foi observado, foram utilizadas pesquisas bibliográficas de autores que discutem o tema, do envelhecimento e suas múltiplas dimensões. Abrangendo tópicos como desenvolvimento, condições de vida e saúde mental na velhice, assim como estratégias de prevenção e promoção da saúde em idosos institucionalizados.

A pesquisa se deu pautada pelo Código de Ética do Profissional Psicólogo, que estabelece diretrizes fundamentais para a conduta ética na prática da Psicologia, visando garantir a proteção e sigilo das idosas através da confidencialidade como exposto no Art. 9º. Buscando alinhar a pesquisa aos princípios fundamentais da profissão e contribuindo para a credibilidade dos resultados.

Como base para as propostas, utilizou-se as contribuições da Psicologia do Envelhecimento. Devido às restrições práticas do contexto, em relação aos grupos, pois as participantes tinham limitações cognitivas e motoras, foi necessário adaptar as intervenções planejadas com o intuito de trazer atividades que impulsionam maior bem-estar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O número de idosos no Brasil tem se tornado cada vez mais crescente, e o local de apoio da família para o cuidado dos mesmos se encontra naturalmente em ILPIs. Nota-se a importância desse espaço em escala cada vez maior, e a necessidade também de apoio que essas instituições necessitam (Alves *et al.*, 2013).

Os idosos abrigados recebem os cuidados de profissionais capacitados em várias áreas, o que acarreta uma velhice mais saudável em termos de segurança, as Iniciativas de Longevidade Plena e Inclusiva (ILPI) buscam criar um padrão de excelência nas organizações que cuidam dos idosos, assegurando que recebam atenção integral para seu bem-estar físico, emocional e social. Essas iniciativas são baseadas nos princípios do Estatuto do Idoso, nas leis em vigor e nas políticas públicas destinadas a essa preciosa parcela da nossa sociedade (Alves *et al.*, 2013).

Cada pessoa tem uma percepção única de sua imagem corporal, essa percepção tende a evoluir ao longo da vida. A fase da velhice representa um momento desafiador nesse processo, pois envolve lidar com as transformações corporais associadas ao envelhecimento, em uma cultura que valoriza a beleza e a juventude (Lima; Rivemales, 2013).

Além das mudanças na imagem corporal, fatores como a independência, mobilidade reduzida, suporte inadequado, limitam a capacidade para o autocuidado nos idosos institucionalizados. As intervenções nesse sentido se tornam essenciais para que o indivíduo tenha conhecimento, aceitação e habilidades para o autocuidado, permitindo assumir um papel ativo na conscientização e promoção de práticas de autocuidado (Tanqueiro, 2013).

Os autores Telles Filho e Petrilli Filho (2001 *apud* Mazza; Lefèvre, 2004, p. 71) dizem que devido a problemas de saúde debilitantes, avanço da idade e até mesmo distúrbios comportamentais, muitos idosos não conseguem desempenhar atividades laborais. Nessas situações, quando combinadas com dificuldades financeiras e falta de apoio familiar, há uma alta probabilidade de essas pessoas serem encaminhadas

para instituições asilares. Diante dos fatos expostos, fica evidente a importância dessas instituições para os idosos que moram sozinhos e que não possuem família, visto que estas transformam-se em um lugar de proteção e cuidado.

Em uma conversa com a administração da ILPI, mencionou-se que algumas idosas na instituição sofrem de doenças como demência, Alzheimer e esquizofrenia. É fundamental compreender essas doenças e como elas afetam os idosos. Além disso, é essencial compreender as limitações de mobilidade que podem acompanhar essas doenças, já que a segurança e a independência na locomoção são aspectos vitais do bem-estar. Adaptar o ambiente e oferecer suporte específico pode prevenir quedas e lesões, garantindo que os idosos se movam com segurança e dignidade.

A demência é uma síndrome caracterizada por uma disfunção nas funções intelectuais, incluindo a linguagem, a memória, a cognição e a solução de problemas. Essa condição afeta especialmente os idosos e se manifesta de diversas maneiras, como dificuldade em armazenar novos fatos, repetição constante de informações, mudanças comportamentais, repetição de movimentos ou até mesmo alucinações. Devido à deterioração gradual das capacidades físicas e mentais dos idosos com demência, aumenta a necessidade de cuidados profissionais em instituições (Jesus *et al.*, 2010).

A doença de Alzheimer é a condição mais prevalente de demência entre os idosos, ela é caracterizada por ser progressiva, não tendo cura, e afeta principalmente o funcionamento do cérebro, por consequência, resulta no comprometimento da memória, do raciocínio, da orientação, da compreensão, do cálculo, da capacidade de aprendizado, da linguagem e do julgamento. Além disso, a pessoa afetada pode apresentar dificuldades na organização, no planejamento e na execução de atividades cotidianas, bem como nas habilidades visuo-espaciais (Burlá, *et al.*, 2013).

A esquizofrenia é identificada como uma das condições psiquiátricas mais complexas e desafiadoras pela Organização Mundial da Saúde (OMS) definida pela distorção do pensamento e percepção, afeta aproximadamente 1% da população global, representando cerca de 70 milhões de pessoas. É caracterizada por uma série de sintomas como alucinações, delírios e desorganização do pensamento. Além dos sintomas agudos, os portadores enfrentam sintomas como apatia e isolamento social, contribuindo para um sentimento profundo de desesperança. O transtorno não apenas afeta a saúde mental, mas também aumenta os riscos de suicídio, acidentes e outras doenças associadas (Silva *et al.*, 2016).

Conforme Ribeiro (2015), é crucial adotar os paradigmas atuais da psicologia do envelhecimento nas práticas de saúde para superar concepções equivocadas, especialmente aquelas que assumem uma homogeneidade entre os idosos, já que essas visões generalizadas não têm sido eficazes nas ações voltadas para essa população. Embora muitas intervenções sejam aplicáveis à saúde dos idosos, é importante destacar que essa área de atuação ainda é pouco difundida no Brasil, com um interesse limitado devido à escassa formação em gerontologia entre os psicólogos. Cabe à psicologia e a outras áreas da saúde ampliar o conhecimento sobre o envelhecimento, seja ele ativo ou relacionado a condições crônicas e degenerativas. Isso é essencial para evitar estereótipos que comprometem a eficácia dos serviços prestados aos idosos e para que a oferta de cuidados em saúde coletiva seja uma meta ao longo de toda a vida.

A tabela de intervenções, preparada pelos estudantes, apresenta estratégias diversificadas para melhorar a qualidade de vida dos idosos nas ILPIs, promovendo o autocuidado, a autonomia e a inclusão social. As intervenções incluem programas de oficinas de habilidades manuais, atividades culturais e recreativas, apoio psicológico, grupos de apoio e socialização, cuidados paliativos e conforto e reabilitação cognitiva. Essas iniciativas são planejadas para atender necessidades específicas das idosas, com o objetivo de melhorias significativas na qualidade de vida destas.

Tabela 1 - Cronograma de intervenções

INTERVENÇÃO	DURAÇÃO	TEMA
- Intervenção 1	- 1h e 30min	Relaxamento
- Intervenção 2	- 30 minutos - 1 hora	Autocuidado
- Intervenção 3	- 1h e 30min	Arteterapia
- Intervenção 4	- 1h e 30 min	Memória
- Intervenção 5	- 1 hora - 30 minutos	Encerramento/ Devolutiva

(As autoras, 2024)

A partir das informações coletadas, observa-se a necessidade das intervenções presentes, as quais são baseadas em fatores científicos. Sendo assim, a intervenção com o intuito de relaxamento parte do princípio de buscar alívio das tensões cotidianas, tanto mental, através da meditação guiada e musicoterapia, quanto físico,

através de uma massagem relaxante realizada por acadêmicos na área de fisioterapia.

De acordo com Araújo e Barboni (2013), a prática da massagem relaxante realizada por fisioterapeutas, consiste em uma série de manobras manuais aplicadas sobre a musculatura, apresentando diversas vantagens quando integrada a um plano terapêutico abrangente. Dentre essas vantagens destacam-se o baixo impacto nas articulações, o reduzido risco de lesões, a mínima exigência de esforço muscular e a potencial redução da tensão e ociosidade. Além disso, a massagem demonstra-se capaz de contribuir significativamente para o aumento da flexibilidade e para a indução do relaxamento.

Já na arteterapia, foi identificado que algumas participantes do grupo relataram o quanto elas se sentiam confortáveis ao ter contato com a arte, sendo através de atividades de pintura, crochê, costura, entre outras que as mesmas faziam antes de entrar, ou até mesmo dentro da ILPI. Para Philippini (1998), essa modalidade terapêutica é de extrema importância para facilitar a expressão da subjetividade, e visa não apenas estimular o indivíduo em todas as fases da vida, mas também incentivar a externalização de conteúdos simbólicos enraizados na psique por meio da expressão artística.

A necessidade de intervenção com o enfoque na estimulação cognitiva foi identificada através de observações, que revelaram uma frequência elevada de repetição de perguntas e histórias. Este comportamento sugere dificuldades na retenção de informações, indicando possíveis déficits na memória. A perda de memória na velhice pode resultar do envelhecimento natural, doenças neurodegenerativas como Alzheimer, AVCs, lesões cerebrais, deficiências nutricionais, condições médicas crônicas, e distúrbios do sono. Problemas de saúde mental, efeitos colaterais de medicamentos, abuso de substâncias e estresse crônico também contribuem para a deterioração cognitiva, evidenciando a necessidade de uma abordagem abrangente para o cuidado dos idosos. Portanto, a estimulação cognitiva auxilia no desenvolvimento das habilidades mentais essenciais para controlar e regular nossos pensamentos, emoções e ações, contribuindo para a manutenção dos conhecimentos. A primeira habilidade envolve a capacidade de formular pensamentos, resolver problemas e realizar cálculos mentalmente. Em relação à regulação das emoções, refere-se à habilidade de controlar a raiva, os

medos, impulsos, entre outros, sendo fundamentais no cotidiano dos indivíduos (Knapp *et al*, 2013).

Nesse contexto, o funcionamento mental está ligado à saúde e ao bem-estar psicológico do idoso, promovendo uma autoimagem positiva, melhores relações interpessoais, maior autonomia e um senso de vivência mais ativa e benéfica. Cabe citar Souza e Chaves (2005), que ressaltam que é crucial a aplicação de métodos terapêuticos e indispensável na população idosa que demonstra sinais de déficits de memória.

Ongaratto, Grazziotin e Scortegagna (2016), apontam que idosos com boas habilidades sociais e alta autoestima geralmente enfrentam menos dificuldades em situações adversas. A autoestima, que envolve apreciação, satisfação e valorização de si mesmo, está associada ao ajustamento social e à saúde mental. Uma boa autoestima facilita a resolução de problemas e participação em novos projetos. Portanto, nesse contexto, se faz necessário uma intervenção relacionada à autoestima e autocuidado para promover o bem-estar e a qualidade de vida das idosas.

Quando o idoso reside em uma Instituição de Longa Permanência, ele frequentemente perde sua autonomia e independência, o que limita sua capacidade de autocuidado. Nesse contexto de cuidados, a promoção da saúde deve focar na recuperação do empoderamento dos idosos. É essencial implementar intervenções que incentivem a autonomia, promovam atividades físicas e de lazer, ajudando as idosas a se envolverem ativamente em seu próprio cuidado e melhorarem sua qualidade de vida (Santos, et al., 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou uma grande e significativa experiência no ambiente das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), demonstrando a importância de compreender as necessidades individuais e coletivas das mulheres que lá residem. Ao considerar as particularidades e necessidades de cada residente, torna-se possível desenvolver intervenções específicas, sendo essas atividades que estimulem a autonomia, a interação social e o cuidado com a saúde mental e física dos idosos.

No entanto, é importante ressaltar a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais de diversas áreas, como psicologia,

enfermagem, serviço social, entre outras, para garantir a efetividade das intervenções propostas. Além disso, é fundamental que essas iniciativas sejam avaliadas constantemente, de modo a garantir sua viabilidade e adequação às demandas e aos recursos disponíveis nas ILPIs.

Por fim, espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para o aprimoramento das políticas e práticas de cuidado aos idosos em instituições de longa permanência, promovendo uma maior qualidade de vida e bem-estar para essa parcela tão importante da população.

REFERÊNCIAS

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. DOS. **Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 26, n. 4, p. 820–830, out. 2013.

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução - rdc nº 283**, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: <<https://abrir.link/sbPGd>>.

ARAÚJO, E. J.; BARBONI, S. A. V. **Massagem como prática terapêutica auxiliar na assistência à saúde e cuidado integral de idosos**. Trabalho de Conclusão de Curso Educação Física. Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, 2013.

BRITO, Francisco Carlos de; LITVOC, Júlio. **Envelhecimento: prevenção e promoção da saúde**. São Paulo: **Atheneu**. Acesso em: 01 abr. 2024. , 2004. <https://editorarealize.com.br/editora/anaais/cieh/2013/Comunicacao_oral_idinscrito_392_cff274d9f71a1948a0894daf594d6e37.pdf>

BURLÁ, C., CAMARANO, A. A., KANSO, S., FERNANDES, D., & NUNES, R. (2013). **Panorama prospectivo das demências no Brasil: um enfoque demográfico**. Rio De Janeiro, RJ :Ciência & Saúde Coletiva,18(10), 2950-2951.

DA MAIA LIMA, C. F.; COSTA RIVEMALES, M. D. C. **Corpo e Envelhecimento: Uma Reflexão - Artigo De Revisão**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 18, n. 1, 2013. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa.5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos; VERGARA, Sylvia Constant. **Tipo de pesquisa**. Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, p. 31, 2015.

JESUS, I. S. DE et al. **Cuidado sistematizado a idosos com afecção demencial residentes em instituição de longa permanência**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 31, n. 2, p. 285–292, jun. 2010.

KNAPP, K., MORTON, J. B., MUNAKATA, Y., MICHAELSON, L., BARKER, J., CHEVALIER, N., BLAIR C. (2013). **Estimulação cognitiva (funções executivas)**. Disponível em: <https://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/682/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf>

LIMA, M.A.X.C. **O fazer Institucionalizado: O cotidiano do asilamento**. Dissertação de mestrado. São Paulo (SP):PEPGG /PUC-SP. 2005

MAZZA, M. M. P. R.; LEFÈVRE, F.. A instituição asilar segundo o cuidador familiar do idoso. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 68–77, set. 2004.

MINAYO, M. C. DE S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciência & saúde coletiva, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012.

ONGARATTO, Geisa Locatelli; GRAZZIOTIN, Jucelaine Bier Di Domenico; SCORTEGAGNA, Silvana Alba. **Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência**. Psicol. pesq., Juiz de Fora , v. 10, n. 2, p. 12-20, dez. 2016.

PHILIPPINI, A. **MAS O QUE É MESMO ARTETERAPIA?** Disponível em: <<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/masoque.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

RIBEIRO, P. C. C. (2015). **A psicologia frente desafios do envelhecimento populacional. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 8(spe), 269-283. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000200009&lng=pt&tlng=pt>.

SANTOS, Z. M. DE S. A. et al. **Autocuidado universal praticado por idosos em uma instituição de longa permanência**. Revista brasileira de geriatria e gerontologia, v. 15, n. 4, p. 747–754, 2012.

SOUZA, J.N.de. & CHAVES, E.C. (2005). **O efeito do exercício de estimulação da memória em idosos saudáveis**. Revista da Escola de Enfermagem., 39(1), 13-19.

SILVA, Amanda Mendes et al. **Esquizofrenia: uma revisão bibliográfica**. UNILUS Ensino e Pesquisa, v. 13, n. 30, p. 18-25, 2016.

TANQUEIRO, Maria Teresa de Oliveira Soares. **A gestão do autocuidado nos idosos com diabetes**: revisão sistemática da literatura. Revista de Enfermagem Referência, v. 3, n. 9, p. 151-160, 2013.

DESENVOLVIMENTO DE UM IOGURTE GREGO A PARTIR DO FILTRADO DE KEFIR ADICIONADO DE WHEY PROTEIN SABOR COOKIES E CREAM

Emanuelli Thaís Dutra¹
Lina Cláudia Sant'Anna²

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi desenvolver um iogurte grego, a partir do filtrado de kefir, com *whey protein* sabor cookies e cream. Esse estudo foi de natureza aplicada de corte transversal, de abordagem qualiquantitativa com objetivo experimental e descritivo. A população foi composta por 51 acadêmicos e funcionários de 18 a 60 anos de ambos os sexos, da Faculdade Integradas do Vale do Iguaçu escolhidos aleatoriamente, previamente os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os ingredientes usados para a elaboração do iogurte grego foram os seguintes: kefir, *whey protein*, adoçante sucralose e essência de baunilha. O rótulo nutricional foi elaborado através da ficha técnica de preparação, onde foram calculados os valores de macronutrientes, bem como seu valor energético. A partir dos resultados obtidos foi observado que o produto foi aceito pelos provadores, já que seu índice de aceitabilidade foi 98% e sua intenção de compra de 84%. O produto apresentou quantidade significativa de proteína. O custo calculado para 100 g do iogurte grego de kefir com adição de *whey protein* sabor *cookies e cream* foi de R\$ 2,34. O iogurte de kefir por ser um produto natural caseiro geralmente adquirido por doações de grãos e sua reprodução é acelerada, torna-se com custos mais baratos se comparado aos outros produtos encontrados no mercado. Os dados indicaram ampla aceitação do produto, demonstrando sua elevada viabilidade de comercialização no mercado.

Palavras-chave: kefir, probióticos, whey protein.

ABSTRACT: The objective of this work was to develop a greek yogurt from kefir filtrate with cookies and cream-flavored whey protein. This was an applied, cross-sectional study with a qualitative and quantitative approach and an experimental and descriptive objective. The population consisted of 51 students and staff members aged 18 to 60, of both sexes, from the Faculdade Integradas do Vale do Iguaçu, randomly selected. All participants were informed about the objective of the research and signed a free and informed consent form (tcle). The ingredients used to prepare the greek yogurt were: kefir, whey protein, sucralose sweetener, and vanilla essence. The nutritional label was developed based on the preparation technical sheet, in which the macronutrient values and energy value were calculated. based on the results obtained, it was observed that the product was accepted by the tasters, with an acceptability index of 98% and a purchase intention of 84%. The product showed a significant protein content. The calculated cost for 100g of greek kefir yogurt with the addition of cookies and cream-flavored whey protein was R\$2,34. Kefir yogurt, being a natural homemade product generally obtained through the donation of grains and due to its rapid reproduction, becomes more cost-effective compared to other products on the market. The data indicated broad product acceptance, demonstrating its strong potential for market commercialization.

Key words: kefir, probiotics, whey protein.

1 INTRODUÇÃO

O iogurte é um dos produtos lácteos que tem obtido um crescimento cada vez maior no mercado de alimentos funcionais, seja por suas propriedades que

¹ Nutricionista pela Ugv – Centro Universitário

² Mestre em Nutrição pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente do Curso de Nutrição da Ugv – Centro Universitário. Email para contato: prof_lina@ugv.edu.br

contribuem e regulam o funcionamento do intestino, seja pela busca de uma alimentação mais saudável (Mathias *et al.*, 2013).

Para Silva (2010), esse laticínio foi considerado um medicamento por ter interferências significativas na digestibilidade, onde era vendido apenas em farmácias, sendo vendido em supermercados somente a partir da década de 50. Atualmente o iogurte vem sendo consumido em diversas ocasiões do dia, algumas vezes substituindo até a refeição principal, mas principalmente é consumido nos intervalos entre as refeições.

Com sua produção bastante diversificada desde a caseira até a industrial com objetivo de alcançar o extenso mercado consumidor, diversificam os seus ingredientes, composição, sabor, consistência, textura, valor calórico, processo de elaboração e processo pós-incubação (Mathias *et al.*, 2013).

Segundo Silva (2010), o iogurte é o leite fermentado mais consumido no Brasil sendo que existem várias técnicas e produtos que podem ser utilizados para a sua fermentação através do leite, como o kefir, originário da Rússia e que apresenta uma colônia de microrganismos vivos que produz fermentação láctica, alcoólica e carbônica através do leite de vaca, cabra e outras espécies.

Com um gosto refrescante, porém levemente azedo e aroma suave de fermento fresco o kefir pode apresentar também um sabor forte e efervescente se destacando como um alimento probiótico (Terra, 2007).

Os probióticos são microrganismos vivos que tem um efeito positivo se aplicados em quantidades apropriadas. Acredita-se que os probióticos tragam muitos efeitos benéficos para o indivíduo, pois quando esses organismos atingem o cólon, causam uma elevação no número de bactérias anaeróbias benéficas e consequentemente diminuem a população de microrganismos com capacidades patogênicas. Além disso, afetam o ecossistema intestinal ativando mecanismos imunes e não imunes na mucosa pelo antagonismo e concorrência com patogênicos potenciais (World Gastroenterology Organization, 2011).

É de grande valia destacar que a diversidade de sabores, principalmente à base de frutas, tem sido uma tendência na produção de iogurtes, pois essa diversificação aumenta a procura do mesmo (Silva, 2010).

A proteína do soro de leite (*whey protein*) é constituída por inúmeros peptídeos, sendo eles as imunoglobulinas, beta-lactoglobulina, alfa-lactalbumina do soro bovino e glicomacropéptidos (Luhivyy; Akhavan; Anderson, 2007). O *whey protein* vem

sendo destacado por vários estudos pelo seu composto de componentes biológicos apresentando sua contribuição como um recurso no tratamento de inúmeros quadros patológicos, assim como no cuidado com o aumento da massa magra (Marshall, 2004).

A maioria dos estudos sobre a suplementação do *whey protein* para o ganho de massa magra revela a eficácia em estimular o aumento da síntese proteica, mantendo um balanço nitrogenado positivo (Pennings, 2011).

Dessa forma, a adição de *whey protein* em iogurte de kefir torna-se uma alternativa prática e de grande benefício nutricional considerando seus efeitos positivos tanto para o ganho de massa muscular como para a saúde do intestino respectivamente. Portanto, o objetivo desse estudo foi desenvolver um iogurte grego, a partir do filtrado de kefir, com *whey protein* sabor cookies e cream.

2 MATERIAIS E METODOS

Esse estudo foi de natureza aplicada de corte transversal, de abordagem qualiquantitativa com objetivo experimental e descritivo.

A população foi composta por acadêmicos e funcionários de 18 a 60 anos de ambos os sexos, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu e a amostra foi composta por 51 desses acadêmicos e funcionários que se dispuseram a participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido. O estudo foi realizado no laboratório de técnica dietética da Ugv - Centro Universitário, localizado no município de União da Vitória – PR

2.1 VARIÁVEIS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

2.1.1 Preparação do iogurte grego de kefir e adição de whey protein

O filtrado de kefir foi obtido a partir da fermentação do leite na proporção de uma colher de sopa de kefir (20g) para 250 ml de leite integral em dois recipientes de vidro esterilizado com capacidade para 1 litro, o qual foi coberto com um papel toalha e preso com elástico para evitar a entrada de insetos e poeira.

Os grãos foram incubados no leite integral a uma temperatura de 20 a 25°C que permaneceu em temperatura ambiente por 24 horas, refazendo esse processo durante três dias, com uma coleta total de 10.2l de filtrado de kefir. Após o tempo de fermentação os grãos foram peneirados e foram filtrados em três filtros de pano para a retirada do soro levando em torno de 12 horas, gerando apenas 2l de iogurte grego

que em seguida foi adoçado com 100 gotas de adoçante sucralose e por fim misturado com 10 medidas *whey Protein* sabor *cookies e cream* da marca Nutrata e 5 colheres de café de essência de baunilha, onde ficou refrigerado em uma temperatura abaixo de 10°C.

Estudos recentes demonstram que a adição de whey protein ao kefir pode aumentar significativamente a proliferação de bactérias probióticas, de 4,86 para 5,52 log CFU/mL, além de conferir propriedades físico-reológicas superiores ao produto final (Ziolkowski *et al.*, 2024). Esses achados reforçam a escolha da adição do whey protein na presente formulação.

2.1.2 Análise sensorial

A análise sensorial foi realizada com 51 provadores escolhidos aleatoriamente. Os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Cada provador recebeu uma amostra de 50ml do iogurte grego e uma ficha de escala hedônica verbal estruturada de 9 pontos. Após degustar o iogurte grego cada provador expressou na ficha a sua opinião em relação à aceitabilidade do produto sendo 1 desgostei muitíssimo e 9 gostei muitíssimo. Para definir se o produto foi aprovado pelos participantes foram somados os valores definidos entre gostei muitíssimo e gostei ligeiramente para aprovado, não gostei e nem desgostei como indecisos e desgostei moderadamente até desgostei muitíssimo como não aprovado pelos participantes. Juntamente com a análise sensorial os provadores foram questionados sobre a intenção de compra do produto.

2.1.3 Cálculo do valor nutricional e do custo

O cálculo do valor nutricional foi feito através da ficha técnica de preparo com base nas informações nutricionais descritas nos rótulos do whey protein e a tabela de composição química do kefir nas publicações de Renner; Renz-Schaven, (1986); Hallé *et al.*, (1994), e tabela de composição dos alimentos (TACO) (2021) onde foram calculados os macronutrientes (carboidratos, proteínas, lipídeos).

O cálculo foi feito com base nos preços de mercado do *whey protein*, da sucralose, da essência de baunilha e do leite para 100 g de iogurte.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 TESTE DE ACEITABILIDADE

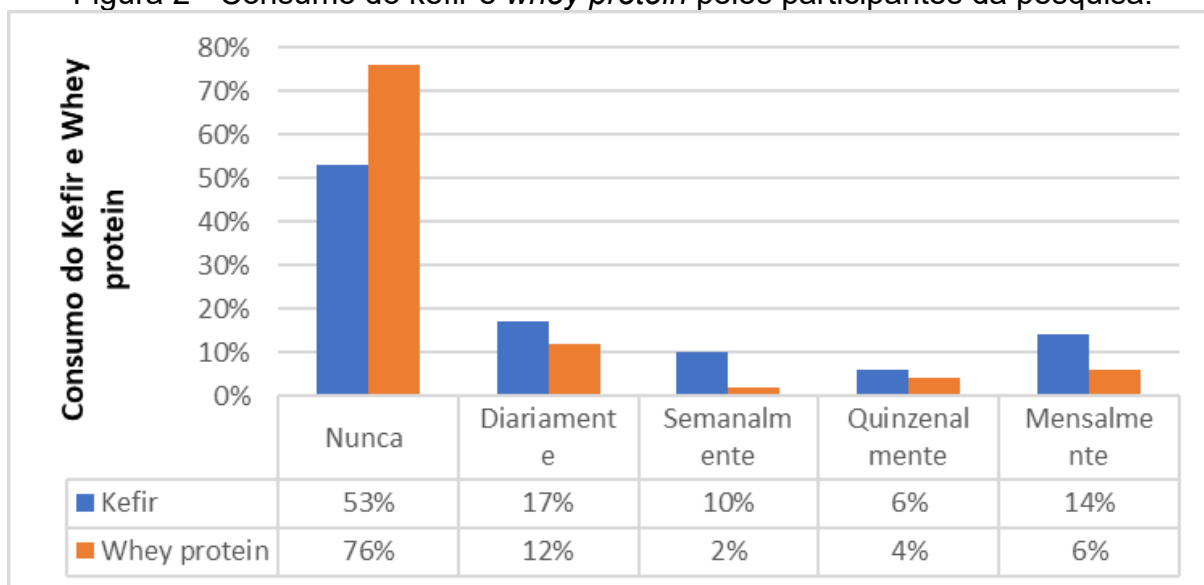
O iogurte grego apresentou uma ótima aparência, de cor bege, com consistência muito cremosa, e apresentava textura granulosa, devido aos cookies adicionados, o seu odor era característico do *kefir*, com um leve toque de essência de baunilha. O gosto era adocicado devido a adição da sucralose, e era também levemente ácido devido a fermentação com o *kefir*.

Figura 1 - Iogurte grego de kefir adicionado *whey protein* sabor *cookies e cream*



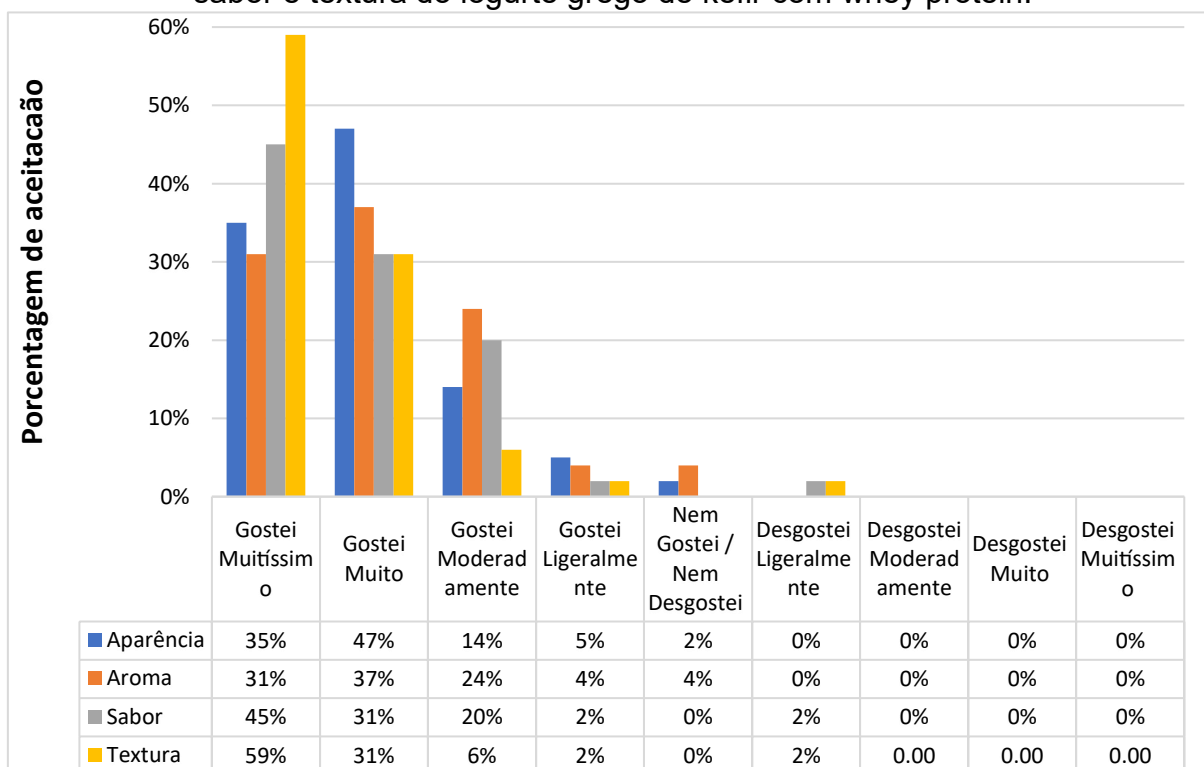
Para uma melhor avaliação buscou-se fazer o teste com acadêmicos e funcionários na sua maior parte da área da saúde, com a expectativa inicial que a maioria já teria um contato com o kefir e com o *whey protein*, mas os resultados apresentaram uma surpresa onde cerca de 76% nunca consumiu o *whey protein* e 53% nunca consumiu o kefir como demonstrado na figura 2.

Figura 2 - Consumo do kefir e *whey protein* pelos participantes da pesquisa.



Os dados apresentados na figura 3 determinam a aceitação do produto perante a população da amostra, nos quesitos aparência, aroma, sabor e textura. Abaixo segue a figura 3.

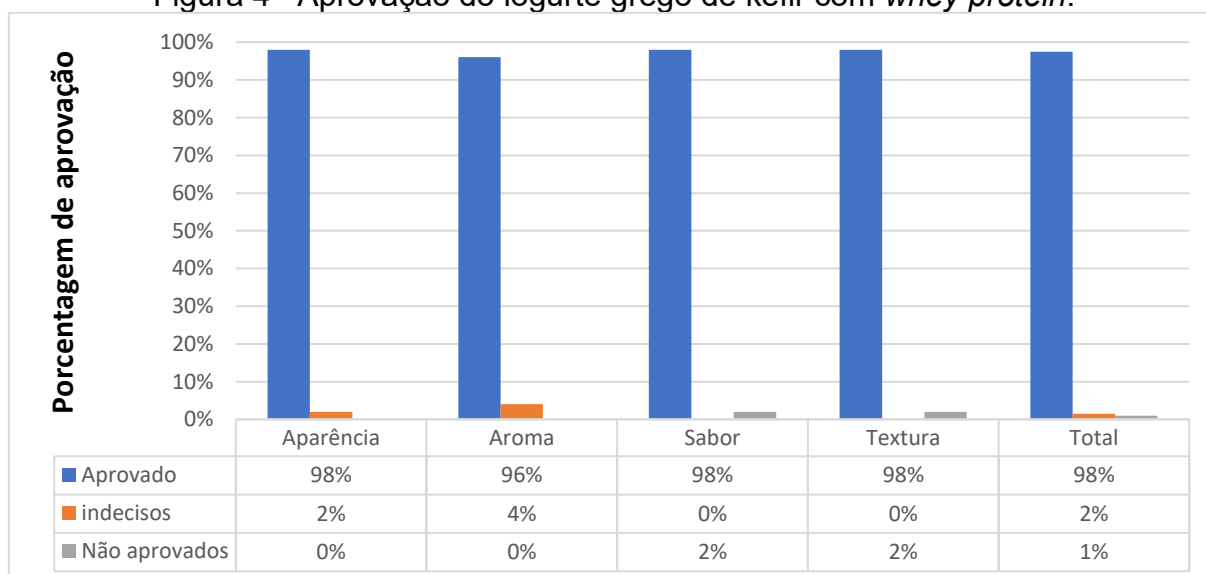
Figura 3 - Resultado do teste de aceitabilidade em relação a aparência, aroma, sabor e textura do iogurte grego de kefir com *whey protein*.



A figura 3 demonstra que no requisito aparência 47% da população respondeu que gostou muito, e apenas 2% disseram que nem gostaram / nem desgostaram. No requisito aroma a maioria dos participantes definiram que gostaram muito do aroma

do produto elaborado. No requisito sabor 45% definiram que gostaram muitíssimo e em relação à textura 59% da população disse que gostou muitíssimo. Para definir se o produto foi aprovado pelos participantes foram somados os valores definidos entre gostei muitíssimo e gostei ligeiramente para aprovado, não gostei e nem desgostei como indecisos e desgostei moderadamente até desgostei muitíssimo como não aprovado pelos participantes. É indispensável qualificar a aceitabilidade de um novo produto para o mercado. De acordo Teixeira, Meinert e Barbeta (1987) o mínimo que o índice de aceitabilidade pode alcançar é de 70% para que o produto seja aceito no que se refere as suas propriedades sensoriais. A figura 4 define como ficou a aprovação do produto.

Figura 4 - Aprovação do iogurte grego de kefir com *whey protein*.



Conforme a figura 4, 98% da população aprovou a aparência, 96% aprovaram o aroma, 98% aprovaram o sabor e 98% dos provadores aprovou a textura.

O restante dos participantes que não aprovou ou estava indeciso informou nos comentários que o sabor do iogurte ainda estava muito ácido devido à presença kefir, que só iriam adquirir se o produto fosse mais doce.

Outros autores também avaliaram produtos feitos a partir da fermentação de *kefir*, Peixoto (2017) avaliou a aceitabilidade de um iogurte de kefir sabor açaí adicionado de frutooligossacarídeos, onde obteve 42% para a opção gostei muitíssimo, 46% para gostei muito e 12% para gostei moderadamente. Quando questionado se a população consumiria o produto regularmente o resultado foi que 96% consumiriam.

Dabrowski (2016) avaliou a aceitabilidade de um queijo a partir do filtrado de kefir o qual apresentou uma boa aceitabilidade, onde 42% gostou muitíssimo, 24%

gostaram muito, 22% gostaram moderadamente e 8% gostaram ligeiramente, sendo que apenas 4% desgostaram moderadamente.

Figueirêdo *et al.* (2016) avaliaram a aceitabilidade de um iogurte de kefir com cupuaçu e mel, o qual 43% gostaram muitíssimo, apenas 1% nem gostou/ nem desgostou. Justificando o fato de aceitação não ter sido ainda maior devido à acidez do kefir.

Silva *et al.* (2018) desenvolveram uma bebida funcional baseada em kefir de leite de soja sabor pêssego, o qual avaliou a aceitabilidade que se apresentou alta com 94,5% de aceitação, 1,5% de indecisos e 4% de rejeição. Na intenção de compra de 83,4% comprariam o produto. O produto apresentou características sensoriais adequadas e potencial para ser comercializado. Ainda, segundo o autor, os estudos sobre as atitudes dos consumidores em relação aos produtos probióticos indicam um aumento no interesse por alimentos funcionais que favorece os benefícios para a saúde. No entanto, há ainda uma falta de conhecimento sobre a funcionalidade e os benefícios à saúde desses alimentos entre a população.

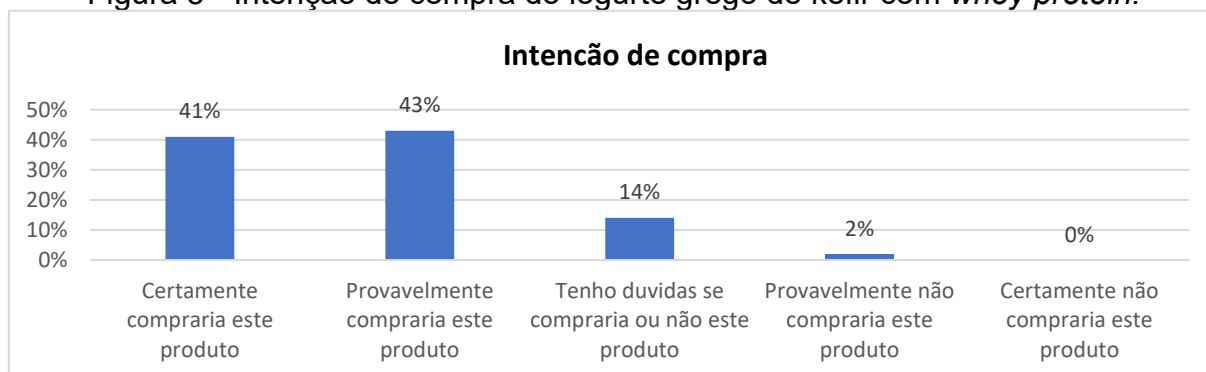
Januário *et al.* (2016) avaliaram a aceitação de um sorvete de kefir aromatizado com banana, goiaba, limão ou maracujá e adoçado com mel. O sorvete de banana apresentou firmeza, coesividade e aceitação no geral semelhante ao produto comercial, mas menor pontuação de aparência e textura. Os outros sorvetes tiveram menor aceitação geral, mas os consumidores gostaram moderadamente e ligeiramente dos produtos. Conclui-se que é possível desenvolver sorvetes com sabor de frutas com leite fermentado de Kefir e adoçados com mel que tenham físico-química e aceitação semelhantes aos sorvetes convencionais disponíveis no mercado.

Saito *et al.* (2016) desenvolveram um sorvete à base de kefir utilizando o concentrado protéico de soro de queijo (CPS). A análise sensorial do sorvete apresentou os seguintes índices no quesito aparência 72,11% e sabor 79,33% que foram aprovados, já o aroma ficou com um índice 67,88% e textura 62,88% ficando abaixo do índice de aprovação que é 70%, na nota global ficou 73,55%, sendo aprovado. Segundo o autor a utilização do Kefir e CPS em formulações para sorvete pode ser realizada com sucesso, podendo substituir a gordura, resultando em um produto probiótico, funcional, com baixa gordura e baixo teor de lactose.

Diante dos diferentes produtos apresentados, percebe-se que os índices de aceitabilidade de um produto a partir do kefir é relativamente bom, onde nenhum dos trabalhos apresentou uma avaliação com maior porcentagem negativa.

No quesito intenção de compra do iogurte grego de kefir com *whey protein* segue na figura 5.

Figura 5 - Intenção de compra do iogurte grego de kefir com *whey protein*.



Pode-se observar que 84% fariam a compra do produto, tendo apenas 14% ainda em dúvida e 2% que não comprariam. Contudo através do índice de aceitabilidade do iogurte grego de *whey protein* pode-se afirmar que foi um produto sensorialmente aceito pelo consumidor, apresentando características sensoriais agradáveis e atrativas.

3.2 VALOR ENERGETICO DE MACRONUTRIENTES E ROTULO NUTRICIONAL

Além da composição nutricional equilibrada, estudos in vitro apontam que o kefir enriquecido com *whey protein* possui alta atividade antioxidante e potencial inibidor da enzima conversora de angiotensina (ACE) durante todas as fases da digestão, o que reforça suas propriedades funcionais e bioativas (Saygili & Karagozlu, 2024). Através da ficha técnica de preparação foi desenvolvido o rótulo nutricional, o qual dispõe dos valores de macronutrientes que estão expressos na tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Informação Nutricional do iogurte grego de kefir com *whey protein*

	Quantidade por porção (100g) 1 unidade	% VD(*)
Valor energético	126,5kcal = 529,276 kj	6,32%
Carboidratos	2,75g	0,91%
Proteína	13,8g	18,4%
Gorduras totais	4,45g	8,09%
Gorduras saturadas	0,5g	2,27%
Gorduras trans	NA	**
Fibra alimentar	0g	0%
Sódio	47,55mg	1,98%
Leucina	0,221mg	**
Valina	0,339mg	**
Isoleucina	0,327mg	**
*% Valores Diários de referência com base em uma dieta de 2.000 kcal, ou 8400 kj. Seus valores diários podem ser maiores ou menores dependendo de suas necessidades energéticas". Não contém glúten. Alérgicos: Contém leite e derivados.		

Na tabela a seguir estão demonstradas as informações nutricionais de um iogurte comum encontrado no mercado escolhido aleatoriamente.

Tabela 2 - Informação Nutricional de um iogurte grego tradicional

	Quant. por porção (100g) 1 unidade	%VD(*)
Valor energético	152 kcal = 638 KJ	8%
Carboidratos	15g	5%
Proteínas	5,3g	7%
Gorduras totais	7,6g	14%
Gorduras Saturadas	5,0g	23%
Gorduras trans	0g	**
Fibra alimentar	0g	0%
Sódio	41g	2%
Cálcio	207mg	21%
*% Valores Diários de referência com base em uma dieta de 2.000 kcal, ou 8400 kj. Seus valores diários podem ser maiores ou menores dependendo de suas necessidades energéticas". Não contém glúten. Alérgicos: Contém leite e derivados.		

Fonte: Vigor (2025)

O iogurte grego de *kefir* apresentou maior quantidade de proteína com 8,5g a mais que o iogurte grego tradicional, também mostrou uma menor quantidade de carboidratos, o iogurte comercializado em supermercados tem uma maior quantidade de gorduras saturadas e conseqüentemente de gorduras totais. Além disso, no iogurte

grego de kefir com *whey protein* foram encontrados valores significativos de leucina, valina e isoleucina.

Os aminoácidos de cadeia ramificada leucina, valina e isoleucina são de grande importância para a manutenção da proteína corporal. Há vários estudos que mostram a importância dos aminoácidos de cadeia ramificada em especial a leucina no contexto da regulação de processos anabólicos tanto na síntese quanto na degradação proteica muscular. Também demonstram potenciais com efeito terapêutico, amenizando a perda de massa magra no decurso da redução de massa corporal, beneficiando no processo de cicatrização (Rogerio *et al.*, 2008).

A qualidade de aminoácidos ou proteínas e as quantidades oferecidas após o exercício tem uma influência na síntese proteica. Apenas os aminoácidos essenciais, principalmente a leucina, são fundamentais para estimular a síntese proteica (Van Loon *et al.*, 2000).

As proteínas, para praticantes de atividade física, são importantes tanto na formação quanto na degradação proteica muscular ou na diminuição pela lesão muscular induzida pelo exercício. Para que se tenha sucesso no ganho de massa muscular é essencial que sua produção supere a degradação, onde deve ser conciliado o exercício de força com o aumento da disponibilidade de aminoácidos (Oliveira *et al.*, 2006).

A adequação do consumo de alimentos e bebidas deve seguir sempre os fundamentos de um plano alimentar saudável, sendo que a preferência destes alimentos apropriada para compor as necessidades energéticas e de nutrientes. Na prática de uma atividade física necessita um foco individualizado no acompanhamento nutricional, adequado a intensidade e duração, assim como o nível de condicionamento físico do atleta (Pessi, Fayh, 2011).

Fazendo uma comparação entre os valores nutricionais dos dois iogurtes, o iogurte grego de kefir com *whey protein* é visivelmente mais nutritivo e traz inúmeros benefícios à saúde, podendo ser considerado um alimento funcional e eficaz na recuperação da microbiota intestinal, o auxílio no ganho de massa muscular, assim como no processo de emagrecimento, não sendo apenas uma sobremesa láctea igual aos demais que encontramos no mercado.

3.3 CUSTO

O grande benefício do produto é o *kefir* que é gratuito. O maior custo observado foi para o *whey protein* o qual optou-se pela marca Nutrata por ser uma linha *premium* para uma melhor qualidade do mesmo.

O preço encontrado para iogurtes gregos no mercado varia entre uma marca e outra, uma média de preço para esse tipo de produto é de R\$ 2,00. O custo calculado para 100g do iogurte grego de *kefir* com adição de *whey protein* sabor *cookies e cream* foi de R\$ 2,34 com adição de percentual de impostos.

O iogurte de *kefir* por ser um produto natural com uma produção caseira geralmente adquirido por doações de grãos e tendo uma reprodução acelerada, torna-se com custos semelhantes aos outros produtos encontrados no mercado.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo desenvolver um iogurte grego, a partir do filtrado de *kefir*, com *whey protein* sabor *cookies e cream* o qual apresentou uma quantidade significativa de proteína. A partir dos resultados obtidos podemos concluir que o produto foi aceito pelos provadores, já que seu índice de aceitabilidade foi 98% e sua intenção de compra de 84%, assim conclui-se que a sua produção é viável, do ponto de vista dos consumidores.

O iogurte grego de *kefir* se destacou porque além de ser uma fonte probióticos, apresentou uma menor quantidade de calorias e carboidratos, obtendo 8,5g de proteínas a mais que um iogurte grego tradicional, sendo que iogurte comercializado em supermercados tem uma maior quantidade de gorduras saturadas e consequentemente de gorduras totais.

O custo do produto ficou próximo ao preço de mercado de iogurte grego comum, mas destacando que este possui propriedades nutricionais que auxiliam na recuperação da microbiota intestinal, o auxílio no ganho de massa muscular, assim como no processo de emagrecimento.

O consumo deste produto é apontado para usuários de academia, porém pode ser consumido por qualquer pessoa, independentemente de praticantes ou não de atividades físicas.

A importância de se elaborar novos produtos para o mercado traz oportunidades de consumir produtos com qualidade nutricional, levando ao consumidor novas experiências em sabor e saúde por meios mais naturais. Compete

ao profissional nutricionista o dever de auxiliar na promoção, manutenção e recuperação da saúde por meio da alimentação, sendo o profissional responsável pela divulgação da magnitude que é a educação nutricional, enfatizando sempre os benefícios da alimentação adequada e saudável para uma vida mais sustentável.

REFERÊNCIAS

BRASNUTRI. Setor de suplementos alimentares prevê crescimento de 15%. **Associação Brasileira dos fabricantes de suplementos nutricionais e alimentos para fins especiais (BRASNUTRI)**, Disponível em: <<http://www.brasnutri.org.br/ImagensRelease/6bb300c7-37ac-4513-a884-d1b6f345d282.pdf>>. Acesso em 03 de abril 2018.

BRASNUTRI. Setor de suplementos alimentares prevê crescimento em 2018. **Associação Brasileira dos fabricantes de suplementos nutricionais e alimentos para fins especiais (BRASNUTRI)**, Disponível em: <<http://www.brasnutri.org.br/ImagensRelease/689f60bb-feeb-44d5-a76c-e63def7a34b9.pdf>>. Acesso em 16 de novembro 2018.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Resolução nº46, de 23 de outubro de 2007**. Padrões de Identidade e Qualidade (PIQ) de Leites Fermentados. Disponível em: < <https://bit.ly/2Kd3UCA>>. Acesso em 16 maio 2018.

DIAS, Priscila Alves et al. Propriedades antimicrobianas do kefir. **Arquivos do Instituto Biológico**, [s.l.], v. 83, p.1-5, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aib/v83/1808-1657-aib-83-e0762013.pdf>> Acesso em 12 junho 2018

JANUÁRIO J. G. B. et al. Kefir ice cream flavored with fruits and sweetened with honey: physical and chemical characteristics and acceptance. **International Food Research Journal**. v. 25, n. 1, p. 179-187, 2018. Disponível em: <[http://www.ifrj.upm.edu.my/25%20\(01\)%202018/\(23\).pdf](http://www.ifrj.upm.edu.my/25%20(01)%202018/(23).pdf)>. Acesso em 18 novembro 2018.

MARSHALL, K. Therapeutic Applications of Whey Protein. **Alternative Medicine Review**. v. 9, n. 2, p. 136-156, 2004. Disponível em: <<http://www.altmedrev.com/archive/publications/9/2/136.pdf>>. Acesso em 12 junho 2018.

MATHIAS, T. R. S. et al. Avaliação do comportamento reológico de diferentes iogurtes comerciais. **Brazilian Journal Of Food Technology**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.12-20, 5 mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bjft/v16n1/aop_bjft_1811.pdf>. Acesso em 25 abril 2018.

OLIVEIRA P.V.; BAPTISTA II L.; MOREIRAI L.; LANCHÁ JUNIORI A. H. Correlação entre a suplementação de proteína e carboidrato e variáveis antropométricas e de força em indivíduos submetidos a um programa de treinamento com pesos. **Rev. Bras. Med Esporte**. v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v12n1/v12n1a10.pdf>>. Acesso em 05 novembro 2018.

PENNINGS, B.; BOIRIE, Y.; SENDEN, J.M.; GIJSEN, A.P.; KUIPERS, H.; VAN LOON, L.J. Whey Protein Stimulates Postprandial Muscle Protein Accretion More Effectively Than do Casein and Casein Hydrolysate in Older Men. **The American journal of clinical nutrition**. v. 93, n. 5, p.997-1005, 2011. Disponível em: <<http://hiwhey.com.br/site/artigos/7.pdf>>. Acesso em 25 abril 2018.

ROGERO, M. M. et al. Aspectos atuais sobre aminoácidos de cadeia ramificada e exercício físico. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**. v. 44, n. 4, Out/Dez 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcf/v44n4/v44n4a04.pdf>>. Acesso em 19 novembro 2018.

SAITO, T. P. et al. **Desenvolvimento de sorvete à base de concentrado protéico de soro fermentado com kefir**. Londrina-PR: UEL, 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência de Alimentos) – Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<http://www.ital.sp.gov.br/tecnolat/anais/tl230513/Arquivos/SAITO.pdf>>. Acesso em 18 novembro 2018.

SAYGILI, D.; KARAGOZLU, C. Protein-added kefir: biochemical changes in in vitro digestion stages. **Journal of the Science of Food and Agriculture**, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39320162/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SILVA, A. I. D. et al. **Produção de logurte**. Faculdade do Porto-FEUP, 2010. Disponível em: <https://web.fe.up.pt/~projfeup/cd_2010_11/files/QUI608_relatorio.pdf>. Acesso em 19 junho 2018.

SILVA, C. F. G. et al. Development and characterization of a soymilk Kefir-based functional beverage. **Food Science And Technology**, [s.l.], v. 38, n. 3, p.543-550, 22 mar. 2018. FapUNIFESP Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cta/2018nahead/0101-2061-cta-1678-457X10617.pdf>>. Acesso em 18 novembro 2018.

SILVA, J. A. **Tópicos da tecnologia de alimentos**. São Paulo: Varela, 2000.

SILVA, K. R. et al. Antimicrobial Activity of Broth Fermented with Kefir Grains. **Applied Biochemistry And Biotechnology**, [s.l.], v. 152, n. 2, p.316-325, 29 jul. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/23134011_Antimicrobial_Activity_of_Broth_Fermented_with_Kefir_Grains>. Acesso em 13 novembro 2018.

SOUZA, A. V., Manual de normas técnicas para trabalhos acadêmicos. Unidade de Ensino Superior vale do Iguaçu. União da Vitória - PR: Kayange, 2017.

SOUZA, G. T.; LIRA, F. S.; ROSA, J. C.; OLIVEIRA, E. P.; OYAMA, L. M.; SANTOS, R. V.; Pimentel, G. D. Dietary Whey Protein Lessens Several Risk Factors for Metabolic Diseases: a Review. **Lipids Health Dis**. v. 11, n. 1, p.67-75, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/225281583_Dietary_whey_protein_lessens_several_risk_factors_for_metabolic_diseases_A_review>. Acesso em 12 junho 2018.

SOUZA, P. H. M.; SOUZA NETO, M. H.; MAIA, G. A. Componentes funcionais nos alimentos. **Boletim da SBCTA**. v. 37. n. 2, p. 127-135, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000139&pid=S0101-2061201300010001600037&lng=pt>. Acesso em 28 junho 2018.

TERRA, F. M. **Teor de Lactose em Leites Fermentados por grãos de kefir**. 2007. 48 fls. Monografia (Especialização em Tecnologia de alimentos) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/185/1/2007_FlavioMarquesTerra.pdf>. Acesso em 29 março 2018.

VAN LOON LJC, SARIS WHM, VERHAGEN H, WAGENMAKERS JM. Plasma insulin responses after ingestion of different amino acid or protein mixtures with carbohydrate. **Am J Clin Nutr**. v. 72 n.1 p. 96-105, 2000. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ajcn/article/72/1/96/4729439>>. Acesso 06 novembro 2018.

VERREIJEN, Amely M et al. A high whey protein-, leucine-, and vitamin D-enriched supplement preserves muscle mass during intentional weight loss in obese older adults: a double-blind randomized controlled trial. **The American Journal Of Clinical Nutrition**, [s.l.], v. 101, n. 2, p.279-286, 26 nov. 2014. Disponível em: <<https://academic.oup.com/ajcn/article/101/2/279/4494383>>. Acesso 08 novembro 2018.

WORLD GASTROENTEROLOGY ORGANISATION. Probióticos e prebióticos. Diretrizes **Mundiais da Organização Mundial de Gastroenterologia**, 2011. Disponível em: <<http://www.worldgastroenterology.org/UserFiles/file/guidelines/probiotics-portuguese-2011.pdf>>. Acesso em 21 maio 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Probiotics in food: Health and nutritional properties and guidelines for evaluation. In: **FAO Food and Nutrition** paper 85, 2006. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a-a0512e.pdf>>. Acesso em 12 junho 2018.

ZIOLKOWSKI, A. Y. et al. Designing the properties of probiotic kefir with increased whey protein content. **Fermentation**, v. 10, n. 10, p. 495, 26 set. 2024. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2311-5637/10/10/495>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ZOURARI, A.; ANIFANTAKIS, E. M. Le kefir Caractères physico-chimiques, microbiologiques et nutritionnels. **Technologie de production**. Une revue. Le Lait, v. 68, n. 4, p.373- 391, 1988. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00929138/document>>. Acesso em 21 maio 2018.

DO COLETIVO AO INDIVIDUAL NA ERA DIGITAL: INTERVENÇÕES EM SAÚDE MENTAL SOBRE TRABALHO EM EQUIPE, EMOÇÕES E TECNOLOGIA COM UMA TURMA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UM COLÉGIO NO SUL DO PARANÁ.

André Luiz dos Passos¹
João Vitor Zelaski da Luz²
João Matheus de Souza³

Resumo: “Saúde” é um termo mais amplo do que é comumente associado, indo muito mais além de contextos apenas fisiológicos como ausência de doenças. Para ter saúde o cidadão deve se encontrar em um estado de bem-estar físico, mental e social. Não sendo diferente em um ambiente escolar, onde alunos estão diariamente colocando esses três fatores à prova, a decorrente atividade visa aproximar jovens adolescentes a esse contexto mais aprofundado de saúde tratando de temas como trabalho em equipe, tecnologia e valorização das emoções.

Palavras-Chave: Saúde-mental, Ensino Médio, Trabalho em Equipe, tecnologia, Psicologia.

Abstract: “Health” is a much broader term than it is commonly associated with, going far beyond physiological contexts such as the absence of disease. To be healthy, a citizen must achieve a state of physical, mental and social well-being. This is no different in a school environment, where students are putting these three factors to the test every day. The resulting activity aims to bring young adolescents closer to this deeper context of health, addressing topics such as teamwork, technology and valuing emotions.

Keywords: Mental health, High school, Teamwork, Technology, Psychology.

1. INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é um período muito dinâmico e de suma importância para o desenvolvimento do adolescente, considerando a construção educacional como base para uma profissão, este período pode ser marcado por dúvidas e incertezas acerca da construção profissional bem como sobre os eventos vitais em suas representações sociais e familiares. Segundo Sparta, M et. al. (2005), há um grande desestímulo para com o desenvolvimento vocacional com os estudantes, desestímulo esse que acaba causando desinteresse, medo, insegurança entre muitos outros fatores desfavoráveis que podem afetar negativamente a saúde física e mental dos adolescentes que passam por essa etapa crucial.

O presente artigo, possui a finalidade de prover uma contribuição à comunidade científica e acadêmica, com base na observação de fenômenos psicológicos, coleta e análise de dados em uma sala de aula de 1º ano de ensino médio em uma escola

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia - UGV - Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil.

² Acadêmico do Curso de Psicologia - UGV - Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil.

³ Psicólogo Especialista em Psicologia do Esporte. CRP PR 08/38529; Professor de Psicologia - UGV - Centro Universitário - União da Vitória - Paraná - Brasil.

privada do Sul do Paraná, além de intervir com 6 intervenções necessárias às demandas observadas na respectiva turma. O trabalho proposto com o objetivo de prevenção e promoção de saúde almeja compreender fatores destoantes dentro desse espaço acadêmico, para então, de maneira sucinta poder elaborar formas efetivas de trabalhar com tais fatores, visando uma melhoria na qualidade de vida para com os alunos nesse ambiente de forma individual ou grupal.

2. MÉTODO

A construção do presente artigo trata-se de uma pesquisa de campo de natureza aplicada, visto que foi construída de modo a observar uma certa demanda local, analisando exigências específicas, para então elaborar uma possível ação com o intuito de gerar prevenção e promoção de saúde de maneira coerente com o que foi observado. De abordagem qualitativa, a pesquisa foi realizada ao observar uma sala de aula de primeiro ano do ensino médio e as interações extra pessoais dos seus respectivos membros.

Sendo uma pesquisa a campo realizada em uma escola particular de ensino médio do Paraná, a pesquisa foi realizada em três etapas, a primeira utilizando três métodos de observação, sendo elas: observação não-participante, observação em equipe e observação na vida real, com o objetivo de levantamento de dados a partir do comportamento dos alunos, visto que a observação é essencial para se chegar a um resultado cientificamente satisfatório (James, 1890). Já a segunda etapa, se fundamentou a partir da coleta de dados previamente realizada com as observações, resultando então em um levantamento de hipóteses sobre possíveis intervenções a serem realizadas com a turma, correlacionando a demanda do grupo com bases teóricas da psicologia adequadas à esta demanda. Por fim, o terceiro momento se embasa na aplicação das intervenções que foram previamente planejadas.

O grupo de estágio juntou informações para o levantamento de dados ao longo de quatro dias separados, respectivamente, um por semana, passando duas horas dentro do colégio observando a turma e conversando com funcionários do mesmo. A primeira observação a campo ocorreu no dia 28/08/2024 no período composto por 2 aulas de histórias do 1º ano de ensino médio do referido colégio, a segunda observação foi realizada no dia 03/09/2024 durante o tempo escolar denominado “projeto de vida” e uma aula de filosofia, enquanto a terceira observação ocorreu no dia 10/09/2024 durante uma aula de educação física e uma aula de sociologia e a

quarta observação por sua vez ocorreu no dia 17/09/2024 e os alunos foram observados durante a aula “projeto de vida”. A turma é composta por cerca de vinte e nove alunos, de faixa etária entre 14 a 16 anos.

Já acerca das intervenções, foi seguido um cronograma composto por 5 intervenções, baseadas em 3 dinâmicas norteadoras e 3 rodas de conversa, ao final, o fechamento das intervenções ocorreu com uma devolutiva.

CRONOGRAMA

Tabela 1 – Cronograma das intervenções e devolutiva.

INTERVENÇÃO	DATA	DURAÇÃO	TEMA
Jogo de perguntas e respostas: Trabalho em equipe	24/09/2024	50 Minutos	Trabalho em equipe.
Roda de conversa: Trabalho em equipe.	01/10/2024	50 Minutos	Trabalho em equipe.
Dinâmica Bexiga com pergunta secreta: Emoções	08/10/2024	50 Minutos	Emoções.
Roda de conversa: Emoções	10/10/2024	50 Minutos	Emoções.
Dinâmica Balança do digital: Tecnologia e saúde mental.	16/10/2024	50 Minutos	Tecnologia e saúde mental.
Roda de conversa: Tecnologia/saúde mental/ psicologia	17/10/2024	50 Minutos	Tecnologia/saúde mental/ psicologia
Devolutiva	22/10/2024	50 Minutos	Feedback, considerações finais e confraternização com comes e bebes.

Fonte: Os Autores, 2024

No dia 24/09/2024, ocorreu a primeira intervenção do grupo de estágio, a referida intervenção tratou o tema “trabalho em equipe” visando a resistência que a turma apresentou pela formação das novas equipes no trimestre. A atividade ocorreu utilizando 1 notebook conectado à tv projetora da sala de aula, e um slide com 15 questões de conhecimentos gerais sobre trabalho em equipe, onde cada qual equipe, separadas por equipe 1, 2, 3, 4 e 5, eram apresentadas a questão e posteriormente a

4 alternativas das quais 1 era a correta, e a proposta da competição se baseava em qual equipe respondia primeiro a questão correta utilizando uma folha de papel, onde no caso cada equipe foi disposta com 4 folhas escritas em cada A,B,C e D, simbolizando cada uma alternativa a ser apontada pela equipe.

Já a segunda intervenção no presente estágio ocorreu no dia 01/10/2024, onde, seguindo o plano de intervenção, a intervenção constituiu-se de uma roda de conversa acerca da atividade anterior baseada também no jogo de perguntas e respostas da intervenção 1. Por razão de se tratar de uma roda de conversa, a. intervenção não ocorreu na sala tradicional da turma, os alunos foram dispostos em uma sala em formato de círculo e orientados a falarem 1 ponto relevante acerca do trabalho em equipe, a condução da conversa ocorreu pelo recurso de uma bola de borracha, onde, partindo dos estagiários cada aluno que recebeu a bola estava na vez de falar, e após sua contribuição, o aluno recebeu uma bala e passou a bola para um colega de classe.

Já a terceira intervenção no presente estágio ocorreu no dia 08/10/2024, onde, seguindo o plano de intervenção, a referida intervenção constituiu-se de uma atividade de perguntas e respostas sobre o tema emoções. Inicialmente foram enchidos pouco mais de 30 balões onde em cada balão continha 1 pergunta de conhecimentos gerais sobre emoções. Os balões foram espalhados em uma sala de aula e os alunos sentaram-se em formato de círculo em torno da concentração dos balões, e, após cada pergunta respondida o referido aluno ganhava 1 bombom de recompensa e escolhia um colega de classe para escolher um balão e conseqüentemente responder a próxima pergunta.

Já a quarta intervenção no presente estágio ocorreu no dia 10/10/2024, onde, seguindo o plano de intervenção, a intervenção constituiu-se de uma roda de conversa acerca da atividade anterior que se constituiu na dinâmica da bexiga. Enquanto a quinta foi realizado um “jogo da forca” com a palavra “NOMOFOBIA”, já introduzida anteriormente, após, foi realizada uma discussão sobre o que é a nomofobia. Em seguida, foi desenhado no quadro didático uma linha vertical dividindo o quadro em dois lados, onde em lado foi escrito “pontos positivos da tecnologia” e solicitado para que os alunos falassem com base em seus conhecimentos e vivências pontos positivos da tecnologia e a cada ponto positivo foi marcado um “X” neste lado do quadro, em outro momento, foi escrito “pontos negativos da tecnologia” e por sua vez solicitado para que os alunos falassem com base em seus conhecimentos e vivências pontos negativos da tecnologia e a cada ponto positivo foi marcado um “X” no

respectivo lado do quadro, para enfim ser realizada um “balanço” entre os pontos positivos e negativos.

E por fim, a sexta e última intervenção, os alunos foram dispostos sentados em seus respectivos lugares na sala de aula, ainda com poucos alunos, os mesmos pedem ao grupo de estágio uma “mini-aula” de psicologia, com isso o grupo de estágio conduz falas sobre como é curso de psicologia bem como os principais conceitos.

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões do presente estudo compreendem que a dinâmica de sala de aula é um contexto em que a prevenção e promoção de saúde bem como a saúde mental se faz necessário diariamente seja pela exigência de desempenho dos alunos bem como suas relações interpessoais. Compreensão essa que foi obtida através das observações realizadas em sala e também com as aplicações das intervenções em conjunto com os alunos e professores presentes em sala de aula.

3.1 OBSERVAÇÕES

Na primeira observação, a composição da sala de aula se dava por 6 mesas redondas grandes, onde em cada mesa estavam sentados de 4 a 5 integrantes, evidenciando assim que cada mesa é uma equipe dentro de sala de aula, e totalizavam 29 alunos na sala de aula. Antes dos estagiários adentrarem na sala, o professor relatou comentários positivos acerca da turma, sobre ser uma turma acolhedora e respeitosa a ordens de professores.

As observações identificaram ações que corroboram com os comentários do professor sobre as ordens de prestar a atenção na aula, embora tenham identificado também em dados momentos da aula risos paralelos e uso do celular discreto.

Em suas peculiaridades individuais a turma apresenta 1 casal de namorados, 1 aluno com possível quadro de TEA e 1 aluna que relatou fazer uso de medicamento antipsicótico, e por este motivo apresentava-se com sono e visivelmente desanimada, e segundo a pedagoga responsável há também um aluno com um déficit de atenção elevado.

Segundo Pires et al (2022) no Brasil houve um aumento de 8,5% do uso de medicamentos psicofármacos em adolescentes após a pandemia do COVID-19, e expõe que a pandemia contribuiu como um significativo impacto na saúde mental dos adolescentes. Já na segunda observação foi identificado a chegada de 3 alunos novos

na sala oriundos de outra escola, ambos demonstraram buscar entrosamento com os demais colegas e interesse pelas atividades propostas.

Durante a aula “projeto de vida” as equipes formadas tradicionalmente no trimestre estavam dispersas, a professora responsável relatou que o projeto de vida estava servindo de tempo para o desenvolvimento de um trabalho trimestral que os alunos necessitam fazer, trabalho o qual ao encerramento é apresentado em formato de mostra, os temas dos trabalhos escolares englobam temas organizacionais como por exemplo indústria 4.0.

Sobre as manifestações durante o projeto de vida, foi identificado um uso abusivo do telefone celular pela grande maioria dos alunos da sala, de tal forma que alguns alunos não deixaram o celular de lado em nenhum momento da aula, foi identificado também que a maior parte do uso de celulares estava voltada para jogos e redes sociais, a professora da referida disciplina chamou a atenção dos alunos sobre o celular em 3 momentos diferentes, não obtendo êxito.

Segundo Ricoy e Couto (2014) a tecnologia se apresenta como uma facilitadora de inúmeros processos da sociedade moderna, para facilitar a utilização da tecnologia por uma perspectiva positiva há o termo TICs (tecnologias da informação e comunicação) as quais englobam todos os mecanismos capazes de gerar mudanças significativas nas facetas do cotidiano sob a perspectiva da facilidade, inclusive na educação moderna baseando assim as TICs como ferramentas presentes nas raízes da construção da sociedade atual, por tal fato é certo que o ser humano passou a desenvolver uma intensa relação cotidiana com a tecnologia, e como uma de suas principais ferramentas o telefone celular. O fato observado da utilização dos notebooks fornecidos pela própria escola é um exemplo da integração da educação às TICs e de uma intensa relação entre atividade cotidiana e tecnologia.

Oriunda dessa intensa relação, surgiu na sociedade moderna um medo irracional de ficar sem o celular, não apenas medo, mas também desconforto de estar incomunicável no telefone celular aponta-se como um grau da chamada nomofobia (do inglês *NO-MOBILE*) a qual se trata de um termo designado a uma possível patologia nascente. A busca dependente do contato com redes sociais geralmente leva a hábitos maléficos na vida pessoal e profissional de um usuário (King; Nardi 2015).

Para melhor compreensão sobre os limites entre a utilização cotidiana das TICs (benéfico) e um possível quadro de indícios patológicos (maléfico) sobre o uso da

tecnologia, Cruz (2015) discorre que a diferenciação básica para identificar estes limites são a apresentação de sintomas emocionais sobre o uso excessivo e/ou a impossibilidade do uso da tecnologia, diferenciando assim a dependência normal e a dependência patológica. Com isso, o campo de estágio nos apresenta a demanda de identificação da promoção e prevenção em saúde com base na possível existência de nomofobia na sala de aula observada.

Já na terceira observação, os alunos estavam no ginásio do colégio, alguns estavam na quadra jogando vôlei enquanto outros permaneciam na arquibancada conversando, a atividade de vôlei permaneceu até o final da aula de educação física, alguns alunos que estavam na arquibancada não interagiram no vôlei, já na aula de sociologia, percebe-se que as equipes mudaram juntamente com a mudança de trimestre, a nova formação das equipes gerou resistência em alguns alunos, algumas equipes não se integraram por completo com alguns membros querendo permanecer sentados junto a outras equipes por conta de amizades, a nova formação de equipes aparenta ser um desafio aos alunos, o aluno diagnosticado com TEA passa a aula de maneira relativamente isolada de sua equipe, já a aluna que faz uso de medicamento antipsicótico aparenta se integrar bem a equipe.

Segundo Carvalho et. al. (2017) a qualidade das relações de amizade apresenta grande relevância para o desenvolvimento na adolescência, pois é um fator contribuinte para a aquisição de conhecimentos e para a interiorização de valores centrais e estruturantes como a confiança, a lealdade, a reciprocidade e a responsabilidade. Tal fato correlaciona com o observado no presente estágio, o interesse na amizade demonstra-se maior que a proposta obter resultados com outras pessoas na troca de equipes, por parte de alguns alunos a aceitação de trabalharem com outras pessoas que possuem menos vínculo parece se apresentar como uma ameaça a qualidade das relações de amizade convencionais.

Já na quarta e última observação, os alunos apresentaram nas equipes atuais dispersos em 4 equipes, os alunos novamente apresentaram conversa paralela e uso excessivo do telefone celular ao mesmo tempo em que a aula ocorria. Ao decorrer das atividades os alunos foram questionados sobre seus interesses pessoais por profissões e alguns alunos interagiram acerca de seus objetivos, profissões como veterinária e psicologia são levantados pelos alunos.

Segundo Piancastelli et. al (2000) a concepção de uma equipe está vinculada a de processo de trabalho, desta forma quaisquer forma de equipe logo se sujeita ao desenvolvimento de algo, direcionando-se ao termo “trabalho”, o termo trabalho em equipe advém de uma necessidade histórica do homem de somar esforços para alcançar algum objetivo e da imposição que o desenvolvimento e a complexidade do mundo moderno tem imposto ao processo de produção gerando assim relações de dependências de conhecimento diferentes de pessoas para um determinado objetivo.

Ainda segundo Piancastelli et. al (2000) é de suma importância a diferenciação entre grupo e equipe, pois um grupo pode ser definido apenas como um aglomerado de pessoas, enquanto equipe seria um grupo com minimamente trabalho identificado e objetivado. Na turma observada, fica evidente que a proposta de equipes acaba sendo definida como trabalho em grupo. Para um grupo se tornar uma equipe, dentre outros fatores, é necessário que este grupo consiga; vislumbrar as vantagens do trabalho em equipe, a importância de ter clareza nos objetivos e resultados, a necessidade de avaliar constantemente os processos e resultados, a percepção que o fracasso de um pode resultar no fracasso de todos (assim como o sucesso), além disposição das pessoas em ouvir e considerar as diferenças e saberes entre os membros do grupo.

Com base nas observações realizadas, fica evidente a necessidade de realizar intervenções com base nos temas; trabalho em equipe e saúde mental, muito por conta do sistema de equipe e as desavenças causadas por este próprio sistema, emoções e saúde mental e tecnologia e saúde mental.

3.2 INTERVENÇÕES

Na primeira intervenção, as equipes aderiram a competição e participaram ativamente das perguntas e respostas, poucos registros de uso de celular ou conversa paralela foram identificados pelo grupo de estágio, foi notável que algumas equipes respondiam as questões mais rápidas que outras, no entanto as que responderam mais rápido apresentam duplicidade de respostas e/ou respostas errado e não apresentavam comunicação ou trabalho em equipe assertivo, umas das equipes prezou pelo debate das alternativas em grupo e erguiam a alternativa selecionada após um consenso do grupo.

Segundo Piancastelli et. al (2000) o trabalho em equipe tem sido incentivado em praticamente todas as áreas da atividade humana, contudo, junto ao incentivo, há

os desafios desta dinâmica, sendo o principal deles; o trabalho em equipe uma vez como condição imposta surge como diferentes percepções do que seja uma equipe de trabalho. Tal afirmação é percebida na intervenção 1 onde, além de ser uma intervenção com tema trabalho em equipe, se constitui como uma proposta de trabalho em equipe no ato de realizar a disputa pelo jogo de perguntas e resposta, e os participantes foram impostos pela atividade e a equipe que compõem, encontram maneiras autônomas de chegar ao resultado como observado nas respostas individuais ou com algumas participações mais ativas que outras.

Já na segunda intervenção, a dinâmica visou a integração da sala como um todo, onde cada aluno teve a chance de compartilhar sua visão do que é trabalho em equipe. Foi trabalhado pelo grupo do estágio a relação do trabalho em equipe com a saúde mental, e alguns alunos trouxeram exemplos de situações cotidianas onde o trabalho em equipe deu errado ou gerou alguma desavença em alguma ocasião, no mesmo momento em que o grupo de estágio prestou apoio sobre como passar por um problema envolvendo a equipe e a forma de como desafios acabam sendo naturais no processo de uma equipe trabalhar para alcançar um desafio.

Alguns alunos alegaram não saber o que falar acerca do tema, com isso tiveram a participação auxiliada por algumas perguntas trazidas pelo grupo de estágio. Foi percebido pelo grupo de estágio que um dos alunos (aluno o qual possui TEA) retirou-se da sala 2 vezes, podendo evidenciar uma resistência a participação, no entanto, ao receber a bola em determinado momento foi perguntado a ele se ele queria participar, e o mesmo respondeu de maneira afirmativa, colaborando com uma fala breve sobre trabalho em equipe e auxiliado pelo colega ao lado. Ao final da intervenção, todos os alunos foram beneficiados pela bola e retornaram à sala original.

Já na terceira intervenção, os alunos iniciaram a dinâmica de forma interativa, seguindo uma participação individual para responder as perguntas e em seguida escolhendo um colega de sala para escolher o próximo balão e assim sucessivamente. Ao decorrer da dinâmica alguns alunos se empolgaram com a dinâmica e pediram para escolher mais de um balão. Os alunos puderam compartilhar seus pensamentos respondendo a perguntas como; “cite 3 emoções básicas”, “fale algum filme/música/série/jogo que já te fez chorar ou te faz muito alegre”, ou ainda “quais emoções você sente geralmente em sala de aula?”. E a partir da resposta subjetiva de cada um, o grupo de estágio abordou de maneira ampla o tema trazendo a fala para todos da sala.

Assim como na intervenção anterior, na quarta intervenção, onde o grupo de estagiários retomou o foco de emoções para a temática sala de aula, abordando temas como emoções primárias e secundárias, e a forma que a expressão de emoções pode ser subjetiva e variável de cada pessoa, sendo assim necessário uma habilidade empática para se trabalhar em grupo e desenvolver as relações interpessoais, a roda de conversa também trabalhou com os adolescentes a diferença entre emoção e sentimento.

A roda de conversa tomou rumos de assuntos emergidos da própria turma, a questão da tecnologia veio à tona e as comparações da forma que a tecnologia é utilizada pelas diferentes gerações foi debatido entre os alunos, além da forma que a tecnologia se atrela aos conceitos de imagem, status, e superficialidade moderna como forma de manifestação cultural na sociedade atual pode resultar em desafios para a saúde mental.

Segundo Martins (2019, p.13) a palavra emoção provém do latim “*emotionem*”, que significa movimento, ato de mover. Pode-se compreender que emoção é um movimento de resposta a um estado, geralmente de excitação, prazer ou desprazer. O Neurocientista português António Damásio sugere um conceito de diferenciação entre emoção e sentimento baseado na compreensão de que a emoção é um conjunto de respostas motoras que são manifestadas ao corpo em consequência de um evento externo, já o sentimento é a forma que o cérebro irá interpretar estas emoções. Desta maneira, um sujeito pode ter uma emoção de raiva e um sentimento de mágoa, por exemplo. Martins (2019, p.13)

Vale destacar, que para Vasco (2013) a polarização entre emoções negativas e positivas é um verdadeiro empecilho para a compreensão saudável das emoções, devendo ser desconsiderada ao trabalhar sobre o tema, e considerar a emoção sobretudo como subjetivamente eufórica (agradável) e disfórica (desagravel), além de adaptativas ou não-adaptativas. Esta visão trazida pelo autor enfatiza a importância existencial das emoções, as quais segundo o próprio autor realizam funções vitais, tais como; função orientadora no mundo, função de comunicação, função preventiva e função de sinalização.

Já na quinta intervenção, a turma apresentou-se desfalcada por consequência de jogos interescolares do colégio, no entanto, a quantidade de alunos na sala foi suficiente para uma dinâmica satisfatória acerca do tema tecnologia, Inicialmente foi realizado um “jogo da forca” como quebra gelo com a turma, onde a palavra a ser

descoberta era “nomofobia” e a partir disso foi discutido um pouco mais sobre o termo, como o que significa e de que forma a nomofobia é manifestada nos indivíduos. Posteriormente após a quebra-gela, o quadro da sala foi dividido entre o lado “benefício” e “malefício” da tecnologia e a partir disso os alunos passaram a citar situações onde a tecnologia é benéfica bem como situações onde a tecnologia é maléfica no mundo atual.

Nesta dinamicidade foram citados exemplos de redes sociais, formas de pagamentos, formas de trabalho, educação, jogos, e inteligência artificial. Ao decorrer da dinâmica o grupo de estágio trouxe a tona exemplos onde a subtemática da tecnologia pode se enquadrar tanto no lado benéfico quanto maléfico, por exemplo, a sub-temática redes sociais podem ser benéficas no sentido de aproximação de núcleos de amizades, contudo, pode ser maléfica na contribuição para um quadro comparativo estético entre as pessoas onde conseqüentemente angustiar o indivíduo.

Segundo Schier et. al. (2015 pag.195) a dependência da internet pode ser apresentada inicialmente pela perda do controle do seu tempo de uso, isto é, utilizar a internet por um longo período de tempo sem perceber este tempo. Apesar do grupo de estágio ter exposto o conceito da nomofobia ao início da intervenção, nenhum dos alunos trouxe a dependência de algum recurso tecnológico como malefícios da tecnologia.

Já segundo Maia et. al. (2015 pag.204) é notável a intensificação do uso do telefone celular na sociedade moderna, em uma dinâmica onde cada vez mais novos hardwares e softwares surgem no mercado e diversificam as opções de uso, a dinâmica da balança digital oportunizou uma compreensão e reflexão a turma sobre suas considerações sobre os riscos na internet, onde, com o grupo de estágio também apresentando malefícios, puderam expandir seus conhecimentos sobre os malefícios.

Já na sexta intervenção, por demanda dos alunos que solicitaram uma “mini aula” de psicologia, o grupo de estágio se propôs a iniciar uma fala sobre a origem da psicologia, o que significa psicologia e como é o trabalho com esta ciência, com base nos conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

Ao decorrer da fala, uma das alunas fez um questionamento acerca da psicanálise, e indagou o grupo sobre a diferença entre psicanalista e psicólogo, o grupo explicou a relação entre os termos, trouxe uma breve história da psicanálise e abordou temas psicanalíticos como inconsciente, subconsciente e consciente, além

de elucidar sobre o tripé psicanalítico (análise própria, aprimoramento constante, supervisão).

O grupo de estágio realizou também falas sobre as teorias comportamentais, trazendo também a influência do viés do condicionamento na psicologia, além também da ligação histórica da psicologia com a psiquiatria, filosofia e sociologia.

Ao final, o grupo de estágio trouxe exemplos de experiências da faculdade, e interagiu sobre o interesse profissional da turma, bem como a importância da paciência e autoconhecimento na escolha da profissão.

Segundo Leite (2007) a possibilidade da psicologia como disciplina nas escolas, bem como o contato da área no ambiente escolar relaciona-se com o processo de formação dos alunos como cidadãos críticos e participantes da sociedade, fornecendo recursos para a superação do processo de alienação, muito presente em uma sociedade injusta como a nossa.

O interesse dos alunos em ter uma “aula” de psicologia como ocorreu na intervenção VI do referido estágio, remonta esta conexão do interesse pela psicologia desde o ensino médio, e a visão da psicologia como ciência saliente para os jovens.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste a primeira observação, ocorreram indícios diagnósticos da necessidade de se trabalhar com a prevenção e promoção da saúde mental, acerca de temas sobre bem-estar, relações interpessoais, emoções e integração de equipe, para além, o uso excessivo do telefone celular por boa parte dos alunos para fins de recreação durante as aulas evidenciou uma necessidade de se trabalhar também sobre o tema da dependência tecnológica, levando assim a hipótese diagnóstica de se trabalhar sobre trabalho em equipe, emoções e tecnologia na saúde mental.

Acerca das intervenções baseadas no tema trabalho em equipe, os alunos foram oportunizados perante as práticas de intervenção a conhecerem e refletirem sobre a conceitos como; grupo, equipe, empatia, objetivo e relação interpessoal.

Já as intervenções baseadas no tema “emoções”, os alunos foram oportunizados a compreensão que a emoções sentidas no ambiente escolar podem ser emoções básicas (compreendidas no senso comum) e que estas são inevitáveis aos indivíduos do grupo ou equipe, porém, a história particular de cada um moldar a forma que cada emoção pode se manifestar, conversando assim com o conceito de

personalidade e subjetividade de cada indivíduo, atrelando assim a compreensão da diferença entre cada pessoa

Enquanto nas intervenções de tema “tecnologia, psicologia e saúde mental” os alunos tiveram a oportunidade de refletirem sobre os benefícios e malefícios que a tecnologia pode impactar perante a saúde mental no que tange as funcionalidades da vida moderna, bem como conhecer melhor o que é a psicologia enquanto ciências e suas competências na saúde e cotidiano das pessoas.

REFERÊNCIAS:

ASCO, A.B. Sinto e penso, logo, existo! Abordagem integrativa das emoções.

Revista Psilogos, Vol.11. N°1. 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.25752/psi.3324>

CARVALHO, R. G. et al.. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, n. 3, p. 379–388, jul. 2017.

JAMES, W. **Princípios da psicologia**. Capítulo IX O Fluxo do Pensamento. Henry Holt and Company. 1890

KING, A. L. S.; et al. **Nomofobia: Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos**. São Paulo, SP: Atheneu, 2014. 327 p.

MARTINS, Vera. **O emocional inteligente: como usar a razão para equilibrar a emoção**. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2019. *E-book*. p.141. ISBN 9788550813295. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788550813295/>.

PIRES, C. da S.; BEZERRA, MAL .; AMORIM, AT . **Consumo de psicofármacos entre adolescentes durante a pandemia de COVID-19**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento , [S. l.] , v. 11, n. 7, p. e54011730527, 2022.DOI:10.33448/rsd-v11i7.30527.Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30527>.

RICOY, M. C.; COUTO, M. J. **As boas práticas com TIC e a utilidade atribuída pelos alunos recém-integrados na universidade**. Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 40, n. 4, p. 897–912, 2014. DOI: 10.1590/S1517-97022014005000005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/88436>.

Sparta, M; B. Gomes, W. **Importância Atribuída ao Ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, 6(2), 45-53. 2005. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203016893005>

ELETROTHERAPIA NA DESSENSIBILIZAÇÃO DA DOR FANTASMA EM AMPUTADO TRANSFEMORAL

Francislene Navroski¹
Iago Vinícios Geller²

RESUMO: Amputação é a retirada total ou parcial de um membro que traz como consequência a dor fantasma, que não se refere a dor que é real, mas sim pela localização dela, ou seja, no membro amputado. O objetivo do estudo é avaliar a eficácia da eletroterapia na dor fantasma em amputado transfemoral. O estudo se trata de um paciente masculino, 55 anos, apresentando como queixa principal “dor fantasma em pé direito”. O modo de aplicação foi parâmetros para dor crônica com aumento gradual da intensidade por 20 minutos. Para avaliação da eficácia do TENS foi utilizado o relato do paciente e a EVA. Através dos resultados obtidos, o tratamento realizado foi capaz de reduzir a sensibilização a dor em coto direito de forma significativa. Apesar dos dados comprovarem a eficácia da utilização do TENS, a literatura revisada não forneceu informações abrangentes e específicas sobre tempo de aplicação e parâmetros, onde destaca-se a necessidade de novos estudos em relação a esses dados. A aplicação do TENS mostrou-se como uma terapêutica possível para o tratamento da dor fantasma. Vale ressaltar que, faz-se necessário novos estudos, para poder aumentar a sua aplicabilidade na reabilitação da dor fantasma em pacientes amputados.

Palavras-chaves: Amputação. Eletroterapia. EVA. Dor fantasma. Fisioterapia.

ABSTRACT: Amputation is defined as the total or partial removal of a limb and one of the consequences after amputation is phantom pain. Through specific protocols, it is possible to prevent complications, such as phantom pain in the amputated region. The objective of the study is to evaluate the effectiveness of electrotherapy in phantom pain in transfemoral amputee. The study covered the case of a male patient, 55 years old, presenting as his main complaint “phantom pain in the right foot”. The mode of application was parameters for chronic pain with gradual increase in intensity for 20 minutes. To evaluate the effectiveness of TENS, patient reports and VAS were used. The treatment carried out was able to significantly reduce pain sensitization in the right stump. Despite the data proving the effectiveness of using TENS, the reviewed literature did not provide comprehensive and specific information on application time and parameters, which highlights the need for new studies in relation to these data. The application of TENS proved to be a possible therapy for the treatment of phantom pain. It is worth mentioning that further studies are needed to increase its applicability in the rehabilitation of phantom pain in amputee patients.

Keywords: Amputation. Electrotherapy. EVE. Phantom pain. Physiotherapy.

1 INTRODUÇÃO

As causas de uma amputação são as doenças infecciosas, circulatórias e osteomusculares, *diabetes mellitus*, neoplasias e causas externas. As cirurgias de amputações são realizadas em caráter de emergência ou de forma eletiva, quando não são graves. São realizadas em casos de último recurso, quando outras opções já foram realizadas ou são inviáveis, seja por isquemias irreversíveis ou situações

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Fisioterapia; UGV Centro Universitário.

² Licenciado e Mestre em Ciências Biológicas, Bacharel em Fisioterapia, Especialista em Didática e Docência, Docente do Colegiado de Fisioterapia e Biomedicina da UGV Centro Universitário Ugv e Supervisor de Estágio em Ortopedia da Clínica de Fisioterapia da UGV Centro Universitário.

traumáticas onde ocorreu profunda destruição do membro acometido (Souza; Santos; Albuquerque, 2019).

Amputação é definida como a retirada total ou parcial de um membro, é uma abordagem para diversas condições e tem como objetivo remover o membro comprometido para gerar melhora da função da região acometida (Saúde, 2013). Cerca de 80% das amputações de membros inferiores ocorrem em adultos e os traumas são responsáveis por 10,6% das amputações ocorridas em membros inferiores. Amputações de membros inferiores representam 85% do total e geram impactos socioeconômicos, isolamento social, diminuição da capacidade laboral, afetando diretamente a qualidade de vida e demonstrando ser um problema de saúde pública (Jesus-Silva *et al.*, 2017).

Após uma amputação, o segmento residual é chamado de coto de amputação, tornando-se responsável pelos movimentos de uma prótese ou órtese no ortostatismo e deambulação. O coto deve apresentar características específicas como nível funcional, coto estável, presença de um bom coxim, mioplastia e miodese adequadas, boa cicatrização e vascularização, ausência de neuromas terminais e espículas ósseas e ausência de edema significativo (Carvalho, 2021).

Uma das principais consequências pós amputação é a dor fantasma, onde 60% das pessoas possuem esse tipo de dor no membro residual, limitando funcionalmente e prejudicando a qualidade de vida e atrasando a reabilitação. Dor fantasma não se refere a dor que é real, mas, sim a localização dela, ou seja, no membro que foi amputado. Atualmente existem terapias dessensibilizantes para o alívio dessa dor, como acupuntura, estimulação da medula espinal e a estimulação elétrica nervosa transcutânea ou TENS como é conhecida (Stokosa, 2024).

A reabilitação de um paciente amputado deve ser realizada de forma específica, como por exemplo, a área do coto. Esta deve estar saudável, com boa cicatrização e remodelamento, pois será a região que futuramente receberá a prótese para readaptação nas suas atividades de vida diária (AVDs). Para uma melhor recuperação e adaptação, é importante que o paciente seja auxiliado por um fisioterapeuta, pois quando a fisioterapia é iniciada precocemente tem um potencial ainda maior na redução do tempo para retornar as atividades diárias e aumentar a independência funcional (Silva; Tos; Fabiano, 2021).

O tratamento fisioterapêutico desempenha um papel essencial na recuperação do paciente, contribuindo significativamente para a melhoria de sua funcionalidade,

tanto no âmbito social quanto na readaptação nas AVDs. Por meio de protocolos específicos, é possível promover o fortalecimento muscular, reduzir edemas e prevenir complicações, como inflamações e dor fantasma na região amputada (Silva, 2023).

Desta forma, o objetivo deste estudo é avaliar a eficácia da estimulação elétrica nervosa transcutânea na melhora da dor fantasma em amputado transfemoral.

2 MÉTODO

A presente pesquisa se qualifica como um estudo de caso, aplicada, quantitativa e de campo. As sessões de fisioterapia foram realizadas durante o estágio supervisionado de Fisioterapia em Ortopedia e Traumatologia, no segundo semestre de 2024, na Clínica Escola de Fisioterapia da UGV Centro Universitário, na cidade de União da Vitória – PR, com duração de 45 minutos cada, duas vezes semanais no período vespertino, totalizando 16 sessões.

A amostra da pesquisa é um paciente do sexo masculino, E. A. S., nascido em 02/05/1969, residente em União da Vitória – PR, encaminhado para a fisioterapia após sofrer um acidente de caminhão com colisão frontal com caminhão no dia 11/05/2022 e realizar cirurgia de amputação transfemoral a direita. Apresentando como queixa principal “dor fantasma em pé direito”.

2.1 PACIENTE

Paciente ativo com alto grau de independência funcional. Ele utiliza prótese transfemoral e muleta canadense para deambular e realizar as AVDs e andador durante o banho. Relata que possui essa dor desde que amputou e que ela surge sempre pela noite, quando não está com a órtese e principalmente no horário de dormir, a dor é tipo queimação na região dorsal do pé e não sente em outros lugares, somente ali. Ele comenta que há dias sente essa dor e que quando ela não cessa, utiliza da medicação para conseguir dormir.

2.2 AVALIAÇÃO

Inicialmente, o paciente foi submetido a uma avaliação fisioterapêutica por meio de anamnese e exame clínico e físico, sendo verificados sinais vitais em todo início dos atendimentos. A avaliação cinético-funcional apontou para o diagnóstico fisioterapêutico de redução da força muscular em extensão de joelho e dorsiflexão de tornozelo esquerdo, hipotrofismo global, déficit de equilíbrio estático e dinâmico

bipodal e unipodal. Adicionalmente, foi observado a presença de “dor fantasma em pé direito”.

2.3 OBJETIVO E PLANO DE TRATAMENTO

A partir da segunda sessão de fisioterapia, os objetivos e planos de tratamento incluíam condutas para preservar a amplitude de movimento global através de mobilizações articulares, técnicas manuais, alongamentos ativos; promover o ganho de força muscular de membro inferior esquerdo e membros superiores globalmente com exercícios ativo resistidos; proporcionar o fortalecimento de membros superiores, membro inferior esquerdo e coto direito utilizando exercícios resistidos em academia em cadeia cinética aberta e fechada e hidroterapia; melhorar equilíbrio estático e dinâmico com circuitos funcionais e reduzir o quadro de dor fantasma em coto direito através da eletroterapia com estimulação elétrica nervosa transcutânea (TENS).

2.4 APLICAÇÃO DA PESQUISA

O modo de aplicação seguiu da seguinte maneira: 1 aparelho TENS, gel condutor e fita para fixação, 2 eletrodos e 1 cabo com 2 entradas com os seguintes parâmetros: modo acupuntura (dor crônica), 25 Hz e 180 μ s com aumento gradual da intensidade conforme o relato do paciente por 20 minutos.

Para avaliação da eficácia do TENS foi utilizado o relato do paciente e a Escala Visual Analógica (EVA) durante 6 semanas, com intervalo de uma semana entre as aplicações durante 3 semanas e na 4ª semana com intervalo de 2 semanas de aplicação, totalizando 12 atendimentos com foco na dessensibilização da dor. O procedimento de pesquisa se deu da seguinte forma:

1ª, 2ª e 3ª semana: no primeiro dia de atendimento da semana (terça-feira) foi aplicado o TENS conforme descrito no plano de atendimento. No segundo atendimento da semana (quinta-feira) foi coletado dados como o relato do paciente e EVA.

4ª e 5ª semana: não foi realizado a aplicação do TENS no primeiro dia de atendimento (terça-feira) e no segundo atendimento da semana (quinta-feira) foi coletado dados como o relato do paciente e EVA.

6ª semana: no primeiro dia de atendimento da semana (terça-feira) foi aplicado o TENS conforme descrito no plano de atendimento. No segundo atendimento da semana (quinta-feira) foi coletado dados como o relato do paciente e EVA.

A Escala Visual Analógica é um instrumento utilizado para avaliação da intensidade da dor. É formada por uma linha na horizontal com as extremidades numeradas de 0 a 10, onde em uma das pontas é “nenhuma dor” e na outra “pior dor imaginável”. Por ela, o paciente avalia e marca na linha a dor presente no momento da avaliação (Martinez; Grassi; Marques, 2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma semana antes de iniciar os atendimentos com foco na dessensibilização, foi coletado a EVA e o relato do paciente, conforme descrito no quadro 1. Através da coleta de dados do paciente conforme procedimento de pesquisa, é possível afirmar que o tratamento realizado foi capaz de reduzir a sensibilização a dor em coto direito de forma significativa, conforme demonstrado no quadro 1.

Quadro 1 – Resultados

Antes de iniciar a pesquisa	EVA (0-10)	COMENTÁRIO
	9	Dor em queimação em região dorsal do pé, utiliza medicação para dormir
ATENDIMENTO	EVA (0-10)	COMENTÁRIO
1ª semana	2	Sem relato de dor
2ª semana	1	Sem relato de dor
3ª semana	0	Sem relato de dor
4ª semana	7	Pontadas em região dorsal do pé, dormiu sem medicação
5ª semana	9	Queimação por mais de 2 horas em região dorsal do pé, utilizou medicação para dormir
6ª semana	2	Sem relato de dor

Fonte: a autora, 2024.

Pacientes com dor fantasma apresentam dormência, queimação, câimbras, pontadas. A proporção de amputados com dor crônica e sem dor varia de um estudo para o outro. A dor pode aparecer na primeira semana pós amputação, meses ou vários anos, geralmente localizada na parte distal do membro fantasma (Demidoff; Pacheco; Sholl-Franco, 2007). A dor no membro fantasma é mais comum quando o paciente não está utilizando a prótese, como acontece à noite (Stokosa, 2024).

A Escala Visual Analógica é um instrumento utilizado para avaliação da intensidade da dor. É formada por uma linha na horizontal com as extremidades numeradas de 0 a 10, onde em uma das pontas é “nenhuma dor” e na outra “pior dor

imaginável". Por ela, o paciente avalia e marca na linha a dor presente no momento da avaliação (Martinez; Grassi; Marques, 2011).

O TENS é uma terapia analgésica simples, não invasiva e que permite o ajuste da frequência de repetição, largura do pulso, intensidade e tempo da estimulação. Essa técnica pode beneficiar cerca de 60% das pessoas com essa dor, atuando nas terminações nervosas e reduzindo os reflexos aferentes (Weis *et al.*, 2015).

Segundo o estudo de Vaz *et al.* (2022), o uso do TENS foi benéfico para amputados em um prazo de 1 ano e que em outros casos, a dor no coto do membro fantasma foi reduzida. Na pesquisa de Fernandes (2012), foi verificado uma diminuição da intensidade da dor fantasma em 67,5% com relação a EVA e conforme o estudo de Maciel *et al.* (2014), a aplicação do TENS irá promover analgesia rápida, com duração de 20 a 30 minutos até 2 horas.

No estudo realizado por Tiago e Reis (2007), após aplicação do TENS, demonstrou uma diferença significativa na diminuição da intensidade da dor fantasma. Na pesquisa promovida por Ticianeli, Barauna e Silva (2003), demonstraram que o TENS permitiu uma melhora na redução da dor do voluntário amputado, o que concluiu que o TENS é eficaz no tratamento desse tipo de dor.

Como demonstrado no Quadro 1, na 4ª e 5ª semana em que não foi realizado a aplicação da eletroterapia e após a coleta dos dados com o paciente, houve o surgimento da dor no membro fantasma, com aumento significativo na 5ª semana. Na 4ª semana, apesar das pontadas em região dorsal do pé, paciente não precisou de medicação, nem para analgesia nem mesmo para dormir. Na 5ª semana com a piora da dor e sem sentir diminuição dela depois de 2 horas, precisou se medicar, ou seja, quando não houve a aplicação da eletroterapia naquelas duas semanas, houve alteração da qualidade de vida e bem-estar do paciente, tendo que partir para outras medidas terapêuticas.

No decorrer das sessões, excepcionalmente na 1ª, 2ª, 3ª e 6ª semana, foi observado uma melhora significativa em relação a dor, qualidade de vida e sono, segundo relato do paciente, o que evidencia a eficácia da eletroterapia empregada neste caso. Apesar dos dados comprovarem a eficácia da utilização do TENS, a literatura revisada não forneceu informações abrangentes e específicas sobre tempo de aplicação e parâmetros, onde destaca-se a necessidade de novos estudos em relação a esses dados.

4 CONCLUSÃO

De acordo com o relato do paciente e os resultados positivos obtidos, ambos indicam a melhora da dor e qualidade de vida do paciente em comparação ao início das sessões de fisioterapia. A EVA, que era 9 no início do estudo, foi reduzido para 2 e sem relato de dor, ou seja, esses ganhos demonstram a eficácia da eletroterapia nesse caso.

Além disso, a aplicação do TENS mostrou-se como uma opção terapêutica viável e de baixo custo para o tratamento da dor fantasma. Contudo, ainda é necessário realizar mais sessões com o uso da eletroterapia para alcançar resultados ainda mais eficazes. Vale ressaltar que são necessários novos estudos sobre o tema abordado, para ampliar sua aplicabilidade na reabilitação da dor fantasma em pacientes amputados.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José A. **Amputações de membros inferiores: em busca da plena reabilitação 3a ed.** . 3ª edição. Barueri: Manole, 2021. *E-book*. pág.29. ISBN 9786555765205. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555765205/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DEMIDOFF, Alessandra de Oliveira; PACHECO, Fernanda Gallindo; SHOLL-FRANCO, Alfred. **Membro-fantasma: o que os olhos não vêem, o cérebro sente.** 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000300022. Acesso em: 10 nov. 2024.

FERNANDES, Débora Rezende de Carvalho. **Influência da Eletroestimulação Nervosa Transcutânea (TENS) aplicada nas mãos de amputados de membros inferiores com dor fantasma e dor no coto.** 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/123456789/12551>. Acesso em: 10 nov. 2024.

JESUS-SILVA, Seleno Glauber de *et al.* **Análise dos fatores de risco relacionados às amputações maiores e menores de membros inferiores em hospital terciário.** 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jvb/a/9VsQsy7z4dLVZvVdPZysCbR/?format=pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

MACIEL, Lairton Fabricio de Menezes *et al.* **Efeitos da estimulação elétrica nervosa transcutânea e da crioterapia sobre o limiar de dor induzida por pressão.** 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jfp/a/6S9wJNh6ccywYt3ppFqYR3N/?lang=pt#>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SAÚDE, Ministério da. **Diretrizes de Atenção à Pessoa Amputada:** departamento de ações programáticas estratégicas. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2013. Secretaria de Atenção à Saúde. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_amputada.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Giovanna Marcela Juliani; TOS, Débora Dei; FABIANO, Lilian Catarim. **ALTERAÇÕES CINESIOFUNCIONAIS EM PACIENTES COM AMPUTAÇÃO DE MEMBRO INFERIOR: REVISÃO DE LITERATURA.** 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/58667>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Ravanna Elizíe. **ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NO PACIENTE AMPUTADO- REVISÃO DE LITERATURA.** 2023. Disponível em: doi.org/10.51891/rease.v9i6.10332. Acesso em: 15 nov. 2024.

SOUZA, Ylkiany Pereira de; SANTOS, Ana Célia Oliveira dos; ALBUQUERQUE, Luciana Camelo de. **Caracterização das pessoas amputadas de um hospital de grande porte em Recife (PE, Brasil).** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jvb/a/9pfcx5C8gLkdkvLV9cRvcQP/#>. Acesso em: 10 nov. 2024.

STOKOSA, Jan J.. **Dor no membro residual.** 2024. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/profissional/t%C3%B3picos-especiais/pr%C3%B3teses-de-membros/dor-no-membro-residual>. Acesso em: 10 nov. 2024.

TIAGO, Kiara Teixeira; REIS, Thaíse de Almeida. **Efeito da eletroestimulação nervosa transcutânea (TENS) aplicada contralateral na dor e/ou sensação fantasma.** 2007. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UCB-2_acefb53750a2e8f627db901885b7e9c1. Acesso em: 10 nov. 2024.

TICIANELI, J. G.; BARAUNA, M. A.; SILVA, A. M. C.. **Efeitos da estimulação elétrica nervosa transcutânea na dor fantasma.** 2003. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-355029>. Acesso em: 10 nov. 2024.

VAZ, Sarah Rezende *et al.* **Estimulação elétrica transcutânea (TENS) no manejo da dor do membro fantasma em pacientes amputados.** 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361042643_Estimulacao_eletrica_transcutanea_TENS_no_manejo_da_dor_do_membro_fantasma_em_pacientes_amputados_Transcutaneous_electrical_stimulation_TENS_in_the_management_of_phantom_limb_pain_in_amputee_patients. Acesso em: 10 nov. 2024.

WEIS, Luciana Cezimbra *et al.* **ESTUDO DOS BENEFÍCIOS DA ESTIMULAÇÃO NERVOSA ELETRICA TRANSCUTÂNEA (TENS) E ULTRASSOM PARA O TRATAMENTO DA DOR FANTASMA.** 2015. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/salao_ensino_extensao/article/view/13821#:~:text=Estudos%20apontam%20que%20a%20estimula%C3%A7%C3%A3o,nervosas%2C%20reduzindo%20os%20reflexos%20afidentes.. Acesso em: 10 nov. 2024

ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA: AS REAÇÕES PSICOLÓGICAS DE MÃES DE NEONATOS – UM ESTUDO DE CASO

Fernanda Caldas¹

Sabrina Surminski Rodrigues dos Santos²

RESUMO: O internamento de um recém-nascido na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) é uma experiência emocionalmente intensa para os pais, marcada por medo, ansiedade e incertezas. O presente artigo tem como objetivo investigar de que forma a internação do bebê afeta as reações psicológicas de mães. Tendo em vista que a internação do bebê em unidades de terapia intensiva neonatal (UTIN) está associada a um aumento significativo nos níveis de estresse, ansiedade e sintomas depressivos nas mães, devido à incerteza sobre o estado de saúde do bebê, à separação física e à sensação de impotência diante da situação. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada e de abordagem qualitativa, uma vez que visa à compreensão de fenômenos através da interpretação subjetiva e contextual. Através desse estudo foi possível analisar como a internação do recém-nascido tem um impacto significativo sobre as mães, gerando diversas reações emocionais, como ansiedade, medo, incerteza e, em alguns casos, raiva e frustração. As mães enfrentam desafios expressivos na adaptação à realidade hospitalar, frequentemente sentindo-se impotentes diante da fragilidade de seus filhos. Este estudo ressaltou também a importância de grupos de apoio para mães de neonatos.

Palavras-chave: Recém-nascido; UTIN; Reações Psicológicas; Mães; Grupos de Apoio.

ABSTRACT: The hospitalization of a newborn in the Neonatal Intensive Care Unit (NICU) is an emotionally intense experience for parents, marked by fear, anxiety and uncertainty. This article aims to investigate how the hospitalization of the baby affects the psychological reactions of mothers. Considering that the hospitalization of the baby in neonatal intensive care units (NICU) is associated with a significant increase in the levels of stress, anxiety and depressive symptoms in mothers, due to the uncertainty about the baby's health status, the physical separation and the feeling of helplessness in the face of the situation. This study is characterized as an applied research with a qualitative approach, since it aims to understand phenomena through subjective and contextual interpretation. Through this study, it was possible to analyze how the hospitalization of the newborn has a significant impact on mothers, generating various emotional reactions, such as anxiety, fear, uncertainty and, in some cases, anger and frustration. Mothers face significant challenges in adapting to the hospital reality, often feeling powerless in the face of their children's fragility. This study also highlighted the importance of support groups for mothers of newborns.

Keywords: Newborn; NICU; Psychological Reactions; Mothers; Support Groups.

1. INTRODUÇÃO

A hospitalização de um bebê em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) coloca o recém-nascido em um ambiente desacolhedor, onde existe a exposição intensa a estímulos nociceptivos, bem como o estresse e a dor são frequentes (Lamego, et al 2005).

¹ Acadêmica do 10º Período de Psicologia da Ugv - Centro Universitário, União da Vitória - Paraná, Brasil.

² Psicóloga, Especialista em Psicologia Jurídica e Avaliação Psicológica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, 2024, responsável técnica do Serviço Escola do Curso de Psicologia da Ugv Centro Universitário, União da Vitória – Paraná, Brasil.

O sentimento de impotência diante da fragilidade do bebê muitas vezes obscurece a percepção dos pais sobre seu papel ativo na recuperação, além das medidas médicas tradicionais. É crucial reconhecer que, apesar das limitações médicas e clínicas, os pais desempenham um papel vital no suporte ao desenvolvimento e bem-estar do bebê na UTIN. Seu envolvimento emocional, apoio afetivo e participação em cuidados não médicos, como o contato pele a pele e a interação delicada, podem contribuir significativamente para o conforto e recuperação do bebê (Carvalho, Pereira, 2017).

Além disso, a internação de um bebê na UTIN está associada a um aumento expressivo nos níveis de estresse, ansiedade e sintomas depressivos nas mães, em razão da incerteza sobre a saúde do filho, da separação física e da sensação de impotência diante da situação. Assim, o presente estudo tem como objetivo avaliar as reações psicológicas das mães que tiveram seus filhos internados em uma UTIN, buscando compreender os impactos emocionais dessa experiência e através de folders, promover informações para divulgar em grupos de apoio nas redes sociais para pais com filhos internados em UTIN, visando facilitar a troca de sentimentos e experiências entre mães que enfrentam situações semelhantes, com o intuito de aliviar o sofrimento e a angústia durante esse período desafiador.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação do pai e da mãe com o bebê começa muito antes do nascimento, sendo construída durante o período gestacional (Piccinini et al., 2009), durante a gestação é comum que a mãe e pai imaginem como será seu bebê ao nascer, quais características vai ter, com quem ele vai se parecer, comumente chamado de bebê imaginário ou idealizado, (Moreira, Braga, Morsch, 2003). Entende-se que as expectativas de pais e mães em relação ao bebê são similares, mesmo sendo as mulheres que vivenciam de forma mais intensa as transformações fisiológicas da gestação (Piccinini et al., 2009).

A chegada de um bebê vai muito além das expectativas apenas dos pais, envolve questões sentimentais de todo o seio familiar, sendo em razão da aquisição de novos papéis e responsabilidades, ou também pela angústia de que algo possa afetar o que foi planejado para a chegada da criança, especialmente quando ocorre um nascimento de um filho prematuro e/ou de risco (Oliveira et al., 2013).

O ambiente de uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) pode parecer muito assustador para aqueles que entram em uma pela primeira vez. A maioria dos casais que vivem uma gestação não conseguem cogitar a possibilidade de ter que frequentar uma UTIN, ambiente este, muitas vezes, fonte de estresse não somente para a família, mas também para o bebê (Moreira e colaboradores, 2003). As internações em uma UTIN podem ocorrer por inúmeros motivos, os problemas podem se apresentar das mais variadas formas nos recém-nascidos, variando de cada caso, podendo ser alguns mais graves que outros, consequentemente, afetando nos períodos de internação (Moreira, Rodrigues, 2003).

Sabe-se que a percepção dos pais frente a internação do bebê em uma UTIN é influenciada pelas informações presentes no senso comum e informações das vivências acumuladas desde a infância. A internação de um filho, logo após o nascimento é um fato inesperado e assustador para os pais, que muitas vezes ao verem seu bebê doente, ligado a aparelhos podem apresentar dificuldades ao reconhecer aquele bebê como seu, tendo em vista que no senso comum o bebê é visto como um indivíduo extremamente saudável (Lamy, Gomes, Carvalho, 1997). Ao vivenciarem a situação de internar o seu filho recém-nascido em uma UTIN, os pais acabam por enfrentar diversos sentimentos, desde a negação até a aceitação da necessidade do internamento, até mesmo passando por episódios de culpabilidade, como se fossem os causadores de tal situação (Moreira, Braga, Morsch, 2003).

O ambiente de uma UTIN é frequentemente estressante para bebês e suas famílias devido à intensa iluminação e ao barulho constante de equipamentos e alarmes. Isso causa ansiedade não apenas nas famílias, mas também nos recém-nascidos e profissionais de saúde. A presença da incubadora ou berço de calor radiante não permite que os bebês relaxem facilmente (Moreira e colaboradores, 2003).

No ambiente da UTIN, o foco nos cuidados físicos do bebê muitas vezes deixa em segundo plano as necessidades emocionais da tríade (mãe-pai-bebê). A presença de equipamentos de monitoramento, como incubadoras, tubos e fios, dificulta o contato físico entre eles, prejudicando a formação do vínculo e do apego, especialmente entre mãe e filho. Isso pode afetar a capacidade da mãe de cuidar do bebê e influenciar o desenvolvimento psicológico do bebê, levando a sentimento de culpa, incompetência e luto pela perda do filho idealizado (Rocha et al., 2022).

O luto pelo bebê idealizado tem repercussões significativas nos pais, refletindo não apenas a compreensão de que o filho sonhado, fantasiado e idealizado nasceu de forma diferente, mas também influenciando suas relações familiares, medos e anseios em relação ao futuro familiar. A elaboração desse processo de luto envolve o apoio mútuo que cada casal oferece um ao outro, o apoio da família e a maneira como cada um lida com suas experiências de vida individuais e enfrenta situações adversas (Carvalho, Pereira 2017).

A psicologia atua na exploração das percepções imaginárias de cada casal sobre a gestação, visando compreender seu impacto na relação com o bebê real. O objetivo é auxiliar os pais a reavaliar a experiência da gestação, facilitando a construção de um vínculo saudável com o bebê e acolhendo suas emoções. Em contextos hospitalares, os psicólogos oferecem apoio quando os pais expressam essa necessidade, fortalecendo sua confiança e habilidade para compreender e cuidar do bebê hospitalizado. A atuação envolve permitir que os pais expressem emoções, preocupações e expectativas, facilitando o processamento da situação e o desenvolvimento de estratégias para lidar com as complexidades da hospitalização do bebê (Carvalho, Pereira 2017).

3. MÉTODO

Segundo a natureza da investigação, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada e de abordagem qualitativa, uma vez que visa à compreensão de fenômenos através da interpretação subjetiva e contextual, sem a utilização de métodos estatísticos (Gil, 2019).

A seleção das participantes se deu por meio dos critérios de inclusão: 1) ser mãe de bebê um recém-nascido que já esteve internado em uma unidade de terapia intensiva neonatal; 2) o bebê ter ficado internado mais de uma semana em uma UTIN; 3) mães maiores de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: 1) O bebê possuir quaisquer doenças já identificadas no período gestacional; 2) pais menores de 18 anos.

A pesquisa teve a coleta de dados realizada por meio de entrevistas remotas utilizando a plataforma Google Forms, um método eficaz para alcançar participantes em diferentes localidades. As entrevistas foram divulgadas em grupos de apoio a mães nas redes sociais, garantindo o acesso ao público-alvo de forma prática e conveniente. Para participar, as mães preencheram previamente o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando a transparência e o cumprimento de aspectos éticos da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com a colaboração de 5 (cinco) participantes, a idade das genitoras variou entre 19 (dezenove) à 40 (quarenta) anos, onde 3 (três) delas afirmam ter idade igual ou a inferior à 29 (vinte e nove) anos e 2 (duas) delas afirmam ter idade igual ou inferior a 40 (quarenta) anos de idade.

Em termos da situação conjugal, uma delas se referiu como solteira e as demais como casadas e em regime de união estável. No que se refere ao termo de religião, todas afirmam ser religiosas, sendo a predominante a católica com duas respostas e católica não praticante, evangélica e protestante apenas uma resposta cada.

Três das cinco participantes afirmam que a gestação não foi planejada, quatro delas tiveram como o tipo de parto a cesariana, e três afirmam que não possuem outros filhos.

Após a caracterização dos sujeitos do estudo, iniciou-se a abordagem da temática central, focada nas reações psicológicas de mães cujos filhos foram internados em uma UTIN. A análise de conteúdo dos discursos resultantes permitiu o delineamento de quatro eixos temáticos principais, cada um com seus respectivos subtemas: A Gestação; O nascimento e o Internamento na UTN; As Emoções e o Julgamento sobre o Tratamento; e Grupos de Apoio. Por questão de sigilo, as participantes foram identificadas como: Rosa, Margarida, Orquídea, Bromélia e Gardênia.

4.1 A GESTAÇÃO

O processo de constituição da maternidade começa muito antes da concepção, sendo moldado pelas primeiras relações e identificações da mulher, passando pelas brincadeiras na infância, na adolescência, no desejo de ter um filho e, finalmente, na própria gravidez. Esse processo também é influenciado por aspectos transgeracionais e culturais, que refletem as expectativas impostas a meninas e mulheres tanto no âmbito familiar quanto social. A gravidez, por sua vez, marca uma fase de profundas reestruturações na vida da mulher, exigindo uma transição do papel de filha para o de mãe, além de um resgate de experiências passadas. Nesse período, a mulher precisa reajustar seu relacionamento conjugal, sua condição socioeconômica e sua vida

profissional. Essas mudanças tendem a ser ainda mais marcantes para as gestantes primíparas, embora também afetem as múltiparas de maneira significativa (Piccinini, et al. 2008).

Ao serem questionadas sobre suas gestações, Rosa mencionou que, apesar de tranquila, teve alguns dias de sangramento; Margarida descreveu sua gestação como tranquila; Orquídea relatou que enfrentou intercorrências, mas não especificou quais; Bromélia destacou que se sentiu muito mal durante a gravidez, com enjoos e vômitos; enquanto Gardênia afirmou que sua gestação foi de alto risco devido à epilepsia.

De acordo com Leal et al. (2017), embora a gestação seja um processo fisiológico natural, ela pode apresentar complicações significativas que colocam em risco a saúde tanto da mãe quanto do feto, caracterizando a chamada gestação de alto risco. Ao serem questionadas sobre problemas de saúde identificados durante a gravidez, apenas Gardênia mencionou ter sido diagnosticada com hipoglicemia e hipotireoidismo, condições estas que podem aumentar os riscos gestacionais. Além disso, o uso de drogas lícitas ou ilícitas pode ser um fator agravante, onde quando questionadas todas as entrevistadas afirmaram não utilizar drogas, exceto Bromélia, que relatou o uso de cigarro, e Gardênia, que fazia uso de carbamazepina e fenobarbital, medicamentos frequentemente prescritos para controle de epilepsia, mas que requerem acompanhamento rigoroso devido aos potenciais riscos à gestação.

4.2 O NASCIMENTO E O INTERNAMENTO NA UTI

A maternidade e a paternidade são frequentemente idealizadas como um momento de grande alegria e realização. No entanto, a internação de um recém-nascido em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) pode transformar essa experiência em um pesadelo. Ao verem seus bebês conectados a aparelhos e em estado crítico, muitos pais se sentem chocados e desorientados. A imagem idealizada de um bebê saudável e perfeito é abalada, a realidade da doença e da fragilidade os confronta de forma inesperada. A dificuldade em reconhecer o próprio filho nesse contexto é comum, pois contrasta com a expectativa de um início de vida tranquilo e feliz (Lamy, Gomes, Carvalho, 1997).

É importante ressaltar que, mesmo quando a gestação transcorreu sem complicações, como no caso das participantes desta pesquisa, a internação em uma

UTIN pode ocorrer. Outro fator que pode contribuir para o internamento do bebê em uma UTIN são problemas de saúde já identificados durante a gravidez, porém quando questionadas se seus filhos tiveram algum problema identificado na gravidez, ambas negaram.

Outro fator que pode contribuir para o internamento em uma UTIN é o nascimento prematuro, que, de acordo com a Academia Americana de Pediatria (AAP) e o Colégio Americano de Obstetras e Ginecologistas, o nascimento prematuro é aquele que ocorre antes ou no final da 37ª semana de idade gestacional ou 258 dias contados a partir dos dados da última menstruação normal (Pontes, 2014). As participantes desta pesquisa, Rosa, Margarida, Orquídea, Bromélia e Gardênia, tiveram filhos nascidos prematuramente, com idades gestacionais variando entre 24 e 32 semanas. A prematuridade extrema de Rosa, com apenas 24 semanas e 3 dias, ilustra a gravidade da situação enfrentada por muitas mães.

O impacto do parto prematuro se estende além do período neonatal. A vivência traumática da separação do bebê e a incerteza sobre o seu futuro podem afetar a saúde mental da mãe a longo prazo, aumentando o risco de depressão e ansiedade. A dificuldade em estabelecer o vínculo mãe-bebê muitas vezes prejudicado pela necessidade de cuidados intensivos em uma UTIN, pode contribuir para o aumento desses sentimentos. Além disso, o medo da morte do bebê e a sensação de impotência diante da fragilidade da criança podem desencadear um quadro de estresse pós-traumático, como evidenciado por estudos que apontam uma prevalência de 6% a 41% entre mães de prematuros. Outrossim, a decisão de ter outros filhos também pode ser influenciada por essa experiência, com algumas mulheres optando por não engravidar novamente devido ao medo de reviver o trauma (Pontes, 2014).

A forma como as mães foram informadas sobre a necessidade de internação de seus bebês prematuros influenciou significativamente suas reações iniciais. Orquídea e Bromélia foram informadas pela equipe médica sobre a necessidade de internação em uma UTI neonatal antes mesmo do nascimento. Orquídea, que havia perdido um filho prematuro anteriormente, sentiu-se apavorada e chorou muito ao receber a notícia. Bromélia, por sua vez, ficou em estado de choque. Rosa, Margarida e Gardênia foram informadas sobre a internação após o nascimento do bebê. Rosa, que já esperava essa possibilidade devido à prematuridade, sentiu alívio ao ver o filho vivo. Margarida e Gardênia, por outro lado, ficaram apavoradas ao receber a notícia.

A experiência de cada mãe foi única, marcada por um misto de incerteza, medo e esperança. A forma como a informação sobre a internação do bebê foi transmitida, a empatia demonstrada pela equipe médica e o suporte emocional oferecido influenciaram significativamente suas reações e como elas lidaram com a situação. Enquanto a maioria das mães relatou ter se sentido acolhida e compreendida pela equipe médica e familiares, Gardênia descreveu uma experiência diferente. Ela informou ter sido medicada durante o período em que recebeu a notícia da internação e não se recorda de muitos detalhes.

É importante ressaltar que a forma como cada mãe vivencia a experiência da prematuridade é individual e complexa. Fatores como a história pessoal, o suporte social e a qualidade da comunicação com a equipe médica podem influenciar significativamente o bem-estar emocional das mães durante esse período (Silva, 2023).

4.3 AS EMOÇÕES E O JULGAMENTO SOBRE O TRATAMENTO

Ao questionar as mães entrevistadas sobre como foi vivenciar o internamento de seu bebê, ambas trouxeram a experiência de ter como sentimento mais presente a ansiedade. É fato que desde o início da gestação é construída uma expectativa onde o parto é um momento feliz, intenso e repleto de gratidão, ao invés do esperado momento de alegria e conexão, a mãe se depara com a angústia da separação, a incerteza sobre o futuro do bebê e a frustração de não poder vivenciar a maternidade como havia imaginado (Da Silva, 2023).

As mães entrevistadas expressaram uma gama complexa de sentimentos durante a internação de seus bebês. A maioria relatou sentir medo e incerteza, sentimentos comuns diante do desconhecido e da fragilidade de seus filhos. Margarida e Orquídea, apesar do medo, expressaram fé na recuperação de seus bebês. A crença em um futuro melhor as ajudava a enfrentar a situação. Rosa e Gardênia sentiram uma intensa ansiedade, tanto pela saúde do bebê quanto pela incerteza sobre o futuro. Gardênia, em particular, relatou sentir raiva por não ter sido informada sobre o motivo da internação desde o início. Bromélia se sentiu solitária e culpada, questionando seu papel como mãe. Algumas mães, como Rosa e Gardênia, encontraram momentos de paz ao se relacionarem com seus bebês, o que as ajudava a lidar com a angústia.

Segundo Vulcão (2014), presença dos pais durante a internação do recém-nascido, está associada a um maior desenvolvimento global da criança, além de influenciar positivamente sua futura interação social e desempenho escolar. Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Ministério da Saúde garantam e incentivem a inclusão da família no ambiente neonatal, a presença materna na UTIN ainda enfrenta resistência por parte de alguns profissionais de saúde.

No Brasil, diversas leis garantem a permanência de um acompanhante durante a internação para preservar o vínculo mãe-filho. A Portaria nº 930/2012 estabelece diretrizes para a atenção integral e humanizada ao recém-nascido grave, ou potencialmente grave. O artigo 11º desta portaria diz respeito à Lei do Acompanhante, que descreve que na UTIN deverá ser garantido o livre acesso e permanência da mãe ou pai neste local durante todo período de internação de seu filho. Ela também garante visitas familiares programadas e informações diárias sobre a evolução do paciente, cumprindo os requisitos de humanização (Brasil, 2012).

A presença dos pais na UTIN favorece o estabelecimento do vínculo afetivo entre mãe e filho, reduzindo o estresse causado pela hospitalização e preparando a família para os cuidados em casa. Além disso, a participação ativa dos pais no cuidado direto ao bebê, como o contato pele a pele e o aleitamento materno, contribui para o desenvolvimento neurocomportamental do bebê, a regulação de seus sinais vitais e a redução do tempo de internação (Gaíva, 2005).

A falta de estímulos afetivos e seguros na UTIN pode resultar em desequilíbrio psíquico e instabilidade na organização precoce da criança. A exposição a estímulos sensoriais intensos e dolorosos nesse ambiente pode causar danos ao desenvolvimento global do bebê (Baltazar, Gomes, Cardoso 2010).

Todas as mães entrevistadas afirmaram que acreditavam estar contribuindo ativamente para o tratamento de seus bebês. Rosa e Margarida destacaram a importância do aleitamento materno e do método canguru, que de acordo com o Ministério da Saúde, o método canguru é um modelo de assistência perinatal voltado para a melhoria da qualidade do cuidado, proporcionando uma atenção humanizada, com intuito de reduzir o tempo de separação entre mãe e RN, favorecendo o vínculo mãe-bebê (Brasil, 2011) também ajudando a regular a temperatura e a respiração do bebê. Orquídea e Bromélia enfatizaram a importância da oração e do contato físico pele a pele como formas de oferecer conforto e apoio emocional ao bebê. Gardênia

destacou a importância de sua presença constante na UTI, acreditando que sua proximidade e carinho contribuíram para a recuperação da filha,

Sim, com aproximação de mãe e filha... Quando tive alta pude ir ver ela todos os dias e a partir do segundo dia de visita ela já foi desentubada e após alguns dias foi pra UCI e ficou no bercinho... E em uma semana teve alta (Gardênia, 2024)

A separação física entre mãe e bebê, intensificada pela necessidade de o recém-nascido permanecer em uma incubadora, cria uma barreira para a interação e o estabelecimento do vínculo inicial. Essa separação pode gerar nos pais sentimento de impotência e angústia, além de dificultar a criação de uma rotina e a experiência de cuidar do bebê. O ambiente hospitalar, com suas luzes, sons e procedimentos invasivos, pode interferir no desenvolvimento do bebê, dificultando a sua adaptação ao mundo exterior (Baseggio, et al., 2017).

O internamento de um bebê em uma UTIN representa para a família e também para o bebê “uma situação de crise, isso repercute de maneira especial, na interação entre pais e seus bebês, podendo interferir na formação e no estabelecimento dos futuros vínculos afetivos familiares” (Ministério da Saúde, 2011, p. 106). Com isso, a equipe de saúde deve estar preparada para compreender o desafio enfrentado pela família durante a hospitalização na UTIN, buscando promover e facilitar a continuidade do vínculo emocional entre os pais e o bebê. Essa abordagem requer uma visão ampla das necessidades emocionais da família, envolvendo comunicação empática, envolvimento ativo dos pais nos cuidados, suporte psicológico, educação contínua e facilitação de momentos que fortaleçam os laços afetivos. Essas práticas contribuem para criar um ambiente acolhedor e de apoio durante esse período delicado (Carvalho, Pereira 2017) tendo em vista de que por muitas vezes o bebê não depende apenas de cuidados médicos, mas também do carinho, atenção e cuidado que possam vir a receber dos pais (Lamy, Gomes, Carvalho, 1997).

As falas das mães revelam uma gama complexa de emoções, desde o medo e a ansiedade até a esperança e o amor incondicional. A frase de Orquídea, “*Tiraria ele de lá, trocaria de lugar com ele*” (sic), expressa a intensidade do desejo materno de proteger o filho e aliviar seu sofrimento. A afirmação de Bromélia, “Daria minha vida em troca da dela”, demonstra a força do vínculo materno e a disposição de fazer qualquer sacrifício pelo bem do bebê.

A maioria das participantes afirmou que suas emoções não interferiram em sua avaliação do tratamento recebido. No entanto, algumas mães apresentaram perspectivas distintas. Bromélia, por exemplo, relatou sentir-se desatendida durante o período de internação. Já Gardênia expressou um sentimento de desconhecimento e preocupação constante, devido à distância física entre ela e seu bebê e à falta de informações precisas sobre o estado de saúde da filha.

4.4 GRUPOS DE APOIO

Quando entram em uma UTI pela primeira vez, os pais se deparam com uma realidade distante do que era esperado e também um misto de sentimentos que não foram idealizados frente a notícia da chegada do bebê. A dimensão dos aparelhos, os ruídos e alarmes, a grande movimentação de profissionais desconhecidos, os quais muitas vezes utilizam palavras estranhas e desconhecidas, os inúmeros berços e incubadoras com crianças ligadas a aparelhos e máquinas para que consigam sobreviver, fazem com que a sensação de que tudo não passe apenas de um pesadelo se torne ainda mais forte, consequentemente prejudicando o estado mental dos pais (Braga, Morsch, 2003).

A experiência dos pais nas UTINs é frequentemente marcada por eventos estressantes devido à gravidade da internação de seus filhos e às características desse ambiente. Muitas vezes, eles percebem a UTIN como um lugar inóspito e frio, associado à separação e a ideia de incerteza quanto à vida e ao prognóstico de seu filho. Quando confrontados com a imagem de seus filhos monitorados por aparelhos e cuidados por profissionais desconhecidos, os pais podem experimentar choque e insegurança, o que comumente leva ao desenvolvimento de estresse, ansiedade e sintomas de depressão (Rocha et al., 2022).

Inseridos em uma perspectiva ampliada de saúde, os grupos de apoio psicológico se configuram como uma estratégia essencial no cuidado a mães de bebês prematuros. Ao promover a troca de experiências, o compartilhamento de emoções e o fortalecimento da rede social, esses grupos contribuem para a promoção da saúde mental materna e para o desenvolvimento saudável do vínculo mãe-bebê (Peres, 2018).

Embora a presença da mãe no ambiente assistencial seja uma forma de sua participação no cuidado ao recém-nascido, e apesar de contar com o apoio da equipe multiprofissional, apenas permitir sua livre circulação e permanência na UTIN não

assegura uma assistência humanizada. Para garantir qualidade de vida, capacitação e empoderamento materno, é fundamental considerar e respeitar as necessidades individuais dessa mãe no contexto hospitalar. A incorporação de uma metodologia de cuidado voltada para a mãe deve fazer parte da assistência neonatal, especialmente no caso de recém-nascidos pré-termo (Duarte, et al., 2013).

Ao serem questionadas sobre como poderiam melhorar o atendimento a mães de bebês prematuros, todas as participantes enfatizaram a importância do suporte psicológico. Margarida, por exemplo, sugeriu a criação de grupos de apoio específicos para mães solas ou que se sentem isoladas.

Dentre as principais características dos grupos de apoio, destaca-se o fato de serem um espaço propício para o diálogo e a escuta, promovendo um ambiente onde as mães podem expressar seus sentimentos, refletir sobre suas experiências e compreender as implicações dessas vivências em seu cotidiano. A participação de mães de recém-nascidos internados na UTIN nesses grupos de apoio estimula o aprendizado e a descoberta de novos significados para a vida, além de ajudar na construção de estratégias para enfrentar os desafios que acompanham o nascimento de um filho prematuro (Duarte et al., 2013).

Nesse sentido, espaços onde as mães possam expressar suas demandas pessoais e relacionadas à experiência que estão vivenciando são fundamentais. Isso não só ajuda a reduzir o estresse psicológico durante a internação, mas também fomenta uma rede de apoio entre as mães e os profissionais de saúde. Além disso, esses espaços podem ser utilizados para promover ações de educação em saúde, contribuindo para um cuidado integral e verdadeiramente humanizado (Duarte et al., 2013).

5. CONCLUSÃO

Com base nos dados analisados, pode-se concluir que a internação de bebês em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) tem um impacto significativo sobre as mães, gerando diversas reações emocionais, como ansiedade, medo, incerteza e, em alguns casos, raiva e frustração. As mães enfrentam desafios expressivos na adaptação à realidade hospitalar, frequentemente sentindo-se impotentes diante da fragilidade de seus filhos. O distanciamento físico, característico do ambiente de UTIN, também interfere no desenvolvimento do vínculo afetivo entre mãe e bebê, o que é crucial para o bem-estar emocional de ambos.

A participação ativa dos pais, especialmente por meio de práticas como o contato pele a pele e o aleitamento materno, mostrou-se vital tanto para a recuperação do bebê quanto para o fortalecimento do vínculo, oferecendo benefícios emocionais e fisiológicos. No entanto, a pesquisa revelou que a ausência de informações claras e o suporte emocional insuficiente por parte das equipes de saúde podem agravar o estresse das mães, impactando negativamente sua percepção do cuidado prestado.

Diante dos dados obtidos, os grupos de apoio surgem como uma ferramenta essencial no processo de enfrentamento, proporcionando um espaço de troca de experiências, acolhimento emocional e suporte mútuo. A criação e fortalecimento de estratégias que integrem o apoio psicológico nas UTIN são essenciais para minimizar os impactos emocionais da internação neonatal e promover o desenvolvimento saudável do vínculo mãe-bebê, bem como, auxiliar as mães a lidar com as emoções geradas pela internação de seus filhos.

O objetivo do estudo foi alcançado ao identificar as reações psicológicas das mães e desenvolver folders informativos sobre o tema, além de disseminar informações sobre as leis que garantem a permanência de um acompanhante durante a internação. Infelizmente, muitos pais que vivenciam essa situação desafiadora ainda desconhecem seus direitos. As informações foram distribuídas em grupos pelas redes sociais, com o intuito de ampliar o acesso a conteúdos relevantes e práticos. Essa iniciativa busca minimizar o impacto emocional da internação neonatal, fortalecer o vínculo mãe-bebê e oferecer suporte emocional contínuo às mães nesse período delicado.

6. REFERÊNCIAS

BALTAZAR, Danielle Vargas Silva; GOMES, Rafaela Ferreira de Souza; CARDOSO, Talita Beja Dias. **Atuação do psicólogo em unidade neonatal: rotinas e protocolos para uma prática humanizada**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 02-18, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100002&lng=pt&nrm=iso>.

Acesso em 20 set 2023.

BASEGGIO, Denice Bortolin *et al.* **Vivências de Mães e Bebês Prematuros durante a Internação Neonatal**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 153-167, 1 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513777287010>>. Acesso em: 1 set. 2024.

BRAGHETO, Ana Cristina Magazoni; JACOB, Adriana Vilela. **Suporte psicológico às mães de prematuros em uma UTI Neonatal: relato de experiência.** Saúde & Transformação Social / Health & Social Change, [S. l.], v. 1, p. 174-178, 1 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265319573022>>. Acesso em: 23 out 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso – Método Canguru – manual técnico.** Brasília: Ministério da Saúde; 2011. 2ª edição.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 930, de 10 de maio de 2012. Define as diretrizes e objetivos para a organização da atenção integral e humanizada ao recém-nascido grave ou potencialmente grave e os critérios de classificação e habilitação de leitos de Unidade Neonatal no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).** Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0930_10_05_2012.html> . Acesso em: 06 out. 2024

CARVALHO, Larissa da Silva; PEREIRA, Conceição de Maria Contente. **As reações psicológicas dos pais frente à hospitalização do bebê prematuro na UTI neonatal.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 101-122, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 set 2023.

DA SILVA, Katia Cristina. **Quando vamos embora?: A experiência da maternidade prematura no ambiente familiar.** Orientador: Thássia Souza Emídio. 2023. Dissertação de mestrado (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), [S. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/be28b436-6a77-4fb3-8d14-62e759ef4060>. Acesso em: 1 set. 2024.

DUARTE, Elysangela Dittz *et al.* GRUPOS DE APOIO ÀS MÃES DE RECÉM-NASCIDOS INTERNADOS EM UNIDADE NEONATAL. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 630-638, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027991020.pdf>> Acesso em: 20 set. 2024.

GAÍVA, M. A. M.; SCOCHI, C. G. S.. **A participação da família no cuidado ao prematuro em UTI Neonatal.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 58, n. 4, p. 444–448, jul. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/Hr68JggLYn9D3HMZY9KtP/#>>. Acesso em: 01/09/2024.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 7ª edição. Grupo GEN, 2019. E-book. ISBN 9788597020991. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>>. Acesso em: 04 out 2023.

Ministério da Saúde (2011). **Atenção Humanizada ao Recém-nascido de Baixo Peso: Método Canguru.** 2a Ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

MOREIRA, MEL., BRAGA, NA., and MORSCH, DS., orgs. **Quando a vida começa diferente: o bebê e sua família na UTI neonatal** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. Criança, Mulher e Saúde collection. 192 p. ISBN 978-85-7541-357-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 21 set 2023.

PICCININI, C. A. et al.. **Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 26, n. 3, p. 373–382, jul. 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/34nwCvftmQJhHjzNR44hJ9N/?format=html&lang=pt#>> Acesso em: 20 set 2023.

PERES, Rodrigo Sanches, dos Santos Manoel Antonio. **Aconselhamento em grupo de apoio psicológico a mães de bebês prematuros: um estudo exploratório**. Vínculo - Revista do NESME [en linea]. 2018, 15(2), [fecha de Consulta 1 de setembro de 2024]. ISSN: 1806-2490. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139457466004>. Acesso em: 01/09/2024

PONTES, G. A. R.; CANTILLINO, A.. **A influência do nascimento prematuro no vínculo mãe-bebê**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 63, n. 4, p. 290–298, out. 2014.

ROCHA, Amanda Chaves *et al.* **O estar em UTI neonatal: percepções dos pais sobre a vivência da hospitalização e a assistência psicológica recebida na unidade**. Artigo, [S. l.], p. 1-23, 12 dez. 2022. DOI 10.4013/ctc.2022.153.05. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/366205453_O_estar_em_UTI_neonatal_percepcoes_dos_pais_sobre_a_vivencia_da_hospitalizacao_e_a_assistencia_psicologica_recebida_na_unidade/link/6397b650095a6a777425038c/download> Acesso em: 20 set 2023.

VULCÃO, Jalva Maria Do Socorro Costa. **Grupos De Apoio Às Mães De Recém-Nascidos Internados Em Unidade De Terapia Intensiva Neonatal: VÍNCULOS E DESAFIOS**. Orientador: Janaina Carvalho Braz. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172747>. Acesso em: 5 out. 2024.

ESTUDO DA AUTOMEDICAÇÃO DE DESCONGESTIONANTES NASAIS

Euller dos Santos Leite - UGV¹

Elaine Ferreira - UGV²

Rafael Candido Ferreira - UGV³

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral promover um estudo sobre o uso indiscriminado de descongestionantes nasais. Especificamente, buscou-se estabelecer o perfil dos pacientes que utilizam frequentemente esses medicamentos, identificar os descongestionantes mais citados e abordar especificidades da condução farmacoterapêutica, destacando efeitos colaterais, reações adversas e o risco de dependência. Os dados mostram que participantes recorrem a descongestionantes para condições crônicas, como rinite, ou para gripes e resfriados, buscando alívio rápido para sintomas respiratórios. No entanto, a automedicação frequente, sem orientação médica, aumenta o risco de dependência e complicações, como rinite medicamentosa. Dependência moderada foi relatada por 32,3% dos participantes, enquanto 58,1% relataram efeitos colaterais, como sonolência e dor de cabeça, e 61,3% relataram desconforto nasal. O uso foi mais frequente no inverno e primavera, embora muitos utilizassem durante todo o ano. A ausência de orientação profissional foi apontada por 64,5% dos participantes, evidenciando o risco de uso indevido. Conclui-se que a automedicação com descongestionantes nasais é um problema de saúde pública, que exige conscientização sobre seus efeitos adversos. Incentivar o uso responsável pode minimizar danos, promovendo maior segurança no tratamento de sintomas respiratórios.

Palavras-chave: Descongestionantes nasais. Automedicação. Paciente.

ABSTRACT: The general aim of this study was to carry out an investigation into the indiscriminate use of nasal decongestants. Specifically, it sought to establish the profile of patients who frequently use these drugs, identify the most commonly cited decongestants and address specifics of pharmacotherapeutic management, highlighting side effects, adverse reactions and the risk of addiction. The data shows that participants turn to decongestants for chronic conditions, such as rhinitis, or for colds and flu, seeking quick relief from respiratory symptoms. However, frequent self-medication without medical advice increases the risk of addiction and complications such as rhinitis medicamentosa. Moderate dependence was reported by 32.3% of participants, while 58.1% reported side effects such as drowsiness and headache, and 61.3% reported nasal discomfort. Use was more frequent in winter and spring, although many used it all year round. The lack of professional guidance was pointed out by 64.5% of the participants, highlighting the risk of misuse. We conclude that self-medication with nasal decongestants is a public health problem that requires awareness of its adverse effects. Encouraging responsible use can minimize harm, promoting greater safety in the treatment of respiratory symptoms.

Keywords: Nasal decongestants. Self-medication. Patient.

1 INTRODUÇÃO

A irritação da mucosa nasal, também conhecida como rinite irritativa, é uma condição na qual a mucosa que reveste o interior do nariz fica inflamada e irritada. Essa irritação pode ser causada por uma variedade de fatores, incluindo alérgenos,

¹ E-mail: far-eullerleite@ugv.edu.br. Bacharel em Farmácia pela Ugv – Centro Universitário, União da Vitória – Paraná.

² E-mail: prof_elaineferreira@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – Ugv. Farmacêutica. Mestra em Ciências Farmacêuticas UEPG-PR.

³ E-mail: prof_rafaelcandido@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – Ugv. Químico. Mestre em Química pela FURB – SC.

irritantes químicos, poluição do ar, mudanças climáticas, infecções virais ou bacterianas e até mesmo certos medicamentos (Ibiapina *et al.*, 2008).

A falta de chuva e o tempo seco que acontecem principalmente no inverno acabam promovendo alterações na atmosfera e isso acaba irritando a mucosa nasal, sendo assim, nessa época cresce o quadro de alergias, sendo uma delas a rinite. O nariz fica irritado, coçando, sobrecarregado, com a coriza e a congestão nasal. Assim, na busca por alívio dos sintomas, muitos pacientes exageram no uso dos descongestionantes nasais, podendo desencadear um círculo vicioso.

Conforme o Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox) do Hospital das Clínicas de São Paulo - SP, o uso excessivo de descongestionantes nasais ocupa a terceira posição no ranking de complicações decorrentes de efeitos adversos e uso inadequado de medicamentos, ficando atrás apenas dos anti-inflamatórios e analgésicos. De acordo com Arnaldo Tamiso, otorrinolaringologista do Hospital Paulista "É possível tornar-se dependente do uso de todos os descongestionantes, sem exceção" (Tamiso, 2022).

O uso excessivo desses medicamentos pode gerar complicações, como a rinite medicamentosa, que é uma das consequências do uso excessivo de descongestionantes nasais. Esse tipo de rinite ocorre como um efeito rebote do medicamento, ou seja, agrava o conforto nasal. Após certo tempo de uso, o efeito do remédio tende a diminuir, fazendo com que o nariz volte a entupir, o que leva a pessoa a reduzir o intervalo entre as aplicações do descongestionante. Outros efeitos provocados pelos descongestionantes no corpo incluem taquicardia e aumento da pressão arterial. Em situações mais graves, há até o risco de morte devido a arritmias cardíacas e picos de pressão arterial. Justamente por este risco, o descongestionante nasal é contraindicado para pessoas hipertensas e com histórico de problemas no coração.

Os descongestionantes nasais disponíveis apresentam diferentes mecanismos de ação, com destaque para aqueles que promovem vasoconstrição no revestimento das narinas, o que reduz o inchaço e congestão. Por se tratar de uma classe de medicamentos de venda livre, os descongestionantes nasais possuem fácil acessibilidade e a falsa ideia de que são isentos de eventos adversos, podendo levar ao uso indiscriminado de tais fármacos (Balbani; Duarte; Montovani, 2004).

Os descongestionantes ocupavam a segunda posição entre as classes de medicamentos de venda livre mais procurados na prática de automedicação no Brasil,

tendo sido o Neosoro® (cloridrato de nafazolina) o medicamento mais vendido no país em 2015, de acordo com uma pesquisa realizada pela *IMS Health* (Zaffani *et al.*, 2007; O Globo, 2016).

Desse modo, o objetivo desta pesquisa baseia-se na realização de um estudo com pacientes que fazem o uso de descongestionantes nasais, com ênfase no seu mecanismo de ação e seus efeitos colaterais, e assim, destacar o papel do farmacêutico no uso racional de medicamentos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho é uma pesquisa qualitativa, realizada com pessoas que fazem uso de descongestionantes nasais por médio ou longo prazo. O público-alvo foi selecionado de forma aleatória, desde que maior de idade e atendesse aos critérios de inclusão da pesquisa. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário individual, padronizado, com perguntas abertas e fechadas, abordando o uso de descongestionantes nasais e aspectos relacionados aos medicamentos. O questionário foi disponibilizado online, através do Google Forms®.

A tabulação dos dados foi realizada para transformar as informações coletadas em material que pudesse ser analisado e fornece suporte nas tomadas de decisão. Após a aplicação dos questionários, os resultados foram expressos em tabelas e gráficos, possibilitando uma análise detalhada sobre o uso indiscriminado dos descongestionantes nasais.

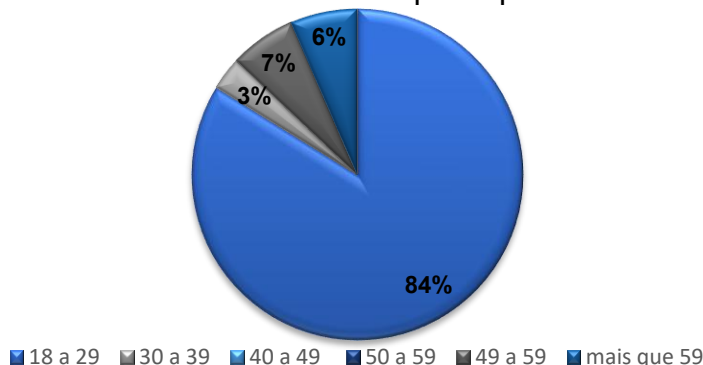
O projeto passou pela avaliação do Núcleo de Ética e Bioética do UGV – Centro Universitário, sendo aprovado sob protocolo nº 2024/134. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que foi aceito por 100% dos participantes, demonstrando que compreenderam as condições de participação e não relataram receios quanto aos potenciais desconfortos ou riscos da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos critérios de inclusão da pesquisa, foram aplicados os questionários para coleta de dados à 31 participantes. Para realizar uma análise dos dados obtidos na pesquisa sobre o uso de descongestionantes nasais, foi importante considerar os aspectos demográficos dos participantes e seus padrões de uso deste

medicamento. Com relação à faixa etária dos entrevistados, estão expressas no Gráfico 1.

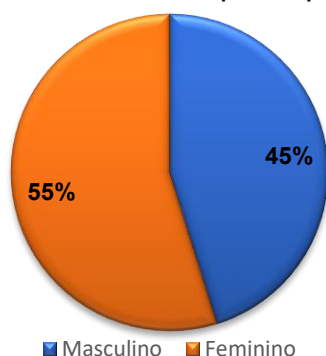
Gráfico 1 - Idade dos participantes.



Fonte: O autor, 2024.

A maioria dos participantes (83,9%) está na faixa etária de 18 a 29 anos, seguida por 7% entre 40 e 49 anos, 6% entre 50 e 59 anos e 3% entre 30 e 39 anos. Segundo Filler *et al.* (2020), jovens são o principal público de descongestionantes nasais, devido a fatores como exposição a poluentes, alta prevalência de alergias ou resfriados e maior propensão à automedicação por conveniência. O Gráfico 2 apresenta os dados relacionados ao sexo dos participantes.

Gráfico 2 - Sexo dos participantes.

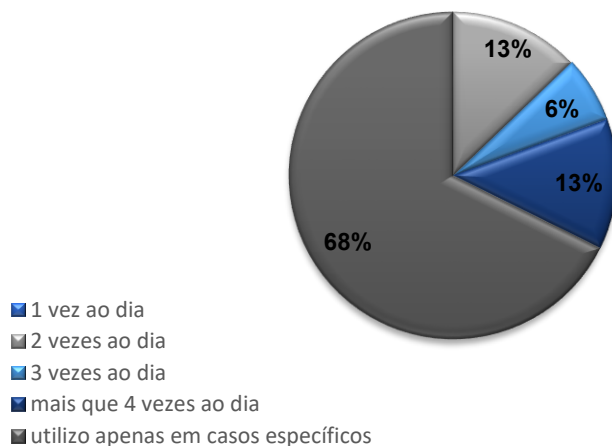


Fonte: O autor, 2024.

Entre os participantes, 54,8% são mulheres e 45,2% homens. Apesar do equilíbrio observado, a predominância feminina pode estar ligada à maior busca por soluções rápidas para sintomas respiratórios e à maior disposição para participar de estudos. Segundo Castro, Mello e Fernandes (2016), as mulheres tendem a recorrer mais à automedicação para amenizar transtornos menores, evidenciando que elas utilizam essa prática como uma ferramenta de solução rápida, superando a frequência de automedicação entre os homens.

Em relação a frequência do uso dos congestionantes nasais, os dados constam no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Frequência de uso do descongestionante nasal.



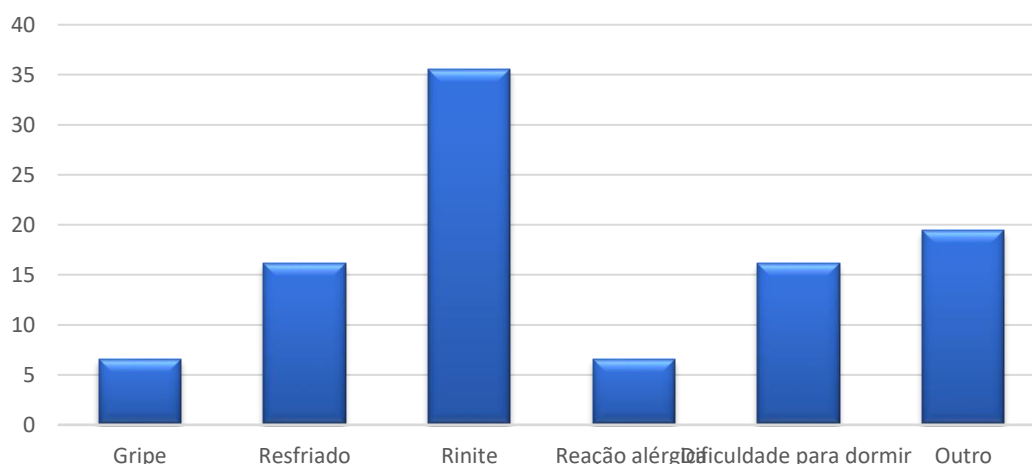
Fonte: O autor, 2024.

A grande maioria dos participantes, sendo 67,7% relatam usar o descongestionante apenas em casos específicos, o que indica que o uso não é rotineiro e, possivelmente, está associado a sintomas de curta duração ou situações de maior necessidade, como por exemplo, um como quadros agudos de congestão nasal, mesmo sendo um quadro controlado, complementa Torquato e Shima, (2020) que é preciso se atentar para que não ocorra o uso em tempo maior que o recomendado ou a falta de orientação durante a aquisição.

Além disso, observa-se que 13% dos participantes utilizam o descongestionante por mais de quatro vezes ao dia. De acordo com Castro, Mello e Fernandes (2016), um uso intenso que pode levar a problemas como a rinite medicamentosa, uma condição em que o uso contínuo de descongestionantes provoca uma congestão rebote, agravando os sintomas respiratórios, desta forma, é preciso que exista uma alerta para os riscos associados ao uso abusivo.

Os entrevistados foram questionados sobre a finalidade do uso do descongestionante nasal, os participantes poderiam assinalar mais de uma opção, e os resultados apresentam-se no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Finalidade do uso do descongestionante nasal.



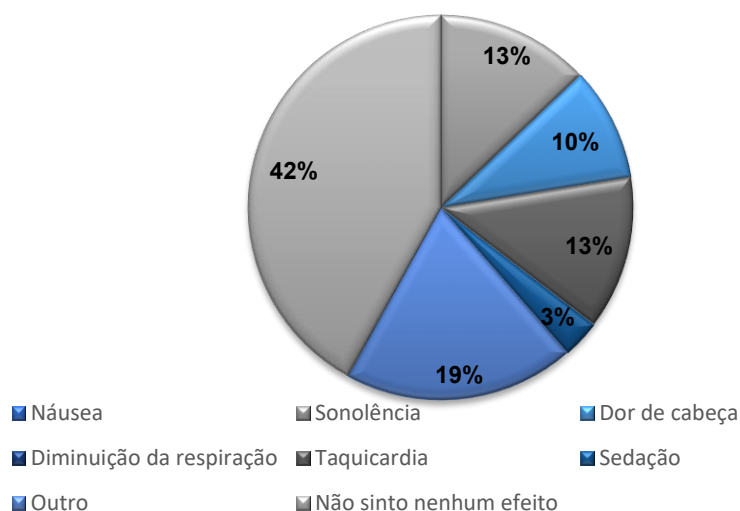
Fonte: O autor, 2024.

Entre os participantes, 35,5% relataram usar descongestionantes para aliviar os sintomas de rinite, destacando uma parcela significativa que utiliza o medicamento para esse propósito. Esse dado, associado ao uso recorrente observado, sugere maior propensão ao uso contínuo e possível abuso entre pessoas com rinite. A resistência nasal, causada pela restrição na cavidade nasal, é um sintoma comum em pacientes com rinite. Estima-se que 25% dos indivíduos em regiões industrializadas sofram com esse problema, que, apesar de ser uma condição aparentemente trivial, compromete a qualidade de vida ao causar dores de cabeça e distúrbios do sono. Consequentemente, muitos recorrem à automedicação como solução rápida, frequentemente sem perceber a frequência ou quantidade de uso (Fernandes, 2017).

Ainda, de acordo com os dados coletados, 16,1% usam o descongestionante para resfriados e outros 16,1% para melhorar a qualidade do sono, revelando uma automedicação que se adapta a diferentes sintomas respiratórios e a desconfortos noturnos, e este fato potencialmente apresenta-se com uma percepção dos riscos de dependência.

Na sequência, os participantes descreveram, os efeitos colaterais experimentados com a utilização dos descongestionantes, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 - Efeitos colaterais da utilização dos descongestionantes nasais.



Fonte: O autor, 2024.

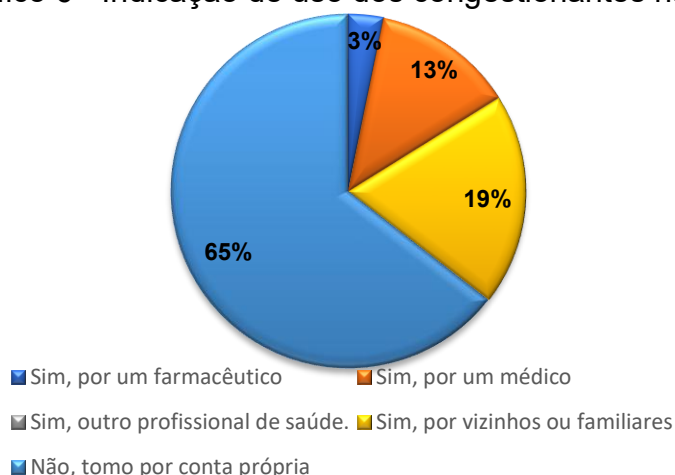
A maioria dos usuários (42%) relatou não sentir efeitos colaterais ao usar descongestionantes nasais, o que pode incentivar o uso repetido. Contudo, campanhas educativas são essenciais, pois, segundo Cavalcante *et al.* (2019), o uso autônomo de medicamentos é uma preocupação de saúde pública, especialmente para produtos de livre acesso, como descongestionantes, que podem ser administrados sem orientação adequada.

Além disso, alguns entrevistados experimentam efeitos adversos, sendo 13% descreveram a taquicardia e 13% relatam sonolência. Esses sintomas, especialmente a taquicardia, são importantes alertas de que o uso de descongestionantes nasais não se apresenta isento de riscos. Sintomas como a aceleração dos batimentos cardíacos podem ser indicativos de um impacto sistêmico do medicamento, o que reforça a necessidade de supervisão médica, especialmente para aqueles que utilizam o descongestionante em alta frequência.

Conforme Oliveira (2019), todos os medicamentos podem causar efeitos no corpo humano, e misturá-los pode gerar problemas. Na pesquisa do autor, participantes relataram o uso de medicamentos controlados como clonazepam, amitriptilina e metilfenidato. Esse cenário alerta para pacientes em tratamento médico com condições crônicas, que podem usar descongestionantes nasais sem orientação profissional. Tal prática levanta preocupações sobre interações medicamentosas, considerando o uso frequente e autônomo desses produtos.

Com relação a indicação de uso dos congestionantes nasais, os entrevistados responderam, conforme Gráfico 6.

Gráfico 6 - Indicação de uso dos congestionantes nasais.



Fonte: O autor, 2024.

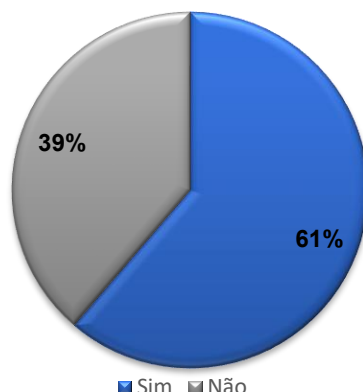
A ampla maioria dos usuários participantes deste estudo, sendo 65%, utiliza o descongestionante nasal por conta própria, sem qualquer recomendação profissional. Este dado é preocupante, pois o uso de medicamentos sem orientação aumenta o risco de abuso e de efeitos adversos, além de potencializar interações medicamentosas indesejadas.

A crença de poder se automedicar, contribui para que ocorra a negligência para novos problemas de saúde, de acordo com Dionizio et. al. (2020), se encaixam nesses novos problemas de saúde, doenças como dor de cabeça, insônia, irritação nasal, inquietação, espirros, taquicardia, tremor, acidente vascular cerebral hemorrágico, doença do sistema nervoso e depressão respiratória, esses mesmo são considerados riscos para a saúde pública, além de sua dependência e falta de informação.

Somente 13% dos participantes relataram ter recebido orientação médica, o que reforça a prática de automedicação, especialmente entre os jovens. De acordo com Torquato e Shima, (2020), as indicações do medicamento por familiares, vizinhos, amigos ou influência de propagandas é a forma que mais contribui para a prática da automedicação, sendo nesta pesquisa, 19% que também reflete um hábito cultural de automedicação e indica uma confiança nas recomendações de não-especialistas.

Em relação à possíveis desconfortos na região mucosa após a utilização do medicamento, os participantes descreveram, conforme Gráfico 7.

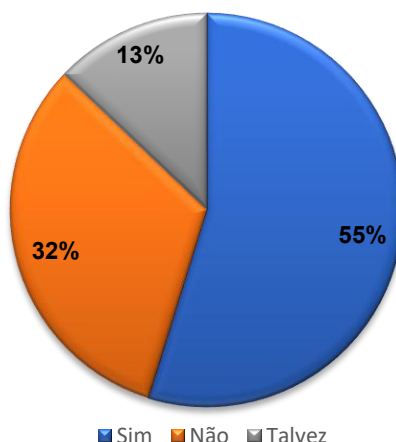
Gráfico 7 - Ocorrência de desconforto na região mucosa do nariz após usar o medicamento.



Fonte: O autor, 2024.

As respostas para esta questão demonstram uma alta incidência de usuários, sendo que 61% experimentam desconforto na mucosa nasal após o uso do descongestionante, enquanto 39% não relatam desconforto. De acordo com Miranda et. al. (2018), o desconforto nasal pode ser indicativo de ressecamento da mucosa, lesões ou efeitos irritativos associados ao uso frequente e prolongado dos descongestionantes. O desconforto pode ser um sinal de que o uso do medicamento está prejudicando a integridade da mucosa nasal, especialmente se feito de forma regular ou intensa. Esse efeito colateral, quando persistente, pode desencorajar o uso ou, em casos mais graves, levar a complicações, como já citada, a rinite medicamentosa. O Gráfico 8 expressa a descrição dos entrevistados, com relação a conseguir ficar vários dias sem utilizar o medicamento.

Gráfico 8 - Possibilidade de os usuários ficarem vários dias sem utilizar o medicamento.

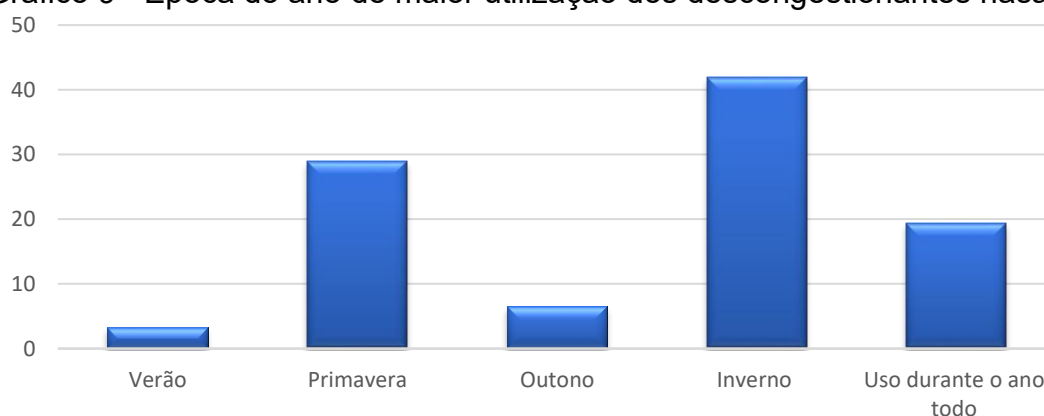


Fonte: O autor, 2024.

De acordo com a pesquisa, 55% dos entrevistados acreditam conseguir ficar dias sem o descongestionante, mas 32% afirmam que não conseguem interromper o uso, e outros 13% se mostraram incertos, o que pode indicar algum grau de dependência em uma parcela dos usuários, sendo a soma de 45% que se sente inseguro de abandonar o uso contínuo.

Essa dependência ao descongestionante nasal é um aspecto importante, conforme mencionado por Rachel (2022), o seu uso pode levar a dependência física, psíquica e farmacológica pois o uso contínuo e frequente pode piorar a congestão nasal ao invés de tratá-la, especialmente em usuários que se tornaram habituados ao uso. Em relação à época do ano de maior utilização, os dados encontram-se no Gráfico 9. Os participantes poderiam escolher mais de uma opção de resposta.

Gráfico 9 - Época do ano de maior utilização dos descongestionantes nasais.

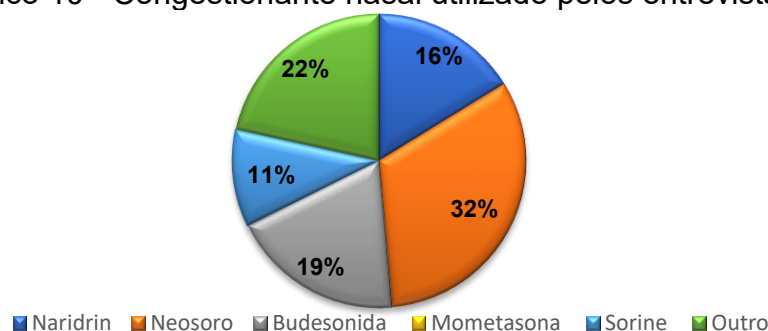


Fonte: O autor, 2024.

A maioria dos usuários (41,9%) utiliza descongestionantes nasais no inverno, seguido pela primavera (29%). Esse padrão sazonal reflete o aumento de doenças respiratórias, gripes e alergias em climas frios ou com alta concentração de alérgenos. Resfriados e gripes, comuns no inverno, intensificam coriza e congestão nasal, especialmente em pessoas com rinite, agravando os sintomas (Santos, 2018). Além disso, 19,4% dos participantes relataram uso contínuo durante o ano, sugerindo uma necessidade crônica de alívio ou possível abuso, reforçando a importância de monitorar o uso desses medicamentos.

E por fim, com relação ao qual descongestionante mais utilizados pelos entrevistados, especificamente, os dados apresentam-se no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Congestionante nasal utilizado pelos entrevistados.



Fonte: O autor, 2024.

Neosoro® (nafazolina + cloreto benzzacônico) é o descongestionante nasal descrito como mais utilizado, sendo 32%, seguido por outros produtos como Naridrin® (nafazolina + mepiramina + dexpanthenol) 16% e budesonida 19%. O fato de mometasona não ter sido descrito como utilizado, sugere que a preferência recai sobre descongestionantes de venda livre, enquanto produtos de uso mais controlado e frequentemente prescritos, como a mometasona, não são procurados. Essa escolha por descongestionantes de fácil acesso também reforça a tendência de automedicação, já que muitos desses produtos podem ser adquiridos sem receita e têm efeitos rápidos de alívio.

Segundo Martins (2020), o uso indiscriminado de descongestionantes nasais, devido à venda sem prescrição, aumenta o risco de efeitos adversos graves. O hábito de automedicação na sociedade brasileira, agravado pela falta de políticas eficazes de controle e pela propaganda inadequada, pode levar a sérios problemas, incluindo óbitos. Essa realidade evidencia a necessidade urgente de estratégias que abordem a automedicação irracional, promovam o diagnóstico correto e combatam práticas que intensificam esse comportamento, buscando maior conscientização e regulação no uso de medicamentos.

A automedicação é impulsionada por costumes culturais, falta de informação e ausência de supervisão governamental, que deveria assegurar saúde de qualidade para todos. A fiscalização de farmácias, públicas e privadas, é essencial, devendo contar com profissionais qualificados para evitar a venda de medicamentos desnecessários. Além disso, é fundamental incentivar alternativas para o alívio de sintomas respiratórios, como soluções salinas e umidificadores, que oferecem menores riscos de dependência, promovendo práticas mais seguras e conscientes no cuidado à saúde da população.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sobre o uso de descongestionantes nasais na automedicação revela informações valiosas sobre os padrões de uso, motivações e percepções dos participantes quanto aos riscos e efeitos desse tipo de medicação. Os dados coletados mostram que a automedicação com descongestionantes nasais é comum, com uma tendência clara entre jovens adultos, os quais utilizam esses medicamentos com frequência variável e, muitas vezes, sem a orientação de profissionais de saúde. Este hábito, embora culturalmente difundido e amplamente aceito, traz consigo uma série de implicações para a saúde dos usuários, conforme evidenciado pelos relatos de desconforto, possíveis efeitos colaterais e dificuldades de interrupção do uso.

Um dado importante na pesquisa foi que a maioria dos participantes afirmou que faz uso do descongestionante nasal por conta própria, sem a recomendação de um profissional de saúde. Essa automedicação, comum e acessível devido à venda livre de muitos descongestionantes nasais, aumenta o risco de uso indevido e abuso da medicação, desta forma sugere-se a implementação de medidas regulatórias que exijam maior controle sobre a venda de descongestionantes nasais, incentivando o acompanhamento profissional para casos de uso contínuo. Além disso, as alternativas como soluções salinas, umidificadores e o tratamento adequado de alergias e rinites crônicas devem ser promovidas como estratégias de alívio de sintomas sem os riscos associados ao uso excessivo de descongestionantes. A conscientização da população sobre os efeitos colaterais, como a rinite medicamentosa, é essencial para reduzir a dependência desses produtos. Campanhas educativas e orientações mais acessíveis podem auxiliar no uso responsável e seguro desses medicamentos.

Conclui-se que a automedicação com descongestionantes nasais, amplamente praticada entre jovens adultos, representa um desafio de saúde pública que demanda atenção. O conhecimento de seus efeitos adversos e o incentivo ao uso consciente podem minimizar os danos e dependências associadas, promovendo um uso mais seguro e consciente desses medicamentos. Este estudo, portanto, contribui para a compreensão dos padrões de automedicação com descongestionantes nasais e serve de base para futuras pesquisas e ações educativas voltadas para a promoção da saúde respiratória e o uso seguro de medicamentos.

5 REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Christina Souto et al. **Atenção farmacêutica nas intoxicações por automedicação**. Referências em Saúde do Centro Universitário Estácio de Goiás, v. 2, n. 01, p. 114-120, 2019.

CASTRO, Laís do Nascimento de; MELLO, Miriam Marcolan de; FERNANDES, Wendel Simões. **Avaliação da prática de automedicação com descongestionantes nasais por estudantes da área da saúde**. J. Health Sci, p. 163-167, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Guia de prática clínica: sinais e sintomas respiratórios: espirro e congestão nasal**. Conselho Federal de Farmácia. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 2016. 168 p

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DO PARANÁ. **Descongestionantes nasais**. Células farmacêuticas, 2018. Disponível em: <https://celulasfarmaceuticas.crf-pr.org.br/pagina/visualizar/295>. Acesso em 10 de nov. 2024

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DE SÃO PAULO. **Descongestionantes nasais**. Crf sp, 2015. Disponível em: <http://www.crfsp.org.br/revista/469-revista-120/6363-revista-do-farmaceutico-120-tecnica-e-pratica.html#n1>. Acesso em 10 de nov. 2024

CHAVES, Roberto G **Self-medication in nursing mothers and its influence on the duration of breastfeeding**. Jornal de Pediatria, v. 85, p. 129-134, 2009.

DIONÍZIO, I. C.; MACEDO, L. D.; VESPAL, M. A. **A dependência de descongestionantes nasais e seus efeitos colaterais**. Rev. Esfera Acadêmica Saúde, v. 5, n. 2, 2020

FERNANDES, Taila Renata Gomes. **Automedicação e descongestionantes nasais: riscos de intoxicação**. 2017. 17 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

FILLER, Luiz Nison et al. **Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática de automedicação**. Psicologia e Saúde em debate, v. 6, n. 2, p. 415-429, 2020.

FRIED, M. P. **Congestão nasal e coriza**. Manual MSD. Versão Saúde para a Família. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/casa/dist%C3%BArbios-do-ouvido,-nariz-e-garganta/sintomas-de-dist%C3%BArbios-do-nariz-e-da-garganta/congest%C3%A3o-nasal-e-coriza>. Acesso em 10 de nov. 2024

HOEHLE L.; PHILLIPS K.; BERGMARK R. et al. Sedaghat A. **Symptoms of chronic rhinosinusitis differentially impact general health-related quality of life**. Rhinology, v. 54, p. 316–322. 2016.

LAGUE, L. G.; ROITHMANN, R.; AUGUSTO, T. Alicia M. **Prevalência do uso de vasoconstritores nasais em acadêmicos de uma universidade privada do Rio Grande do Sul.** Rev. AMRIGS, [s. l.], v. 13, p. 39–43, 2013

MALONE, M.; KENNEDY, T. M. **Review: Side Effects of Some Commonly Used Allergy Medications** (Decongestants, Anti-Leukotriene Agents, Antihistamines, Steroids, and Zinc) and Their Safety in Pregnancy. Int J Aller Medications v. 3, n. 024. 2017. Disponível em: <https://clinmedjournals.org/articles/ijam/international-journal-of-allergy-medications-ijam-3-024.pdf>. Acesso em 10 de nov. 2024

MARTINS, Thulio Ramos et al. **Os riscos causados pelo uso indiscriminado de descongestionantes nasais derivados da nafazolina.** Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v. 8, n. 1, 2022.

MELLO JUNIOR, J. F.; MION, O. G.; ANDRADE, N. A. et al. **Posicionamento da Academia Brasileira de Rinologia sobre terapias tópicas nasais.** Braz. j. otorhinolaryngol. V. 79, n. 3. Jun 2013

MIRANDA Filho, J. P. de., Andrade Júnior, F. P. de, & Montenegro, C. de A. (2021). **Cuidados farmacêuticos e os medicamentos isentos de prescrição: revisão integrativa da literatura.** ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION, 10(1), 153–162. <https://doi.org/10.21270/archi.v10i1.4903>

NACLERIO, R. M.; BACHERT, C.; BARANJUK, J. N. **Pathophysiology of nasal congestion.** Int J Gen Med, v. 3, p. 47–57. 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2866558/>. Acesso em 10 de nov. 2024

OLIVEIRA, Gabriele Gomes e. **Prevalência da automedicação entre pessoas em uma farmácia no interior do Paraná.** Research, Society and Development, v. 11, n. 14, p. e348111436291-e348111436291, 2022.

RACHEL, Sofia Silva Barros. **O uso excessivo de descongestionantes nasais tópicos.** 2022. 27. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) – Anhanguera Educacional, Salvador, 2022.

RUSSO, E.; GIOMBI, F.; PAOLETTI, G. et al. **Use, Abuse, and Misuse of Nasal Medications: Real-Life Survey on Community Pharmacist's Perceptions.** J Pers Med. V. 13, n. 4, p. 579. 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10142332/#B1-jpm-13-00579>. Acesso em 10 de nov. 2024

SANTOS, Amaryanne Karollynny Carvalho dos. **Cuidados farmacêuticos e farmacoterapia da gripe e resfriado.** 2018. 52 fl. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Bacharelado em Farmácia, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – Paraíba – Brasil, 2018.

SARINHO, E. (2004). **Budesnida inalatória em asma aguda: uma questão de tempo e espaço?** Jornal De Pediatria, 80(2), 88-89.

SILVA FILHO, SILVA, A. L.; SANTOS, A. O. et al. **Infecções Respiratórias de Importância Clínica: uma Revisão Sistemática**. REVISTA FIMCA, v. 4, n. 1. Dezembro, 2017

TAMISO, Arnaldo. **Vício em descongestionantes nasais**. Hospital Paulista, 2023. Disponível em: <https://www.hospitalpaulista.com.br/entrevista-site-vix-vicio-em-neosoro-realmente-pode-acontecer-e-ate-levar-a-morte-diz-medico-como-curar/>. Acesso em 10 de nov. 2024

TORQUATO, Andreia Luiza; SHIMA, Vivian Taciany Bonassoli; DE MEDEIROS ARAÚJO, Daniela Cristina. **Riscos associados à prática de automedicação com Descongestionante nasal**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 86899-86917, 2020.

ZAFFANI, E. et al. **Perfil Epidemiológico dos pacientes usuários de descongestionantes nasais tópicos do ambulatório de Otorrinolaringologia de um hospital universitário**. Arquivo de Ciências da Saúde, São José do Rio Preto, v. 14, p. 95-98, 2007.

ESTUDO SOBRE O USO DA RISPERIDONA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM CRIANÇAS DO MUNICÍPIO DE UNIÃO DA VITÓRIA-PARANÁ

Jeenifer Maria Garlet Santos¹

Elaine Ferreira - UGV²

Rafael Candido Ferreira - UGV³

RESUMO: O presente estudo investigou o uso da risperidona no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no município de União da Vitória, Paraná. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário aplicado a mães e responsáveis, com o objetivo de compreender o impacto do medicamento na rotina das crianças, focando na eficácia terapêutica e nas reações adversas. Os resultados mostraram uma significativa prevalência do uso da risperidona para controle de sintomas comportamentais, como irritabilidade, agressividade e impulsividade, que frequentemente comprometem o desenvolvimento e a socialização dos pacientes. Embora a risperidona tenha apresentado benefícios clínicos, como a redução de comportamentos disruptivos, seu uso está associado a efeitos colaterais de variação moderada a intensa, o que exige monitoramento constante e acompanhamento especializado. O estudo destacou a importância do farmacêutico no apoio e orientação às famílias, visando o uso seguro e eficaz da medicação. Além disso, enfatizou a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso contínuo ao medicamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), dado os desafios enfrentados pelos familiares para obtê-lo. Os achados contribuem para o entendimento do uso racional da risperidona em pacientes com TEA e reforçam a importância de suporte integral e acesso facilitado a recursos terapêuticos para melhorar a qualidade de vida e adesão ao tratamento.

Palavras-chave: Risperidona. Transtorno do Espectro Autista. Efeitos Colaterais. Assistência Farmacêutica.

ABSTRACT: The present study investigated the use of risperidone in the treatment of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the municipality of União da Vitória, Paraná. The research was carried out using a questionnaire applied to mothers and guardians, with the aim of understanding the impact of the medicine on children's routine, focusing on therapeutic efficacy and adverse reactions. The results showed a significant prevalence of the use of risperidone to control behavioral symptoms, such as irritability, aggression and impulsivity, which often compromise the development and socialization of patients. Although risperidone has shown clinical benefits, such as reducing disruptive behaviors, its use is associated with moderate to severe side effects, which requires constant monitoring and specialized monitoring. The study highlighted the importance of the pharmacist in supporting and guiding families, aiming for the safe and effective use of medication. Furthermore, he emphasized the need for public policies that guarantee continuous access to the medicine through the Unified Health System (SUS), given the challenges faced by family members in obtaining it. The findings contribute to the understanding of the rational use of risperidone in patients with ASD and reinforce the importance of comprehensive support and facilitated access to therapeutic resources to improve quality of life and adherence to treatment.

Keywords: Risperidone. Autism Spectrum Disorder. Side Effects. Pharmaceutical Assistance.

¹ E-mail: far-jeenifersantos@ugv.edu.br. Bacharel em Farmácia pela UGV - Centro Universitário.

² E-mail: prof_elaineferreira@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – UGV. Farmacêutica. Mestra em Ciências Farmacêuticas UEPG-PR.

³ E-mail: prof_rafaelcandido@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – UGV. Químico. Mestre em Química pela FURB – SC.

1 INTRODUÇÃO

Há quase seis décadas, o transtorno do espectro do autismo (TEA) vem sendo estudado, evoluindo ao longo desse período, passando por diversas faces variadas que resultaram em sua descrição atual. A concepção de espectro implica na existência de uma ampla apresentação diversificada de sinais e sintomas, sendo única para cada indivíduo analisado (Donvan e Zucker, 2017).

Entretanto, diversos mecanismos são estudados em busca de respostas, considerando-a como uma síndrome de origem multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais (Pinto et al; 2016). Os sintomas tornam-se evidentes a partir do terceiro ano de vida da criança, persistindo na comunicação e interação social, bem como no comportamento que incluem interesses repetitivos, padrões de atividades restritos, irritabilidade, hiperatividade e insônia, no qual limitam ou prejudicam o funcionamento diário do autista (Apa, 2014).

Sabe-se que não há tratamento curativo disponível para o TEA, as abordagens incluem intervenções comportamentais associadas a terapias medicamentosas, que contribuem para a qualidade de vida do indivíduo, amenizando os sintomas-alvo (Neves, 2021).

Entre os medicamentos utilizados na intervenção medicamentosa, os antipsicóticos atípicos, como risperidona e aripiprazol, são amplamente prescritos para pacientes com esquizofrenia, transtorno do humor bipolar e transtorno do espectro autista (Medeiros, 2019). A risperidona atua como um antagonista seletivo nos receptores de dopamina e serotonina, através da sua potente ação, reduz os sintomas negativos ao aumentar a atividade dopaminérgica no córtex pré-frontal e melhorando sintomas positivos ao bloquear receptores d2 em doses maiores (Gadelha, 2014).

A indicação descrita em sua bula é recomendada para crianças e sua posologia varia de acordo com os sintomas, nível de suporte e idade do paciente, com uma dosagem inicial, que é ajustada gradualmente com aumentos diários dentro de um intervalo específico, seu uso pode ser acompanhado por alguns efeitos colaterais comuns, entre eles, sedação, enurese noturna, ganho de peso, aumento da prolactina e fadiga (Gadelha, 2014).

A presente pesquisa realizou um estudo sobre a utilização do uso da risperidona em crianças com transtorno do espectro autista do município de União da

Vitória – PR. Por meio do desenvolvimento de um questionário para os familiares, avaliou os efeitos do uso da risperidona no controle dos sintomas, investigou a percepção dos responsáveis sobre os benefícios e efeitos adversos e identificou os principais desafios no manejo farmacoterapêutico.

2 MÉTODO

O presente trabalho se caracteriza por ser de natureza qualitativa, quantitativo e exploratória. Participaram do estudo responsáveis familiares das crianças na faixa etária de 3 à 12 anos, que possuem diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e realizam ou já realizaram o tratamento com o medicamento risperidona, afim de entender algumas situações onde o autista recebeu a prescrição médica e não utilizou a medicação ou descontinuou o tratamento, principais reações adversas presentes, além da sintomatologia que o paciente apresente em seu cotidiano.

Os dados oriundos dos responsáveis, foram captados através de questionário, disponibilizado via Google Forms™, aplicado durante um período de 15 dias, contendo 16 perguntas, sendo elas abertas de escolha única ou múltiplas escolhas, e perguntas fechadas, sobre os participantes. Esse questionário foi previamente validado por três professores do colegiado.

Após aplicação dos questionários, os dados obtidos foram expressos por meio de utilização de gráficos e tabelas para melhor compreensão e discussão dos resultados. Além disso, houve correlação dos dados com estudos publicados na literatura, a fim de esclarecer os dados coletados.

O presente projeto foi submetido ao Núcleo de Ética e Bioética da UGV - NEB, e aprovado sob protocolo de nº 2024/087. Os locais de aplicação da pesquisa assinaram o Termo de Autorização. Os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo que teve como objetivo investigar a utilização da risperidona como parte do tratamento dos pacientes portadores do TEA. Inicialmente, com objetivo de se estabelecer um perfil das crianças e adolescentes, questionou-se com relação ao sexo dos pacientes.

A predominância de crianças do sexo masculino diagnosticadas com TEA é amplamente explorada na literatura, diversos estudos indicam que o diagnóstico de

TEA ocorre com maior frequência em meninos, sendo a proporção de 3 a 4 meninos para cada menina diagnosticada (Apa, 2022).

Observou-se que 76,9% dos participantes são do sexo masculino, enquanto 23,1% são do sexo feminino. Esses dados indicam que, nesta amostra, o TEA é mais prevalente entre os indivíduos do sexo masculino. Contudo, essa distribuição não significa que o TEA seja mais comum em meninos do que em meninas, mas pode refletir características da amostra ou possíveis vieses no diagnóstico, considerando que estudos indicam que o TEA é diagnosticado com maior frequência em meninos.

A maior incidência de TEA em meninos em comparação com meninas é um fenômeno amplamente discutido na literatura científica. Alguns estudos sugerem que fatores genéticos e neurobiológicos têm um papel significativo nesse fenômeno. Por exemplo, a hipótese do efeito protetor feminino propõe que as meninas seriam mais resistentes a mutações genéticas relacionadas ao autismo, devido à presença de dois cromossomos X, o que poderia compensar anomalias que se manifestam mais facilmente nos meninos (Lai et al., 2015).

Com relação à idade dos pacientes, a maior parte dos participantes (42,3%) se encontra na faixa etária de 4 a 6 anos, em seguida, 23,1% das crianças têm entre 7 e 9 anos, representando o segundo grupo etário. Na faixa etária de 13 anos ou mais, observa-se uma porcentagem de 15,4%, enquanto o grupo de 10 a 12 anos corresponde a 11,5% dos participantes. Por fim, o menor percentual (7,7%) é observado entre as crianças mais jovens, com idades de 1 a 3 anos.

O diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA) tem ocorrido cada vez mais cedo, sendo 57,7% diagnosticados entre 1 e 3 anos de idade indicando predominância entre os casos. Em seguida, 26,9% das crianças foram diagnosticadas entre 4 e 6 anos, já nas faixas etárias de 7 a 9 anos e de 10 a 12 anos, observa-se um percentual menor, de 7,7% para cada grupo. Não houve casos de diagnóstico na faixa etária de 13 anos ou mais.

Esse avanço se deve a uma combinação de fatores, entre os profissionais de saúde, que estão mais capacitados para identificar sinais precoces do autismo, que podem surgir já no primeiro ano de vida (Zwaigenbaum et al., 2015). E os pais que estão mais informados sobre os sinais iniciais do TEA e tendem a buscar ajuda médica assim que percebem atrasos no desenvolvimento (Daniels & Mandell, 2014).

O diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) mostra-se altamente significativo quando realizado por neurologistas, conforme os resultados que indicam

que 92,3% dos diagnósticos foram feitos por esses profissionais. Esse dado destaca o papel central dos neurologistas, o que pode ser atribuído à sua formação específica em transtornos neurológicos e do desenvolvimento, estudos apontam que neurologistas são frequentemente procurados quando surgem os primeiros sinais de atraso no desenvolvimento, como dificuldades de comunicação e alterações no comportamento social (Lai et al., 2014).

Por outro lado, uma pequena fração (7,7%) teve o diagnóstico realizado por um psiquiatra, esse dado sugere que, o diagnóstico pode ser iniciado por outros profissionais de saúde, que identificam sinais sugestivos de TEA e encaminham ou acompanham o tratamento junto aos neurologistas.

A complexidade dos sintomas, que incluem aspectos comportamentais, cognitivos e motores, requer uma abordagem multidisciplinar, mas a análise do neurológica permite uma avaliação inicial mais direcionada e acertada.

Portanto, esses avanços combinados resultaram em diagnósticos mais precoces, o que permite iniciar intervenções terapêuticas ainda na primeira infância, melhorando o prognóstico e o desenvolvimento das crianças com TEA.

Os participantes foram questionados sobre os diagnósticos adicionais além do TEA, e observou-se uma diversidade nas respostas. Indicando uma prevalência significativa de diagnósticos adicionais entre os pacientes tornando o manejo clínico mais desafiador (Brito, 2021).

O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) é uma das comorbidades mais comuns no TEA, caracterizado por dificuldades em atenção e controle de impulsos (Ignachewski, 2019). Pacientes com TEA e TDAH podem apresentar maiores dificuldades de integração em ambientes sociais e escolares, devido à sobreposição de sintomas que afetam a comunicação e o comportamento. Cipriano (2021) acrescenta que a presença de altas habilidades/superdotação em indivíduos com TEA, embora incomum, requer abordagens específicas que respeitem tanto o potencial cognitivo elevado quanto as limitações sociais inerentes ao transtorno.

Além disso, a ansiedade, que se manifesta com frequência em pacientes com TEA, é uma comorbidade que pode agravar comportamentos repetitivos, adaptação social e mudança de rotina. Em paralelo, o transtorno opositivo desafiador (TOD), caracterizado por um padrão de comportamento desafiador e opositor, intensifica o

manejo comportamental em indivíduos com TEA, exigindo intervenções que promovam o autocontrole e o respeito à autoridade (Godin, 2019).

A dermatite atópica é outro diagnóstico encontrado nos pacientes com TEA, associada a condições alérgicas que requerem acompanhamento dermatológico regular (Junior et al., 2022). Outra comorbidade relevante observada é a má formação do nervo óptico, que, conforme Al Banna (2019), resulta em prejuízos visuais variados, impactando o desenvolvimento e a comunicação visual dos indivíduos.

A presença de epilepsia também agrava o quadro neurológico, exigindo intervenções multidisciplinares para o controle das crises (Cardoso, 2019). Barreto (2014) discute que condições genéticas raras, como a síndrome de *Wolf-Hirschhorn*, embora incomuns, demonstram a complexidade dos diagnósticos combinados ao TEA e apontam para uma necessidade de suporte especializado e reabilitação contínua.

A síndrome de Tourette, uma condição neurológica caracterizada por tiques motores e vocais, e a dislexia, que afeta a aprendizagem e a leitura, são comorbidades que dificultam a interação e o desempenho escolar dos pacientes (Morand-Beaulieu et al., 2017; Barbosa, 2024). Essas condições ressaltam a necessidade de abordagens individualizadas e integradas, visando o suporte educacional e terapias adaptadas que promovam o desenvolvimento completo do indivíduo.

Em relação aos principais sintomas apresentados pelos pacientes, os dados incluem, hiperatividade e insônia, com 73,1% dos casos relatando esses comportamentos no cotidiano ou durante crises. Segundo Cola et al. (2017), esses sintomas estão entre os mais comuns no TEA e podem comprometer o bem-estar e a qualidade de vida, devido ao impacto no sono e na capacidade de concentração.

Além disso, 73,1% dos pacientes também apresentaram agitação e agressividade, que são frequentemente associados a desafios de regulação emocional e social. Esses comportamentos, conforme apontado por autores como (Souza et. Al; 2018) representam uma resposta a frustrações ou estímulos sensoriais, e podem exigir abordagens terapêuticas para controle e segurança do paciente.

A seletividade alimentar foi identificada em 53,8% dos casos, um sintoma característico em crianças com TEA, relacionado à sensibilidade sensorial. Movimentos repetitivos, observados em 61,5% dos pacientes, são comportamentos que, segundo Cola et al. (2017), funcionam como mecanismos de autorregulação, ajudando o indivíduo a lidar com estímulos externos e com suas próprias emoções.

A dificuldade de comunicação, presente em 46,2% dos casos, onde Araújo (2019), destaca que esse desafio pode variar em intensidade, desde dificuldades na linguagem verbal até barreiras em habilidades sociais, afetando a capacidade de interação e comunicação.

A hipersensibilidade foi reportada por 46,2% dos pacientes, essa sensibilidade, segundo Cola et al. (2017), pode provocar desconforto ou sobrecarga sensorial, resultando em reações intensas e dificuldades de adaptação em ambientes com estímulos variados.

O hiperfoco foi identificado em 38,5% dos casos, esse sintoma, conforme descrito por Dupuis et al (2022), envolve uma concentração intensa em atividades específicas, geralmente ligadas aos interesses pessoais do paciente.

Por fim, outros sintomas, como alucinações e choro frequente, foram mencionados por 11,5% dos pacientes. Embora menos comuns, esses sintomas são importantes, pois indicam a presença de comorbidades ou fatores adicionais que exigem uma avaliação mais detalhada e, possivelmente, uma abordagem de tratamento diferenciada, conforme sugerem os estudos de Cola et al. (2017).

Essas observações corroboram a literatura sobre o TEA, destacando a diversidade e a complexidade dos sintomas, que requerem intervenções individualizadas para o manejo adequado e o suporte ao abordar outros sintomas apresentados pelo TEA além dos listados, as mães relataram a ocorrência de alucinações e crises de choro. Esses sintomas são comuns em pessoas com TEA, mesmo quando estão em tratamento adequado com farmacoterapia e psicoterapia.

Em relação à farmacoterapia, observa-se a prevalência do uso de risperidona entre 57,7% dos pacientes fazem uso contínuo, evidenciando sua adoção como uma medida terapêutica consistente para o manejo dos sintomas comportamentais como irritabilidade e comportamentos repetitivos. Indicando a confiança dos profissionais de saúde na eficácia do medicamento. Por outro lado, 30,8% dos pacientes apresentaram uso descontinuado da risperidona, possivelmente refletindo ajustes na intervenção terapêutica, seja devido à resposta variada ao medicamento, à manifestação de efeitos colaterais.

Esses dados fornecem uma visão ampla sobre o perfil de utilização da risperidona entre pacientes com TEA e ressaltam a importância de uma avaliação criteriosa e personalizada para o manejo adequado dos sintomas, considerando sempre as necessidades e respostas individuais de cada paciente.

Em relação ao tempo de uso, os pacientes com 2 a 3 anos de uso correspondem a 38,10%, esta é a faixa mais representativa, o que indica que muitos pacientes têm experimentado a risperidona por um período considerado, porém, após dois a três anos de tratamento, é comum que os profissionais de saúde e as famílias consigam observar resultados mais evidentes, tanto na redução dos sintomas quanto na melhoria da qualidade de vida. A continuidade do tratamento durante esse tempo pode permitir ajustes na dosagem, contribuindo para uma eficácia otimizada.

Assim, pacientes com 1 ano e 1 mês a 1 ano e 11 meses (9,52%), estão em um período intermediário de tratamento. Neste estágio, a adaptação à medicação está em progresso, e é possível que os efeitos desejados comecem a se manifestar. A monitorização cuidadosa é fundamental para determinar a eficácia do tratamento e fazer ajustes, se necessário, e pacientes com 7 meses a 1 ano (19,05%), nesta faixa de tempo podem estar começando a apresentar alguma resposta ao tratamento, mas ainda podem estar em processo de adaptação. É importante que as famílias e os profissionais de saúde continuem a avaliar os efeitos da risperidona, pois a eficácia pode não ser imediatamente perceptível e pode levar tempo para se estabilizar.

Por fim, os pacientes que iniciaram o tratamento entre 1 semana e 6 meses (19,05%), estes pacientes representam os novos usuários da risperidona, que podem ainda estar se ajustando ao medicamento. Durante esse período inicial, é comum que os efeitos e a eficácia da medicação não sejam plenamente observáveis. O acompanhamento regular é crucial para identificar qualquer reação adversa e para avaliar se a medicação está começando a produzir os efeitos desejados. Os resultados podem levar tempo para se manifestar, e a paciência é necessária.

Esses dados indicam que os pacientes que utilizam a risperidona há mais tempo provavelmente já apresentam resultados positivos em seu tratamento. Por outro lado, aqueles que estão em uso recente da medicação necessitarão de mais tempo para observar se a risperidona está produzindo o efeito esperado para a melhoria dos sintomas associados ao TEA.

Os participantes foram questionados em relação à aquisição da risperidona, e a análise dos dados indica que a maioria dos pacientes (79,2%) adquire a risperidona por meio de compra particular.

Embora o medicamento esteja disponível gratuitamente pelo sistema único de saúde (sus), muitos pacientes preferem comprá-lo devido à conveniência.

Além disso, uma parcela menor dos pacientes (4,1%) relatou que, apesar da possibilidade de retirar o medicamento gratuitamente pelo SUS, optam pela compra, o que pode sugerir preferências individuais ou questões de praticidade. Por outro lado, 16,7% dos pacientes conseguem obter a risperidona de forma gratuita.

A risperidona é um antipsicótico atípico amplamente utilizado para o tratamento de distúrbios psiquiátricos e comportamentais, como a esquizofrenia e o transtorno do espectro autista (TEA) em crianças e adolescentes. No SUS, a risperidona é oferecida em forma de comprimidos nas dosagens de 1 mg, 2 mg e 3 mg, o que facilita o acesso da população a um tratamento padronizado e regulamentado, promovendo a universalidade do acesso à saúde.

O medicamento de referência para a risperidona é o Risperdal®, porém, o mercado dispõe de várias marcas comerciais e medicamentos similares, como Risperidon®, Risleptic® e outros. Essa diversidade é importante para a assistência farmacêutica pública, pois amplia as opções de escolha, adapta-se a diferentes prescrições médicas e pode ajudar na redução de custos, já que os similares e genéricos tendem a ter preços mais acessíveis do que o medicamento de referência.

A nota técnica nº 194/2012, foi elaborada por médicos e farmacêuticos vinculados ao ministério da saúde e é destinada a informar e subsidiar o entendimento de profissionais da saúde, advogados e gestores de políticas públicas. Este documento apresenta informações técnicas sobre a risperidona, esclarecendo sua indicação e regulamentação no SUS, mas não substitui protocolos clínicos ou diretrizes terapêuticas oficiais. A nota busca apoiar a defesa da união em processos jurídicos e fornecer uma visão abrangente sobre o uso do medicamento, baseando-se em evidências científicas para fomentar o uso racional e seguro dos recursos do SUS (Brasil, 2015).

A inclusão da risperidona na assistência farmacêutica reflete o compromisso do SUS em garantir o acesso a medicamentos essenciais para o tratamento de doenças psiquiátricas, promovendo a saúde mental e o bem-estar dos pacientes. Este medicamento é especialmente importante no manejo de sintomas como irritabilidade severa, agressividade e comportamentos auto lesivos em crianças com transtorno do espectro autista (TEA), permitindo um acompanhamento adequado que melhora a qualidade de vida das famílias. A política pública do SUS não apenas promove o uso responsável da risperidona, mas também enfatiza a necessidade de tratamento contínuo e acompanhamento profissional, destacando a importância de uma gestão

eficiente das políticas de saúde pública para atender às necessidades da população (Brasil, 2015).

Em relação a percepção de melhora após tratamento farmacoterapêutico da risperidona, observa-se que 69,6% dos pacientes apresentaram melhora após o início do tratamento com risperidona. No entanto, 26,1% relataram não perceber melhora significativa, e 4,3% não observaram qualquer mudança nos sintomas. Essa diferença de resposta entre os pacientes sugere que cada indivíduo pode reagir ao medicamento de forma distinta, podendo ser necessário complementar a risperidona com outros medicamentos para alcançar resultados satisfatórios no controle dos sintomas.

Ao avaliar a melhora dos sintomas com o uso de risperidona, vários sintomas apresentaram redução significativa. Agitação e agressividade diminuíram em 82,1% dos casos, enquanto hiperatividade e insônia mostraram melhora expressiva em 64,7% dos pacientes. A seletividade alimentar apresentou um progresso de 35,5%, embora algumas crianças possam demorar para se adaptar ao medicamento e alcançar um efeito mais consistente. Movimentos repetitivos reduziram em 29,4%, e o hiperfoco teve uma resposta menor ao tratamento, com melhora de apenas 17,6%. A sensibilidade a ruídos, luzes e cheiros também mostrou algum progresso, com 13,5% de redução nos sintomas. Já a dificuldade de comunicação teve uma melhora significativa de 35,3%. Embora a resposta ao tratamento varie, observa-se uma melhora geral em todos os sintomas com o uso da risperidona, ainda que em graus distintos.

Sobre os possíveis efeitos colaterais associados ao uso da risperidona e a frequência com que esses efeitos foram relatados durante o tratamento.

Pode-se identificar os efeitos colaterais mais comuns e suas implicações para os pacientes: aumento de apetite (76,2%), o aumento do apetite é o efeito colateral mais prevalente, relatado por uma grande maioria dos pacientes. Esse aumento pode levar a mudanças significativas nos hábitos alimentares e, conseqüentemente, a um risco elevado de ganho de peso, o que pode impactar a saúde geral e a adesão ao tratamento.

O aumento de peso (38,10%), o ganho de peso é um efeito colateral frequentemente associado ao aumento do apetite, este resultado ressalta a necessidade de monitoramento regular do peso dos pacientes e da implementação

de intervenções dietéticas, se necessário, para mitigar os riscos associados à obesidade e suas comorbidades.

A boca seca (33,30%), é outro efeito colateral relatado, que pode causar desconforto e impactar a qualidade de vida dos pacientes. É importante que os cuidadores e profissionais de saúde estejam cientes desse sintoma e ofereçam orientações para minimizar suas consequências.

Também a sedação (28,60%), a sedação e a sonolência, relatadas por uma parte significativa dos pacientes, podem afetar a capacidade de realizar atividades diárias e impactar a interação social. Essa sedação pode ser um fator importante a ser considerado, especialmente em crianças, que precisam manter um nível de alerta durante suas atividades escolares.

Seguido de fadiga (9,50%), que é um efeito colateral menos comum, mas que ainda pode interferir na rotina dos pacientes, pois o gerenciamento adequado da fadiga é essencial para melhorar a qualidade de vida.

Os tremores (4,80%) e incontinência urinária (4,80%), embora menos frequentes, os tremores e a incontinência urinária são efeitos colaterais que podem causar desconforto significativo, esses sintomas requerem atenção médica e podem necessitar de ajustes na terapia.

Outros efeitos colaterais (14,30%), essa categoria inclui uma variedade de sintomas que foram citados pelas mães, revelando a diversidade de reações que podem ocorrer com o uso da risperidona. Entre os efeitos colaterais adicionais, destacam-se a vermelhidão na pele, o aumento dos mamilos, episódios de taquicardia e sedação excessiva. Além disso, algumas mães relataram a ocorrência de púrpura trombocitopênica idiopática (PTI), uma condição que se caracteriza pela diminuição do número de plaquetas e pode resultar em manchas roxas na pele e maior propensão a sangramentos.

A púrpura trombocitopênica idiopática (PTI), também conhecida como púrpura trombocitopênica imunológica, autoimune ou isoimune, é uma doença autoimune que consiste na minimização de plaquetas, que são as células responsáveis pelo processo de coagulação do sangue, a partir da sua destruição no sistema retículo endotelial do baço (qu *et al.*, 2018).

Esses relatos indicam que a experiência com a risperidona pode variar amplamente entre os pacientes, sublinhando a importância do acompanhamento contínuo. É fundamental que os profissionais de saúde permaneçam atentos a esses

efeitos colaterais menos comuns, pois eles podem impactar a aceitação do tratamento e a qualidade de vida dos pacientes. A comunicação aberta entre mães e médicos é essencial para identificar precocemente qualquer sintoma adverso e para implementar as intervenções necessárias, garantindo que o tratamento seja o mais seguro e eficaz possível.

Apesar de segura, a risperidona pode provocar efeitos colaterais importantes, alguns são leves, outros, contudo, podem ser intensos e desagradáveis, e isto é especialmente preocupante na população com TEA, pois pode experimentar um número maior de reações adversas mesmo em pequenas doses de medicamentos, as crianças e adolescentes com TEA também podem apresentar sensibilidade e intensidade aumentada a reações adversas a medicamentos, mesmo em doses mínimas, em comparação com crianças sem TEA (Brasil, 2015). E por fim, instigou-se sobre a utilização de medicamentos concomitantes à risperidona entre pacientes com TEA, e, conforme os resultados mostram uma diversidade de associações terapêuticas. Dos participantes, um paciente faz uso de Neuleptil® (Periciazina – antipsicótico típico) em conjunto com a risperidona; outro utiliza Ritalina® (cloridrato de metilfenidato – psicoestimulantes). Um terceiro paciente apresenta a combinação de três medicamentos além da risperidona: Ritalina la® (metilfenidato com liberação modificada), clorpromazina (antipsicótico típico) e quetiapina (antipsicótico atípico). Outro paciente utiliza Aristab® (aripirazol – antipsicótico atípico), enquanto um quinto combina carbamazepina (anticonvulsivante) e canabidiol. Ainda, um participante faz uso de Ritalina la®, levomepromazina (Neozine®) e melatonina, e um outro utiliza apenas melatonina associada à risperidona. Observa-se ainda um paciente que combina levomepromazina (antipsicótico típico), metilfenidato e escitalopram (inibidor seletivo de recaptação de serotonina), enquanto outro utiliza imipramina (antidepressivo tricíclico). Em contrapartida, cinco pacientes não fazem uso de medicamentos adicionais à risperidona, e um deles ainda não iniciaram o tratamento com risperidona.

Esses dados indicam uma abordagem farmacológica diversa e personalizada, onde a escolha de medicamentos adjuvantes reflete as necessidades específicas e o perfil de resposta de cada paciente, o que aponta para a importância de um acompanhamento multidisciplinar e ajustado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a eficácia e os desafios do uso da risperidona no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando que o medicamento é eficaz no controle de sintomas como irritabilidade, hiperatividade e comportamentos auto lesivos, melhorando a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias. No entanto, também foram identificados riscos, como aumento de peso, sonolência e alterações hormonais, o que reforça a necessidade de uma abordagem multidisciplinar no tratamento, com acompanhamento médico contínuo.

O farmacêutico tem um papel crucial, orientando sobre o uso correto do medicamento e monitorando reações adversas. Além disso, a pesquisa aponta a importância de políticas públicas que garantam o acesso à risperidona pelo Sistema Único de Saúde (SUS), visto que algumas famílias enfrentam dificuldades para obtê-la. A atuação desse profissional também envolve a educação em saúde, esclarecendo dúvidas dos pacientes e cuidadores sobre os efeitos e a administração do fármaco. Outro ponto relevante é a necessidade de um acompanhamento contínuo, permitindo ajustes na terapia conforme a resposta do paciente.

A abordagem personalizada e integrada, combinando terapias medicamentosas e comportamentais, é essencial. A pesquisa sugere que futuras investigações explorem alternativas terapêuticas para reduzir a dependência de tratamentos farmacológicos. Em resumo, a pesquisa destaca os benefícios da risperidona no tratamento do TEA, mas também aponta a necessidade de melhorias nas práticas de cuidado, na formação de equipes multidisciplinares e no acesso aos medicamentos.

REFERÊNCIAS

AL BANNA M, REEDER S, GHANNAM M, ROBERTSON J, STUTZ A. **Teaching Neurolimages**: A case of Vogt-Koyanagi-Harada disease with bilateral retinal detachment. *Neurology*. 2019;93(4):e421. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbof/a/QKXmYD7WDsRkPXFQJtvhZ4r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 novembro 2024.

APA - *American Psychiatry Association*. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

APA. *American Psychiatric Association*. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V** 5th ed. Porto Alegre: Artmed; 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília (DF): 2015.

CARDOSO, N.; BLANCO, M. **Terapia de integração sensorial e o transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática de literatura**. Rco, a. 11, v. 1, pp. 108-125, jan./abr. 2019. Disponível em:<
<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1547/2273> > acesso em: 04 novembro 2024.

CIPRIANO, J. A. **O ensino-aprendizagem de estudantes com dupla excepcionalidade** (tea nível 1 /ahsd): uma intervenção pedagógica no núcleo de atividades de altas habilidades/superdotação - naahs/ma. Dissertação (mestrado), universidade federal do maranhão, programa de pós-graduação em gestão de ensino da educação básica. Maranhão, 2021. Disponível em:
<http://tedeabc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/3494#preview-link0>. Acesso em: 04 DE NOVEMBRO 2024.

COLA, C. et. al. **Hipersensibilidade sensório-perceptual que acomete autistas descrita na literatura e observada no Centro de Atendimento Clínico de Itaperuna** (CACI): um estudo comparativo. Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. v. 3. no. 2. p. 74-84. jul/dez 2017.

DANIELS, A. M.; MANDELL, D. S. **Explaining differences in age at autism spectrum disorder diagnosis: A critical review**. *Autism*, 18(5), 583-597, 2014. doi:10.1177/1362361313480277.2014.

DONVAN, J, ZUCKER, C. **Outra sintonia, história do autismo**. Companhia das Letras, 2017.

GOMES, P., T., M.; LIMA, L., H., L.; BUENO, M., K., G.; ARAÚJO, L., A.; SOUZA, N., M. **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática**. *Jornal de Pediatria*, v. 91, n. 2, 2016.

IGNACHEWSKI, C. L., BATISTA, A. P., TONI, C. G. DE S., & PAVOSKI, G. T. T. (2019). **Capacidades e dificuldades socioemocionais de crianças antes e após a participação no método friends**. *Revista psicologia e saúde*, 11(3). DOI:10.20435/PSSA.V11I3.628.2019.

LAI ,M,C, LOMBARDI. R,F, BARON-COHEN S. **Sex/gender differences and autism: setting the scene for future research**. *Curr Opin Behav Sci*.7:1-6.2015.

MEDEIROS, C. **Avaliação do efeito da risperidona e do aripiprazol sobre o comportamento tipo autista e parâmetros oxidativos em ratos jovens: ensaio pré-clínico**. Disponível em:
<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7682711>. Acesso em: 20 out. 2024.

NEVES et al., **Segurança da risperidona em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista**. Disponível em:

<<https://scholar.archive.org/work/x6xu5at3v5cgfd3qttogk5trby/access/wayback/http://www.revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=download&path%5B%5D=2772&path%5B%5D=pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

OLIVEIRA, T. **Mecanismos e eficácia no tratamento de transtornos de ansiedade**. Psicologia em revista, V. 37, N. 5, P. 45-60.2021.

PINTO RNM, TORQUATO IMB, COLLET N, REICHERT APS, SOUZA NETO VL, SARAIVA AM. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Disponível em: doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em 15 fevereiro 2024.

POSAR, A; VISCONTI, P. **Alterações sensoriais em crianças com transtorno do espectro do autismo**. Jornal de Pediatria. vol. 94 n. 4 Porto Alegre. jul/ago. 2018.

TEIXEIRA G. **Manual do Autismo**. 2nd ed. Rio de Janeiro: Best Seller; 2016. 96p. ISBN: 9788576849674. 2016.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L.A. **Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento revisão técnica**: Porto Alegre: Artmed, 2019.

ZWAIGENBAUM, L.; BRYSON, S.; ROGERS, T. et al. **Early identification of autism spectrum disorder: Recommendations for practice and research**. *Pediatrics*, 136(Supplement 1), S10-S40, 2015. doi:10.1542/peds.2014-3667C.

FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE EQUILÍBRIO EM PACIENTE COM DOENÇA DE PARKINSON: ESTUDO DE CASO

Isabely Skodoski Ferraz Chule¹
Willian Amauri Amarantes²

RESUMO: A Doença de Parkinson (DP) deve ser classificada como uma enfermidade neurodegenerativa progressiva de origem idiopática, que compromete a motricidade do indivíduo. O quadro clínico característico desta patologia é composto por tremores, rigidez, bradicinesia e instabilidade postural. Estes déficits motores podem ocasionar limitações significativas, bem como alterações no equilíbrio estático e dinâmico. Objetivos: Explorar o papel da fisioterapia na melhora do equilíbrio em pacientes com Doença de Parkinson, destacando estratégias de intervenção através de escalas e testes. Metodologia: O presente estudo seguiu a metodologia de um estudo de caso, de caráter quantitativo e descritivo, envolvendo um paciente do sexo masculino de 75 anos com diagnóstico clínico de Doença de Parkinson. Foram realizados escalas e testes para avaliar a funcionalidade e o equilíbrio do paciente. Resultados: Após seis semanas de intervenção fisioterapêutica, a pontuação total do paciente na Escala de Equilíbrio de Berg aumentou de 47 para 53 pontos, refletindo melhorias significativas no equilíbrio. A classificação na Escala de Hoehn & Yahr permaneceu estável no Estágio I, indicando que não houve progressão dos sintomas motores. Esses resultados evidenciam a eficácia do tratamento em melhorar o equilíbrio e manter a estabilidade dos sintomas motores.

Palavras-Chave: Doença de Parkinson; Equilíbrio; Fisioterapia.

ABSTRACT: Parkinson's Disease (PD) is commonly seen as a progressive neurodegenerative disease of idiopathic origin, which compromises the individual's motor skills. The characteristic clinical picture of this pathology is composed of tremors, discomfort, bradykinesia and postural instability. These motor deficits can cause significant limitations, as well as changes in static and sound balance. Objectives: Explore the role of physiotherapy in improving balance in patients with Parkinson's Disease, highlighting intervention strategies through scales and tests. Methodology: The present study changes the methodology of a case study, of a quantitative and descriptive nature, involving a 75-year-old male patient with a clinical diagnosis of Parkinson's Disease. Scales and tests were carried out to assess the patient's functionality and balance. Results: After six weeks of physical therapy intervention, the patient's total score on the Berg Balance Scale increased from 47 to 53 points, reflecting significant improvements in balance. The classification on the Hoehn & Yahr Scale remains stable at Stage I, preceding which there was no progression of motor symptoms. These results demonstrated the effectiveness of the treatment in improving balance and maintaining the stability of motor symptoms.

Keywords: Parkinson's disease; Balance; Physiotherapy.

1 INTRODUÇÃO

A Doença de Parkinson (DP) é uma enfermidade crônica e progressiva do sistema nervoso central que afeta predominantemente o sistema motor, mas também pode manifestar distúrbios não motores, como alterações no sistema nervoso autônomo, distúrbios do sono, problemas de memória e depressão (Steidl; Ziegler;

¹ Acadêmica do curso de Fisioterapia do UGV Centro Universitário. fis-isabelyerraz@ugv.edu.br

² Supervisor do estágio de Neurologia do UGV Centro Universitário. prof_willianamarantes@ugv.edu.br

Ferreira, 2007). O início da DP geralmente ocorre entre os 50 e 80 anos de idade, com uma prevalência ligeiramente maior em homens (Cebreira; Massano, 2019).

A característica fundamental da Doença de Parkinson é a degeneração progressiva e irreversível dos neurônios na parte compacta da substância negra, uma estrutura localizada no mesencéfalo. Essa degeneração resulta em uma redução na produção de dopamina, que é um neurotransmissor essencial para o controle motor (Silva *et al.*, 2013). A deficiência dopaminérgica leva a alterações funcionais nos núcleos da base, que são estruturas profundas do cérebro envolvidas na regulação dos movimentos. Essas alterações são responsáveis pelos principais sinais e sintomas da doença (Barbosa; Sallem, 2005).

O diagnóstico é fundamentado predominantemente na avaliação dos aspectos semiológicos, com ênfase na manifestação da síndrome extrapiramidal, que é característica da doença. Esta síndrome se apresenta por meio de tremor em repouso, rigidez, perda do reflexo postural, acinesia e hipocinesia. A marcha típica é caracterizada por passos pequenos e com velocidade progressiva, o que também indica a presença do distúrbio (Moreira *et al.*, 2007).

A Escala de Hoehn & Yahr (HY) é uma ferramenta importante na avaliação da gravidade e progressão da Doença de Parkinson, classificando os pacientes em cinco estágios distintos que refletem o comprometimento motor e funcional. O Estágio I apresenta sintomas unilaterais, enquanto o Estágio II envolve sintomas bilaterais e dificuldades na marcha. No Estágio III, o paciente enfrenta quedas frequentes e precisa de apoio em certas atividades, enquanto no Estágio IV a mobilidade é severamente limitada, requerendo assistência para a maioria das tarefas diárias. Por fim, o Estágio V representa a fase mais avançada da doença, onde o paciente necessita de cuidados constantes devido à perda de mobilidade e ao agravamento dos sintomas (Goulart; Pereira, 2004).

A diminuição do equilíbrio nesses pacientes é um aspecto crítico da progressão da enfermidade, resultante de diversos fatores neuromusculares. Estes pacientes frequentemente apresentam uma instabilidade postural acentuada, evidenciada por dificuldades em manter o equilíbrio estático e dinâmico (Costa *et al.*, 2020). A rigidez muscular e a bradicinesia agravam a dificuldade em ajustar o corpo durante alterações de posição, elevando o risco de quedas. Além disso, a deterioração da marcha, geralmente marcada por passos curtos e uma postura inclinada para frente, contribui para uma maior suscetibilidade a desequilíbrios (Airoidi, 2020).

Entre esses indivíduos, a alta frequência de quedas é uma preocupação significativa, com aproximadamente 65% dos pacientes que caem sofrendo lesões secundárias, 33% apresentando fraturas e 75% buscando atendimento médico após o evento. Essas quedas, frequentemente acompanhadas de fraturas, são a principal causa de internação hospitalar e têm consequências severas, como dor intensa, redução da mobilidade e altos níveis de estresse (Vara; Medeiros; Striebel, 2011). O medo de novas quedas resulta em restrição das atividades e comprometimento da qualidade de vida, o que pode levar a uma diminuição na força muscular e na capacidade cardiovascular (Silva *et al.*, 2022).

A instabilidade postural e a dificuldade em manter o equilíbrio aumentam substancialmente o risco de quedas, agravando a mobilidade e a funcionalidade diária. Para enfrentar esses desafios e minimizar complicações secundárias, é essencial adotar estratégias de manejo eficazes. Nesse contexto, a fisioterapia assume um papel importante, oferecendo programas de reabilitação que incluem exercícios de fortalecimento, treinamento de equilíbrio, coordenação, além de técnicas específicas para melhorar a marcha e a postura (Christofoletti *et al.*, 2010). Esses programas não apenas ajudam os pacientes a manterem maior independência e qualidade de vida, mas também abordam diretamente os fatores que contribuem para a instabilidade e o risco de quedas (Santos *et al.*, 2010).

Este artigo tem como foco a análise e discussão da eficácia das intervenções terapêuticas aplicadas a um único paciente, além de explorar os mecanismos que sustentam seu tratamento na Doença de Parkinson. A investigação também se concentra nas melhores práticas para integrar essas estratégias na rotina do paciente, levando em conta a personalização do tratamento e a abordagem multidisciplinar. Ao abordar essas questões, o objetivo é fornecer subsídios que potencializem os benefícios das terapias, contribuindo para o bem-estar e a qualidade de vida desse indivíduo.

2 MÉTODO

Este estudo de caso tem um caráter quantitativo e descritivo, focado em compreender em profundidade as experiências e características específicas do paciente em questão. A coleta de dados foi realizada com base em um estudo de caso detalhado, que envolveu um paciente do sexo masculino, identificado pelas iniciais A. A. M., com 75 anos de idade, residente na cidade de União da Vitória, no estado do

Paraná (PR). Este paciente foi diagnosticado com a doença de Parkinson há quatro anos e apresentou diversos sintomas associados à condição, incluindo tremores, lentidão nos movimentos, desordem postural e déficit de equilíbrio. O tratamento do paciente foi conduzido na Clínica Escola de Fisioterapia - UGV, localizada na Rua Padre Saporiti, número 717, no Bairro Nossa Senhora do Rocio, em União da Vitória. O professor Willian Amarantes foi responsável por supervisionar o tratamento, observando a evolução e analisando os resultados das intervenções terapêuticas.

Os dados do paciente foram coletados inicialmente em 02 de agosto de 2024, utilizando uma ficha detalhada de avaliação fisioterapêutica neurológica, juntamente com a aplicação de testes específicos para avaliar sua condição. O início dos atendimentos fisioterapêuticos ocorreu em 09 de agosto de 2024, sendo finalizados em 13 de setembro de 2024. Ao término do tratamento, uma segunda coleta de dados foi realizada, incluindo a reaplicação dos testes iniciais, permitindo uma análise comparativa dos resultados obtidos durante a intervenção. As informações para o estudo foram obtidas por meio de uma avaliação aprofundada e de um conjunto de perguntas estruturadas, com o objetivo de compreender o impacto do tratamento. Durante todo o processo, foi realizada uma sessão semanal de fisioterapia, assegurando o monitoramento contínuo do progresso e dos efeitos das intervenções aplicadas.

Em cada sessão de fisioterapia, os sinais vitais do paciente eram medidos no início, garantindo uma avaliação precisa de seu estado clínico no momento. Em seguida, foram realizados exercícios de resistência para membros superiores e inferiores, utilizando bastão, bola, elastômero, halteres e caneleiras. Para a coordenação motora, foram conduzidos circuitos, movimentos alternados e atividades de dupla tarefa. A melhoria do equilíbrio foi promovida por meio de circuitos e exercícios sobre superfícies irregulares, bem como exercícios unipodais. Além disso, foram executados exercícios de fortalecimento do tronco, com foco no alinhamento corporal, e exercícios aeróbicos utilizando cicloergômetro, esteira e bicicleta ergométrica. Também foi conduzido treinamento de marcha, com a presença de obstáculos.

A Escala de Hoehn & Yahr (HY) foi utilizada para avaliar a gravidade dos sintomas motores do paciente. Esta escala classifica a Doença de Parkinson em cinco estágios, desde o Estágio I, que inclui sintomas unilaterais, até o Estágio V, que representa a forma mais avançada da doença com necessidade de assistência

constante. A avaliação utilizando a escala permitiu categorizar o nível de comprometimento motor do paciente e monitorar a progressão da doença ao longo do tratamento. A tabela abaixo apresenta os estágios da Escala de Hoehn & Yahr, proporcionando uma visão detalhada da classificação utilizada na avaliação.

Tabela 1: Estágios da DP segundo a escala de Hoehn & Yahr:

ESCALA DE HOEHN & YAHR (HY)

Nenhum sinal da doença

Estágio 1: Doença unilateral

Estágio 2: Doença bilateral sem déficit de equilíbrio

Estágio 3: Doença bilateral leve a moderada: alguma instabilidade postural

Estágio 4: Incapacidade grave, ainda capaz de caminhar ou permanecer em pé sem ajuda

Estágio 5: Restrito à cama ou cadeira de rodas a não ser que receba ajuda

Fonte: Malko *et al.*, 2020

Além disso, as informações obtidas no dia 02 de agosto através da ficha de avaliação neurológica incluíram: avaliação do tônus e trofismo muscular, escala de força (MRC), manobras deficitárias e as atividades funcionais. Também foi empregado para avaliação a Escala de Equilíbrio de Berg, que é dividida em 14 tarefas, incluindo sair da posição sentada para em pé, permanecer em pé sem apoio, e pegar um objeto do chão, entre outras. A pontuação total da Escala de Equilíbrio de Berg oscila entre 0, representando a incapacidade para realizar as tarefas, e 56, indicando plena capacidade funcional.

3 RESULTADOS

Os resultados das avaliações de equilíbrio do paciente foram analisados para verificar os efeitos da intervenção fisioterapêutica aplicada durante o período de tratamento. A primeira avaliação, realizada em 2 de agosto de 2024, serviu como linha de base para medir o equilíbrio do paciente, utilizando a Escala de Equilíbrio de Berg. Nessa etapa, as pontuações obtidas variaram entre diferentes atividades, evidenciando tanto aspectos de desempenho satisfatório quanto dificuldades significativas. Após a intervenção, uma segunda avaliação foi realizada em 13 de setembro de 2024 para identificar possíveis melhorias no equilíbrio do paciente. Os resultados indicaram progressos notáveis em algumas atividades, com mudanças nas pontuações registradas.

A tabela a seguir apresenta uma comparação detalhada das pontuações obtidas antes e depois do tratamento, destacando as áreas de evolução e aquelas que continuam representando desafios para o paciente.

Tabela 2: Resultados da Escala de Equilíbrio de Berg Antes e Depois da Intervenção:

Atividade	Pontuação Antes da Intervenção	Pontuação Depois da Intervenção	Mudança
Transição da posição sentada para em pé	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Permanecer em pé sem apoio	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Permanecer sentado sem apoio nas costas	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Transição da posição em pé para a posição sentada	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Alcançar a frente com o braço estendido em pé	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Pegar um objeto do chão	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Virar-se e olhar para trás com o pé fixo	4 pontos	4 pontos	Sem Alteração
Transferência em pivô	3 pontos	3 pontos	Sem Alteração
Permanecer em pé com os olhos fechados	3 pontos	3 pontos	Sem Alteração
Permanecer em pé com os pés juntos	3 pontos	4 pontos	Evoluiu +1 ponto
Posicionar os pés alternadamente no degrau	3 pontos	4 pontos	Evoluiu +1 ponto
Permanecer em pé sobre uma perna	3 pontos	3 pontos	Sem Alteração
Girar 360°	2 pontos	2 pontos	Sem Alteração
Permanecer em pé com um pé à frente	2 pontos	3 pontos	Evoluiu +1 ponto

Fonte: A autora, 2024

Os resultados das avaliações de equilíbrio foram importantes para monitorar o progresso do paciente ao longo do período de intervenção. Na primeira avaliação, realizada em 2 de agosto de 2024, a pontuação total na Escala de Equilíbrio de Berg foi de 47 pontos. Esse resultado forneceu uma linha de base que destacou tanto os aspectos positivos do desempenho quanto as áreas que demandavam melhoras significativas. Após a intervenção fisioterapêutica, a segunda avaliação, realizada em 13 de setembro de 2024, revelou um progresso notável, com a pontuação total alcançando 53 pontos. Esse aumento reflete avanços na capacidade de equilíbrio do paciente, evidenciando a eficácia das estratégias aplicadas durante o tratamento.

A Escala de Hoehn & Yahr foi utilizada para avaliar a gravidade dos sintomas motores do paciente. Na primeira avaliação, o paciente foi classificado no Estágio I. Na segunda avaliação, a classificação permaneceu no Estágio I, indicando uma estabilidade na gravidade dos sintomas motores ao longo do período de intervenção. No entanto, é importante monitorar continuamente a evolução do quadro clínico, pois a Doença de Parkinson é progressiva por natureza e pode exigir ajustes na abordagem terapêutica.

4 DISCUSSÃO

Os dados coletados demonstram um progresso na pontuação da Escala de Equilíbrio de Berg, que aumentou de 47 para 53 pontos após seis semanas de tratamento. Conforme afirmado por Takeuti et al. (2010), uma pontuação inferior a 45 pontos indica que o paciente apresenta déficit de equilíbrio, enquanto uma pontuação abaixo de 36 pontos sugere um alto risco de quedas. A pontuação superior a 45 pontos obtida pela amostra deste estudo indica que o paciente apresenta um menor índice de instabilidade em relação ao equilíbrio.

Esses resultados estão alinhados com o estudo de Yamashita et al. (2012), que revelou dificuldades semelhantes enfrentadas por pacientes com comprometimentos de equilíbrio. Foi observado que todos os indivíduos participantes do estudo apresentaram diferentes graus de alterações no equilíbrio, com as maiores dificuldades manifestadas em alcançar a frente com os braços estendidos, virar-se para olhar para trás, girar 360° e permanecer em ortostatismo em apoio unipodal. Segundo Flores, Rossi e Schmid (2011), essas dificuldades podem ser agravadas por alterações posturais, que, em decorrência da rigidez muscular e do comprometimento da musculatura do tronco, resultam em encurvamento e projeções do corpo para

frente (propulsão) e para trás (retropulsão), sendo essas alterações responsáveis pelo aumento dos riscos de quedas.

De acordo com Melo, Barbosa e Caramelli (2006), as alterações do equilíbrio estão presentes nesses pacientes, pois eles apresentam uma interação inadequada entre os sistemas responsáveis pelo equilíbrio corporal, como o sistema vestibular, visual e proprioceptivo. Essa disfunção resulta no deslocamento do centro de gravidade para frente, tornando-os incapazes de realizar os movimentos compensatórios necessários para recuperar o equilíbrio, o que contribui para uma maior vulnerabilidade a quedas.

Além disso, os dados coletados indicam que não houve progressão significativa na Escala de Hoehn & Yahr, uma vez que o paciente permaneceu no estágio I desde a primeira avaliação. Segundo Mello e Botelho (2010), indivíduos classificados nos estágios de 1 a 3 apresentam incapacidade leve a moderada, enquanto aqueles nos estágios 4 e 5 enfrentam incapacidades graves que impactam consideravelmente suas atividades diárias e qualidade de vida. A manutenção do paciente no estágio I é, portanto, um indicativo positivo, pois reflete uma condição funcional mais favorável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nas avaliações de equilíbrio e na gravidade dos sintomas motores evidenciam a eficácia da intervenção fisioterapêutica aplicada, sendo justificada pela melhoria da pontuação total da Escala de Equilíbrio de Berg e a não progressão dos sintomas motores na Escala de Hoehn & Yahr ao longo do tratamento.

Os achados deste estudo sublinham a importância de intervenções fisioterapêuticas personalizadas na gestão da Doença de Parkinson. Embora tenha havido melhorias no equilíbrio, algumas tarefas, como girar 360°, ainda apresentaram desafios, evidenciando a necessidade de uma abordagem adaptativa que responda às necessidades específicas de cada paciente.

Entretanto, é fundamental reconhecer as limitações desta pesquisa, como o tamanho da amostra e a duração do acompanhamento. Estudos futuros com amostras maiores e períodos de acompanhamento mais longos são essenciais para confirmar esses resultados e oferecer insights adicionais sobre a eficácia das intervenções fisioterapêuticas a longo prazo. Dessa forma, uma avaliação mais abrangente poderá contribuir para o aprimoramento das estratégias terapêuticas e a adaptação às necessidades dos pacientes.

REFERÊNCIAS:

AIROLDI, Antônio Dai Prá. Sistema de monitoramento de sensores biomédicos para estudo de correlação entre o equilíbrio corporal e a Doença de Parkinson. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217434>. Acesso: 06 de set de 2024.

BARBOSA, Egberto Reis; SALLEM, Flávio Augusto Sekeff. Doença de Parkinson: diagnóstico. **Revista neurociências**, v. 13, n. 3, p. 158-165, 2005. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8827>. Acesso em: 06 de set de 2024.

CABREIRA, Veronica; MASSANO, JJAMP. Doença de Parkinson: Revisão clínica e atualização [Parkinson's disease: Clinical review and update]. **Acta Med Port**, v. 32, n. 10, p. 661-670, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/71548292/5774.pdf>. Acesso em: 06 de set de 2024.

CHRISTOFOLETTI, Gustavo et al. Eficácia de tratamento fisioterapêutico no equilíbrio estático e dinâmico de pacientes com doença de Parkinson. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 17, p. 259-263, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fp/a/HyzS93skHvFbMGXV3j8sNWN/> Acesso em: 06 de set de 2024

DA SILVA CORREIA, Maria das Graças et al. Doença de Parkinson: uma desordem neurodegenerativa. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-SERGIPE**, v. 1, n. 2, p. 57-65, 2013. Disponível em: <https://periodicosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/cadernobiologicas/article/view/290>. Acesso em: 9 de set de 2024

DA COSTA, Cristiane de Fátima Pimenta et al. OO equilíbrio estático e dinâmico em pacientes com Parkinson submetidos a fisioterapia aquática. **Revista Neurociências**, v. 28, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/10656> Acesso em: 09 de set de 2024

DOS SANTOS, Viviane V. et al. Fisioterapia na doença de Parkinson: uma breve revisão. **Rev. bras neurol**, v. 46, n. 2, p. 17-25, 2010. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/47308055/a0002-libre.pdf?1468803335>. Acesso em: 6 de set de 2024.

DOS SANTOS STEIDL, Eduardo Matias; ZIEGLER, Juliana Ramos; FERREIRA, Fernanda Vargas. Doença de Parkinson: revisão bibliográfica. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 8, n. 1, p. 115-129, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/921> Acesso em: 6 de set de 2024

FLORES, Franciele da Trindade; ROSSI, Angela Garcia; SCHMIDT, Paula da Silva. Avaliação do equilíbrio corporal na doença de Parkinson. **Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia**, v. 15, p. 142-150, 2011. Disponível em: <https://scielo.br/j/aio/a/6Td3bhPghjhJGJFK4vZbXjc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de set de 2024.

GOULART, Fátima; PEREIRA, Luciana Xavier. Uso de escalas para avaliação da doença de Parkinson em fisioterapia. **Fisioterapia e pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 49-56, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/fpusp/article/view/76385>. Acesso em: 17 de set de 2024.

MALKO, Rita de Cassia Niz et al. Análise de desvios posturais em indivíduos com Doença de Parkinson avaliados pela fotogrametria. **Revista Neurociências**, v. 28, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/9537>. Acesso em: 17 de set de 2024.

MELLO, Marcella Patrícia Bezerra de; BOTELHO, Ana Carla Gomes. Correlação das escalas de avaliação utilizadas na doença de Parkinson com aplicabilidade na fisioterapia. **Fisioterapia em Movimento**, v. 23, p. 121-127, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fm/a/GqTMKxmtj43XCVgSb6555NK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de set de 2024.

MELO, Luciano Magalhães; BARBOSA, Egberto Reis; CARAMELLI, Paulo. Declínio cognitivo e demência associados à doença de Parkinson: características clínicas e tratamento. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 176-183, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/BK3F9fpXtzT3x4tXLBj5FHy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 de set de 2024.

MOREIRA, Camilla Silveira et al. Doença de Parkinson: como diagnosticar e tratar. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 2, n. 2, p. 19-29, 2007. Disponível: <https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/153>. Acesso em: 06 de set de 2024.

SILVA, Franciny da et al. Avaliação do risco de quedas entre pessoas com doença de Parkinson. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20210131, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zPD58zvnhyDTYtF6d3JxZdc/?lang=pt> Acesso em: 10 de set de 2024

TAKEUTI, Tatiane et al. Correlação entre equilíbrio e incidência de quedas em pacientes portadores de doença de Parkinson. **Revista Neurociências**, v. 19, n. 2, p. 237-243, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8372>. Acesso em: 18 de set de 2024.

VARA, Andressa Correa; MEDEIROS, Renata; STRIEBEL, Vera Lúcia Widniczck. O tratamento fisioterapêutico na doença de Parkinson. **Revista Neurociências**, v. 20, n. 2, p. 266-272, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/download/8281/5812>. Acesso em: 16 de set de 2024.

YAMASHITA, Fernanda Correa et al. Efetividade da fisioterapia associada à musicoterapia na doença de Parkinson. **ConScientiae Saúde**, v. 11, n. 4, p. 677-684, 2012. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/saude/article/view/3857>. Acesso em: 18 de set de 2024.

INTERVENÇÕES PSICOEDUCATIVAS BASEADAS NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL (TCC) COM COLABORADORES DE UMA CLÍNICA DE REABILITAÇÃO E PILATES: RELATO DE ESTÁGIO

Ana Kelly Aparecida Bill da Silva ¹

Isabel Ferreira Bittar ²

Francieli Dayane Iwanczuk ³

Valéria Krieguer Zarichen ⁴

Resumo: Este artigo descreve a experiência de intervenções psicoeducativas fundamentadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), realizadas por estagiárias do sétimo período de Psicologia da UGV- Centro Universitário no Estágio Ênfase II: Prevenção e Promoção da Saúde e Bem-Estar. O objetivo foi promover saúde mental e prevenir sintomas de ansiedade e estresse entre colaboradoras de uma clínica de reabilitação e pilates no Paraná, por meio de quatro encontros grupais sobre ansiedade, estresse, vínculos interpessoais e autocuidado. As atividades foram planejadas a partir de demandas identificadas em campo, utilizando psicoeducação, reflexão coletiva e reconhecimento interpessoal, com apoio de questionários, observação e formulários digitais. Os resultados evidenciaram espaços seguros de escuta, fortalecimento de vínculos, maior consciência emocional e valorização do autocuidado. Os relatos das participantes destacaram a pertinência da abordagem grupal e da TCC em contextos de promoção e prevenção em saúde, além do desenvolvimento de competências das estagiárias.

Palavras-chave: Saúde mental. Intervenções. Psicologia. Clínica. Terapia Cognitivo-Comportamental.

Abstract: This article describes the experience of psychoeducational interventions based on Cognitive-Behavioral Therapy (CBT), carried out by seventh-period Psychology interns during the Supervised Internship II: Health and Well-Being Promotion and Prevention. The aim was to promote mental health and prevent symptoms of anxiety and stress among female staff at a rehabilitation and Pilates clinic in Paraná, Brazil, through four group sessions addressing anxiety, stress, interpersonal bonds, and self-care. Activities were planned based on field-identified needs, using psychoeducation, collective reflection, and interpersonal recognition, supported by questionnaires, observation, and digital forms. The results showed the creation of safe listening spaces, strengthened bonds, increased emotional awareness, and enhanced self-care. Participants' reports highlighted the relevance of the group approach and CBT in health promotion and prevention contexts, as well as the development of the interns' professional skills.

Key words: Mental health. Interventions. Psychology. Clinic. Cognitive-Behavioral Therapy.

¹ Acadêmica do sétimo período do curso de Psicologia –UGV Centro Universitário – União da Vitória – Paraná – Brasil. E mail: psi-anasilva@ugv.edu.br

² Acadêmica do sétimo período do curso de Psicologia –UGV Centro Universitário – União da Vitória – Paraná – Brasil. E Mail: psi-isabelbittar@ugv.edu.br.

³ Professora supervisora de Estágio Ênfase: Prevenção e Promoção de Saúde e Bem-Estar. Psicóloga CRP 08/30874. Especialista em Psicologia Jurídica; Especialista em Psicologia das Organizações e do Trabalho; Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental.

⁴ Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário Vale do Iguaçu - UNIGUAÇU. Pós-graduada em Psicologia Clínica Cognitivo Comportamental e Psicologia Escolar/Educacional. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário UGV (União da Vitória - PR)

1. INTRODUÇÃO

A saúde mental é essencial para o bem-estar e o equilíbrio emocional dos indivíduos, especialmente em contextos que envolvem cuidado e alta demanda afetiva. Profissionais de clínicas de reabilitação frequentemente enfrentam situações estressantes, o que pode gerar sintomas de ansiedade e sobrecarga emocional. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2022), saúde mental não é apenas a ausência de doenças, mas a capacidade de lidar com os desafios da vida e contribuir com a sociedade.

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) tem se destacado como abordagem eficaz na promoção da saúde mental, por meio da identificação e reestruturação de pensamentos disfuncionais. Com o uso de técnicas como psicoeducação, relaxamento e regulação emocional, a TCC auxilia no desenvolvimento de estratégias mais saudáveis de enfrentamento. Intervenções em grupo ampliam esse efeito ao favorecerem escuta, empatia e troca de experiências (Clark; Beck, 2010; Beck, 2021; Dobson; Dobson, 2018).

Este artigo apresenta uma experiência realizada no Estágio Ênfase II: Prevenção e Promoção da Saúde e Bem-Estar, com funcionários de uma clínica de pilates e fisioterapia no Paraná. Foram aplicadas quatro intervenções psicoeducativas com foco em ansiedade, estresse, vínculos interpessoais e autocuidado. A proposta buscou promover bem-estar emocional por meio de vivências grupais, cujos efeitos e reflexões serão discutidos ao longo do trabalho.

2. DESENVOLVIMENTO

A promoção e a prevenção em saúde mental são estratégias fundamentais para fortalecer o bem-estar emocional de indivíduos que atuam em contextos de cuidado, como clínicas de reabilitação e fisioterapia. Essas ações não apenas previnem o adoecimento psíquico, mas também fortalecem as habilidades pessoais para lidar com desafios cotidianos (Novaes; Mota, 2019).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2022), a saúde mental envolve mais do que a ausência de transtornos mentais, ela se refere também à capacidade de gerenciar o estresse, trabalhar de forma produtiva e contribuir para a comunidade. Além disso, está relacionada ao bem-estar emocional, psicológico e social do indivíduo, influenciando a forma como ele pensa, sente, age, lida com os desafios da vida, constrói relacionamentos e toma decisões. Assim, promover a saúde

mental é essencial para o desenvolvimento integral e para a qualidade de vida em todas as fases da vida.

Iniciativas preventivas bem planejadas, além de reduzir a incidência de transtornos emocionais, favorecem a criação de ambientes psicologicamente seguros. Isso é especialmente relevante em instituições voltadas ao cuidado, onde os profissionais lidam constantemente com demandas emocionais intensas. Clark e Beck (2010) apontam que ações de prevenção contribuem significativamente para reduzir a vulnerabilidade emocional e aumentar a resiliência em grupos expostos a altos níveis de estresse.

Segundo Farah, Vital e Miranda (2021), programas contínuos de promoção de saúde mental impactam positivamente o clima organizacional, fortalecendo os vínculos interpessoais e promovendo uma cultura de acolhimento e empatia. Assim, as ações preventivas não devem ser pontuais ou reativas, mas sim incorporadas de maneira sistemática ao cotidiano institucional, de modo a sustentar mudanças duradouras e eficazes no bem-estar dos profissionais.

2.1 ANSIEDADE

Entre os fatores que mais impactam o equilíbrio psicológico estão a ansiedade e o estresse, experiências comuns, especialmente em ambientes de cuidado, onde as demandas emocionais e físicas são elevadas. A ansiedade é compreendida como uma resposta natural diante da percepção de ameaça, mas, quando persistente e intensa, pode provocar sintomas físicos e psicológicos que comprometem a qualidade de vida (Silva Filho et al., 2024).

Clark e Beck (2010) explicam que os sintomas ansiosos estão associados a interpretações distorcidas da realidade, ativando respostas de luta ou fuga de forma exagerada e disfuncional. Essa hiperativação emocional compromete a capacidade de foco, de tomada de decisão e de manejo das próprias emoções. Em trabalhadores da saúde, essa condição pode se agravar pela pressão constante, alto nível de responsabilidade e dificuldades em equilibrar a vida pessoal com a profissional.

Segundo Dobson e Dobson (2018), a ansiedade, quando não tratada, pode evoluir para quadros clínicos mais severos, como transtorno de ansiedade generalizada (TAG), fobia social ou pânico. Por isso, reconhecer os sinais precoces e incluir estratégias de enfrentamento nos programas institucionais é essencial para

preservar a funcionalidade emocional dos profissionais e garantir um atendimento mais humanizado aos pacientes.

2.1.1 Estresse

Em relação ao estresse refere-se à reação do organismo frente a pressões internas ou externas e, quando crônico, pode causar esgotamento emocional, dores físicas e prejuízo na concentração (Clark; Beck, 2010). Essas condições, quando não manejadas adequadamente, podem se retroalimentar, agravando o sofrimento psíquico dos profissionais.

Lazarus e Folkman (1984) conceitua o estresse como o resultado da interação entre demandas ambientais e os recursos de enfrentamento do indivíduo. Essa relação é mediada pela percepção que o sujeito tem sobre sua capacidade de lidar com os desafios. Em contextos institucionais com alta carga emocional, como clínicas de fisioterapia e reabilitação, o estresse constante compromete não só o desempenho profissional, mas também as relações interpessoais e a saúde física.

2.1.2 Terapia Cognitivo-Comportamental (Tcc)

No contexto da promoção da saúde mental, especialmente no enfrentamento da ansiedade e do estresse, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) destaca-se como uma abordagem eficaz tanto na compreensão quanto no manejo da ansiedade e do estresse. Parte da premissa de que os pensamentos automáticos influenciam diretamente as emoções e os comportamentos. A identificação e reestruturação de padrões cognitivos disfuncionais, portanto, são essenciais para a melhora do bem-estar emocional (Beck, 2021).

A psicoeducação, componente central da TCC, atua como uma ferramenta potente nesse processo, permitindo que os indivíduos compreendam como o ciclo pensamento–emoção–comportamento funciona e desenvolvam respostas mais adaptativas às adversidades (Dobson; Dobson, 2018).

No âmbito deste estudo, essas adversidades compreendem os sintomas e experiências relacionadas à ansiedade e ao estresse, tais como preocupações excessivas, tensão emocional, e os impactos dessas condições na vida pessoal e no bem-estar psicológico. Ao promover a compreensão desses processos internos, a psicoeducação auxilia no reconhecimento e enfrentamento das dificuldades

emocionais de maneira mais funcional, fortalecendo estratégias de autocuidado, autorregulação emocional e resiliência, conforme Clark e Beck (2010).

A TCC é amplamente validada por evidências empíricas e recomendada por diretrizes internacionais como abordagem de primeira linha para diversos transtornos mentais (APA, 2017). Sua estrutura permite a aplicação tanto em contextos clínicos quanto institucionais, com foco no desenvolvimento de habilidades práticas de enfrentamento. Além disso, a TCC favorece a autonomia dos participantes ao ensiná-los a identificar, questionar e modificar pensamentos negativos recorrentes.

Knapp e Beck (2008) destacam que a aplicação da TCC em grupo, como nos casos deste estudo, potencializa seus efeitos ao favorecer a troca de experiências e o apoio mútuo. Essa vivência coletiva promove não apenas alívio sintomático, mas também o fortalecimento dos vínculos sociais e da autoestima, fatores fundamentais para a manutenção da saúde emocional no ambiente de trabalho.

2.1.3 Técnicas Cognitivo - Comportamental

Complementarmente, técnicas específicas como a reestruturação cognitiva, o treino em habilidades de regulação emocional e o uso de estratégias comportamentais, como a respiração diafragmática, o relaxamento muscular e práticas de mindfulness, contribuem significativamente para a redução dos sintomas e o fortalecimento da resiliência individual (Beck, 2021). Quando aplicadas de forma contextualizada, como em intervenções com grupos de profissionais da saúde, essas estratégias não apenas aliviam sintomas imediatos, mas também favorecem a construção de um repertório emocional mais saudável e duradouro.

A reestruturação cognitiva permite identificar padrões de pensamento distorcidos e substituí-los por interpretações mais realistas, reduzindo reações emocionais desproporcionais (Clark; Beck, 2010). Já a respiração diafragmática e o relaxamento muscular progressivo ajudam a reverter a ativação fisiológica do sistema nervoso simpático, promovendo alívio físico imediato em situações de tensão (Lazarus; Folkman, 1984).

Outras estratégias comportamentais, como o planejamento de atividades prazerosas, a exposição gradual a situações temidas e o uso de agenda de tarefas, também são eficazes para a modulação de sintomas e prevenção de recaídas (Dobson; Dobson, 2018). Quando realizadas em grupo, essas técnicas ganham força

pela possibilidade de observação de pares, validação emocional e reforço positivo mútuo.

2.1.4 Importância das Ações Preventivas

Ações preventivas e promotoras de saúde mental, fundamentadas em abordagens teóricas sólidas como a TCC, têm papel decisivo na sustentação do equilíbrio emocional de profissionais em contextos de cuidado. Elas contribuem para o alívio do sofrimento psíquico e fomentam o desenvolvimento contínuo de competências emocionais, essenciais para a qualidade de vida no ambiente de trabalho e fora dele.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2022), ambientes de trabalho saudáveis devem investir na promoção da saúde mental como parte de sua política institucional. A prevenção de adoecimentos psíquicos não se restringe à intervenção terapêutica individual, mas exige ações sistemáticas voltadas à cultura organizacional, à gestão de conflitos e à valorização do trabalhador. Isso inclui espaços regulares de escuta, supervisão psicológica e oficinas temáticas.

Beck (2021) enfatiza que a continuidade das ações preventivas amplia sua eficácia, ao permitir um acompanhamento longitudinal do bem-estar dos colaboradores. Mais do que uma ação pontual, a prevenção deve ser uma diretriz permanente, alinhada com os objetivos institucionais e com o cuidado ético às pessoas que sustentam o funcionamento da organização.

3. MÉTODO

Este é um estudo de intervenção de caráter qualitativo e psicoeducativo, baseado na aplicação de atividades grupais voltadas para a promoção da saúde mental e prevenção de sintomas relacionados à ansiedade e ao estresse. A metodologia teve como base princípios da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), com foco na psicoeducação e desenvolvimento de habilidades de enfrentamento emocional.

O estudo foi realizado em uma clínica de reabilitação e pilates localizada no estado do Paraná, entre os meses de fevereiro e abril de 2025. A clínica é reconhecida por sua atuação na área de reabilitação física e possui uma equipe composta por fisioterapeutas, estagiárias e outros profissionais de apoio.

Inicialmente, foi realizada uma análise situacional a partir de observações diretas, aplicação de questionário sobre saúde mental e conversas abertas com os colaboradores. Com base nas necessidades identificadas, elaborou-se um plano de intervenção composto por quatro atividades psicoeducativas que foram aplicadas com o objetivo de promover a saúde mental dos colaboradores da clínica.

A primeira intervenção teve como objetivo promover a psicoeducação sobre a ansiedade com colaboradoras de uma clínica. Conduzida por duas estagiárias, foi dividida em duas etapas: a primeira consistiu na leitura e discussão de um *folder* informativo sobre ansiedade, destacando a diferença entre ansiedade normal e patológica, e abrindo espaço para relatos pessoais; a segunda parte foi um quiz interativo que reforçou os conteúdos abordados e incentivou a participação. A atividade promoveu escuta, troca de experiências e reflexões importantes sobre o impacto da ansiedade no cotidiano, sendo bem recebida pelo grupo.

A segunda intervenção teve como objetivo promover um espaço de escuta e reflexão sobre o estresse vivenciado no cotidiano, especialmente pela sobrecarga feminina. Conduzida pelas estagiárias de psicologia, a atividade envolveu uma breve explicação sobre o conceito de estresse e a aplicação da técnica “Mapa do Estresse”, em que as participantes identificaram seus fatores estressores e estratégias de enfrentamento. O encontro favoreceu o compartilhamento de vivências e foi finalizado com uma roda de conversa sobre formas de aliviar a tensão diária, sendo destacado pelas participantes como um momento importante de acolhimento e cuidado emocional.

A terceira intervenção teve como objetivo estimular a comunicação positiva, o reconhecimento mútuo e o fortalecimento dos vínculos interpessoais entre os participantes, promovendo o bem-estar coletivo. Inicialmente, foi realizado um momento de abertura em que cada participante compartilhou uma atitude que admira em outras pessoas, favorecendo a empatia e a escuta ativa. Em seguida, foi proposta uma atividade com cartões, nos quais os participantes escreveram qualidades e características positivas uns dos outros. Ao final, os elogios foram lidos individualmente, e alguns foram compartilhados com o grupo, gerando momentos de afeto, riso e reconhecimento.

A quarta e última intervenção teve como objetivo promover um espaço de reflexão sobre a trajetória pessoal das participantes ao longo das ações desenvolvidas, reforçando a importância do autocuidado. Inicialmente, foi realizada

uma roda de conversa em que as colaboradoras foram convidadas a compartilhar atitudes, aprendizados ou sentimentos que desejavam levar consigo após a experiência com as intervenções.

Em seguida, foi proposta a atividade “Escrevendo para o Futuro”, na qual cada participante escreveu uma carta para si mesma, com caráter motivacional ou de orientação, a ser aberta em uma data futura previamente acordada pelo grupo, como forma de simbolizar o compromisso com o bem-estar emocional. A atividade favoreceu a introspecção, a valorização das vivências compartilhadas e o encerramento simbólico do processo interventivo, sendo avaliada de forma positiva pelas participantes.

Dessa forma, as intervenções foram conduzidas de maneira estruturada, respeitando as necessidades identificadas junto ao grupo-alvo e os princípios técnicos e éticos da prática em Psicologia. O uso da TCC como base teórica permitiu alinhar teoria e prática, oferecendo estratégias acessíveis e aplicáveis ao cotidiano das participantes. Beck (2021) enfatiza que a organização das sessões, o uso de agendas e objetivos definidos são elementos essenciais para a efetividade da intervenção, inclusive em grupos.

Além disso, a psicoeducação, conforme destacam Dobson e Dobson (2018), é uma ferramenta fundamental para o fortalecimento da compreensão dos sintomas, favorecendo a participação ativa dos indivíduos no processo terapêutico e contribuindo para a prevenção em saúde mental. Por meio dela, os pacientes desenvolvem maior autonomia, aprendem a identificar fatores de risco e proteção, aprimoram estratégias de enfrentamento e reduzem estigmas associados aos transtornos psicológicos, o que potencializa os resultados da intervenção clínica e promove uma abordagem mais humanizada e eficaz do cuidado em saúde mental.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As intervenções realizadas foram organizadas com base nas demandas identificadas em campo e fundamentadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), que, segundo Beck (2021), auxilia no enfrentamento de emoções disfuncionais por meio de estratégias estruturadas. As atividades seguiram os princípios da psicoeducação, reconhecida como eficaz na promoção da saúde mental em contextos grupais (Dobson; Dobson, 2018).

Foram abordadas quatro temáticas principais: ansiedade, estresse, vínculos interpessoais e autocuidado. Cada encontro foi planejado para favorecer a escuta ativa, a reflexão e o fortalecimento dos vínculos entre as participantes. A seguir, apresentam-se os principais resultados observados, articulados com os fundamentos teóricos que sustentam este estudo.

A primeira intervenção teve como foco a ansiedade, por meio da leitura de um *folder* informativo e um quiz interativo. O objetivo foi promover a conscientização sobre os sinais da ansiedade, sua diferenciação entre o estado funcional e patológico, além de incentivar estratégias de enfrentamento saudáveis.

As colaboradoras demonstraram grande envolvimento na leitura do material e relataram experiências pessoais com sintomas ansiosos em contextos como a conclusão do TCC e desafios no fim da faculdade. Esse espaço de partilha possibilitou identificação mútua e validação emocional, fundamentais para a criação de um ambiente acolhedor, conforme destaca a Organização Mundial da Saúde (2022) sobre a importância dos vínculos sociais na promoção da saúde mental.

A atividade dialogou com os fundamentos da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), ao abordar a evitação emocional, como o uso excessivo de dispositivos eletrônicos, como fator de manutenção dos sintomas ansiosos (Clark; Beck, 2010). Ao final, o quiz permitiu consolidar os conteúdos de maneira leve e participativa, em consonância com a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (2003), ao conectar novos conhecimentos com experiências pessoais das colaboradoras.

A segunda intervenção teve como temática o estresse e foi estruturada em uma roda de conversa com a construção do “Mapa do Estresse”. A proposta visava estimular a autorreflexão sobre os fatores estressores cotidianos e estratégias de enfrentamento. A atividade iniciou com uma breve psicoeducação sobre o estresse como uma resposta natural a desafios diários, mas que, quando constante, pode comprometer a saúde física e emocional. As colaboradoras associaram o estresse a sentimentos de “peso”, “tensão” e “desorganização”, trazendo relatos pessoais de sobrecarga emocional, especialmente ligadas às múltiplas funções desempenhadas pelas mulheres na vida familiar e profissional.

Esse ponto reforça o impacto da sobrecarga feminina na saúde mental e dialoga com estudos sobre o papel da mulher cuidadora e a invisibilidade da exaustão emocional nesse contexto (Brito et al., 2024). A escuta ativa promovida pela estagiária

foi essencial para validar esses sentimentos, fortalecendo a percepção de apoio social no ambiente de trabalho.

A terceira intervenção foi acolhida de forma positiva pelos participantes, evidenciando-se um clima de proximidade, leveza e envolvimento emocional ao longo da atividade. A leitura das mensagens escritas gerou reações espontâneas como risos, expressões de surpresa e comentários afetivos, indicando que os participantes se sentiram tocados pelas qualidades reconhecidas pelos colegas.

Um exemplo marcante foi a fala de uma das participantes: “Nem sabia que tinha tantas qualidades assim”, revelando o impacto subjetivo do reconhecimento interpessoal. Observou-se que a troca simbólica de elogios contribuiu significativamente para o fortalecimento da autoestima, da empatia e do senso de pertencimento ao grupo. A dinâmica favoreceu a criação de vínculos mais autênticos e a valorização das relações interpessoais, aspectos essenciais para a promoção do bem-estar coletivo.

A quarta e última intervenção teve como foco a reflexão sobre a trajetória vivida ao longo das ações desenvolvidas e o fortalecimento do compromisso com o autocuidado. Estruturado em dois momentos, partilha de sentimentos e escrita ao eu futuro, o encontro favoreceu um ambiente de escuta sensível e introspecção. As participantes demonstraram engajamento espontâneo e envolvimento afetivo, refletindo sobre como as experiências nas intervenções contribuíram para uma maior consciência sobre suas rotinas, limites e prioridades.

A atividade “Escrevendo para o Futuro” permitiu o estabelecimento de metas subjetivas e a identificação de atitudes que desejam manter ou transformar, simbolizando um compromisso pessoal com o bem-estar emocional. A proposta mostrou-se significativa para o grupo, especialmente por favorecer um espaço seguro de partilha e reflexão, permitindo a ressignificação de desafios cotidianos vivenciados.

Essa prática de autorreflexão se alinha ao que propõe Matos (2024), ao destacar o autoconhecimento como recurso essencial para a saúde emocional em contextos de alta demanda. A escrita possibilitou o contato com conteúdos internos, alinhando-se às propostas de Knapp e Beck (2008) ao promover maior autoconsciência e responsabilidade pessoal.

Além disso, com o compromisso de reler a carta futuramente, houve estímulo ao monitoramento emocional contínuo. O encerramento coletivo ainda fortalece vínculos interpessoais, mostrando como o cuidado de si também promove o cuidado

com o outro. A prática favorece a construção de uma cultura de autocuidado e empatia, contribuindo para ambientes mais saudáveis e acolhedores (Farah et al., 2021).

De modo geral, os resultados das intervenções demonstraram a eficácia das práticas psicoeducativas com base na TCC para a promoção da saúde mental em contextos de cuidado. Os relatos das participantes revelaram maior consciência sobre as próprias emoções, fortalecimento da autoestima, valorização das relações interpessoais e estímulo ao autocuidado.

Esses efeitos estão em consonância com Clark e Beck (2010), que ressalta como a TCC contribui para a modificação de padrões disfuncionais de pensamento e o enfrentamento de comportamentos de esquiva, promovendo respostas mais adaptativas diante de situações estressoras. As vivências descritas reforçam o potencial das estratégias grupais como ferramentas eficazes de cuidado psicológico em instituições de saúde.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2022), promover saúde mental envolve fortalecer vínculos sociais, desenvolver habilidades emocionais e oferecer ambientes seguros de apoio. Dessa forma, este estudo destaca a relevância de intervenções psicoeducativas fundamentadas teoricamente como parte importante da atuação preventiva do psicólogo.

Adicionalmente, foi realizada uma devolutiva final junto à supervisora e proprietária de campo, na qual se apresentou o percurso metodológico das intervenções e se discutiram os resultados parciais obtidos. Foram discutidos os avanços obtidos e reforçadas diretrizes éticas, como o sigilo profissional e o registro das atividades. Essa devolutiva permitiu a integração entre prática e teoria, bem como a análise crítica dos efeitos observados.

Para ampliar a avaliação das intervenções, foi encaminhado aos colaboradores da clínica um formulário via WhatsApp com o objetivo de avaliar as intervenções realizadas pelas estagiárias. O formulário continha perguntas abertas e fechadas que permitiram aos participantes expressar suas impressões sobre os conteúdos abordados, a aplicabilidade das atividades no cotidiano e os impactos percebidos na saúde emocional.

Na avaliação qualitativa, os colaboradores relataram que as atividades promoveram maior clareza sobre os sinais e sintomas da ansiedade, ajudando-os a reconhecer esses momentos no cotidiano. Quanto ao estresse, o exercício “Mapa do

Estresse” foi útil para identificar fontes de tensão e refletir sobre estratégias pessoais de enfrentamento.

Em relação aos vínculos interpessoais, ressaltaram a importância do reconhecimento mútuo, mencionando que a dinâmica dos cartões fortaleceu o clima de trabalho e o senso de pertencimento. Por fim, a atividade focada no autocuidado teve significado para a criação de um compromisso pessoal com o bem-estar.

Os dados obtidos indicaram uma avaliação positiva em todas as intervenções, destacando-se o aumento da consciência sobre sintomas de ansiedade, a identificação de fatores estressores e o fortalecimento dos vínculos interpessoais.

Além disso, as participantes relataram uma maior valorização do autocuidado, evidenciando a efetividade das práticas psicoeducativas fundamentadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) para a promoção da saúde mental em contextos institucionais. A utilização do WhatsApp como ferramenta facilitou a coleta ágil de informações, incentivando a participação dos colaboradores no processo avaliativo e contribuindo para o aprimoramento contínuo das ações implementadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados por meio das intervenções psicoeducativas realizadas com colaboradores da clínica de reabilitação e pilates no Paraná evidenciam a relevância e a eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) como base metodológica para ações em saúde mental. A proposta atendeu ao objetivo central do estudo, que foi promover o bem-estar emocional e a prevenção de sintomas de ansiedade e estresse por meio de práticas reflexivas, interativas e fundamentadas teoricamente.

As quatro intervenções proporcionaram espaços seguros de escuta, reflexão e partilha, possibilitando a expressão emocional, o fortalecimento dos vínculos interpessoais e a valorização do autocuidado. A adesão espontânea e o envolvimento das participantes foram indicativos da pertinência das temáticas abordadas e da sensibilidade metodológica aplicada. Práticas de psicoeducação, sobretudo em grupos, são potentes estratégias de promoção da saúde mental, pois favorecem a compreensão de sintomas, o desenvolvimento da autorregulação emocional e o senso de pertencimento.

A experiência prática em intervenções psicoeducativas em saúde mental evidencia ganhos formativos relevantes para futuros profissionais da psicologia e

áreas afins. O contato direto com grupos institucionais favorece o desenvolvimento de competências técnicas, como a adaptação de linguagem e metodologias à realidade dos participantes, além de estimular a escuta empática e a postura ética diante dos processos subjetivos em contextos de trabalho.

A vivência em campo amplia a compreensão sobre os desafios enfrentados por profissionais de saúde em ambientes de alta demanda emocional e fortalece a confiança na aplicação de estratégias baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental. Observar o impacto positivo das ações sobre vínculos interpessoais e rotinas institucionais reforça o potencial transformador das práticas psicológicas no ambiente laboral.

Na devolutiva final, os relatos qualitativos e os dados coletados via formulário digital evidenciaram um impacto positivo nas participantes, especialmente no que se refere ao aumento da consciência emocional, à identificação de padrões de estresse e à valorização de práticas de autocuidado. Esse conjunto de elementos reitera a importância de se investir em ações preventivas contínuas no ambiente de trabalho, particularmente em instituições que lidam diretamente com o cuidado de outros.

No entanto, é preciso reconhecer que a efetividade dessas intervenções depende de fatores estruturais e institucionais que vão além da atuação pontual da psicologia. A adesão das equipes, o tempo disponível para participação, o apoio da gestão e a cultura organizacional são determinantes para a sustentabilidade e o impacto dessas ações.

O presente estudo dialoga com diretrizes atuais da Organização Mundial da Saúde (2022), que destacam a importância de intervenções que fortaleçam habilidades emocionais, promovam vínculos sociais e desenvolvam ambientes institucionais mais saudáveis e humanizados. Nesse sentido, o uso da TCC, aliado a estratégias lúdicas, reflexivas e afetivas, mostrou-se uma abordagem viável, acessível e com resultados significativos.

Diante do exposto, conclui-se que a implementação de programas psicoeducativos baseados na TCC é uma estratégia eficaz para a promoção da saúde mental em equipes de reabilitação, mas sua continuidade e consolidação exigem compromisso institucional, formação continuada e avaliação sistemática dos resultados.

Mais do que inspirar novas práticas, este estudo evidencia a necessidade de consolidar a promoção da saúde mental como parte integrante das políticas

institucionais, reconhecendo o cuidado psicológico como elemento central para a qualidade de vida e o desempenho das equipes multiprofissionais.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. What is cognitive behavioral therapy? American Psychological Association, 2017.

AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa, 2003.

BECK, J. S. Terapia Cognitivo-Comportamental: teoria e prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

BRITO, Clarissa Raquel Bezerril et al. A MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS DA MULHER CONTEMPORÂNEA E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL. TCC-Psicologia, 2024.

CLARK, David A.; BECK, Aaron T. *Terapia cognitiva para transtornos de ansiedade: ciência e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOBSON, Deborah C.; DOBSON, Keith S. *Terapia cognitivo-comportamental*. Porto Alegre: Artmed, 2018.

FARAH, Thais Lima; VITAL, Cleida de Lima; MIRANDA, Victor Martins de. Felicidade e bem-estar: o uso das práticas cognitivo-comportamentais e positivas para a busca do funcionamento humano ideal. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, v. 41, n. 101, p. 229-235, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2021000200009. Acesso em: 25 maio 2025.

KNAPP, P.; BECK, A. T.. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 30, p. s54–s64, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/HLpWbYk4bJHY39sfJfRJwtn/?lang=pt>. Acesso em: 24 de maio de 2025.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer, 1984.

MATOS, Inês Gomes. Impacto do auto-conhecimento no bem-estar das equipas de saúde. 2024. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://baes.uc.pt/handle/10316/115791>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

NOVAES, Priscila Horta; MOTA, Daniela Cristina Belchior. Prevenção e promoção em saúde mental: Uma revisão sistemática acerca da atuação dos psicólogos brasileiros no âmbito da atenção básica. **Cadernos de Psicologia**, v. 1, n. 2, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Saúde mental e bem-estar*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 04 maio 2025.

SILVA FILHO, F. F. da .; MOURA, J. B. .; TERMINELIS, J. R. de M. B. .; SILVA, R. T. da . O Papel Da Terapia Cognitivo Comportamental (Tcc) No Tratamento Do Estresse, Ansiedade E Depressão. **Epitaya** E-books, [S. l.], v. 1, n. 57, p. 49-78, 2024. DOI: 10.47879/ed.ep.2024991p49. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/940>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA CCIH: A RESISTÊNCIA BACTERIANA EM PACIENTES ONCOLÓGICOS

Bianca Luísa Bortolozo¹
Elaine Ferreira - UGV²
Rafael Candido Ferreira - UGV³

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa baseou-se em compreender a atuação do farmacêutico hospitalar dentro da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e como essa atuação influencia na diminuição da resistência bacteriana em pacientes que estão em tratamento oncológico, e conseqüentemente, a influência no número de mortes desses pacientes causadas por Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde, as IRAS. Foi realizada uma pesquisa com 7 farmacêuticos que atuam ou atuaram em hospitais da região, por meio de um questionário eletrônico, com perguntas sobre suas atuações dentro do hospital, na CCIH e o contato com casos de pacientes oncológicos com IRAS. Dos farmacêuticos entrevistados, 50% dos que atuam na farmácia hospitalar, já tiveram contato com casos de pacientes oncológicos com IRAS, e destes, 66,7% já acompanharam mais de 5 casos. Das atividades exercidas dentro da CCIH, os farmacêuticos pontuaram a elaboração de protocolos para uso adequado de antimicrobianos e o controle de dispensação. Além disso, atividades de educação continuada, como protocolos básicos de higienização das mãos e assepsia também são realizados. A pesquisa mostra que o papel do farmacêutico, dentro da CCIH, juntamente com a equipe multidisciplinar, é de suma importância para auxiliar no controle das IRAS e reduzir o número de óbitos em pacientes oncológicos influenciados pela resistência bacteriana ou uso de antimicrobianos inadequados para esses casos específicos.

Palavras-chaves: Farmacêutico hospitalar. CCIH. Assistência à Saúde. Resistência Bacteriana.

ABSTRACT: The aim of this research focused on the understanding of the performance of the hospital pharmacist inside the Hospital Infection Control Committee (HICC) and how this performance influences bacterial resistance decreases in patients undergoing cancer treatment, and consequently, the influence on the numbers of death caused by Healthcare Associated Infections (HAIs). The research was conducted with seven pharmacists who work or have worked in local hospitals, by an electronic questionnaire about the performance inside the hospital and the HICC and the contact with cases of cancer patients with HAIs. Of those pharmacists interviewed, 50% of those who worked in the hospital pharmacy already had contact with cases of cancer patients with HAIs, from which 66,7% accompanied more than five cases. The pharmacists pointed out protocol elaboration for appropriate antimicrobials use and dispensation control as activities performed inside the HICCs. Furthermore, continued education activities such as basic hand sanitizing and asepsis protocols are also executed. The research shows that the role of the pharmacist, inside the HICCs, along with the multidisciplinary team, is of greatest importance to control HAIs and reduce the number of deaths in cancer patients influenced by bacterial resistance or inappropriate use of antimicrobials for those specific cases.

Keywords: Hospital pharmacist. HICC. Healthcare Associated Infections. Bacterial resistance.

¹ E-mail: far-biancabotolozo@ugv.edu.br. Bacharel em Farmácia pela UGV - Centro Universitário.

² E-mail: prof_elaineferreira@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – UGV. Farmacêutica. Mestra em Ciências Farmacêuticas UEPG-PR.

³ E-mail: prof_rafaelcandido@ugv.edu.br. Docente do Centro Universitário – UGV. Químico. Mestre em Química pela FURB – SC.

1 INTRODUÇÃO

A Infecção Relacionada à Assistência à Saúde (IRAS) caracteriza-se por infecções adquiridas durante o cuidado em um hospital, incluem-se nessa classificação as infecções manifestadas após alta hospitalar, desde que possam ser relacionadas com a internação ou com procedimentos hospitalares (Cavalcante et al., 2019).

A portaria de nº 196 do Ministério da Saúde, criada em 1983, determina a criação da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH). A CCIH serve e foi criada para prevenir, controlar e combater essas infecções. Os membros consultores são, minimamente, representantes dos serviços médicos, de enfermagem, farmácia, laboratório de microbiologia e administração. O valor da representação desses serviços na CCIH está vinculado à importância dos mesmos nas instituições de saúde (Carrara et al., 2016).

Dentre as causas das infecções hospitalares estão as ocorrências de surtos não identificados, a falta de profissionais na CCIH ou até mesmo ausência desta em alguns estabelecimentos e a resistência bacteriana ao tratamento com antimicrobianos, agravando os casos (Vasconcelos, 2015).

Quando os antibióticos são utilizados, existem situações em que as bactérias respondem a eles se tornando e se reproduzindo resistentes. Por isso, há a necessidade de assepsia, higienização por parte dos profissionais de saúde, uso de luvas e equipamentos utilizados, prescrição adequada de medicamentos para cada paciente, visando sempre a recuperação e saúde das pessoas tratadas (Santos, 2004)

Em relação ao papel do farmacêutico dentro do ambiente hospitalar, este vai desde a gestão, compra de medicamentos, dispensação, avaliação de prescrições, e participação na CCIH. O farmacêutico hospitalar um membro indispensável para esta comissão por sua influência sobre o uso racional de antimicrobianos e germicidas, e por desenvolver atividades de educação em saúde (Oliveira, 2015).

A orientação para o uso adequado de antibióticos e outros medicamentos necessita da participação indispensável do farmacêutico, dentro disso, inclui-se também o controle na dispensação certa dessa classe de fármacos e de outras, para evitar o uso inadequado de medicamentos em pacientes internados (Salu, 2013).

Mesmo com a criação da CCIH há décadas, ainda existe muita preocupação na sociedade com o perigo da infecção hospitalar, principalmente por pacientes que

estão em tratamento oncológico, os quais acabam passando mais tempo no ambiente hospitalar e assim, ficam mais expostos, tendo também comprometimento em seu sistema imunológico.

Sendo assim, a presente pesquisa objetiva destacar a atuação e contribuição do profissional farmacêutico dentro das CCIHs, com enfoque nos pacientes oncológicos.

Este estudo busca investigar se a atuação efetiva das Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIHs) influencia no decréscimo das resistências bacterianas em pacientes oncológicos. O objetivo geral é promover uma análise detalhada sobre a contribuição do profissional farmacêutico no contexto das CCIHs, com foco na resistência bacteriana enfrentada por esses pacientes. Para isso, são estabelecidos objetivos específicos, incluindo o levantamento das atividades realizadas por farmacêuticos nas CCIHs e a análise da predisposição de pacientes oncológicos a infecções hospitalares.

2 MÉTODO

A presente pesquisa enquadra-se como aplicada, descritiva, quanti-qualitativa e de campo, visando entender e reunir referências sobre o assunto em questão (resistência bacteriana em pacientes oncológicos) por meio de troca de informações e pesquisa de dados com profissionais e material adequado, para melhor explicar o que foi debatido e apresentado nesse trabalho.

A população desta pesquisa foram os farmacêuticos, que atuam ou atuaram como farmacêuticos hospitalares, que tenham contato ou conhecimento de casos de pacientes em tratamento oncológico e acesso a exemplos da antibioticoterapia utilizada nestes. A amostra deste estudo foi composta por sete indivíduos, sendo seis do sexo feminino e um do sexo masculino. Os critérios de inclusão da amostra foram: Possuir formação em bacharelado em farmácia; não necessariamente ter feito parte de uma CCIH, mas ter conhecimento de como ela funciona; ter experiência em farmácias hospitalares, independente se atuantes no presente momento.

O instrumento para coleta de dados foi um questionário elaborado pela pesquisadora especificamente para este estudo e validado por três professores do UGV Centro Universitário com experiência em pesquisa. Esse processo de validação assegurou a relevância e clareza das questões, garantindo maior confiabilidade nos

resultados obtidos. O questionário conta com 12 questões, sendo elas abertas e fechadas.

Visando maior facilidade de alcançar os profissionais, assim como conforto e dispêndio de tempo para responder as questões levantadas, o questionário foi aplicado de maneira virtual (*Google Forms®*), enviado via aplicativo de comunicação (*WhastApp®*), ficando a pesquisadora a disposição para sanar possíveis dúvidas.

Aos dados coletados a partir do instrumento de pesquisa, foi aplicada a análise descritiva. Posteriormente foram apresentados os valores em tabelas que facilitem a visualização e compreensão.

Os dados qualitativos levantados foram compilados e transcritos, usando de análise de texto para fazer associação entre os entrevistados e cruzamento de dados com a literatura atual.

Aos voluntários que aceitaram participar do estudo foi dado uma explicação sobre os objetivos e motivações da pesquisa além de esclarecer todos os procedimentos que foram elencados reiterando a liberdade de participação bem como o sigilo e o anonimato de suas respostas e identidade. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue em duas vias, ambas assinadas pelo pesquisador e pelo participante, elencando o vínculo ético imprescindível para a realização da pesquisa. A metodologia proposta foi formulada respeitando as resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e o projeto foi aprovado pelo Núcleo de Ética e Bioética do UGV Centro Universitário sob o protocolo 2024/131.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos critérios de inclusão da pesquisa, foram aplicados os questionários aos farmacêuticos que atuam ou já atuaram no âmbito da Farmácia Hospitalar. Desse modo, foram entrevistados 7 farmacêuticos (N= 7), sendo a maioria com idade acima de 40 anos, correspondendo a 50% dos entrevistados.

Com relação à atuação profissional neste âmbito, 66,67% (4) atua/atuou como farmacêutico hospitalar por mais de 10 anos.

O farmacêutico hospitalar, segundo o Instituto de Ciência e Tecnologia - ICTQ, presta serviço aos pacientes internados e ambulatoriais, visando ao uso racional de medicamentos, atua na logística farmacêutica, representa a farmácia na CCIH, atua como responsável legal pelo fluxo de medicamentos dentro do hospital, é responsável pela dispensação de medicamentos, de forma que a ocorrência de erros seja mínima,

controla o controle de qualidade de insumos recebidos, pode manipular fórmulas magistrais para uso interno de acordo com as boas práticas da farmácia, entre outras atividades.

Além disso, dos 4 farmacêuticos membros da CCIH, 75% (3) faz parte dessa há mais de 5 anos. Dentro da farmácia hospitalar, não é todo farmacêutico que faz parte da CCIH, porém é essencial que dentro da CCIH tenha ao menos um membro da área da farmácia.

Quando questionados sobre as atividades exercidas dentro da CCIH, os participantes pontuaram as atribuições, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1: Atividades exercidas pelo farmacêutico na CCIH.

Atividades	Nº de respostas (%)
Elaboração de protocolos para uso adequado de antimicrobianos	28,57%
Controle de dispensação de antimicrobianos	57,14%
Monitoramento de reações adversas a medicamentos	14,28%
Educação continuada sobre higiene das mãos e técnicas de assepsia.	14,28%

Fonte: A autora, 2024.

Os entrevistados destacaram que no acompanhamento do uso adequado de antimicrobianos, leva-se em consideração a dose, tempo de tratamento e espectro de ação dos mesmos.

Segundo a percepção dos entrevistados, o principal papel do farmacêutico dentro da CCIH é o acompanhamento, controle de dispensação e monitoramento do uso correto de antibióticos em pacientes internados.

Segundo Oliveira *et al.* (2017), a atribuição do profissional farmacêutico dentro da CCIH, corresponde a promoção de forma significativa a prevenção das disseminações e resistência bacteriana no ambiente hospitalar, essa atuação promove um impacto no uso racional dos antimicrobianos, alertando tanto os outros profissionais da área quanto pacientes.

Além disso, atividades de educação continuada, como protocolos básicos de higienização das mãos e assepsia, são essenciais, o alerta por parte da CCIH e a

elaboração de rotinas de limpeza contribuem para diminuir a prevalência de agentes microbianos. Conforme os estudos de Silva (2014), por acompanhar e prestar o cuidado em tempo integral aos pacientes, a equipe de enfermagem deve atentar-se aos meios que podem desencadear uma infecção, intervindo de maneira eficaz na prevenção de sua ocorrência.

Os participantes foram questionados sobre a participação de mais de um profissional farmacêutico dentro da CCIH, e se nestes casos, existe uma divisão das atribuições dentro da Comissão, e responderam que existe mais de um farmacêutico dentro da comissão, e cada um atende sua área de especialização. Cada farmacêutico tem habilidades diferentes que devem ser valorizadas para formar uma equipe que atinja os objetivos gerais dentro da comissão.

No âmbito hospitalar, não somente o farmacêutico do hospital em si faz parte da CCIH. Pode haver também a participação de um farmacêutico da área de análises clínicas, responsável diretamente pelos exames do hospital.

Sobre a participação da equipe multidisciplinar dentro da CCIH, os entrevistados pontuaram que além dos farmacêuticos, há também enfermeiros tanto da parte administrativa quanto os que tem contato direto com pacientes, fisioterapeuta, nutricionista, médico infectologista e membros administrativos do hospital.

Os participantes foram questionados se já acompanharam casos de pacientes oncológicos com IRAS e 57,1% (4), responderam que sim.

Segundo os entrevistados, o sistema imunológico do paciente oncológico após sessões de quimioterapia ou radioterapia fica mais suscetível à proliferação e contaminação por agentes bacterianos.

Com relação à frequência das infecções, relataram que é baixa, os casos não são tão comuns. Mas quando ocorrem, requer atenção especial. Alguns casos de pacientes oncológicos levam-nos a ter algumas reações adversas às sessões do tratamento com quimioterapia, que é o disponível em um dos locais de estudo dessa pesquisa, fazendo com que a imunidade do paciente acabe baixando e necessite de internamento.

Em relação aos estudos específicos para pacientes oncológicos, 85,7% (6) dos entrevistados disse que não conhece estudos específicos para esses casos, enquanto 14,3% (1), disse que já se aprofundou no assunto.

Segundo Sapolnik (2003), uma série de fatores aumentam a suscetibilidade do paciente oncológico. A infiltração da medula pelos linfomas e leucemias compromete a produção e função dos neutrófilos e linfócitos, afetando a imunidade celular e humoral. O risco infeccioso é grande quando o número de neutrófilos cai abaixo de 500 células/mm³, e com menos de 100 células/mm³ existe um risco eminente de bacteremia e sepse. As drogas quimioterápicas e a corticoterapia também deprimem a produção medular.

Mesmo sem haver esse estudo específico, em casos de pacientes oncológicos, o cuidado com as reações adversas dos antibióticos dentro do hospital deve ser redobrado. Além dos óbitos pela própria doença neoplásica, ou seja, o câncer, as infecções no âmbito de assistência à saúde também podem acabar levando esses pacientes à óbito e a dificuldade de encontrar um antibacteriano eficaz para o organismo do paciente acaba prolongando ainda mais uma resistência bacteriana que pode ser curada com o estudo e escolha correta dos medicamentos dentro da equipe (Sapolnik, 2003).

Dentre esses medicamentos, as classes mais usadas nos hospitais são as cefalosporinas, como a cefepima, os carbapenêmicos, como o meropenem, as penicilinas modificadas, como a piperacilina, os glicopeptídeos, como a vancomicina, as quinolonas. Alguns desses são usados em associação, pois algumas bactérias não respondem a apenas um deles e necessitam de um tratamento mais forte e diferenciado, com uma combinação de medicamentos que possuem finalidades diferentes (Pizzo, 1997).

No diagnóstico desses pacientes, deve-se observar a pele, as mucosas e fâneros, as regiões genitais, anal, oral, os locais de inserção de cateteres, locais de sítio cirúrgico, em alguns casos, para avaliar qual pode ser o local de origem da infecção. Também é observado se há edemas, eritema e supuração, que são sinais de inflamação, porém devem ser analisados pois em alguns casos esses sintomas cessam em algumas horas e somente uma dor discreta a moderada fica como sinal de processo infeccioso. Esse dado é especialmente importante em infecções causadas por cateteres ou sítio cirúrgicos (Mendes, 2007).

Sobre a estimativa de cura para IRAS dentre os pacientes oncológicos, os entrevistados pontuaram que a porcentagem de cura que mais chega próxima a realidade dos hospitais em que atuam é de 60% a 80% dos casos, dependendo muito de como está o sistema imunológico do paciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a pesquisa e discussões desse trabalho, é possível concluir que o papel do farmacêutico na antibioticoterapia hospitalar é essencial pois além da chance de cura dos pacientes ser maior, pois erros no uso e administração desses medicamentos são menores, os gastos com medicamentos errados são menores, as complicações dos próprios pacientes oncológicos também.

A interação entre a equipe da CCIH faz com que o conhecimento ampliado diminua as chances de óbitos e de tratamentos que acabam diminuindo o tempo de vida desses pacientes por conta de seu sistema imunológico afetado.

É essencial que o farmacêutico hospitalar, principalmente o membro da CCIH, saiba trabalhar em equipe e tomar decisões certas quanto ao melhor método de cura para pacientes oncológicos que adquiriram algum tipo de IRAS.

Com o baixo índice dessas infecções nos hospitais em que os farmacêuticos entrevistados trabalham, o objetivo dessa pesquisa foi concluído com sucesso, pois o controle das infecções, quando elas acontecem, está dentro de uma margem segura.

REFERÊNCIAS

BLANEY, S. M.; ADAMSON, P. C.; L HELMAN. **Pizzo and Poplack's pediatric oncology**. Philadelphia: Wolters Kluwer Health, 2021.

BRASIL. Lei Nº9431, 6 de janeiro de 1997. **Dispõe sobre a obrigatoriedade da manutenção de programa de controle de infecções hospitalares pelos hospitais do país**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9431.htm#:~:text=L9431&text=LEI%20N%C2%BA%209.431%2C%20DE%206%20DE%20JANEIRO%20DE%201997.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20obrigatoriedade%20da,hospitalares%20pelos%20hospitais%20do%20Pa%C3%ADs>.

CARRARA, Dirceu, et al. Controle de Infecção - **A Prática no Terceiro Milênio**. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2016.

CEVISA, Coordenadoria de Vigilância Sanitária da Secretaria Estadual de Saúde de Mato Grosso do Sul. Boletim IRAS, **Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde**. 2023. Disponível em: <https://www.vs.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2023/06/Boletim-IRAS_junho_23.pdf>.

DEL FIO, Fernando de S.; FILHO, Thales R de M.; GROppo, Francisco C. **Resistência Bacteriana**. Revista Brasileira de Medicina (Rio de Janeiro), Brasil, v. 57, n.10, p. 1129-1140, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Fernando-Del-Fiol/publication/257645108_Resistencia_Bacteriana/links/0deec5323c888b5bec000000/Resistencia-Bacteriana.pdf>

FARIA, Caroline de O.; MACHADO, Marcella G M.; DRIES, Samuel S.; et al. **Farmácia Hospitalar**. [Digite o Local da Editora]: Grupo A, 2020. E-book. ISBN 9786581739058. Disponível em:
<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581739058/>>.

FARIA, L. F., et al. **Principais Mecanismos de Resistência Bacteriana Relacionados ao Uso Indiscriminado de Antibióticos**. Revista Saúde em Foco, edição n13. 2021. Disponível em: <<https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2021/11/PRINCIPAIS-MECANISMOS-DE-RESIST%C3%80NCIA-BACTERIANA-RELACIONADOS-AO-USO-INDISCRIMINADO-DE-ANTIBI%C3%93TICOS.pdf>>

HINRICHSEN, Sylvia L. Biossegurança e Controle de Infecções - **Risco Sanitário Hospitalar**, 3ª edição. Disponível em: Minha Biblioteca, Grupo GEN, 2018.

JULIANI, Roberta Guimarães M. **Organização e Funcionamento de Farmácia Hospitalar**. Editora Saraiva, 2014. E-book. ISBN 9788536521176. Disponível em:
<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536521176/>>.

MENDES, A. V. A.; SAPOLNIK, R.; MENDONÇA, N. Novas diretrizes na abordagem clínica da neutropenia febril e da sepse em oncologia pediátrica. **Jornal de Pediatria**, v. 83, n. 2, maio 2007.

OLIVEIRA, Francisco R. P. de; BARROS, Karla B. N. T; et. Al. **Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCH)** e atuação do farmacêutico hospitalar: contexto e importância. Disponível em:
<<https://revistas.ufpi.br/index.php/geum/article/view/3877/2894>>

PEREIRA, M. S. et al. A infecção hospitalar e suas implicações para o cuidar da enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 250–257, jun. 2005.

RITTER, James M. Rang & Dale **Farmacologia**. [Digite o Local da Editora]: Grupo GEN, 2020. E-book. ISBN 9788595157255. Disponível em:
<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595157255/>>.

RODRIGUES, Fernanda A.; BERTOLDI, Andrea D. **Perfil da Utilização de Antimicrobianos em um Hospital Privado**. Scielo, 2010. Disponível em:
<<https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700033>>

SALU, Enio J. Administração Hospitalar no Brasil. Disponível em: Minha Biblioteca, Editora Manole, 2013.

SANTOS, N. DE Q. A resistência bacteriana no contexto da infecção hospitalar. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 13, n. spe, p. 64–70, 2004.

SANTOS AMR, Cabral LAF, Brito DS, Madeira MZA, Silva MEDC, Martins MCC. **As representações sociais da infecção hospitalar elaboradas por profissionais de enfermagem**. Rev. bras. enferm. 2008;61(4):441-6. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/reben/a/YjFq7h7sjzqWRxabcBxs4KHm/?lang=pt#>>

SAPOLNIK, R. Suporte de terapia intensiva no paciente oncológico. **Jornal de Pediatria**, v. 79, p. S231–S242, 1 nov. 2003.

SEREIA, Aline. **Os Desafios da Resistência Bacteriana**. Blog Neopropecta, 2016. Disponível em: <<https://blog.neopropecta.com/desafios-resistencia-bacteriana/>>

TAVARES, Walter. **Antibióticos e Quimioterápicos para o Clínico**. 3ª ed., São Paulo: Editora Atheneu, 2014. Disponível em: <<https://cardiologiamedicinaumsa.files.wordpress.com/2017/07/antibioticos-y-quimioterapicos-para-el-clinico.pdf>>

VASCONCELOS, D. V.; OLIVEIRA, T. B. DE; ARAÚJO, L. L. N. O uso de antimicrobianos no âmbito hospitalar e as atribuições do farmacêutico na comissão de controle de infecção hospitalar (CCIH). Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia, v. 2, n. 08, p. 48–62, 2015.

POLIMORFISMOS DOS GENES BRCA1 E BRCA2 EM MULHERES PORTADORAS DE ALTERAÇÕES EM CÉLULAS MAMÁRIAS

Rafaellen Storck¹
Bruna Pereira da Luz²
Duda, Maíra³
Bianca Loss Vezaro⁴

RESUMO: Os polimorfismos dos genes BRCA1 e BRCA2 estão associados a susceptibilidade ao câncer de mama, especialmente em mulheres que apresentam alterações nas células mamárias. Esses genes estão envolvidos no reparo do DNA e na manutenção da estabilidade genômica. Mutações prejudiciais em BRCA1 e BRCA2 aumentam significativamente o risco de desenvolvimento de câncer de mama e ovário. Em mulheres com histórico familiar os índices são maiores. No entanto, além das mutações patogênicas, variações polimórficas menos agressivas também podem impactar na funcionalidade das proteínas codificadas por esses genes, influenciando assim na progressão do câncer. Essas variantes podem modular a resposta a tratamentos e a capacidade de recuperação celular frente a danos no DNA. A identificação e o mapeamento de tais polimorfismos são importantes tanto para o diagnóstico quanto para a escolha de estratégias terapêuticas mais eficientes, como cirurgias profiláticas, terapias hormonais e o uso de inibidores de PARP (Poly ADP-sRibose Polymerase). Estudos mostram que polimorfismos em BRCA1 e BRCA2 podem estar associados a diferentes taxas de sobrevivência e respostas heterogêneas aos tratamentos, destacando a necessidade de uma abordagem personalizada. O avanço no sequenciamento genético tem possibilitado uma identificação mais precisa dessas variações, auxiliando na previsão de risco e nas decisões clínicas. Dessa forma, a investigação dos polimorfismos em BRCA1 e BRCA2 é essencial para o entendimento das diferenças moleculares e para a elaboração de medidas preventivas e terapêuticas direcionadas. Justificando assim, a importância deste trabalho. O qual consistiu em uma revisão sistemática com base em pesquisa de artigos científicos. Os resultados obtidos deixam claro a importância do rastreamento genético na busca pela prevenção e pelo tratamento precoce e assertivo do câncer de mama. A disseminação de informações claras e acessíveis é essencial para que as mulheres compreendam os benefícios dos testes genéticos, bem como a importância do acompanhamento contínuo.

Palavras-Chave: Polimorfismo genético, BRCA1 e BRCA2, Câncer de mama, Instabilidade genômica, Terapia personalizada

ABSTRACT: Polymorphisms of the BRCA1 and BRCA2 genes are associated with susceptibility to breast cancer, especially in women with alterations in their breast cells. These genes are involved in DNA repair and maintenance of genomic stability. Harmful mutations in BRCA1 and BRCA2 significantly increase the risk of developing breast and ovarian cancer. In women with a family history, the rates are higher. However, in addition to pathogenic mutations, less aggressive polymorphic variations can also impact the functionality of the proteins encoded by these genes, thus influencing cancer progression. These variants can modulate the response to treatments and the capacity for cellular recovery from DNA damage. The identification and mapping of such polymorphisms are important both for diagnosis and for choosing more efficient therapeutic strategies, such as prophylactic surgeries, hormonal therapies and the use of PARP (Poly ADP-sRibose Polymerase) inhibitors. Studies show that polymorphisms in BRCA1 and BRCA2 may be associated with different survival rates and heterogeneous responses to treatments, highlighting the need for a personalized approach. Advances in genetic sequencing have enabled more precise identification of these variations, aiding

¹ Professora Dra. UGV – Centro Universitário. prof_rafaellenstorck@ugv.edu.br

² Biomédica. bio-brunaluz@ugv.edu.br

³ Acadêmica do 7º período do curso de Biomedicina UGV – Centro Universitário. bio-mairaduda@ugv.edu.br

⁴ Professora Esp. UGV – Centro Universitário. prof_biancavezaro@ugv.edu.br

in risk prediction and clinical decisions. Thus, the investigation of polymorphisms in BRCA1 and BRCA2 is essential for understanding molecular differences and for developing targeted preventive and therapeutic measures. Thus, justifying the importance of this work, which consisted of a systematic review based on research of scientific articles. The results obtained make clear the importance of genetic screening in the search for prevention and early and assertive treatment of breast cancer. The dissemination of clear and accessible information is essential for women to understand the benefits of genetic testing, as well as the importance of continuous monitoring.

Keywords: Genetic polymorphism, BRCA1, BRCA2, Breast cancer, Genomic instability, Personalized therapy

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma das neoplasias mais prevalentes entre as mulheres e representa uma das principais causas de morte feminina no mundo. A compreensão dos fatores genéticos relacionados a essa doença tem se expandido significativamente, sendo os genes BRCA1 e BRCA2 alvo de estudos aprofundados devido à sua forte ligação com o desenvolvimento da neoplasia. Alterações nesses genes aumentam expressivamente o risco de uma mulher desenvolver câncer de mama ao longo da vida, pois eles atuam como importantes reguladores da estabilidade genômica. O polimorfismo genético se apresenta como um dos grandes desafios da medicina personalizada, uma vez que pode influenciar tanto a suscetibilidade à doença quanto a resposta às terapias disponíveis (De Lima Pantoja et al., 2022).

Estudos mostram que os polimorfismos dos genes BRCA1 e BRCA2 podem variar entre diferentes populações, o que sugere uma forte influência de fatores geográficos e étnicos na distribuição dessas variantes. Essas mutações afetam a funcionalidade das proteínas codificadas, as quais têm papel essencial na reparação do DNA, evitando a proliferação descontrolada das células. Deste modo, quando ocorre uma falha nos sistemas de reparo, a célula acumula mutações que aumentam o risco de formação de tumores malignos nas mamas (Abreu, 2023). Além disso, os polimorfismos podem interferir na forma como os tratamentos são aplicados, destacando-se a relevância das terapias direcionadas para pacientes portadoras dessas variantes (Arruda, 2023).

Mulheres portadoras de alterações nos genes BRCA1 e BRCA2 apresentam um risco estimado de 45% a 65% de desenvolver câncer de mama ao longo da vida. Isso evidencia a importância da realização de testes genéticos preventivos e do mapeamento genômico como ferramentas de prevenção e diagnóstico precoce. A identificação desses polimorfismos é fundamental para a indicação de estratégias

específicas, como a mastectomia profilática ou o uso de quimioterapia personalizada (Silva et al., 2023). Essa abordagem aumenta a eficácia dos tratamentos e melhora significativamente a qualidade de vida das pacientes, tendo em vista que a escolha terapêutica é orientada pelas características moleculares da doença (Moreira e Perez, 2023).

A variabilidade dos polimorfismos BRCA1 e BRCA2 em diferentes contextos populacionais também aponta para a necessidade de estudos regionais, uma vez que a prevalência das mutações pode variar consideravelmente. Por exemplo, investigações realizadas no nordeste brasileiro mostram padrões específicos dessas variantes, que não são necessariamente iguais aos observados em populações europeias ou norte-americanas (Virgens, 2023). A análise do perfil genético de cada população é essencial para a formulação de políticas públicas mais eficazes e adaptadas às realidades locais (Correia, 2021).

Outro aspecto relevante é a influência de fatores epigenéticos no desenvolvimento do câncer de mama. Estudos demonstram que a expressão dos genes BRCA pode ser modulada por alterações epigenéticas, como a metilação do DNA, o que reforça a complexidade da carcinogênese mamária (Silva, Castro e Figueiredo, 2020). Além disto, a interação entre genética e epigenética cria um cenário dinâmico, no qual a presença de polimorfismos e alterações epigenéticas pode acelerar o aparecimento da doença ou influenciar sua agressividade (Santos et al., 2020). Assim, compreender essas interações é mandatório para a evolução das terapias e para o desenvolvimento de novas abordagens clínicas (Caetano, et al., 2022).

O desenvolvimento da oncologia personalizada tem permitido avanços consideráveis na detecção e no tratamento de tumores mamários. O sequenciamento genético de nova geração (NGS) tem sido amplamente utilizado para a identificação de mutações nos genes BRCA1 e BRCA2 (Ferreira et al., 2021; Oliveira, 2020). A partir desses estudos, torna-se possível identificar novas estratégias terapêuticas e otimizar o manejo clínico dos pacientes (Araujo, 2024).

Em adição a isto, o estudo dos polimorfismos nos genes BRCA1 e BRCA2 é essencial para a prevenção e tratamento do câncer de mama, uma vez que essas mutações aumentam o risco de desenvolvimento da doença. A compreensão dessas variantes genéticas, combinada ao uso de terapias personalizadas e tecnologias de sequenciamento avançado, tem revolucionado a oncologia moderna. Contudo, é

imprescindível que esses avanços sejam acompanhados de políticas públicas que garantam o acesso aos testes genéticos e tratamentos adequados para todas as mulheres, independentemente da sua situação socioeconômica ou local de residência (Silva, 2024; De Lima Pantoja et al., 2022).

Logo, a identificação precoce das mutações nos genes BRCA1 e BRCA2 é fundamental para o diagnóstico e a personalização do tratamento, melhorando as chances de sucesso terapêutico e minimizando efeitos adversos. Uma vez que estas mutações, afetam o reparo do DNA, acelerando a carcinogênese mamária. O mapeamento genético é vital para a mensuração do risco, possibilitando intervenções preventivas como a mastectomia e a ooforectomia, além de contribuir para a escolha de tratamentos mais eficazes (Silva, 2024).

Frente aos fatos acima expostos, o presente trabalho, buscou elucidar por meio de uma revisão bibliográfica a relação ente polimorfismos genéticos dos genes BRCA1 e BRCA2 e a prevalência de alterações em células mamárias de mulheres.

2 MÉTODOLOGIA

O presente trabalho constitui de uma revisão da literatura sistematizada baseada em uma busca abrangente de diversas fontes de estudos acadêmicos e artigos científicos que exploram a relação entre os genes BRCA1 e BRCA2 e o câncer de mama.

A seleção dos artigos foi criteriosa, priorizando estudos publicados nos últimos dez anos, que apresentassem dados relevantes e atualizados sobre a temática. As bases de dados utilizadas incluíram PubMed, Scielo, e Google Scholar, onde foram buscados termos como "polimorfismo BRCA1", "polimorfismo BRCA2" e "câncer de mama", de modo a obter um espectro amplo de informações sobre a influência desses genes no desenvolvimento da doença.

No total foram selecionados 27 artigos os quais foram lidos de forma criteriosa. Destes, 13 artigos que não estavam em conformidade com os objetos da pesquisa foram retirados da base de artigos a serem utilizados na construção do trabalho. Sendo assim o total de artigos empregados neste trabalho foi de 14, os quais foram fichados, analisados e utilizados na redação dos resultados desta pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após leitura criteriosa dos documentos fichados, os resultados obtidos com base nos artigos pesquisados foram sintetizados e são apresentados no Quadro 1, onde é possível observar a importância da caracterização dos polimorfismos genéticos frente a predisposição, diagnóstico e alterações das células mamárias em mulheres.

Quadro 1- Síntese dos principais resultados obtidos por meio da revisão da literatura sistematizada frente aos artigos selecionados a partir da estratégia de busca e fichamento utilizados na realização da pesquisa

Título do Artigo	Autor(es)	Ano	Tipo de Pesquisa	Pontos Importantes
Polimorfismos Genéticos E O Câncer De Mama	Abreu, Katherine Borges de	2023	Revisão da literatura sobre polimorfismos genéticos associados ao câncer de mama	Importância dos polimorfismos na predisposição ao câncer de mama e suas implicações no diagnóstico e tratamento.
Perfil Epidemiológico Dos Óbitos Por Câncer De Mama No Brasil, Estado De Goiás E Município De Goiânia	Araujo, Hellen Moreira de	2024	Análise do perfil epidemiológico dos óbitos por câncer de mama em Goiás.	Identificação de fatores de risco e áreas críticas para intervenção na saúde pública.
Avaliação Da Associação Do Polimorfismo Do Gene Igf1r (Rs2016347) Com Resposta À Quimioterapia Neoadjuvante	Arruda, Guarany Mont'Alverne de	2023	Estudo da associação entre polimorfismo do gene IGF1R e a resposta à quimioterapia em mulheres com câncer de mama.	Sugestão de que o polimorfismo pode influenciar a eficácia do tratamento.
A Influência Dos Fatores Genéticos No Desenvolvimento Do Câncer De Mama	Caetano, Giovana Paula; Santos, Giovanna Martins; Orsolin, Priscila Capelari	2022	Discussão sobre os fatores genéticos que contribuem para o desenvolvimento do câncer de mama.	Abordagem sobre a importância da hereditariedade e da genética no câncer de mama, com ênfase em estudos populacionais.
Prevalência De Mutações Nos Genes BRCA1, BRCA2 E CDH1 Em Portadores De Cancro De Mama No Alentejo	Correia, Leoná Soares	2021	Avaliação da prevalência de mutações nos genes BRCA1, BRCA2 e CDH1 em pacientes com câncer de mama.	Relevância do rastreamento genético em populações para identificar risco elevado de câncer de mama.
A Aplicação Do Mapeamento Genético Na Identificação Dos Polimorfismos Do Câncer De Mama E O Direcionamento Da Terapia Alvo	De Lima Pantoja, Rebeca Elise et al.	2022	Apresentação de como o mapeamento genético pode direcionar terapias personalizadas no tratamento do câncer de mama.	Importância da medicina personalizada e do tratamento dirigido por perfil genético.

Presença Da Mutação Do Gene BRCA1 Em Cadelas com Tumores de Mama Malignos	Ferreira, Camila Calvi Menegassi et al.	2021	Identificação da mutação do gene BRCA1 em cadelas com tumores mamários malignos, sugerindo implicações para a pesquisa translacional.	O estudo da mutação em cães pode oferecer insights sobre o câncer de mama em humanos.
Prevenção e Cuidados da Enfermagem no Câncer De Mama	Moreira, Leomar Gonçalves; Perez, Iara Maria Pires	2023	Discussão sobre as estratégias de prevenção e cuidados de enfermagem para pacientes com câncer de mama.	Ênfase na importância do acompanhamento e cuidados multidisciplinares no tratamento do câncer de mama.
Deteção De Variantes Germinativas No Plasma De Cadelas Com Neoplasias Mamárias Por Sequenciamento De Nova Geração	Oliveira, Jéssica Rodrigues de	2020	Estudo sobre a detecção de variantes genéticas em cadelas com neoplasias mamárias, utilizando sequenciamento de nova geração.	O sequenciamento de nova geração como ferramenta promissora para identificar variantes genéticas associadas ao câncer.
Polimorfismos De Nucleotídeo Único Dos Genes MLH1 E MSH2: Susceptibilidade Ao Câncer De Mama	Santos, Anderson Felix dos et al.	2020	Investigação da associação entre polimorfismos dos genes MLH1 e MSH2 e a suscetibilidade ao câncer de mama.	Discussão sobre a genética da susceptibilidade ao câncer e a importância de biomarcadores.
Mecanismos Epigenéticos E A Ação Da Expressão Da Proteína BRCA Na Carcinogênese Mamária	Silva, Gessika Almeida; Castro, Nayara Sousa; Figueiredo, Ronildo Oliveira	2020	Análise dos mecanismos epigenéticos que afetam a expressão da proteína BRCA e seu papel na carcinogênese mamária.	A epigenética como um fator crítico na modulação da expressão gênica relacionada ao câncer.
Associação Do Polimorfismo Rs16953002 Do Gene Fto Em Pacientes Com Câncer De Mama	Silva, Lailton Oliveira da	2024	Estudo de caso controle sobre a associação entre o polimorfismo Rs16953002 do gene FTO e a ocorrência de câncer de mama.	Importância da genética na compreensão da predisposição ao câncer de mama em diferentes populações.
Hereditariedade Do Câncer De Mama: Uma Revisão Bibliográfica	Silva, Yasmin Rodrigues da et al.	2023	Revisão sobre a hereditariedade do câncer de mama e suas implicações para o diagnóstico e prevenção.	Necessidade de conscientização sobre a história familiar no rastreamento e prevenção do câncer de mama.
Variantes Genéticas Nos Genes Brca1 E Brca2 Em Uma População Da Bahia	Virgens, Cleiton Santos das	2023	Estudo sobre a frequência de variantes genéticas nos genes BRCA1 e BRCA2 em uma população baiana.	Relevância do estudo de variantes genéticas em diferentes populações para entender o risco de câncer de mama.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A análise dos polimorfismos nos genes BRCA1 e BRCA2 é extremamente importante para compreender como essas variantes influenciam a oncogênese. Polimorfismos de nucleotídeo único (SNPs) nesses genes podem afetar a função das proteínas e sua interação com moléculas que regulam o ciclo celular e a apoptose.

A maior parte da predisposição de origem a patogênese se dá principalmente pela mediação de supressores tumorais que surgem nos genes BRCA1 e BRCA2. A presença de polimorfismos no gene BRCA1 pode ser demonstrada pelo fato que o mesmo é responsável pela restauração da fita dupla de material genético - após sua duplicação – pela normalização transcricional e pelo arranjo da cromatina. Desta forma, possíveis alterações que ocorram na região de BRCA1 podem dar origem a um novo âmago tumoral. Enquanto mutações existentes no gene BRCA2, poderão provocar complicações no reparo da fita helicoidal de DNA, quando assistidas por RAD51, uma proteína que auxilia na própria correção do material genético (Caetano *et al.*, 2022).

Segundo Silva (2023), mulheres portadoras desses polimorfismos apresentam risco elevado de desenvolver câncer de mama, especialmente quando combinados com fatores ambientais e hereditários. No âmbito da hereditariedade, a metamorfose pode decorrer em células germinativas, onde tanto o gene BRCA1 quanto o gene BRCA2 podem ser inativados em dois alelos, provocando uma origem de falhas que são passadas de geração em geração. Além disso, os erros também podem aparecer em células denominadas somáticas, inoperando as determinadas regiões, e impedindo assim a morte celular programada (Silva, 2024). Entretanto, essas variantes também podem servir como marcadores prognósticos, auxiliando na mensuração de risco e nas decisões clínicas sobre intervenções a serem aplicadas. Estes resultados concordam com Abreu (2023), onde o mesmo destaca como as variantes genéticas podem influenciar a predisposição ao câncer de mama e como pesquisas neste sentido podem ser aplicadas para melhorar tanto os métodos diagnósticos quanto terapêuticos.

O mapeamento genético, como observado nos estudos de De Lima Pantoja et al. (2022) e Virgens (2023), desempenha um papel muito importante na personalização do tratamento, permitindo terapias mais eficazes e direcionadas, especialmente quando se identificam mutações nos genes BRCA1 e BRCA2. Um exemplo seria o emprego do NGS (Sequenciamento de Nova Geração), o qual permite segmentar milhões de estilhas de DNA e identificar as possíveis variações existentes nesse meio, classificando-as em SNPs (Polimorfismos de Nucleotídeo

Único), contendo também as remoções e inserções (*indels*), e Variações de Número de Cópias (CNV, *copy number variation*), por intermédio da bioinformática. No final do sequenciamento, cada amostra é lida e comparada com uma sequência de referência existente, apontando dessa maneira as prováveis mutações (Oliveira, 2020).

Além disso, as pesquisas de Santos et al. (2020) e Silva et al. (2020) mostram a relevância de biomarcadores e mecanismos epigenéticos como fatores importantes na modulação da suscetibilidade e na progressão da carcinogênese mamária. A identificação dessas variantes genéticas tem relação direta com risco de desenvolvimento de alterações mamárias, e também na definição de intervenções preventivas, como mastectomia preventiva, e na escolha de terapias personalizadas para cada mulher, uma vez que o aparecimento de câncer de mama pode variar também de acordo com o estilo de vida da pessoa, questões de obesidade logo após a menopausa, permutações hormonais e o acúmulo de feixes iônicos adquiridos ao longo da vida. Por conseguinte, o conhecimento desses biomarcadores e com relação a questões pessoais, tem contribuído significativamente para a melhora da qualidade de vida das pacientes e a redução de mortes prematuras associadas ao câncer de mama (Araujo, 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão ao estudo realizado, foi possível observar que os genes BRCA1 e BRCA2 e suas variantes genéticas têm se mostrado fundamental para a compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento de câncer, especialmente o de mama e ovário. Esses genes desempenham um papel importante na manutenção da estabilidade genômica, influenciando a reparação do DNA, a regulação do ciclo celular e a resposta ao estresse genético. As mutações nesses genes aumentam a predisposição ao câncer e também afetam a resposta aos tratamentos empregados.

Além disso, o avanço das técnicas de sequenciamento genético, como o NGS, contribuiu na identificação de variantes patogênicas nos genes BRCA1 e BRCA2. O uso dessas tecnologias permitem uma análise detalhada e rápida dos perfis genéticos das pacientes, facilitando a detecção precoce de mutações relevantes.

Outro ponto importante a ser considerado, refere-se a ampliação do acesso a essas ferramentas buscando beneficiar um número maior de mulheres. Deste modo, a combinação entre diagnóstico precoce e o desenvolvimento de tratamentos

personalizados poderá aumentar as chances de sobrevivência e a qualidade de vida das pacientes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Katherine Borges de. **Polimorfismos Genéticos E O Câncer De Mama: Uma Revisão Da Literatura.**2023

ARAUJO, Hellen Moreira de. **Perfil Epidemiológico Dos Óbitos Por Câncer De Mama No Brasil, Estado De Goiás E Município De Goiânia.** 2024.

ARRUDA, Guarany Mont'Alverne de. **Avaliação Da Associação Do Polimorfismo Do Gene Igf1r (Rs2016347) Com Resposta À Quimioterapia Neoadjuvante Em Mulheres Com Câncer De Mama.** 2023.

CAETANO, Giovana Paula; SANTOS, Giovanna Martins; ORSOLIN, Priscila Capelari. **A Influência Dos Fatores Genéticos No Desenvolvimento Do Câncer De Mama The Influence Of Genetic Factors In The Development Of Breast Cancer.** Brazilian Journal of Health Review, v. 5, n. 3, p. 8555-8565, 2022.

CORREIA, Leoná Soares. **Prevalência De Mutações Nos Genes BRCA1, BRCA2 E CDH1 Em Portadores De Cancro De Mama No Alentejo.** 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade de Evora (Portugal).

DE LIMA PANTOJA, Rebeca Elise et al. **A Aplicação Do Mapeamento Genético Na Identificação Dos Polimorfismos Do Câncer De Mama E O Direcionamento Da Terapia Alvo.** Research, Society and Development, v. 11, n. 10, p. e450111032762-e450111032762, 2022.

FERREIRA, Camila Calvi Menegassi et al. **Presença Da Mutação Do Gene BRCA1 Em Cadelas Com Tumores Mamários Malignos.** Acta Scientiae Veterinariae, v. 49, p. 1827, 2021.

MOREIRA, Leomar Gonçalves; PEREZ, Iara Maria Pires. **Prevenção E Cuidados Da Enfermagem No Câncer De Mama.** Revista Saúde Dos Vales, v. 1, n. 1, 2023.

OLIVEIRA, Jéssica Rodrigues de. **Detecção De Variantes Germinativas No Plasma De Cadelas Com Neoplasias Mamárias Por Sequenciamento De Nova Geração.** 2020.

SANTOS, Anderson Felix dos et al. **Polimorfismos De Nucleotídeo Único Dos Genes MLH1 E MSH2: Susceptibilidade Ao Câncer De Mama.** 2020.

SILVA, Gessika Almeida; CASTRO, Nayara Sousa; FIGUEIREDO, Ronildo Oliveira. **Mecanismos Epigenéticos E A Ação Da Expressão Da Proteína BRCA Na Carcinogênese Mamária.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 10, p. 82596-82613, 2020.

PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DE SAÚDE COM CRIANÇAS: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO BRINCAR

OLIVEIRA, Andressa de¹
BAIAK, Camila Fernanda²
AMAZONAS, Amanda Ariel³
BAUER, Rafaela Bazzi⁴

RESUMO: O presente artigo aborda a prevenção e promoção de saúde sob o olhar do brincar, como forma de desenvolvimento da criança, já que a brincadeira promove a autoconfiança, curiosidade, autonomia, linguagem e pensamento, além de ser o primeiro passo da socialização infantil. Dessa forma, a importância do brincar foi foco do Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I das acadêmicas Andressa de Oliveira e Camila Baiak das mesmas no sexto período do Curso de Psicologia da UGV Centro Universitário. O estágio foi realizado com alunos do Segundo Ano do Ensino Fundamental, da Escola Vitória Fernandes do município de União da Vitória - PR. Assim, para desenvolver as potencialidades do brincar, as acadêmicas, por meio das intervenções, promoveram a compreensão das emoções com os alunos. O trabalho buscou promover habilidades de percepção dos sinais emocionais do ambiente à volta das crianças, com o intuito de ampliar suas competências sociais e proporcionar relações interpessoais positivas. À vista disso, a importância do brincar e o reconhecimento das emoções, são elementos que andam juntos, e promovem a saúde das crianças.

Palavras-chave: Promoção e Prevenção da Saúde; Brincar; Emoções;

ABSTRACT: This article addresses prevention and health promotion from the perspective of play, as a form of child development, as play promotes self-confidence, curiosity, autonomy, language and thinking, in addition to being the first step in children's socialization. Thus, the importance of playing was the focus of the Internship Emphasis A: Prevention and Health Promotion I of academics Andressa de Oliveira and Camila Baiak of the sixth period of the Psychology Course at UGV Centro Universitário. The internship was carried out with students in the Second Year of Elementary School, from Escola Vitória Fernandes in the municipality of União da Vitória - PR. Thus, to develop the potential of playing, the academics, through interventions, promoted the understanding of emotions with the students. In this way, the work sought to promote skills in perceiving emotional signals from the environment around children, with the aim of expanding their social skills and providing positive interpersonal relationships. In view of this, the importance of playing and recognizing emotions are elements that go together and promote children's health.

Key words: Health Promotion and Prevention; To play; Emotions;

1. INTRODUÇÃO

A partir do desenvolvimento do Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I das acadêmicas Andressa de Oliveira e Camila Baiak do sexto período do

¹ Andressa de Oliveira. Acadêmica(o) do 10º período do curso de Psicologia; UGV – Centro Universitário. E-mail: psi-andressaoliveira@ugv.edu.br

² Camila Fernanda Baiak. Acadêmica(o) do 10º período do curso de Psicologia; UGV – Centro Universitário. E-mail: psi-camilabaiak@ugv.edu.br.

³ Amanda Ariel Amazonas. Psicóloga CRP 08/36359;

⁴ Rafaela Bazzi Bauer. Psicóloga CRP 08/27128 – 12/16140. Graduada em Psicologia pela Universidade do Contestado, UnC, Campus de Porto União -SC (2016), Pós-graduação “Lato Sensu” em Neuropsicologia pela Universidade do Contestado, UnC, Campus de Porto União -SC (2022). Especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano em Curitiba (2023). Docente do curso de Psicologia da UGV - Centro Universitário (União da Vitória –PR).

Curso de Psicologia, observou-se que a brincadeira, para as crianças, manifesta sua criatividade, o descobrimento do self, ou seja, do eu, e ainda, beneficia a própria saúde. O brincar é a atividade da vida infantil que introduz os primeiros relacionamentos da vida do sujeito, sendo dessa maneira, um processo enriquecedor na esfera individual e coletiva (WINNICOTT, 2020).

O Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I, da UGV Centro Universitário, foi realizado pelas acadêmicas na Escola Municipal Vitória Fernandes, do município de União da Vitória - PR, com crianças do Segundo Ano do Ensino Fundamental, com idade média de sete anos. A perspectiva da importância do brincar foi introduzida a partir do trabalho com as emoções das crianças, com o objetivo de desenvolver suas habilidades de percepção dos sinais emocionais do ambiente a sua volta, suas competências sociais e proporcionar relações interpessoais positivas (SANTOS, 2012).

Entretanto, durante a trajetória do presente estágio, houveram mudanças no planejamento e cronograma das atividades, já que a cidade de União da Vitória - PR foi atingida pelas cheias do Rio Iguaçu, que percorre a cidade. Inicialmente, a demanda apresentada pela escola e pelos pais dos alunos foi o uso excessivo das telas, pelas crianças. Porém, o estágio foi interrompido na segunda intervenção, e dessa forma, somente foram trabalhados os temas da importância do brincar e das emoções, focos do atual artigo.

À vista disso, a prevenção e promoção de saúde se desenvolveu sob o olhar do brincar, como forma de desenvolvimento da criança. Sendo que a brincadeira auxilia a desenvolver suas habilidades sociais e promove a socialização de forma significativa, além de promover o desenvolvimento da autoconfiança, curiosidade, autonomia, linguagem e pensamento (TEIXEIRA, VOLPINI, 2014).

Diante dessas competências, a brincadeira entre crianças representa uma troca de informações, sentimentos, reações e comportamentos entre sujeitos. Por isso, é importante que as crianças reconheçam suas emoções e as identifiquem, além de compreender a natureza, causa, e como reagir às emoções, sejam suas, ou de outras pessoas. Dessa forma, a importância do brincar e o reconhecimento das emoções, são elementos que andam juntos, e promovem a saúde das crianças (SANTOS, 2012).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Winnicott desenvolveu a teoria do brincar, em 1975, que posicionou a brincadeira como a condutora aos relacionamentos grupais, ou seja, surge entre a mãe e o bebê, e continua com os próximos grupos que a criança se depara. Além disso, o brincar foi definido pelo autor como a forma básica de viver, universal e própria da saúde, sendo considerada primária. As diversas faces da brincadeira facilitam o crescimento, sendo que são um espaço entre a realidade interna, ou seja, pessoal e a externa, do mundo em volta da criança.

Diante disso, a importância do brincar tornou-se o tema central do Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I, desenvolvido pelas acadêmicas Andressa de Oliveira e Camila Baiak durante o sexto período do Curso de Psicologia, na Escola Municipal Vitória Fernandes, em União da Vitória - PR. O estágio teve como objetivo proporcionar aos estudantes a oportunidade de articular e aplicar na prática os conhecimentos adquiridos ao longo dos seis primeiros semestres do curso. Assim, o Estágio Ênfase A caracteriza-se como o início das atividades de intervenção escolar, assumindo um caráter integrador que conecta os conteúdos das diversas disciplinas do curso.

A prevenção e promoção em saúde, foco do estágio, apresenta-se como uma das estratégias mais promissoras para enfrentar os múltiplos problemas de saúde que afetam as populações humanas e seus entornos. Partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, propõe a articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados para seu enfrentamento e resolução. Em todas as etapas da vida cabem inúmeras ações de promoção da saúde voltadas para os indivíduos ou para a coletividade, particularmente na infância e na adolescência (Buss, 2001).

As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e, obviamente, do desenvolvimento da criança e do adolescente, constituindo parte fundamental da aprendizagem humana. Sem dispor de funções de autorregulação emocional, a história da Humanidade seria um caos, e a aprendizagem da criança e do adolescente, um drama indescritível, as emoções tomariam conta das funções cognitivas e os seres humanos só saberiam agir de forma impulsiva, excitável e eufórica. A emoção ou afeto refere-se a sentimentos que envolvem, perante estímulos ou situações ambientais,

não só a avaliação subjetiva dos mesmos ou das mesmas, como também, processos somático-corporais e crenças culturais (Fonseca, 2016).

Estudar as emoções com as crianças é desenvolver suas habilidades de percepção dos sinais emocionais do ambiente a sua volta, suas competências sociais e proporcionar relações interpessoais positivas. Além disso, quando falamos em emoções, estamos falando da compreensão da sua própria existência, seus desejos, crenças, medos, realizações e sentimentos. No início do desenvolvimento é fundamental que as crianças reconheçam suas emoções e as identifiquem, além de compreender a natureza, causa, e como reagir às emoções (Santos, 2012).

De acordo com Pons, Harris, e de Rosnay (2004), existem alguns componentes que permeiam a compreensão emocional da criança, como por exemplo, o reconhecimento das emoções baseado nas expressões faciais, compreensão das causas externas das emoções, compreensão da possibilidade de esconder um estado emocional e compreensão do desejo despertado, entre outros aspectos. Identificar as emoções faz parte do autoconhecimento, cuidado da saúde mental e desenvolvimento, desde as primeiras fases da vida (Pons, Harris, e de Rosnay (2004), *apud* Santos, 2012).

A fase mental da compreensão emocional da criança, se dá dos 5 aos 9 anos, é o período da percepção de que existem diferenças entre as emoções reais e aparentes. Nas intervenções realizadas pelas acadêmicas Andressa de Oliveira e Camila Baiak, o público apresenta idade média de sete anos, portanto, é um período rico para compreender que as emoções podem ser representadas, assim como são objetos reais, para quem as sente (Santos, 2012).

Segundo Machado et al. (2008), é por volta dos cinco anos, que as crianças conseguem perceber que as pessoas têm desejos e crenças diferentes dos seus, assim é significativo que na escola elas aprendam a respeitar as emoções dos colegas. Dessa forma, é relevante propor atividades em grupo que promovam a manifestação e identificação das emoções entre as crianças, o que é um processo individual e coletivo de educação. Esse processo foi desenvolvido no Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I (Machado et al. (2008) *apud* Santos, 2012).

Portanto, desenvolver a psicoeducação das emoções com as crianças, é desenvolver uma faceta do seu desenvolvimento cognitivo e social. Desde os primeiros anos de vida a criança inicia o reconhecimento das expressões faciais que representam as emoções, assim como os significados dos símbolos que as retratam.

No decorrer de seu crescimento deve-se aperfeiçoar o reconhecimento dos seus sentimentos, habilidades, desejos e emoções, assim como a identificação desses aspectos nas outras pessoas, para impulsionar os relacionamentos interpessoais (Santos, 2012).

A brincadeira auxilia a criança a desenvolver a autoconfiança, curiosidade, autonomia, linguagem e pensamento, sendo, portanto, um tema valioso para a psicologia infantil. Assim como reconhecer as próprias emoções e das pessoas a sua volta é importante para a criança desenvolver suas habilidades sociais, a brincadeira promove a socialização de forma significativa. Por meio da brincadeira, a criança fantasia e revive alegrias, angústias, conflitos, medos, desejos, ou seja, brincar é uma das formas da criança manifestar suas emoções (Teixeira, Volpini, 2014).

É no brincar que crianças, e até mesmo os adultos, demonstram e manifestam sua criatividade, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o self, ou seja, o eu. A brincadeira é um meio rico para promover a educação e o desenvolvimento das crianças, sendo um meio de saúde, além de introduzir aos primeiros relacionamentos da vida do sujeito, se iniciando com a mãe ou família, e posteriormente na escola. Dessa forma, a brincadeira é uma forma de manifestação do sujeito para o mundo, de fácil acesso às crianças, para os primeiros passos de suas habilidades sociais e individuais (Winnicott, 2020).

3. MÉTODO

Para o desenvolvimento do presente artigo fez-se necessário a observação dos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vitória Fernandes. Após as observações foram realizadas as intervenções conforme a demanda proposta pela instituição. Ao todo foram realizadas 04 (quatro) observações onde as acadêmicas analisaram o grupo como um todo durante as aulas de seus professores, com início às 13 horas e 15 minutos até as 15 horas. Após foram realizadas 02 (duas) intervenções, onde as acadêmicas desenvolveram atividades com os alunos, tendo início às 13 horas e 15 minutos até as 15 horas.

Para as observações e as intervenções foram utilizados pelas acadêmicas um caderno de anotações, materiais como um rolo de barbantes, lápis de colorir e materiais impressos. Durante todo o processo as acadêmicas observaram os comportamentos dos alunos, bem como eles agiam em diferentes situações, dentro

da sala de aula com os seus professores e com as atividades propostas pelas estagiárias.

Foram desenvolvidas, ao todo, duas atividades de intervenção. A primeira delas foi a Teia do Conhecimento, um exercício muito utilizado para a apresentação pessoal de grupos, tanto em sala de aula quanto em treinamentos, entre outras situações. Por ser uma dinâmica de apresentação, a Teia do Conhecimento é geralmente aplicada em grupos ou equipes cujos membros ainda não se conhecem, promovendo, assim, o relacionamento interpessoal e o desenvolvimento da autoconfiança. Trata-se de uma dinâmica indicada, por exemplo, para o primeiro dia de atividades ou para integrar equipes.

Na prática, a atividade consiste em formar um círculo com todos os participantes e utilizar um rolo de barbante. O mediador amarra o barbante em seu dedo indicador e passa o rolo para outro participante, fazendo perguntas como o nome do aluno, sua idade e sua brincadeira preferida. O rolo é então passado para todos os integrantes da roda, que respondem às mesmas questões, permitindo que as acadêmicas conheçam melhor os alunos e possam planejar brincadeiras de acordo com suas preferências.

A segunda atividade desenvolvida foi a Mímica das Emoções e Sentimentos, sendo que as acadêmicas separaram de 20 a 30 pedaços de papel, cada um com uma emoção escrita, podendo repeti-las. Cada aluno sorteou um papel, ou seja, uma emoção, e realizou uma mímica para o restante dos alunos, para que adivinhem o que é. Como por exemplo, felicidade, tristeza, raiva, medo, alegria, entre outras. Após os colegas adivinharem qual emoção está sendo interpretada, as acadêmicas realizaram perguntas e pontuaram pontos importantes a respeito da emoção. Seriam realizadas outras intervenções não podendo ter continuidade devido a enchente que atingiu todo o Município de União da Vitória e redondezas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do presente artigo, observa-se que o Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I apresenta resultados positivos na formação acadêmica dos futuros psicólogos formados pelo UGV Centro Universitário. Os estágios, presentes na graduação em Psicologia, constituem uma oportunidade de apresentar aos estudantes os diversos campos de atuação do psicólogo na prática, além de estimular

a articulação dos conteúdos teóricos com o exercício efetivo da profissão (Soares, 2017).

Os benefícios da prática são diversos, como ampliação do conhecimento do acadêmico, experiência adquirida diretamente em campo, familiarização com diferentes áreas de atuação, oportunidade de observação de profissionais da psicologia, e de grupos multidisciplinares que atuam em conjunto com o psicólogo. Além disso, os estágios abordam as competências e habilidades que foram desenvolvidas nas disciplinas, cursadas pelos alunos, até o momento (Soares, 2017).

Inicialmente o estágio contemplava o objetivo de trabalhar o uso excessivo de telas, essa demanda inicial foi levantada pela supervisora da escola, da qual relatou muitas dificuldades no manejo das crianças em relação aos tablets, visto que se percebeu tanto pela escola, como pelos pais, as crianças excedendo o tempo limite de uso, assim como extravios, roubos, etc. Porém, devido a intercorrência naturais, as intervenções foram restritas a somente dois dias, dessa maneira estreitando a aplicação das propostas. Houve a modificação do calendário de intervenções, pois União da Vitória – PR, onde se localiza a escola, foi atingida pelas cheias do Rio que percorre o município. O evento inesperado, determinou que os temas abordados no estágio fossem somente os das primeiras intervenções, que tratavam sobre a importância das emoções e o brincar na infância.

O trabalho realizado com os alunos da Escola Municipal Vitória Fernandes foi desenvolvido em face da compreensão emocional para que as crianças conheçam a si mesmas e o mundo a sua volta, e dessa forma entendam a importância do brincar. O intuito inicial era, ainda, desenvolver os temas até o momento de trabalhar o uso excessivo de telas, entretanto não houve tempo suficiente, devido às cheias no município. Percebe-se a relevância do trabalho realizado, pois a intervenção a respeito das emoções com as atividades “Teia do conhecimento” e a “Mímica das Emoções” introduziu a importância do brincar para as crianças.

No artigo mostra-se a importância do brincar, o qual independente da época, cultura e classe social, faz parte da vida das crianças, pois vivem em um mundo de fantasias, onde a realidade e o faz-de-conta se confundem. O brincar é uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Ao brincar as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam (Teixeira, Volpinin, 2014).

Promover o brincar livre e espontâneo nas crianças, como facilitador das mais variadas aprendizagens, é uma mais-valia para as crianças, uma vez que são elas que, normalmente, tomam a iniciativa para as suas brincadeiras, sendo, portanto, do seu interesse, e é através da ludicidade que as crianças aprendem de forma mais natural, uma vez que a brincadeira é uma atividade que é “autoiniciada e do interesse intrínseco da criança” (Coelho, Tadeu, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, proferido para o Estágio Ênfase A: Prevenção e Promoção da Saúde I da UGV Centro Universitário, proporcionou o contato da psicologia com o âmbito escolar. Por meio dessa práxis, houve a possibilidade da assimilação teórico-prática, o que enriqueceu o repertório dos acadêmicos participantes. Além de proporcionar a primeira experiência em intervenções voltadas à prevenção e promoção à saúde voltada à área escolar.

Considera-se que os objetivos iniciais do estágio não foram plenamente alcançados, uma vez que a proposta contemplava trabalhar o uso excessivo de telas. No entanto, devido a intercorrências climáticas, como o mau tempo e a enchente no município de União da Vitória e regiões vizinhas, as acadêmicas não puderam concluir essa atividade. Diante disso, o trabalho foi redirecionado, permitindo que elas atuassem com os alunos abordando a importância das emoções e do brincar na educação infantil.

Desenvolver a psicoeducação das emoções nas crianças corresponde ao desenvolvimento de uma importante dimensão de seu crescimento cognitivo e social. Desde os primeiros anos de vida, a criança começa a reconhecer expressões faciais que representam emoções, bem como os significados dos símbolos que as representam (Santos, 2012). Além disso, a brincadeira contribui para o desenvolvimento da autoconfiança, curiosidade, autonomia, linguagem e pensamento, sendo, portanto, um tema de grande relevância para a psicologia infantil (Teixeira; Volpini, 2014).

6. REFERÊNCIAS

BUSS, Paulo Marchiori. **Promoção da saúde na infância e adolescência**. Fundação Oswaldo Cruz. Presidência. Av. Brasil, 4365. Pavilhão Mourisco. Manguinhos. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/F4h6qNPZzVCBTBjNr9yg4RS/>>.

FONSECA, Vitor. **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica.** Rev. Psicopedagogia. Portugal. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862016000300014&script=sci_abstract>.

FELICE, Eliana Marcello de. **O lugar do brincar na psicanálise de crianças.** Universidade São Francisco. Psicologia: Teoria e Prática – 2003, 5(1):71-79. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1181>. Acesso em: 10/11/23.

SANTOS, Natalie de Nóbrega dos. **Inteligência Emocional: A compreensão das emoções em crianças do pré-escolar.** Tese de Doutorado. 2012. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/444>. Acesso em: 11/11/23.

SOARES, Luciana Loyola Madeira. **O estágio básico na graduação em Psicologia: laboratório das múltiplas conexões universidade-mundo.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/15181/1/Tese_Luciana%20Loyola%20Madeira%20Soares.pdf>.

SOUZA, JB de.; FERREIRA, JC.; SOUZA, JCP de. **A importância de validar as emoções das crianças.** Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.] , v. 10, pág. e479101018940, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.18940. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18940>>.

TEIXEIRA, Hélia Carla; VOLPINI, Maria Neli. **A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 76-88, 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade.** Ubu Editora, 2020.

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E O DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL SISTÊMICO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Maria Eduarda Sulte Wisniewski¹

Geovani Zarpelon²

Valéria Krieguer Zarichen³

Rafaela Bazzi Bauer⁴

RESUMO: O diagnóstico organizacional sistêmico (dos) discute a importância da psicologia organizacional para entender e aprimorar o ambiente de trabalho, com foco na integração entre comportamento humano e dinâmicas organizacionais. O objetivo principal da pesquisa é explorar de que forma o dos contribui para a compreensão e melhoria das dinâmicas organizacionais entre o bem-estar dos colaboradores e os objetivos empresariais. Os objetivos específicos são: realizar uma pesquisa bibliográfica levantando a história do dos e seus principais conceitos; investigar a origem e conceitos principais da teoria sistêmica e suas utilizações no diagnóstico organizacional (do); pesquisar como ocorre o processo de dos no campo da psicologia organizacional. Baseada na teoria dos sistemas, a pesquisa visa fornecer à gestão *insights* para implementar mudanças planejadas e promover adaptação dos colaboradores. O estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, com foco na análise de aspectos subjetivos do ambiente organizacional e utiliza a revisão bibliográfica e análise de documentos especializados, como relatos e publicações do conselho federal de psicologia. Os resultados, não somente identificam desafios e potencialidades, mas também geram soluções sustentáveis que impactam positivamente o bem-estar e o desempenho de todos os envolvidos, contribuindo para a prosperidade tanto dos indivíduos quanto das organizações.

Palavras-chave: Psicologia organizacional. Diagnóstico sistêmico. Planejamento estratégico.

ABSTRACT: Systemic Organizational Diagnosis discusses the importance of organizational psychology to understand and improve the work environment, focusing on the integration between human behavior and organizational dynamics. The main objective of the research is to evaluate the company as a system, considering its internal interactions, processes, structures and culture, with the aim of identifying problems and potential. Based on systems theory, the research aims to provide management with insights to implement planned changes and promote employee adaptation. The study adopts a qualitative, exploratory and bibliographical approach, focusing on the analysis of subjective aspects of the organizational environment, and uses bibliographical review and analysis of specialized documents, such as reports and publications from the Federal Council of Psychology. In this way, the results of systemic organizational diagnosis not only identify challenges and potential, but also generate sustainable solutions that positively impact the well-being and performance of everyone involved, contributing to the prosperity of both individuals and organizations.

Keywords: Organizational psychology. Systemic diagnosis. Strategic planning.

¹ Acadêmica de Psicologia da UGV Centro Universitário, União da Vitória – Paraná - mariawisniewski@ugv.edu.br

² Psicólogo e Docente do Curso de Psicologia UGV Centro Universitário. União da Vitória –Paraná Email prof_geovani@ugv.edu.br.

³ Psicóloga e Docente do Curso de Psicologia UGV Centro Universitário. União da Vitória –Paraná Email prof_valeriazarichen@ugv.edu.br

⁴ Psicóloga e Docente do Curso de Psicologia da UGV Centro Universitário – União da Vitória – Paraná – Brasil. prof_rafaelabauer@ugv.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Organizacional desempenha um papel crucial na compreensão e na melhoria do ambiente laboral, atuando como uma interface entre o comportamento humano e as dinâmicas organizacionais. No cenário atual, onde as rápidas mudanças sociais e econômicas influenciam o mundo do trabalho, os psicólogos organizacionais são desafiados a integrar conhecimentos técnicos, estratégicos e políticos em suas práticas. Abordagem a qual corresponde, em grande parte, às determinações modernas e orienta sua tarefa pela análise, mensuração e controle do comportamento humano, abarcada pelas demandas de produtividade e assentes em teorias acerca desse comportamento. Com esse objetivo, pode-se acompanhar Ferreira e Abbad (2014), por exemplo, quando compartilham a importância do levantamento de necessidades e seu alinhamento aos objetivos estratégicos da organização.

A Psicologia Organizacional, também chamada de comportamento organizacional, estuda como as pessoas se comportam no ambiente de trabalho. Seu objetivo é compreender as interações individuais, em grupo e dentro da empresa. Desse modo, para Santos e Caldeira (2015), o profissional que atua nesta área exerce a função de avaliar a empresa. Nesse contexto, analisa seu ambiente e suas equipes de colaboradores com o papel crucial na identificação de problemas, possíveis falhas de desencontros nas organizações. , assim impactando na melhoria da qualidade de vida e na relação dos indivíduos.

O DO sistêmico na psicologia, tema central do presente trabalho, é uma abordagem que analisa a organização como um todo, considerando suas interações internas e externas, estruturas, processos e a cultura organizacional. Conforme Gomes *et al.* (2014), essa perspectiva busca entender como diferentes elementos do sistema organizacional se relacionam e impactam o desempenho e o bem-estar dos colaboradores. Essa perspectiva tem como fundamento a teoria dos sistemas, pois enfatiza que a mudança em uma parte do sistema pode influenciar outras partes. Assim, a análise, segundo Gomes *et al.* (2014), envolve a coleta de dados por meio de entrevistas, questionários, observações e análises de documentos, permitindo identificar problemas, potencialidades e dinâmicas que afetam a organização.

O departamento de recursos humanos ou gestão de pessoas continua sendo o principal setor onde a Psicologia atua nas organizações. No entanto, a Psicologia Organizacional tem expandido sua influência para outros setores, com exemplos

como: programas de fortalecimento pessoal e motivacional, programas de qualidade de vida, plano de carreira e flexibilidade de horário. Além disso, Camargo (2014) destaca que ações de suporte, como orientação para o equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, e atendimento psicológico, são realizadas para lidar com problemas que afetam o bem-estar dos trabalhadores dentro e fora do ambiente de trabalho.

Não obstante, o DO leva em conta os aspectos sociais, culturais e ambientais que cercam a organização, reconhecendo a importância da comunicação, liderança e relacionamentos interpessoais. Isso resulta em uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pela organização, uma vez que, segundo Zanelli, Bastos e Rodrigues (2014), permite a elaboração de propostas que promovam mudanças eficazes e sustentáveis, alinhadas aos objetivos da empresa e ao desenvolvimento humano.

Com essa base, o problema a ser respondido é “Como o diagnóstico Organizacional Sistêmico pode contribuir para identificar problemas e potencialidades nas organizações, promovendo a integração, o bem-estar dos colaboradores e o desempenho organizacional?” O estudo justifica-se por reconhecer nos conceitos e práticas do DOS e na sua aproximação com a Psicologia Organizacional um vasto campo de atuação profissional do psicólogo para atender demandas atuais do mundo corporativo (pressão no trabalho, competitividade, jornadas extensas, rotinas estressantes e outras). Nesse sentido, observa-se a relevância do assunto na importância da ferramenta DO em empresas e organizações que, uma vez inserida na cultura organizacional, contribui para compreender o funcionamento de processos e seus impactos psicossociais, direcionada à qualidade de vida, à saúde e ao bem-estar do trabalhador, individual e/ou coletivamente.

O objetivo geral desta pesquisa é explorar de que forma o DOS contribui para a compreensão e melhoria das dinâmicas organizacionais entre o bem-estar dos colaboradores e os objetivos empresariais. Quanto aos objetivos específicos constam de: realizar uma pesquisa bibliográfica levantando a história do DOS e seus principais conceitos; investigar a origem e conceitos principais da teoria sistêmica e suas utilizações no DO; pesquisar como ocorre o processo de DOS no campo da Psicologia Organizacional.

2 AS ORGANIZAÇÕES E A PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

A Psicologia Organizacional é uma área que atua muito próxima do campo da administração. Esta, por sua vez, conforme Bastos (2014), Gurka e Nogueira (2022) se apoia em diversas ciências, como psicologia, sociologia e economia, para explicar os fenômenos organizacionais e desenvolver práticas de gestão de recursos e pessoas. Embora a estrutura física das organizações seja amplamente reconhecida, essa visão é reducionista, pois desconsidera aspectos sociais e históricos importantes. As organizações, formais ou informais, são voltadas para atingir objetivos específicos, o que exige a gestão de recursos, coordenação de esforços e o alinhamento em torno de valores e crenças compartilhados. Correspondendo assim, em grande parte, às determinações modernas e orienta sua tarefa pela análise, mensuração e controle do comportamento humano, abarcada pelas demandas de produtividade e assentes em teorias acerca desse comportamento. Com esse objetivo, pode-se acompanhar Ferreira e Abbad (2014), por exemplo, quando compartilham a importância do levantamento de necessidades de treinamento e seu alinhamento aos objetivos estratégicos da organização.

Conforme Zanelli, Bastos e Rodrigues (2014), o papel do psicólogo organizacional pode ser dividido em três aspectos principais: técnico, estratégico e político, que variam em função da complexidade e profundidade do trabalho. No nível técnico, o psicólogo utiliza ferramentas e procedimentos reconhecidos, realizando atividades de forma sistemática, conforme diretrizes previamente estabelecidas; no aspecto estratégico, integra a equipe responsável pela formulação das táticas de ação, enquanto no âmbito político, participa da elaboração de políticas organizacionais, assegurando que as ações nos níveis técnico e estratégico sejam coerentes e integradas.

O foco de interesse em compreender e lidar com as questões que relacionam o comportamento humano e o trabalho (emprego e/ou tarefas) constitui o campo denominado Psicologia do Trabalho, que, entre vários outros objetos de investigação e de intervenção, estuda a natureza dos processos de organização do trabalho e seus impactos psicossociais, especialmente sobre a qualidade de vida e a saúde do trabalhador, tanto individual quanto coletivamente (Zanelli; Bastos; Rodrigues, 2014, p.562).

Na gestão de pessoas, é essencial o planejamento e controle dos recursos humanos. O planejamento deve abranger a condução de mudanças nas políticas de pessoal, o planejamento de carreira e a administração de conflitos, além da análise

do cenário organizacional. Zanelli, Bastos e Rodrigues (2014), salientam que para um controle eficaz, é necessário ter conhecimento das técnicas apropriadas, da legislação vigente, do comportamento humano e das habilidades interpessoais, além de compreender os fatores motivacionais que incentivam o desempenho.

Conforme tratado na dissertação de Tolfo *et al.* (2024) as “intervenções em Psicologia das Organizações e do Trabalho (POT) vão do diagnóstico à devolução dos resultados” Sociedade Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho (2020 apud Tolf, 2024, p.91). Tais intervenções implicam a consideração de diferentes níveis de análise, que podem ser classificados em micro, meso e macro organizacionais, ou ainda em individual, grupal, social e governamental conforme Gondim, Borges-Andrade e Bastos (2010, apud Tolfo *et al.*, 2024).

Ao explorar a área da POT, Tolfo *et al.* (2024) salienta que é possível observar características como a utilização de abordagens multidisciplinares e interdisciplinares, as tensões contínuas entre a compreensão dos processos psicológicos e a resolução de problemas organizacionais, e a necessidade de abranger os múltiplos níveis de análise e intervenção envolvidos. Nesse contexto, surgem algumas dificuldades, como a escassez da comunidade científica na área e a desconexão entre as questões práticas enfrentadas pelos psicólogos e a produção de conhecimento científico que fundamenta as intervenções. Isso resulta na constatação de que a falta de respaldo científico aumenta a probabilidade de se adotar tendências passageiras.

Ainda de acordo com Tolfo *et al.* (2024) uma parte fundamental das intervenções profissionais em POT envolve a identificação de situações-problema relacionadas à política, à estrutura organizacional, aos procedimentos e métodos, além dos subsistemas organizacionais, como a gestão de pessoas, e às equipes e/ou indivíduos. O objetivo é orientar ações específicas e apoiar a implementação dessas recomendações.

Normalmente, a primeira etapa na definição da situação-problema é a realização de DO, que pode ser aplicado a um grupo ou setor específico. Em seguida, ocorre o planejamento da intervenção, sua execução e a avaliação dos resultados. Em Silva (2019 apud Tolfo *et al.*, 2024), o diagnóstico geralmente abrange as seguintes etapas: contatos preliminares para definir os objetivos, expectativas e acordos; identificação de problemas, com uso de procedimentos pertinentes, como neste caso; elaboração de alternativas para coletar dados; planos iniciais de ação das atividades de análise; execução das ações; avaliação, de modo sistemático, e suporte

para, se for o caso, alterar os cursos de ação identificados pelo uso de técnicas e sugestões.

Para desenvolver suas estratégias, Goulart Júnior *et al.* (2014) reforçam que a organização deve considerar não apenas fatores internos, como a qualidade de seus produtos e o aumento da produção, mas também fatores externos, buscando cada vez mais flexibilidade e adaptação à economia globalizada. Uma organização com uma forte atuação implementa melhorias contínuas com o objetivo de elevar seu desempenho, bem como o bem-estar e a satisfação de seus colaboradores.

Sendo assim, observa-se em Melo *et al.* (2015) e em Noe (2015) que o desenvolvimento de pessoas, comumente realizados mediante etapas pré definidas e planejadas, iniciando pelo levantamento de necessidades, geralmente baseado em objetivos estratégicos da organização passando por esboço até a execução em que verificará o nível em que alcançou o objetivo proposto no levantamento inicial.

Abreu e Melo (2019) consideram que o processo de qualificar pessoas nas organizações parece apresentar uma única direção, que é a de realizar um modo calculado e planejado. Desse modo, visam tomar o comportamento humano com o serviço a um objetivo a ser traçado, desenvolvendo a produtividade incessante.

É nesse cenário organizacional sistêmico que a psicologia analisa a organização como um todo, considerando suas interações internas e externas, estruturas, processos e cultura. Essa abordagem, segundo Goulart Júnior *et al.* (2014) utiliza diversas fontes de dados, como entrevistas, questionários e observações, para identificar tanto problemas quanto potencialidades da organização.

Goulart Júnior *et al.* (2014), a cultura organizacional é central para essa análise, permitindo entender resistências a mudanças e áreas a serem reforçadas. Com base nos DO, psicólogos organizacionais podem propor intervenções estratégicas, como desenvolvimento de liderança e capacitação, além de monitorar e avaliar a eficácia dessas ações. O foco também está no bem-estar dos colaboradores e na adaptação ao contexto externo, garantindo que a organização se mantenha saudável, produtiva e competitiva.

Para Abreu e Melo (2019) não há dúvida em consonância com as reflexões de Heidegger sobre o modo de pensar contemporâneo e defendem que a psicologia aplica no campo organizacional o pensamento pragmático, positivista, em que as relações se estabelecem pela natureza da eficiência, de modo que toda e qualquer ação esteja vinculada a resultados tangíveis e mensuráveis. O artigo de Silva e

Cardoso (2024) "A Percepção de Graduandos sobre a Psicologia Organizacional e do Trabalho", explora as percepções de 100 estudantes de Psicologia de duas instituições de ensino superior (uma pública e uma privada) sobre a área de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT).

A referida pesquisa revela que a maioria dos alunos do primeiro ano tem pouco conhecimento sobre a POT, enquanto os do quinto ano valorizam mais a área. O estudo também aponta uma maior disposição dos alunos da universidade privada para trabalhar nessa área. Além disso, as respostas dos alunos do quinto ano indicaram que a experiência acadêmica impactou positivamente suas opiniões sobre a POT. Em termos de resultados qualitativos da pesquisa supracitada, os estudantes destacaram temas como mediação de relações interpessoais, recrutamento e seleção, e promoção da saúde do trabalhador como papéis importantes do psicólogo organizacional. No entanto, alguns alunos mantêm percepções negativas, vendo a área como limitada pela estrutura empresarial. O estudo aponta que a formação acadêmica tem o potencial de alterar percepções e aumentar o reconhecimento da importância desta área.

3 O DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL SISTÊMICO

O Pensamento Sistêmico, amplamente difundido em diversas áreas do conhecimento, teve seu desenvolvimento teórico e reconhecimento na primeira metade do século XX, com bases formuladas nas décadas de 1930 e 1940. No entanto, de acordo com Gomes *et al.* (2014), a transição do paradigma mecanicista para o ecológico tem ocorrido de forma gradual e não linear ao longo dos séculos. Embora seus conceitos principais sejam conhecidos, aspectos históricos e epistemológicos dessa teoria são pouco explorados em artigos científicos.

Dentre as teorias da Teoria Sistêmica trazida por Gomes *et al.* (2014) cumpre destacar a substituição do pensamento Mecanicista pelo Organicismo, emergiu especialmente como uma oposição ao mecanicismo, afirmando que as propriedades de um organismo surgem das interações entre suas partes, influenciando o desenvolvimento do pensamento sistêmico. Ressaltam ainda, Gomes *et al.* (2014), em relação a Teoria Sistêmica no contexto da Psicologia Clínica, que a partir da década de 1940 aquela ganhou força ao criticar o foco intrapsíquico da Psicanálise, propondo um enfoque de inter-relações. A abordagem sistêmica passou a influenciar a terapia familiar, vendo a família como um sistema complexo de subsistemas

interdependentes. Na saúde, essa perspectiva favorece uma atuação interdisciplinar e contextualizada, com foco no bem-estar e na mediação de conflitos familiares.

Nesse contexto, Gomes *et al.* (2014, p.14) chamam a atenção para o fato de que “[...] o Pensamento Sistêmico pode funcionar como uma base para o profissional refletir, flexibilizar e contextualizar suas práticas, possibilitando que as mesmas respondam de forma eficiente às demandas da atenção básica”.

De modo geral, Goulart Júnior *et al.* (2014) destacam que cumpre ao assunto relevante da tarefa de pormenorizar macroestruturas, sejam elas familiares ou empresariais, com objetivo de localizar possíveis desencontros na atuação, e estabelecer um propósito, seja de crescimento ou apenas manutenção.

Um exemplo de macroestrutura pormenorizada para análise organizacional são as grandes empresas sob liderança familiar. Peçanha (2013) trata da dinâmica de comunicação em empresas familiares, destacando como a confusão entre os papéis familiares (pai e filho) e os empresariais (chefe e empregado) pode gerar disfunções, especialmente uma comunicação cruzada. Essas disfunções são analisadas sob a ótica da teoria sistêmica, que vê os sistemas como interligados e influenciando-se mutuamente.

Em outras palavras, a teoria organizacional é importante para diferenciar decisões movidas por interesses profissionais e interesses pessoais, em especial nas empresas familiares onde as duas figuras se cruzam. A comunicação cruzada ocorre quando membros da família se comunicam em um contexto empresarial usando papéis familiares, ou vice-versa, o que pode gerar mal-entendido e conflitos.

Em Peçanha (2013), a teoria sistêmica consiste na abordagem que enxerga os sistemas como compostos por elementos interdependentes, onde uma mudança em uma parte afeta às demais, e o sistema busca um equilíbrio (homeostase). A retroalimentação é o processo no qual os efeitos de uma mudança em um subsistema (como a chefia) afetam outros subsistemas (como os funcionários), influenciando o sistema como um todo. A individuação, no entanto, refere-se ao desenvolvimento de indivíduos autônomos dentro da empresa familiar. A falta de individuação pode levar a comportamentos disfuncionais, especialmente quando há proximidade excessiva entre membros.

Em gestão de pessoas, é fundamental planejar e controlar os recursos humanos. O planejamento envolve a condução de mudanças nas políticas de pessoas, no planejamento de carreira e na administração de conflitos, além da

interpretação do cenário organizacional. Correspondente ao treinamento e desenvolvimento, se referem ao investimento na produtividade dos trabalhadores. De forma específica, embora inseridos em uma mesma dimensão conceptual. Noe (2015, p.6) que se refere ao termo 'treinamento' como o empenho planejado de uma organização para facultar os conhecimentos e habilidades necessárias em suas tarefas do dia a dia.

Inquestionavelmente, empresas, sejam elas familiares ou não, que estimulam a visão sistêmica, o domínio pessoal, modelos mentais, a visão compartilhada e a aprendizagem em grupo, de acordo com Campos (2014) constituem organizações de sucesso.

Gerir pessoas em contextos de trabalho significa lidar com os fatores que afetam as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores. Para Noe (2015) identificar esses fatores não implica controlar seus comportamentos, mas sim criar as melhores condições para a realização de cada atividade, desenvolver as competências necessárias, motivar os trabalhadores e disponibilizar os recursos e estruturas essenciais, assim sendo possível ser aplicado de forma correta e estratégica.

Alinhar o trabalho desenvolvido por um psicólogo organizacional e um profissional responsável por administrar as ações dos funcionários deve reconhecer que cada indivíduo possui uma história de vida que molda seus valores, crenças e expectativas, além de ser influenciado pelo ambiente. Analisar as consequências das ações pode ajudar a entender quais condições favorecem determinados padrões de comportamento. Antes de treinar os funcionários em habilidades específicas, é fundamental definir os objetivos organizacionais, pois esses guiarão a organização em direção ao resultado desejado.

Em suma, se bem conduzido pode ser fundamental para o desenvolvimento estratégico e a sustentabilidade a longo prazo de uma organização. De modo a evitar situações de conflito em um ambiente social objetivado à produção material ou social, qual seja, uma empresa.

4 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho constitui-se de pesquisa predominantemente bibliográfica, ou seja, conforme Souza e Ilkiu (2023), segue uma

forma rigorosa e padronizada para reunir e analisar artigos e matérias já publicadas, sintetizando o assunto do tema escolhido.

Portanto, a busca foi realizada de forma online e os descritores utilizados foram: Psicologia Organizacional; Planejamento estratégico; Diagnóstico sistêmico; Teoria organizacional. As fontes consultadas foram *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico.

Os critérios de inclusão foram: artigos publicados em língua portuguesa, completos e com recorte temporal entre 2002 e 2024. Foram identificados 23 estudos dos quais aplicados os critérios de inclusão foram selecionados nove artigos. O material foi então lido e analisado para elaboração da discussão.

No tocante à abordagem, a pesquisa é exploratória, uma vez que busca explorar direções temáticas que ainda não estão claramente definidas.

Possui também natureza qualitativa, visto que, leva em consideração aspectos subjetivos, não passíveis de expressão numérica. Ou seja, que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo explícito, ou a construir hipóteses.

Os artigos citados neste trabalho possuem autores da área da Psicologia e da Administração. Os métodos utilizados nos artigos são tanto exploratórios quanto de campo, pesquisas a qual foi desenvolvida em uma empresa privada. É importante ressaltar que nesta pesquisa artigos de diagnóstico organizacional sistêmico também foram utilizados como, por exemplo, o artigo “As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo”.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados (Quadro 1) obtidos para a discussão desta proposta compõem os resultados da pesquisa e estão dispostos na sequência.

Quadro 1 – Informações pertinentes às titularidades dos artigos

Autor(es)	Ano de publicação	Título do artigo
Abreu e Melo	2019	Psicologia Organizacional
Borges e Yamamoto	2014	Entre a técnica e a possibilidade de atuação do psicólogo nas organizações
Campos	2014	Mundo do trabalho construção histórica e desafios contemporâneos
Ferreira e Abbad	2014	Avaliação de necessidades de treinamento no trabalho
Gomes <i>et al.</i>	2014	As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo
Silva e Cardoso	2024	A Percepção de Graduandos sobre a Psicologia Organizacional e do Trabalho
Peçanha	2013	Da família à empresa, metodologia para diagnóstico e intervenção sistêmico-psicodinâmica
Tolfo <i>et al.</i>	2024	Relações interpessoais e assédio moral: relato de um diagnóstico em uma organização
Zanelli, Bastos e Rodrigues	2014	Campo profissional do psicólogo em organizações e no trabalho

Fonte: A autora (2024).

Tendo em vista de que o objetivo geral é explorar de que forma o DOS contribui para a compreensão e melhoria das dinâmicas organizacionais entre o bem-estar dos colaboradores e os objetivos empresariais, enquanto os objetivos específicos contribuíram para compreender os principais conceitos da teoria sistêmica e suas utilizações no DO, bem como a ocorrência do processo de DOS no campo da Psicologia Organizacional, obteve-se que para Abreu e Melo (2019), o psicólogo pode ocupar melhor o espaço nas organizações de trabalho a partir do uso de técnicas capazes, não apenas de identificar problemas, mas também e principalmente de propor intervenções estratégicas para valorização do capital humano e alcance dos objetivos individuais e coletivos. Nesse sentido, reforçam que os resultados devem ser plausíveis e mensuráveis.

Na mesma direção, Ferreira e Abbad (2014) concordam que a Psicologia Organizacional implica em análise, mensuração e controle do comportamento humano, uma vez que é influenciada pelas demandas da produtividade. De forma complementar, as observações e conclusões de Abreu e Melo (2019) chamam a atenção para relevância do levantamento das necessidades dos trabalhadores, treinamento e harmonização com os objetivos estratégicos da organização.

Quando se trata de treinamento, o respaldo também está em Campos (2014) ao se referir à importância do conhecimento, teoria e prática, para o desenvolvimento das habilidades. Estas, uma vez desenvolvidas e aprimoradas oferecem segurança ao desempenho das funções. Além disso, reforça o empenho e o esforço planejado da organização.

Observa-se que esse comportamento ao ser inserido na cultura organizacional torna-se fundamental para que o trabalhador se empenhe em suas atividades com perspectivas de alcançar melhores posições no futuro. Reforçam esse posicionamento Campos (2014), Zanella, Bastos e Rodrigues (2014).

Numa abordagem bem próxima ao exposto, porém com aspectos mais detalhados Tolfo *et al.* (2024) evidenciam que o grande desafio do gestores nas organizações contemporâneas é a necessidade de indivíduos dispostos e motivados a alcançar os objetivos da empresa e os próprios objetivos individuais e, nesse âmbito, aos profissionais de gestão e psicologia cabe coordenar as relações interpessoais. Borges e Yamamoto (2014) ressaltam a importância das dinâmicas para a melhoria quanto adaptação, melhoria de performance e desenvolvimento. Não obstante, reforçam o trabalho dos psicólogos em relação às intervenções necessárias e adequadas para prevenção de dificuldades e/ou de problemas de ordem psicológica e, conseqüentemente a contenção da repercussão destes para os trabalhadores, equipes e para própria organização.

Ao encontro das abordagens e resultados obtidos no decorrer deste estudo Gomes *et al.* (2014) concordam com Peçanha (2013) que, ao abordar o desafio científico no desenvolvimento de métodos e instrumentos capazes de melhorar a saúde organizacional, discorrem acerca de metodologias e intervenção sistêmica psico-dinâmica para compreender os processos organizacionais e a partir desse entendimento incluir e aplicar instrumentos capazes de oferecer diagnósticos mais precisos para intervenções mais assertivas.

O desenvolvimento de ações estratégicas é reconhecido como essencial para alcançar objetivos organizacionais e promover mudanças quando aplicadas. Silva e Cardoso (2024), Zanelli, Bastos e Rodrigues (2014), sugerem o planejamento estratégico é um processo de mudança organizacional que envolve a análise do ambiente externo e a situação interna da organização, com o objetivo de definir sua missão, metas e estratégias a serem implementadas em determinado período. É uma ferramenta essencial para o desenvolvimento organizacional, caracterizando-se por

ser participativo e democrático, engajando o coletivo da organização. O processo é dividido em dois níveis: o estratégico, focado em decisões políticas de longo prazo, e o operacional, que detalha as ações práticas e suas execuções.

Além disso, Silva e Cardoso (2024) Zanelli, Bastos e Rodrigues (2014) defendem que o objetivo da ação da Psicologia Organizacional é contribuir com os gestores das organizações para a promoção de ambientes saudáveis e produtivos nos quais as necessidades do trabalhador e da empresa são supridos.

De modo geral, compreendeu-se a partir dos resultados alcançados que a Psicologia contribui diretamente para a criação de um ambiente de trabalho saudável quando engaja os trabalhadores no planejamento e execução das atividades, realizando processos como treinamento, liderança, avaliação de desempenho e motivação. Assim favorece o bem-estar, o crescimento profissional, a resolução de conflitos e a produtividade.

Há também que se levar em conta que um diagnóstico organizacional sistêmico bem estruturado que considere a dimensão humana é crucial para o desenvolvimento estratégico e a sustentabilidade a longo prazo, especialmente em ambientes como empresas familiares. A Psicologia Organizacional, ao oferecer suporte em áreas como o manejo do estresse e a melhoria do clima organizacional, desempenha um papel vital na promoção de um ambiente de trabalho mais produtivo e saudável, alinhado às necessidades tanto da organização quanto dos trabalhadores. Além disso, a adoção de uma visão sistêmica permite que as organizações se tornem mais adaptáveis e resilientes em um contexto econômico e social de constante mudança. O reconhecimento da complexidade das relações interpessoais e a integração das diversas áreas de atuação do psicólogo organizacional são cruciais para a promoção de uma cultura organizacional saudável e produtiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os pontos abordados evidenciam a importância do diagnóstico organizacional sistêmico na compreensão e melhoria das dinâmicas que permeiam as organizações contemporâneas. Ao integrar perspectivas psicológicas, sociológicas e administrativas, é possível perceber que o comportamento humano e as interações sociais são fundamentais para o sucesso organizacional. As estratégias de gestão devem ser fundamentadas em uma abordagem participativa, que considere as

necessidades e potencialidades dos colaboradores, promovendo não apenas o desenvolvimento de habilidades, mas também o bem-estar no ambiente de trabalho.

Portanto, um diagnóstico eficaz não só identifica problemas, mas também possibilita o desenho de intervenções estratégicas que podem guiar as organizações em direção a um futuro sustentável e colaborativo, onde o valor humano é central para a realização dos objetivos coletivos. Assim, é necessário renovar estratégias, superar visões, e modificar atitudes para obter melhores resultados, formas de produção, gestão e organização, além de proporcionar um clima organizacional melhor para que se tenham profissionais satisfeitos no seu ambiente de trabalho. Ao adotar uma abordagem sistêmica e psicodinâmica, os psicólogos organizacionais são capazes de integrar as dimensões individuais e coletivas, facilitando a adaptação dos colaboradores e promovendo um alinhamento entre os objetivos pessoais e corporativos. Dessa forma os desafios e potencialidades não só são identificados, mas também geram soluções que impactam positivamente no bem-estar e desempenho dos indivíduos e das organizações.

Por fim, o mesmo é essencial para o desenvolvimento de um ambiente de trabalho equilibrado e produtivo, atuando de forma estratégica na compreensão e intervenção dos fatores que influenciam o comportamento humano dentro das organizações.

REFERÊNCIAS

ABREU, C.C.; MELO, S. F. Entre a técnica e a técnica: possibilidades de atuação do psicólogo nas organizações. 2019. **Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica**, XXV, n. 1, p. 83-90. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6798984>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 25-73.

CAMPOS, D. de C. **Psicologia Organizacional**. 3. ed. rev. ampl. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2014. 115 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/603958/2/Psicologia%20Organizacional.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

FERREIRA, R. R.; ABBAD, G. S. Avaliação de necessidades de treinamento no trabalho: ensaio de um método prospectivo. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 01-17, 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572014000100002. Acesso em: 27 nov. 2024.

GOMES, L. B.; *et al.* As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 2, p. 3-16, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

GOULART JÚNIOR, E. *et al.* O diagnóstico organizacional como uma ação estratégica de gestão de pessoas. **Caderno de Administração**, Bauru, v. 22, n. 1, p. 66-83, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/23896>. Acesso em: 27 nov. 2024.

GURKA, D. P. Q.; NOGUEIRA, M. S. **O papel do psicólogo organizacional: a evolução do saber e da prática dentro da organização**. Acesso em: 27 de nov. 2024.

MELO, P. A. A. *et al.* **Aprendizagem e desenvolvimento de pessoas**. Rio de Janeiro, 2015.

NOE, R. A. **Treinamento e desenvolvimento de pessoas**. Rio de Janeiro, McGraw-Hill, 2015.

SILVA, L. A. de T.; CARDOSO, H. F. A Percepção de Graduandos sobre a Psicologia Organizacional e do Trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, 2024. Disponível em: <http://www.scielo.br/pcp>. Acesso em: 28 set. 2024.

PEÇANHA, D. L. Da família à empresa: metodologia para diagnóstico e intervenção sistêmico-psicodinâmica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 33, n. 85, p. 465-486, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94629531016>. Acesso em: 30 set. 2024.

SOUZA, A. V.; ILKIU, G. S. de M. **Manual de Normas Técnicas para Trabalhos Acadêmicos**. 2. ed. União da Vitória: UGV - Centro Universitário, 2023. Disponível em: <https://uniao.UGV.edu.br/content/uploads/2023/11/Manual-de-Normas-Tecnicas-paraTrabalhos-Academicos-Coligadas-UB.pdf> Acesso em: 14 out. 2024.

TOLFO, S. da R. *et al.* **Relações interpessoais e assédio moral: relato de um diagnóstico em uma organização**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, São Paulo, v. 44, n. 106, p. 88-99, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20240007>. Acesso em: 28 set. 2024.

ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B.; RODRIGUES, A. C. de A. Campo profissional do psicólogo em organizações e no trabalho (Orgs.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 550-565.

SAÚDE MENTAL DOCENTE: IMPACTOS, CAUSAS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Isadora Cichella Marconato¹Mayara Trojan²Pamela Aparecida Orgecoski³João Matheus de Souza⁴

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar propostas de intervenções para uma possível melhora da saúde mental dos professores por meio de atividades mantenedoras de motivação, autoestima e autoconfiança. Discutir os aspectos e fatores que prejudicam a saúde física e mental dos docentes e quais atitudes podem ser realizadas para mitigar os avanços desses malefícios na vida desses profissionais e de suas atividades laborais. Tratando de temas como a função social da escola e do professor por meio de suas práticas e quais suas influências sociais. A saúde mental dos professores é um tópico que deve ser observado com uma nova perspectiva. O método utilizado para a pesquisa foi a coleta de dados qualitativos por meio de observações não participantes, e o desenvolvimento da argumentação foi realizado com base bibliográfica, encontrada no google acadêmico. A pesquisa culminou na elaboração de cinco propostas de intervenção nas temáticas da saúde mental; emoções; comunicação assertiva; liderança e direitos.

Palavras-chave: Psicologia escolar. Escola. Saúde mental. Função social dos professores.

ABSTRACT: This article aims to present proposals for interventions to improve teachers' mental health through activities that maintain motivation, self-esteem, and self-confidence. It discusses the aspects and factors that harm teachers' physical and mental health and what actions can be taken to mitigate the advances of these harms in the lives of these professionals and their work activities. It addresses topics such as the social function of schools and teachers through their practices and their social influences. Teachers' mental health is a topic that should be observed from a new perspective. The method used for the research was the collection of qualitative data through non-participant observations, and the development of the argument was carried out based on bibliographical data found on Google Scholar. The research culminated in the elaboration of five intervention proposals on the themes of mental health; emotions; assertive communication; leadership; and rights.

Keywords: School psychology. School. Mental health. Social function of teachers.

1 INTRODUÇÃO

A função do professor é um dos pilares da educação, mas também é uma das profissões mais estressantes, seja por suas longas jornadas, condições de trabalho, ou a dificuldade que enfrentam frente aos responsáveis das crianças que colocam todo peso do sucesso de seus filhos sob o educador, que sente a pressão por resultados, sendo que muitas vezes se depara com a necessidade de trabalhar em mais de uma escola e com turmas diversas. Além de que sua profissão vai muito além

¹ Graduanda em Psicologia pela UGV Centro Universitário - E-mail: psi-isadoramarconato@ugv.edu.br

² Graduanda em Psicologia pela UGV Centro Universitário - E-mail: psi-mayaratrojan@ugv.edu.br

³ Graduanda em Psicologia pela UGV Centro Universitário - E-mail: psi-pamelaorgecoski@ugv.edu.br

⁴ Psicólogo (CRP 08/38529), Pós-graduado em Psicologia do Esporte. Docente no curso de Psicologia da UGV Centro Universitário - E-mail: prof_joaosouza@ugv.edu.br

da aplicação de seus conhecimentos, eles lidam diretamente com indivíduos em desenvolvimento com suas peculiaridades e demandas (Souza; Leite, 2011).

Realidade que impõe vários desafios aos docentes, influenciando diretamente em sua saúde mental, o que pode acarretar estresse, esgotamento físico e mental, o que impacta não somente em si, mas também na eficácia de seus ensinamentos e também no exemplo de comportamento que estará induzindo aos alunos, que podem vir a reproduzi-los, visto que não só espelham seus bons modos com o do professor, mas também as atitudes não tão saudáveis. Sendo o clima das salas de aula mediado pelo emocional do educador, por isso práticas que promovem a saúde mental nos centros de ensino não se trata de algo a ser analisado, mas sim posto em prática, frente a necessidade de algo ser feito, sendo algo a ser olhado com seriedade e cuidado (Laufer, 2022).

Por esse motivo, o presente artigo busca olhar para essa área e dar credibilidade a função e aos desafios presentes nessa área de atuação, com ênfase na saúde mental de seus colaboradores, buscando estratégias que possam minimizar o estresse e tornar o ambiente de trabalho um local que se atende ao que é essencial ao bem estar dos envolvidos, contemplando que essas estratégias não buscam uma mudança de momento, mas também a longo prazo, já que professores que chegam a seus limites tendem a se desencantar pelo que fazem, e abandonaram seus cargos por não aguentarem mais. Destacando mais uma vez, a importância dos docentes reconhecerem seus limites, visto que o contexto em que estão inseridos exige cada vez mais deles (Souza; Leite, 2011).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A escola se caracteriza como um local criado para o repasse de conhecimentos socialmente benéficos, de acordo com o que é socialmente aceito em determinado tempo e cultura. Durante os últimos 25 anos a escola, como instituição vem passando por diversos novos desafios, pois a sociedade vivenciada na atualidade vem se transformando de forma bastante acelerada. A escola sempre trabalhou com outra instituição, a família, mas, com as mudanças sociais, a instituição de ensino ainda ganha mais um papel, que antes era reservado apenas a família (Viana, 2000).

A educação vai muito além do só ensinar o que dizem os livros, ou do que o professor tem em seu currículo. Para que em certas circunstâncias o entendimento se perpetue uma relação entre as partes precisa ser criada, o educador é uma peça-

chave dessa dinâmica, pois é ele quem dá a direção para uma educação positiva, inclusiva e verdadeiramente efetiva, mas não só dele ou de seus ensinamentos se faz o ensino. As instituições tendem a se atentar muito ao levar conhecimento e depositar isso na criança, mas esquecem da devida importância a ser depositada no bem-estar, em possíveis problemas cognitivos ou psicológicos da criança, por isso é importante que haja afetividade entre os presentes, para que coisas que não são nitidamente expostas possam receber sua devida atenção (De Paula; Faria, 2010).

De acordo com Schnetzler (1992), a educação deve ser um processo construtivista, com o professor sendo sensível às interpretações dos alunos, onde o clima da sala de aula possa ser amigável e respeitoso, onde esses devem ter o espaço para explicitar suas ideias, conhecimentos, auxiliando em seus processos de aprendizagem, onde o papel do professor seria o de auxiliar a construção do conhecimento.

O papel social dos professores é bem amplo quando se trata da socialização e formação social dos alunos, onde o educador não pode ser resumido a um mero transmissor de conhecimentos, mas um influenciador de personalidade e cultura, onde é percebido que o professor deve sempre estar cuidando de si e de sua saúde mental, tendo clareza de seus pontos de vista e falhas, pois o mesmo é sujeito a erros, e sendo uma referência para as crianças pode as influir a repeti-los (Laufer, 2022).

É comum que a condição de trabalho dos professores cause estresse nesses educadores, afetando suas saúdes físicas e emocionais. Sendo alguns desses fatores: a falta de recursos, a carga excessiva de trabalho, muita burocracia, pouco reconhecimento, e em algumas escolas, ainda há situações de violência dos estudantes para com os professores, tornando os trabalhos dos mesmos ainda mais desafiadores. Um dos principais fatores que mantêm o profissional que sofre com todas essas mazelas, é a motivação, quando um está professor motivado há uma diminuição nos fatores estressantes, onde pode ser esperado que a qualidade de ensino melhore (Aguillera; Vale, 2016).

Segundo Amorim *et al.* (2013), grande parte dos problemas de saúde dos professores são reflexos de seus locais e condições de trabalho, como o ruído excessivo, temperatura, poeira, a grande quantidade de alunos e os intensos turnos de trabalho. Na percepção dos professores entrevistados esses são alguns dos fatores que afetam a saúde, tanto física quanto mental dos mesmos e ocasionam cada vez mais condições que afetam seu cotidiano e seu trabalho (Amorim *et al.*, 2013).

3 MÉTODO

O presente artigo foi elaborado com os métodos de pesquisa aplicada, bibliográfica, de campo e qualitativa com o objetivo de observar, criar intervenções para serem aplicadas com os professores. O mesmo foi produzido para a disciplina Estágio Básico III que compõe a grade do curso de psicologia da UGV Centro Universitário. A proposta deste artigo visa facilitar a compreensão dos professores sobre saúde mental e os fatores estressores que cerceiam sua profissão, já que, segundo Diehl e Marin (2016), o burnout e o estresse são os principais motivos de adoecimento e afastamento do trabalho dos docentes, sendo assim de suma importância o tema referido.

A pesquisa se desenvolve, em um primeiro momento, a partir de observações assistemáticas, em equipe e de maneira não-participante, em uma Escola Municipal de um município da região Sul do Paraná, com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, que conta com alunos de aproximadamente 10 anos. Na escola em questão, inicialmente foram observados comportamentos mais gerais, a fim de estabelecer o foco principal de observação, partindo do aparecimento dos fenômenos em sua cotidianidade. Após este primeiro momento da coleta de dados em campo, o foco da observação foi destinado para os comportamentos da professora regente da classe, pois percebeu-se que uma demanda relacionada a docência emergia para as observadoras. Ainda que a ênfase das observações tenha se direcionado à professora, se faz inapropriado deixar de lado a observação do restante da sala, pois, segundo Altet (2017), o ambiente social influencia as atividades em sala de aula, sendo diversos os fatores que agem nas relações, como: o envolvimento do aluno na tarefa, a forma que o professor interage com a turma.

As observações foram feitas de modo não participante e qualitativa, ou seja, as autoras não interferiram no ambiente observado e apenas coletaram informações de forma flexível. As observações culminaram para a montagem das propostas de intervenção, que seria a segunda etapa da pesquisa. Estas propostas interventivas foram construídas com base na literatura científica já publicada na temática.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 11 de março de 2025 e 08 de abril de 2025, contando com cinco observações com duração de uma hora cada. Todos os dados coletados foram discutidos e estudados pelas autoras, e, por intermédio do professor orientador, as propostas de intervenção foram construídas. Essas

intervenções têm como objetivo ajudar no bem-estar e na saúde mental dos professores, que foram os dados que mais chamaram a atenção nas idas a campo, onde foi constatado a necessidade de intervenções para a manutenção da saúde mental dos docentes.

A pesquisa envolve princípios éticos fundamentais, pautados no respeito e cuidado que o tema exige, contemplando a beneficência aos participantes, buscando estratégias que evitem danos ou sofrimento. Garantindo o livre acesso dos participantes a informações que lhes dizem respeito, incluindo os objetivos da pesquisa e das observações, preservando a confidencialidade, não expondo nomes ou dados pessoais durante a coleta de dados, tendo o consentimento livre e esclarecido para a realização das observações. Assume um compromisso social, visto que a saúde dos professores impacta não apenas suas vidas, mas na qualidade do ensino e bem-estar dos alunos. Também se busca manter a transparência quanto às limitações que a pesquisa apresenta, uma vez que as intervenções propostas não foram aplicadas, assegurando a autenticidade das informações apresentadas, uma vez que todo trabalho foi embasado em artigos científicos, garantindo o respaldo teórico ao invés de impressões pessoais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre as cinco intervenções elaboradas, estão os mais variados temas: saúde mental, sentimentos, comunicação assertiva, liderança e direitos da classe profissional. Estas temáticas foram elencadas com base nos dados coletados durante a observação em campo e por meio de conversas informais percebe-se a dificuldade do trabalho dos professores, os desafios da prática profissional, a sobrecarga de funções. Segundo Campos e Viegas (2021), após o momento em que o professor entra em sala de aula ele necessita de uma atenção constante, pois o contato com os estudantes demanda de um grande envolvimento emocional, cognitivo e afetivo.

Os objetivos com essas atividades seriam sensibilizar os educadores quanto ao cuidado de sua saúde mental, que segundo Aguilera e Vale (2016) é em grande parte afetada pelas condições de trabalho estressantes, falta de reconhecimento e remuneração adequada, onde entra a importância do reforço do conhecimento de seus direitos e a maneira adequada de reivindicá-los dentro do ambiente escolar, promovendo um espaço de trabalho mais justo e comprometido com a saúde mental desses profissionais.

Quadro 1 - Cronograma de Intervenções.

	Intervenção	Duração	Tema
Primeira Intervenção	Roda de conversa, atividade Roda Da Vida e feedback	Aproximadamente 1 Hora e 5 minutos	Entendendo a Saúde mental
Segunda Intervenção	Roda de conversa, atividade Roda do Sentimentos, técnicas de relaxamento e feedback	Aproximadamente 1 hora e 15 minutos	Entendendo as Emoções
Terceira intervenção	Roda de conversa, Dilema do naufrago e fechamento.	Aproximadamente 1 hora	Entendendo a comunicação assertiva
Quarta Intervenção	Entender como o professor vê a sua liderança, explicando sobre os estilos de liderança e comunicação assertiva, Carta das crianças e fechamento	Aproximadamente 1 hora e 10 minutos	Entendendo a Liderança
Quinta Intervenção	Roda de conversa, Atividade quiz dos direitos e feedback	Aproximadamente 1 hora e 10 minutos	Entendendo meus direitos e fechamento

Fonte: As autoras, 2025.

A tabela acima traz as intervenções que poderiam ser realizadas, com a ordem em que seriam aplicadas, detalhando o que ocorreria em cada encontro. A forma de aplicação seria inicialmente uma roda de conversa, as atividades e depois algum recurso que possa ajudar esses profissionais com as questões apresentadas e o fechamento, onde esses profissionais podem relatar como se sentiram com as dinâmicas e qual o impacto que elas causaram em sua forma de autopercepção. Segundo Santos e Santos (2024), as dinâmicas de grupo têm o objetivo de fortalecer a união, entretenimento, acolhimento e a participação coletiva visando um ambiente favorável para o trabalho colaborativo, onde as atividades apresentadas devem fazer os membros dos grupos se sentirem motivados, para que possam contribuir de maneira significativa com o mesmo.

A primeira atividade realizada durante o encontro seria a roda da vida, depois de uma breve explicação sobre o que a saúde mental, tempo de qualidade, os professores identificaram em qual aspecto da vida gastam mais os seus tempos livres. Segundo Vuckovic (2020), a aplicação da dinâmica “Roda da vida”, quando aplicada

de maneira correta, pode trazer resultados satisfatórios à vida pessoal do profissional, se o mesmo ao fazer a atividade e refletir sobre os resultados se proponha a modificar esses resultados.

A “Roda dos sentimentos”, atividade que seria aplicada no segundo encontro, tem como objetivo fazer os profissionais entenderem melhor seus sentimentos em determinadas situações para poderem saber como reagir mais efetivamente. Segundo Viana (2018), dependendo da sociedade em que se vive, determinados sentimentos são incentivados, enquanto outros são reprimidos, principalmente no local de trabalho, por isso fazer os professores entenderem que os sentimentos não são bons ou ruins, mas necessários e importantes.

A terceira atividade “Dilema do Náufrago” aborda a comunicação assertiva, nela os professores seriam divididos em grupo e teriam que organizar uma lista de itens para a sobrevivência dos mesmos, de forma a priorizar uma fala respeitosa e respeito a opinião dos colegas. De acordo com Filho e Blikstein (2013), a comunicação assertiva foi uma técnica criada nos EUA, para diferenciar os modos de comunicação, ela visa otimizar o diálogo, permitindo ao profissional desenvolver suas habilidades de comunicação, mas nem sempre é aplicada de forma eficaz.

O quarto encontro focaria no tema “liderança”, colocando os profissionais para falarem inicialmente sobre como é o estilo de liderança deles em sala de aula. Após esse momento, seriam explicados os estilos de liderança, e as interventoras leriam cartas que seriam feitas anteriormente com os alunos sobre como eles veem a questão da liderança da professora regente em sala. Conforme Garcia (2012), a forma com que é aplicada a liderança influência em seus liderados, levando ou não os objetivos traçados serem concluídos, para que haja um ambiente saudável é também necessário um líder empático e que saiba ouvir.

A última reunião traria o tema “direitos” à tona, com o encontro tendo objetivo de reconhecimento de direitos, sendo feito inicialmente uma breve linha do tempo sobre os direitos e as leis e após isso um questionário em equipes, aplicado por meio do aplicativo *Kahoot!*, consoante ao que é dito por Chacon (2018), muitos dos direitos dos professores ainda não são plenamente exercidos pelos órgãos competentes, como o pagamento do piso salarial, fixado em 2008, onde a grande maioria dos municípios ainda não paga corretamente o salário dos educadores ou não fazem os repasses adequados a educação.

Conforme o exposto acima, percebe-se que as dinâmicas estabelecidas para serem realizadas com as professoras, seriam de grande valia, já que se encaixam bem com os objetivos traçados anteriormente e poderiam gerar uma mudança na forma com que se realizam os seus trabalhos e o entendimento de que a vida não é apenas trabalho, mas o labor é uma parte dela e o bem-estar desses profissionais deve ser colocado em pauta, para que os mesmos possam realizar um trabalho mais efetivo (De Paula; Faria, 2010).

Embora as intervenções propostas não tenham sido aplicadas, a literatura estudada sugere que elas poderiam gerar impactos significativos na forma com que esses profissionais vêm seu próprio trabalho e a forma com que esses se comunicam com seus colegas e a equipe pedagógica, poderia gerar uma forma de reflexão de como conduzem a liderança em suas salas de aula e perceberem os alunos como indivíduos singulares, com necessidades diferentes e criar nesses professores uma vontade de fazerem seus direitos serem respeitados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que a saúde mental dos professores é um assunto de grande relevância, visto o impacto que o estresse e a falta de motivação podem ter sobre o docente, mexendo tanto com a autoestima deles quanto com o rendimento e disposição que tem frente a seu trabalho, prejudicando não só sua saúde, mas também o rendimento das aulas que aplica. Por meio das observações em campo e análise da literatura é que foi possível identificar a necessidade das intervenções para promover saúde mental aos professores, visando que isso impacte positivamente na qualidade de vida e também do ensino.

As intervenções propostas incluem temas como tempo de qualidade, sentimentos, comunicação assertiva, liderança e direitos da classe profissional que objetivam impactar tanto a forma como os professores se enxergam dentro da rotina de suas vidas, quanto promovendo contextos para melhorar o diálogo com seus colegas, além de proporcionar um conhecimento a respeito do que lhes é garantido por lei. É fundamental que as instituições de ensino reconheçam a importância de proporcionar um ambiente comprometido com a saúde mental de seus colaboradores. Isso inclui um ambiente justo e preocupado com o bem-estar dos professores, atividades que promovem o entrosamento da equipe, trazendo temas relevantes e que estejam alinhados com a promoção de apoio aos envolvidos.

Tendo como perspectivas futuras, pesquisar quais efeitos essas intervenções têm no grupo docente, buscando aprimorar a forma de intervir de acordo com cada contexto educativo, não generalizando, mas procurando a melhor forma de atender as necessidades de cada local, levando em consideração o ambiente (rural ou urbano), natureza da instituição (privado ou pública), faixa etária dos professores. Objetivando potencializar os resultados de cada grupo educacional de acordo com suas demandas, sendo pertinente que os envolvidos participem da construção das intervenções, expressando suas percepções sobre o que é proposto, avaliando a eficácia e produtividade dentro da realidade dos mesmos.

Por fim, o presente artigo almeja sensibilizar as instituições de ensino a respeito de como a saúde mental dos professores tem impacto não só neles, mas também na forma que eles conduzem suas aulas. A implementação de atividades que promovam autoconhecimento, autorregulação e os proporcione o uso positivo do diálogo, são medidas que têm como finalidade reduzir o índice de docentes fora de sua área de atuação, provocado por adoecimentos advindos de longos processos de estresse e desvalorização. Com isso, além da manutenção da saúde mental, espera-se que o presente trabalho conscientize as instituições para a importância desse tema, buscando gerar reflexões que construam uma cultura escolar que valorize a saúde mental e veja ela como indispensável à qualidade do ensino. Assim, pretende-se potencializar iniciativas que promovam um ambiente educacional mais saudável e engajado com as medidas que buscam trazer bem-estar aos envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALTET, Marguerite. A observação das práticas de ensino efetivas em sala de aula: pesquisa e formação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1196–1223, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4321>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CAMPOS, Marlon Freitas de; VIEGAS, Moacir Fernando. Saúde mental no trabalho docente: um estudo sobre autonomia, intensificação e sobrecarga. **Revista Educação & Trabalho**, v. 28, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?task=detalhes&source=all&id=W3192362450>. Acesso em: 28 jun. 2025.

GARCIA, Denise Buzatto. Os diferentes tipos de liderança e sua influência no clima organizacional. Trabalho acadêmico, **Administradores.com.br**, 2012. Disponível em: https://cdn.administradores.com.br/app/uploads/2022/01/29180146/academico_5220_190226_180417.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

GELIS FILHO, Antonio; BLIKSTEIN, Izidoro. Comunicação assertiva e o relacionamento nas empresas. **GV-EXECUTIVO**, v. 12, n. 2, p. 28–31, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/20706>. Acesso em: 28 jun. 2025.

LAUFER, Albertina. **Jung e a educação para a personalidade**. In: ESCOLA, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO: pesquisas emergentes na formação do ser humano. São Paulo: Editora Científica Digital, 2022. p. 97–110. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/artigos/jung-e-a-educacao-para-a-personalidade>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MEIRA, Thiago Raphael Martins et al. Percepções de professores sobre trabalho docente e repercussões sobre sua saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 27, n. 2, p. 276–282, 2014. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/2595>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PAULA, Sandra Regina de; FARIA, Moacir Alves de. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SCHNETZLER, Roseli Pacheco. Construção do conhecimento e ensino de ciências. **Em Aberto**, v. 11, n. 55, p. 17–22, 1992. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2155>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SANTOS, Maria Cremilda Lima; SANTOS, Janeide Bispo dos. Dinâmica de grupo: estratégia favorável ao trabalho colaborativo. **Revista Ouricuri**, v. 14, n. 2, p. 03–16, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/21956>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1105-1121, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/bTWb5wmPrcTwq49rTRNKfPM>. Acesso em: 28 jun. 2025.

VALE, Paula Cristina Santos do; AGUILLERA, Fernanda. Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas: uma revisão de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 86–94, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/303357510>. Acesso em: 28 jun. 2025

VIANA, Nildo. Teses sobre os sentimentos. **Revista Marxismo e Autogestão**, v. 5, n. 8, 2018. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/1002>. Acesso em: 28 jun. 2025.

VIANA, Elsa Maria da Costa. **Função social da escola**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Évora, Évora, 2000. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/e287faa0a6cc1fa173ca83ee3fa25927/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 28 jun. 2025.

VUCKOVIC, Alexandre. Aplicação da metodologia “Roda da Vida” como princípio do autodesenvolvimento integral do indivíduo. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (MBA em Coaching) – **Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)**. Disponível em: <https://www.academia.edu/41713137>. Acesso em: 28 jun. 2025.